

Envolvidos no amor de Deus pelo mundo

anna.kuDEISkaING



4º ANO
DA CELEBRAÇÃO
DO CENTENÁRIO
DAS APARIÇÕES
DE FÁTIMA

ANO
PASTORAL
2013-2014

**TEMÁRIO E CALENDÁRIO
DE ATIVIDADES DE
ANO PASTORAL
2013-2014**

Envolvidos
no amor
de Deus
pelo mundo



**ITINERÁRIO
TEMÁTICO
DO CENTENÁRIO
DAS APARIÇÕES
DE FÁTIMA
4.º CICLO**

[FICHA TÉCNICA]

Coordenação | Carla Abreu Vaz
Design e Paginação | Anna Kudelska

Impressão e acabamentos | Gráfica Almondina
Depósito legal | 367757/13
ISBN | 978-972-8213-96-1
Edição | Santuário de Fátima, 2013

ÍNDICE

Introdução

<i>Carlos Cabecinhas</i>	9
Itinerário temático para o centenário das aparições de Fátima, 4.º ciclo, 2013-2014.....	11

I. Perspetivas do 4.º ciclo

Envolvidos no amor de Deus pelo mundo	
<i>José Frazão Correia</i>	15
Acreditar no amor	
O elo entre o apelo humano e o dom divino	
<i>Alexandre Palma</i>	29
A terceira aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria em 13 de julho de 1917	
<i>Luciano Cristino</i>	41

II. Núcleos temáticos do 4.º ciclo

Mãe do Amor Misericordioso	
<i>Francisco Clemente Ruivo</i>	51
Até quando clamarei? (Hab 1,2)	
<i>João Duque</i>	61
'Amou-nos até ao fim'. Desvendando o '(pro)fundu' do amor de Deus	
<i>Luísa Maria Almendra</i>	69
Perdoai-me porque pequei	
<i>Nuno Tovar de Lemos</i>	85
A reparação como via da consolação a Deus	
<i>José Carlos Carvalho</i>	93
Arrependei-vos porque Deus está perto (cf. Mt 3,2)	
<i>José Manuel Pereira de Almeida</i>	109

III. Propostas para a vivência do tema do ano

Mãe do Amor Misericordioso - Catequese para crianças	
<i>Maria Luís Reis</i>	117
Com Maria, aprender a Amar - Catequese para adolescentes e jovens	
<i>Vasco António da Cruz Gonçalves</i>	121



Mistérios do Rosário	
<i>Marco Daniel Duarte</i>	129
Adoração Eucarística	
<i>André Batista</i>	149
«Como o meu Pai Me amou também Eu vos Amei: permaneci no Meu Amor» – Adoração Eucarística com crianças	
<i>Isabel Oliveira</i>	155
Via-Sacra	
<i>Joaquim Teixeira</i>	167

IV. Missas para as Peregrinações Aniversárias

Maio.....	183
Junho.....	183
Julho.....	183
Agosto.....	184
Setembro.....	184
Outubro.....	185

V. Propostas para a vivência do tema do ano

Textos de apoio aos temas mensais.....	187
--	-----

VI. Programa oficial do Santuário

227

VII. Calendário de atividades

Novembro.....	239
Dezembro.....	239
Janeiro.....	241
Fevereiro.....	244
Março.....	246
Abril.....	249
Maio.....	252
Junho.....	254
Julho.....	256
Agosto.....	259
Setembro.....	261
Outubro.....	263
Novembro.....	266

Memória Descritiva do projeto de comunicação para o 4.º ano de
celebração do Centenário das Aparições de Fátima

<i>Anna Kudelska</i>	271
----------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Carlos Cabecinhas

Desde finais de 2010 que o Santuário vem percorrendo um caminho de preparação e celebração do Centenário das Aparições. O itinerário temático que guia a vida do Santuário ao longo de sete anos pretende levar-nos a aprofundar os temas mais significativos da Mensagem de Fátima, ligando-os entre si de forma orgânica e coerente. O ponto de partida para cada ano é uma das aparições de Nossa Senhora, o que permite identificar as ideias fundamentais da Mensagem de Fátima, encontrando para cada um dos sete ciclos anuais um conjunto de propostas capazes de a apresentar e iluminar.

O ano pastoral de 2013-2014 vai ser dedicado à aparição de julho. O tema escolhido é: «Envolvidos no amor de Deus pelo mundo». A inspiração para o tema veio da própria oração que Nossa Senhora ensinou aos Pastorinhos em julho: «Ó Jesus, é por Vosso amor...». Esta aparição é particularmente rica de conteúdos e a dificuldade maior foi identificar um aspeto que fosse unificador. Optou-se pelo “amor de Deus pelo mundo” como dimensão que melhor permite abordar os diversos conteúdos da Mensagem de Fátima, comunicados nesta aparição.

Depois de exortar os Pastorinhos a rezar o terço todos os dias, Nossa Senhora diz-lhes: «Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria». Esta é uma oração de entrega ou de oferecimento dos sacrifícios que se fazem. A oração é dirigida a Jesus Cristo, porque pelos nossos sacrifícios nos unimos à entrega de Cristo na cruz por nós. E a oração explicita a motivação de todo o sacrifício que os Pastorinhos faziam: «é por Vosso amor». É em resposta ao amor de Deus, de que os Pas-



torinhos fizeram uma forte experiência, que eles se dispõem a fazer sacrifícios. Era o amor que os motivava: o amor de Deus, que Nossa Senhora lhes dera a conhecer e a experimentar, e ao qual procuravam corresponder.

A aparição de julho é ainda marcada por outra oração, uma jaculatória, ensinada por Nossa Senhora aos Pastorinhos: «Quando rezais o terço, dizei, depois de cada mistério: Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem». Seguindo a vontade expressa de Nossa Senhora, repetimos esta oração depois de cada mistério do rosário. Mas mais uma vez, o que justifica a oração pelos pecadores é o amor: o amor de Deus por cada um deles e o amor que cada crente é convidado a ter por eles, como resposta ao imenso amor de Deus.

É ainda na aparição de julho que Nossa Senhora confia aos Pastorinhos o famoso Segredo. Ora, o que o Segredo nos dá a conhecer é o imenso amor de Deus pelo mundo; é que a nossa história não é estranha a Deus que, porque nos ama infinitamente, não deixa que ela caminhe para o abismo.

Estamos verdadeiramente “envolvidos no amor de Deus pelo mundo”!

Esta temática reconduz-nos ao centro da mensagem cristã e ao núcleo da Mensagem de Fátima. A revelação do Deus como Amor constitui verdadeiramente o cerne da mensagem cristã. S. João di-lo da seguinte forma: «Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele» (1Jo 4,16). Mas aqui está também o núcleo fundamental da Mensagem de Fátima, que somos convidados a descobrir: o amor de Deus que os Pastorinhos experimentaram de forma tão intensa, que mudou as suas vidas; a reparação; a devoção ao Imaculado Coração de Maria...

O tema do novo ano pastoral é um convite, partindo da Mensagem de Fátima, a tomarmos consciência desse grande amor de Deus por nós; mas é também desafio a viver concretamente esse amor a Deus e aos irmãos, à imagem dos Pastorinhos.

ITINERÁRIO TEMÁTICO PARA O CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA

4.º Ciclo | 2013-2014

Acontecimento de Fátima de referência |
Aparição de Nossa Senhora no mês de julho

Frase inspiradora | «Ó Jesus, é por Vosso amor...»

Núcleo teológico | **Deus compassivo**

Elemento catequético | **O amor que purifica e salva**

Atitude crente | **Amor**

Tema do ano | **Envolvidos no amor de Deus pelo mundo**



Subtemas mensais

Meses	Unidades temáticas	Conteúdos a abordar
maio	Mãe do Amor misericordioso. (cf. LG 62)	Maria, ícone da misericórdia de Deus; A Virgem Consoladora; Maria, a mulher da compaixão; O amor como síntese da vida cristã.
junho	Até quando clamarei? (Hab 1,2)	As interrogações do sofrimento; As falsas explicações dos sofrimentos; As fugas ao sofrimento; A indiferença ao sofrimento dos outros; As possibilidades da solidariedade no sofrimento; "Eu nunca te esquecerei" (Is 49,15).
julho	Amou-nos até ao fim. (cf. Jo 13,1)	O sacrifício de Jesus Cristo; O sofrimento como dádiva da vida; Deus sofre com os homens e pelos homens.

agosto	Perdoai-me, porque pequei. (cf. Sl 51[50])	Reconhecimento do pecado como condição de perdão; A universalidade do pecado; Da culpa à reconciliação; O pecado como alienação do homem; O Evangelho da Salvação.
setembro	Quereis oferecer-vos a Deus em reparação? (<i>Memórias</i>)	A reparação do pecado e do mal do mundo; Reparação como resistência à força do mal; A reparação como via de consolação; A atitude reparadora como empenho por um mundo bom e belo; Assumir o lugar do pecador, perante Deus.
outubro	Arrependei-vos porque Deus está perto. (cf. Mt 3,2)	Testemunhas do juízo misericordioso de Deus; Do coração de Deus à compaixão humana; Presenças de compaixão num mundo amado por Deus; Da indiferença à compaixão; Obras de misericórdia.



I. Perspetivas do 4.º ciclo



Envolvidos no amor de Deus pelo mundo

José Frazão Correia

«...o amor esconde em si mesmo
Deus como o seu segredo»

Paul Beauchamp

«Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei a Jesus, muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria». Na manhã do dia 13 de julho, «a Senhora» reanima o «fervor decaído» de Lúcia e dos primos expostos às dúvidas próprias e às desconfianças alheias, sendo as mais duras, aquelas dos mais próximos. Nossa Senhora, confirma-os e ensina-os, assinalando-os com a palavra que deverá acompanhar cada seu futuro ato de entrega: «Ó Jesus, é por vosso amor». A simplicidade desta oração, que ressoa mais autêntica na boca de crianças ou de quem é como elas, expõe o essencial do que está a acontecer na vida dos pastorinhos – nos seus corpos, afetos, relações, imaginação, compreensão das coisas e ações. E tem como alcance o mistério de Deus, que não deixa de cuidar da vida de cada um, e o mistério do destino definitivo da existência humana, profundamente dramático se separado da fonte da vida. Joga-se, portanto, a realização plena do destino do ser humano e do mundo na justa relação com Deus: a salvação *da* morte e das suas muitas manifestações; a salvação *para* a vida e para as suas muitas realizações.

Uma declaração de amor que se desenha no espaço do reconhecimento impede que o sacrifício se baste a si mesmo e a mortificação se sobreponha ao sentido da entrega a Deus pelo bem dos pecadores. O amor, a *re-conhecer* e a *co-responder* nos pequenos momentos e encontros de cada dia, é o ambiente, o motivo e o alcance, a fonte, o caminho e o cume da intercessão a que os pastorinhos, radicalmente, se ligam. As crianças deixam de se poder compreender por si mesmas. E deixarão de poder viver para si mesmas. Extraordinária é a grandeza da autenticidade humana e da infância espiritual!

1 I. LÚCIA DE JESUS, *Memórias da Irmã Lúcia I*, Fátima 2011, 87.176.



As suas vidas passam a sentir radicalmente a vida de outros, a sentir a partir da vida de outros. O *Outro* que é Deus e os *outros* que são os pecadores passam a determinar a sua identidade. No ambiente originário do olhar misericordioso de Deus, reafirmado pela «Senhora»², aprendem a dizer, em palavras e gestos, *não posso viver sem ti* (não será esta confiança e este descentramento o lugar vital da fé?)³. Não poderão viver sem Jesus e sem ser para ele. Não poderão viver sem os pecadores e sem agir em seu favor. É o *apreço* por Jesus e pela conversão dos pecadores (a reorientação do conjunto da existência real, a partir do amor de Deus e do bem dos irmãos) que irá dispor as três crianças a oferecerem e a oferecerem-se no *preço* desta mediação. Elas próprias, inteiras, corpo e alma, serão lugar de mediação. Por amor, reconhecem-se vitalmente ligadas à sorte dos pecadores, assumem-na como sua, oferecem-se pela mudança do seu curso (vêm à memória os gestos e as palavras do bom samaritano, narrados em Lc 10,25-37). Os gestos tornarão real o amor. A palavra explicitará o sentido. Assim estendem uma ponte – estendem-se, elas próprias, como ponte – entre Deus que não deixa de amar e aqueles que não se deixam amar e não amam. E não creem, não adoram, não esperam. O espaço dramático da inimizade entre a *graça-que-salva* e o *pecado-que-mata* é habitado pela intercessão humilde do *amor que deseja a vida* para quem a perdera e, assim, quer consolar o coração de Deus, ferido de amor. Como força e forma da mediação, o amor desenhará cada *gesto* de entrega que a *palavra* «é por vosso amor» reafirmará.

«Deus é amor». Sem amor eu «não sou nada».

«Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele» (1Jo 4,16). Estas palavras da *I Carta de João* exprimem, com singular clareza, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a consequente imagem do homem e do seu caminho. Além disso, no mesmo versículo, João oferece-nos, por assim dizer, uma fórmula sintética da existência cristã: “Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem”⁴.

2 «A Trindade, amor que se manifesta na história como misericórdia, confirma que a passagem de Cristo através das dores apocalípticas da história foi uma vitória, um resgate, um ato de redenção. Por isso, os crentes não podem viver como homens a quem falta a esperança. Isto não é uma descoberta tardia ou posterior ao acontecimento-Fátima. Era o núcleo do Segredo desde o início...». E. BUENO, *Dimensão teocêntrica da mensagem de Fátima: o esplendor da Trindade*, in V. COUTINHO (coord.), *Mensagem de esperança para o mundo. Acontecimento e significado de Fátima*, Santuário de Fátima, 2012, 108.

3 Sobre a expressão «pas sans toi», veja-se M. De CERTEAU, «Autorité chrétienne», in *Études* 332/Février (1970) 268-286.

4 BENTO XVI, *Deus caritas est*, n.1.

O pórtico de entrada da Encíclica *Deus caritas est*, de Bento XVI, enuncia o essencial. O amor *diz* ou, melhor, *faz* a verdade de Deus e a sua justiça. No amor, a nossa humanidade reencontra e realiza a sua verdade. E a sua justificação. Aí, só aí, se re-encontra, verdadeiramente e de modo ajustado, com o mistério da sua origem e a memória grata do recebido – o corpo e os seus sentidos, os outros e a língua, a natureza e a cultura. E, também, como diria o poeta D. Faria, «a nota mais aguda de um oboé que late/E o uivar dos lobos/E a noite. E o dia depois dela...»⁵. Quando libertos da suspeita e salvos do orgulho, nas muitas experiências efetivas do amor, pode chegar-se a reconhecer que tudo é graça; por fim, até os limites, as perdas e o custo real da vida de cada dia e de cada relação. No amor, a humanidade reencontra-se com o húmus da sua terra, com a história feliz dos encontros que geram a vida e os momentos bons que tecem a vida de cada dia. De forma justa, aqui se reencontra, também, com o mistério do seu destino e com a responsabilidade da tarefa criativa de dar uma forma sensata à promessa que sustenta e move a existência. Criados à imagem e semelhança de Deus que é amor, trazemos no corpo e na alma a marca indelével desta origem que nos constitui e nos espera, resgatando-nos a partir do que ainda nos poderá fazer ser. Por isso, é na fecundidade do amor real, aquele que se vive quotidianamente como recebido e como dado, que o homem e a mulher se reconhecem e se reencontram em verdade, também com a natureza que habitam. Aí, só aí, podem desenhar e realizar um estilo de vida capaz de viver do reconhecimento do dom de Deus e da geração da vida na vida de outros, precisamente daquela vida que bebe do mistério originário do amor e a ele suspira como seu destino.

Modelados «da nossa terra pura e fecunda» e embalados pelas «mãos maternais de Deus» – são expressões felizes de A. Couto – «o beijo de Deus no rosto do homem» é «o sentido que nos habita e habita o mundo, que nos faz ser e faz ser o mundo», é «a razão boa e a intencionalidade boa que nos anima e anima o mundo, que nos ama e ama o mundo»⁶. Eis Deus e o mais elementar do ser humano e do mundo, o seu princípio e fundamento. É, sem equívoco, a dupla palavra da revelação. «Deus é amor» (1Jo 4,16). Sem amor, eu «não sou nada» (1Cor 13,2). Nesta verdade, que de abstrato nada tem, se decide, concretamente, o que somos e o que ainda poderemos vir a ser. Mas eis, também, o motivo mais íntimo da fé cristã quando, na trama da própria existência, alguém chega a *re-conhecer* e a decidir-se pelo amor incondicional que Deus *lhe revela* quando *se lhe dá* e, assim, *se diz* nas palavras e nos gestos de seu filho encarnado, Jesus de Nazaré. A linguagem da autorreferencialidade e a morte que esta traz consigo

5 D. FARIA, *O livro do Joaquim*, Quasi, Vila Nova de Famalicão 2007, 68.

6 A. COUTO, «Da posse e do furto ao dom e ao fruto», 29.33.

(o pecado que mata) converte-se à linguagem do Crucificado que se recebe do Pai e daqueles que encontra no caminho e se dá, até ao fim, pela vida de todos, nenhum excluído (a graça que salva).

Exposto a esta *verdade crucificada*⁷, o crente chega ao reconhecimento de que é amado por Deus, desde sempre e quando ainda era pecador (cf. Rm 5,8). E assim reconhece que tal amor é a possibilidade originária do seu poder amar os outros e a vida e o mundo e o próprio Deus. Sabe que pode amar, porque reconhece, comovido e grato, que já é amado desde o seio materno. A declaração de amor que gera a sua profissão de fé, “Deus ama-te, por ti dá a vida”, não é letra morta, enunciado sem significado ou eco indistinto, porque a sua força regeneradora lhe vai tocando cada membro do corpo e os seus sentidos e as fibras mais íntimas da alma. Comove o afeto e alegra a inteligência, sacia o desejo e move a liberdade que, libertando-se da suspeita e da falsidade (*pecado*), se dispõe a viver sob o olhar bendizente de Deus, no desejo e na disposição de o amar em todos e em todas as coisas e de amar, a todos e a todas as coisas, n’Ele, até que Deus chegue a ser «tudo em todos» (1Cor 15,28), toda a vida na vida de todos. Dispondo-se a esta verdade originária e decidindo-se por ela, o homem e a mulher que vivem da fé em Jesus Cristo movem-se no reconhecimento de que Deus os ama desde sempre, antecipando a sua própria possibilidade de lhe *co-responder* amorosamente. Ainda que única e livre, sabem que a resposta que derem é, ela mesma, sustentada pelo amor de Deus que precede e funda a possibilidade de lhe co-responderem. Reconhecem que, na verdade, podem amar, porque são amados. Poderão gerar, porque são gerados e perdoar, porque são perdoados. Poderão dar-se, porque são dados à luz e recebem o que são do que Deus e os outros são para eles. Este é, pois, o lugar primeiro e último onde a existência se decide. Quem confiar no amor que aprecia, gera e resgata a vida e a ele se confiar será salvo. Quem duvidar e dele se separar, defendendo a vida só para si, mesmo à custa da vida de outros, perder-se-á.

O amor que Deus é. O amor que (nos) faz ser.

De Deus, dizem-se tantas coisas. Por isso, como sugere E. Salmann, «deveremos ouvir o coro imenso dos gritos, das orações e das blasfêmias, das invocações e das conclusões filosóficas, a gaguez e a eloquência que acompanham esta palavra»⁸: Deus. Hoje, para mui-

7 Cf. G. RUGGIERI, *La verità crocifissa. Il pensiero cristiano di fronte all’alterità*, Carocci, Roma 2007.

8 E. SALMANN, *Contro Severino. Incanto e incubo del credere*, Piemme, Casale Monferrato 1996, 195.



tos Deus é indiferente, vazio, irrelevante. Para outros, continua a ser imprevisível e ameaçador. Por Ele se morre e por Ele ainda se mata. Às crianças diz-se que é amigo. Há quem diga que, por ser Absoluto, é insensível a qualquer afeto e desligado de qualquer laço. Já se disse que é motor imóvel – sem se mover, tudo põe em movimento. É possível que seja o Sumo bem e a Suma beleza, modelo perfeitíssimo e puro que fascina e que atrai, ainda que intocável e inalcançável. Ouvimos dizer, também, que é causa de si mesmo e que subsiste só por si. Que é espaço amorfo, ambiente materno, o nada onde seremos tudo ou o tudo onde seremos nada. Que é projeção das nossas ambições e dos nossos medos. Sendo tanto e tantas coisas, para uns, é demasiado. Para outros, é demasiado pouco. É abstrato e distraído, afastado e apático. É coisa sempre à mão e é fetiche. É fascinante e é tremendo.

Dito tudo isto, entre o muito mais que poderíamos dizer, há ainda perguntas que permanecem. Se Deus fosse mera explicação para o que ainda não sabemos, mereceria o melhor de nós mesmos? Se não fosse mais do que o resultado argumentativo da nossa inteligência ou do que a magia de um momento gratificante ou do que o fugaz arrepio da alma, mereceria que lhe entregássemos todo o nosso afeto? Se fosse a resposta predefinida para todos os problemas, o tapa-buracos da nossa incompreensão dos mistérios do universo e da existência, mesmo que animando a mente, poderia reconfortar a vida? E se fosse uma espécie de mãe galinha que abafa as suas crias, não lhes deixando espaço para o respiro e o crescimento, poderíamos sentir-nos livres na sua presença e confiar na gratuidade dos seus dons? Se fosse onnipotente como são os reis poderosos ou mandão como são os pais tiranos, não nos levaria a fugir à primeira oportunidade? Se Deus não estivesse nos inícios como bênção e se não acompanhasse o caminho real dos homens e mulheres que existem, através dos abismos e das fraturas da sua humanidade, e se não abrisse a possibilidade de uma esperança que reconforte o coração, depois de uma difícil e longa jornada, como poderíamos confiar n'Ele e como poderíamos confiar-nos a Ele? Outra coisa é se Deus for dádiva de si e que, por isso, cria o mundo e o aprecia na sua diferença e gera a vida na vida de cada um, também na daqueles que o olham com indiferença e, até, com inimizade, e a aprecia ainda mais; se for ternura que deseja a alegria e que abençoa a inventividade humana; se for descrição da liberdade que dá tempo ao tempo de cada um, que dá a palavra para que cada um chegue dizer-se e as capacidades para que venha a ser o que pode ser; se for afeto que sacia o desejo mais íntimo de relações justas e que gera um laço ajustado de mútuo reconhecimento... Se for assim, então, Deus acabará por encontrar lugar no melhor de nós mesmos e o desejo de vida que há em nós chegará a reconhecer-se *salva-guardado* n'Ele e por Ele.



E o humano? Hoje, como no passado, direta ou indiretamente, continuamos a perguntar pela verdade da nossa humanidade e do desejo que nos move, pela razão da nossa origem e pelo sentido do nosso destino, pela forma ideal do bem e pelo sentido da liberdade. O diagnóstico, também aqui, seria múltiplo. Ainda assim, poderíamos destacar um traço do ambiente cultural que partilhamos, que, creio, é motivo bastante para nos deixar apreensivos.

O teólogo P. Sequeri identifica a figura mitológica de Prometeu como representativa do homem e da mulher modernos, aquele que rouba o fogo aos deuses para o dar aos homens. Desafia o limite, violando a proibição e rompendo o encantamento de divindades ciumentas. O resultado é o castigo. Também Dionísio poderia avançar traços marcantes do ideal moderno, mas pela faceta da celebração da força da vida e das forças vitais da natureza. Assim, vai, também ele, ao encontro da sua destruição. Fica-lhe, porém, o prazer de se jogar na vertigem sem limites, o gozo da autonomia radical, bebido até à última gota. Outra é a figura do homem e da mulher pós-modernos, Narciso, aquele que «vive do seu próprio encantamento: não suporta o incómodo dos afetos e o trabalho do reconhecimento, as expectativas do outro distraem-no do cuidado de si mesmo». Na realidade, vive mal, fechado no cuidado de si, no reflexo da sua imagem, ora exuberante, ora deprimida, tornando-se «perfeitamente insensível e afetivamente indiferente». Narciso vive fazendo-se adorar, mas não repara em ninguém nem ama ninguém. «O mito, justamente, assinala a diferença. Prometeu deve sofrer a sua transgressão, mas permanece vivo. Narciso, pelo contrário, afoga-se no seu tédio, como um farrapo na água»⁹. O mundo encantado de Narciso, alimentado pelas inúmeras possibilidades da técnica e pelos muitos recursos da sociedade de consumo, vive obcecado pela imagem e pela realização de si. Mas, antes ou depois, esta acaba em frustração. Narciso não reconhece o amor. Narciso não ama. Na contemplação solitária de si, afoga-se em si mesmo. Fechando-se, morre. Sozinho. Estéril.

Movidos por tal narcisismo *auto-referencial*, sem sonho nem rasgo, sem apreço nem disponibilidade a pagar o preço por aquilo que se aprecia, sem criação nem geração, poderia acontecer que imaginássemos Deus, também Ele, como autorreferencialidade absoluta e apática, de facto, um Narciso Absoluto, sem afetos que o *co-movam* nem laços que o liguem. Mas estaríamos muito longe do traço bíblico do amor que se realiza como apreço e como dom que cria e recria, que gera e regenera. Nesse ídolo, a perfeição e a santidade viveriam protegidas de qualquer relação de afeto, de

9 P. SEQUERI, «Giustizia della fede: educazione sentimentale e cristianesimo», in AA.VV., *Cristianesimo e Occidente. Quale futuro immaginare?*, Glossa, Milano 2011, 117.



todo o laço livremente correspondido. Mas que perfeição e que santidade seriam?

Estas e outras imagens do divino e do humano encontram-se e embatem no juízo do *Evangelho*. Chegar a *reconhecer a verdade de Deus na justiça da dedicação de Jesus* e chegar a reconhecer, aí, a *verdade e a justiça da nossa humanidade* exige superar escândalos, não apenas aqueles criados pelo imaginário individual e cultural do divino, mas, também, aqueles cultivados por ritos sagrados, argumentados por teologias e protegidos por poderes religiosos. O amor do Filho encarnado, quando aceita ser identificado com a impotência humana, para que não seja confundido com a prepotência divina, assume distância clara do Deus *ab-soluta*, separado e apático, que não fala com mulheres samaritanas nem se deixa tocar por leprosos, que não entra em casa de publicanos, mas que, para preservar a própria ordem e o seu direito, é capaz de fazer cair torres para punir pecadores. Por isso e com a mesma tenacidade, se impede que a inteligência da fé possa identificar o amor revelado em Jesus como complemento sentimental do ser de Deus ou apêndice acidental da liberdade divina. Do mesmo modo, na revelação que Deus é amor e que sem amor, nós, não somos nada, não se joga uma afirmação simpática e agradável a ouvidos delicados, sentimental e culturalmente correta, mas, antes, a conversão à identificação do *Ser* com o *Amor*.

Como também frisa P. Sequeri, no horizonte do dogma cristão, a palavra originária do ser não é a *substância* que se causa a si mesma (*causa sui*) e que *sub-siste ab-soluta*, isolada na sua riqueza e *auto-suficiente* em todas as suas perfeições. Tendo tudo, não precisa de ninguém. A palavra originária do ser não é o amor que se ama a si mesmo, mas é «a geração do Filho»¹⁰, *o amor que faz ser o diferente de si e se alegre nele*. Desde sempre, Deus é *amor-que-gera*, Pai que gera o Filho, não Pai que se causa a si mesmo e *sub-siste* sozinho. Com o primeiro Concílio Ecuménico de Niceia, em 325, contra Ário, a ortodoxia da Igreja reviu-se na confissão de que não houve momento algum em que Deus não fosse Pai que gera o Filho e Filho gerado pelo Pai. Desde sempre, Deus é *amor-gerado*, Filho gerado pelo Pai, não Filho que se gera a si mesmo. Desde sempre Deus é *amor-que-gera-e-que-é-gerado*, Espírito Santo que não procede de si mesmo nem é anulado pelo Pai e pelo Filho, mas é o Respiro fecundo da Paternidade e da Filiação, a força e a forma vital do amor que circula *entre* Pai e Filho. Cada um é o que é, porque se recebe de outro, porque é para o outro. Nenhum vive separado do outro. Nenhum se funde ou se confunde com o outro. Diferença e relação dão forma à perfeição, na «perfeita aceitação recíproca, até à identidade: um só

¹⁰ P. SEQUERI, «Giustizia della fede», 137.

Deus»¹¹. Aqui, na intimidade da vida trinitária, onde há lugar afetivo e efetivo para o diferente, sem defesa nem ciúme, *existir segundo a lei do amor* encontra a sua origem primeira, a sua medida permanente, o seu destino último.

É o amor que «sustenta a eterna geração do Logos e a criatividade do Espírito»¹² (à palavra amor, Sequeri prefere o termo grego *agápe* ou *pró-afeição*, dada a desvitalização sentimentalista a que a palavra *amor*, hoje, está sujeita). É, pois, o amor que diz, agindo, a palavra que tudo cria e que traz Adão e Eva à vida. É ele que estabelece a aliança que jamais passará. É o amor que gera o Verbo no ventre de Maria. É o amor que salva a vida de leprosos e de mulheres e de homens de má vida e que leva Jesus à entrega da própria vida na cruz. Assim nos resgata de todas as formas de mal, a maior de todas, a morte pelo pecado. É o amor derramado nos nossos corações pelo Espírito que nos foi dado que nos santifica. É ele que sustenta o testemunho da Igreja. Interessa, assim, relembrar que o amor de Deus se apresenta e se representa como *apreço que faz ser-em-ação-de-gerar*, desde logo «a partir do ato de *criar* (e de recriar e de redimir e de realizar para lá de toda a expectativa imaginada) o *habitat* para o humano e o humano [criado] à sua imagem, inscrevendo o seu sopro nele»¹³. O *amor* é este *ser-assim*, a razão primeira e a lei constituinte de cada homem, mulher e grupo humano e de todas as coisas saídas das mãos do Criador. No *amor que nos gera* à vida e no *amor que nos faz gerar a vida na vida de qualquer outro*, todos, somos salvos. Deste amor, nada se perderá, porque *é* desde sempre e *é* para a eternidade

O apreço que dispõe a pagar o preço.

Com esta chave, a Oração Eucarística IV desenha o movimento da revelação, expondo a dinâmica dos mistérios cristãos. Ainda que longa, valerá a pena recordá-la na íntegra.

«Nós Vos glorificamos, Pai santo, porque sois grande e tudo criastes com sabedoria e amor. Formastes o homem à vossa imagem e lhe confiastes o universo, para que servindo-Vos unicamente a Vós, seu Criador, exercesse domínio sobre todas as criaturas. E quando, por desobediência, perdeu a vossa amizade, não o abandonastes ao poder da morte, mas, na vossa misericórdia, a todos socorrestes, para que todos aqueles que Vos procuram Vos encontrem. Repetidas vezes fizestes aliança com os homens e pelos profetas os formastes na

¹¹ S. MORRA, *Parole intorno al pozzo. Conversazioni sulla fede*, San Paolo, Cinisello Balsamo 2013, 67.

¹² P. SEQUERI, *Rittrattazioni del simbolico. Logica dell'essere-preformativo e teologia*, Cittadella, Assisi 2012, 95.

¹³ P. SEQUERI, *La giustizia di agápe. L'ago religioso della bilancia*, Servitium, Roma 2010, 35.

esperança da salvação. De tal modo amastes o mundo, Pai santo, que chegada a plenitude dos tempos, nos enviastes como Salvador o vosso Filho Unigênito: feito homem pelo poder do Espírito Santo e nascido da Virgem Maria, viveu a nossa condição humana, em tudo igual a nós, exceto no pecado; anunciou a salvação aos pobres, a libertação aos oprimidos, a alegria aos que sofrem. Para cumprir o vosso plano salvador, voluntariamente Se entregou à morte, e com a sua ressurreição destruiu a morte e restaurou a vida. E a fim de vivermos, não já para nós próprios mas para Ele, que por nós morreu e ressuscitou, de Vós, Pai misericordioso, enviou aos que n'Ele creem o Espírito Santo, como primícias dos seus dons, para continuar a sua obra no mundo e consumir toda a santificação».

É *o-amor-que-Deus-Trindade-é* que tudo traz à vida, que tudo restitui à vida e que tudo mantém em vida, até que, por Jesus e no Espírito, chegue a ser tudo em todos. Assim a criação. «YHWH-Deus modelou o homem do pó do solo, e soprou nas suas narinas um alento de vida, e o homem tornou-se um ser vivo» (Gn 2,7). «Descrição de sonho», regista A. Couto. «Eis o homem. Ser homem assim é nascer, viver e morrer “à boca de Deus” (Nm 33,38; Dt 34,5), sempre como um beijo de Deus, incrível intimidade com Deus». Eis a «força constitutiva do primeiro dom de Deus» sem a qual «não nos resta senão a natureza com os seus determinismos, a violência, o fatalismo, a idolatria, que é a recondução da existência humana para dentro do princípio natural, enfim, a vitalidade da morte»¹⁴. O dom que exprime a verdade do amor é a gramática da criação. Exprime a alegria de Deus por gerar o diferente de si e de estar entre os homens. A criação não é, por isso, emanação, exuberância de um ser narcisista que age para se olhar ao espelho. Não é produção funcional de umas tantas coisas que devem servir para alguma coisa. O poder criador de Deus não é o cálculo ou o interesse, mas o apreço que leva ao dom de si, dom que vive, também ele, de apreço, na forma da confiança reconhecida e correspondida, da generosidade de um afeto grato, capaz de gerar um laço de mútuo reconhecimento. Porque a resposta que o dom implica não tem a forma da posse, mas a do reconhecimento; potência tão humilde, a de Deus criador¹⁵! Potência do não possuir para si, mas do dar e do dar-se a si mesmo com o dom que se dá ao reconhecimento de um outro. «Deus deu-me por amor, para que eu receba por amor. Deus deu o mundo por amor, para que eu o receba por amor»¹⁶.

¹⁴ A. COUTO, «Da posse e do furto ao dom e ao fruto», 29,31-32 (a trad. de Gn 2,7 é a mesma proposta pelo autor, p. 29).

¹⁵ Cf. R. REPOLE, *Il pensiero umile. In ascolto della Rivelazione*, Città Nuova, Roma 2007, 55-124.

¹⁶ A. COUTO, «Da posse e do furto ao dom e ao fruto», 34-35.

Nesta *lei* está, precisamente, a possibilidade do pecado. Como afirma P. Beauchamp, «existe uma lei do amor que leva Deus a deixar ao homem a possibilidade de pecar»¹⁷. O dom da criação tem o seu cume na liberdade do ser humano que pode perverter o dom. A inveja e o medo podem ocupar o lugar vital da confiança. «Eu quero ser Deus *porque* Deus é definido como aquele que não quer que eu seja como ele»¹⁸ (cf. Gn 3,1-7). A voz da suspeita faz o seu caminho, fazendo ressoar a falsidade. «O homem, desde o início do esplendor do primeiro dia da criação, suspeitou, sem motivo, mas convenceu-se de que o motivo existia e, desde então, começou a vê-lo»¹⁹. Deus que cria por amor e que, por amor, concede ao ser humano a dádiva da liberdade, capaz de o reconhecer e de lhe corresponder, amando, passa a ser *pre-sentido* e *entre-visto* como poder que, se se perder, levará Deus a deixar de ser Deus. «Assim, o pecado apresenta-se como vontade de matar Deus, acusando-o de ser o inimigo da nossa vida»²⁰. O amor reconhecido deixa de bastar para alimentar a confiança. Quer-se a prova que não pode ser conhecida, mas, apenas, acreditada: «que se é amado»²¹. Porque o amor vive de fé, o afeto de apreço e os laços de confiança. Só pode ser reconhecido e correspondido. Eis a sua força. Eis a sua humildade.

Admiravelmente, diante da suspeita e da inveja, Deus cose vestidos verdadeiros (Gn 3,21), para cobrir a nudez de Adão e Eva que se veem indefesos na sua fragilidade, envergonhados pelos seus limites, inseguros na sua relação. No quadro que este gesto desenha, contemplamos Deus como justiça que não cessa de justificar o ser humano. Neste amor dedicado e delicado está a verdade de Deus, o apreço que motiva a disposição a pagar o preço. Fora deste amor, Deus não está. Fora deste amor, o homem e a mulher não estão à altura de si mesmos, como não estão à altura da criação. Esta será a história da salvação. Recorrendo, ainda, às palavras de A. Couto, «Deus não abandona esta humanidade invejosa e pecadora, não espera por ela à porta da eternidade, mas vem ao seu encontro como ela é, respeitando-a e assumindo a imagem falsa que esta humanidade invejosa e mentirosa fez de Deus». É longa a viagem da condescendência de Deus, desde Abraão, passando pela lei e os profetas e tantos personagens, com as suas histórias de vida e de fé, até Jesus Cristo, em quem «tudo se vê melhor», porque é o Filho (Gl 4,4-6) «que radicalmente se recebe (Jo 10,18; Ap 2,28) e radicalmente se entrega (Jo 10,17; Gl 1,4; 2,20; Ef 5,2.25; Tt 2,14), constituindo assim o acontecimento decisivo da

17 P. BEAUCHAMP, *L'un et l'autre Testament. 2. Accomplir les Écritures*, Seuil, Paris 1990, 148.

18 P. BEAUCHAMP, *L'un et l'autre Testament*, 143-144.

19 P. SEQUERI, «La storia de Gesù e la rivelazione dell'abbà-Dio», in G. ALGELINI - M. VER-GOTTINI (ed.) *Un invito alla teologia*, Glossa, Milano 1998, 141.

20 P. BEAUCHAMP, *L'un et l'autre Testament*, 145.

21 P. BEAUCHAMP, *L'un et l'autre Testament*, 147.

humanidade, “plenitude” (*pleroma*) do tempo e do mundo, maturação da “salvação” (*sôteria*)»²².

Descendo ao abismo da entrega do Filho amado, o amor do Pai pela humanidade inteira e pelo seu mundo alcança o seu cume. O mais alto no mais baixo. O mais íntimo no mais exposto. O mais digno no mais humilde. A todo aquele que reconhecer tal dom e, livremente, se lhe abandone, este amor-que-salva comunica a plenitude da vida (cf. Jo 3,16). Como precisa C. Doglio, «o ser de Deus manifesta-se como *agápe*, fez-se conhecer como “pró-afeição originária” e, no laço da história de Jesus com a história do mundo, revelou a beleza originária deste laço afetivo como saída de si, abertura ao outro e destinação à familiaridade consigo mesmo»²³. A perfeição de Deus coincide com o Seu afeto, um laço que liga pelo reconhecimento²⁴. Afirma S. Paulo que Deus nos demonstrou o seu amor pelo facto de, quando ainda eramos pecadores, Cristo ter morrido por nós (cf. Rm 5,8). E S. João confirma que Deus manifestou o seu amor quando mandou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que tivéssemos a vida por meio dele (cf. 1Jo 4,9). É este apreço de Deus pelo ser humano e pelo seu mundo que dispõe Deus a pagar este preço. E recordemos com G. C. Pagazzi que «o mundo da carne do Filho não é só a humanidade, mas *todas as coisas* que viu, sentiu, gostou, tocou, cheirou», o mundo real com o qual esteve em *con-tacto* sensível, porque o «Redentor não é o Filho de Deus, mas o Filho de Deus encarnado»²⁵. Neste sentido, «a nova lei do amor é tão antiga como a criação, quando Deus viu que todas as coisas eram boas, surpreendendo-se com a sua admirável honorabilidade, maravilhando-se com o seu valor». Esse é o apreço que, desde o início, dispõe Deus a oferecer-se no próprio Filho, só para não perder o homem e a mulher e o seu mundo que ninguém como o Filho encarnado amou tanto. «No originário *a-preço* de todas as coisas já vibrava o *preço* do Filho, do Mediador que em todas as coisas do Seu mundo via um tesouro, uma pérola digna de levar a vender todos os Seus bens (Mt 13,44-46), a Sua própria vida»²⁶. Desta vida vivemos.

A experiência de ser amado e de amar restitui o homem e a mulher, seres sensivelmente espirituais e espiritualmente corpóreos, à graça da criação, à fecundidade das relações, ao gosto da vida a fazer-se em cada encontro, nas palavras e nos gestos de cada dia. Pelo amor e no amor aprendemos a *ver* mais e melhor, como quem

²² A. COUTO, «Da posse e do furto ao dom e ao fruto», 52.

²³ C. DOGLIO, «La scelta di dire *agápe*. Figure linguistiche dell'originario evento cristiano», in P. SEQUERI (ed.), *Esteriorità di Dio. La fede nell'epoca della 'perdita del mondo'*, Glossa, Milano 2010, 99.

²⁴ Cf. J. F. CORREIA, *A fê vive de afeto. Variações sobre um tema vital*, Paulinas, Prior Velho 2013.

²⁵ G. C. PAGAZZI, «In principio la mediazione. Sulla loggia della redenzione», in E. SALMANN, *Memorie italiane. Impressioni e impronte di un cammino teologico*, Cittadella, Assisi 2012, 235.236.

²⁶ G. C. PAGAZZI, «In principio la mediazione», 241.

entre-vê o sentido por entre linhas curvas; a *tocar* justamente cada coisa, acontecimento e pessoa, como quem é tocado por um dom surpreendente e sempre mais do que necessário; a *escutar* como quem *pre-sente* a promessa de cada palavra no timbre e na modelação justa dos sons que a anunciam e, claro, em cada silêncio; a apreciar melhor e em cada parcela da realidade o gosto e o perfume da bênção que as coisas, os acontecimentos e as pessoas são. Como a amada e o amado do *Cântico dos Cânticos* que *re-entram* no Jardim do Éden, não pela nostalgia das origens perdidas, mas pela vitória do amor sobre o egoísmo, da graça sobre o pecado, da confiança sobre o medo, do desejo ordenado em Deus sobre o desejo desordenado pelo próprio amor, querer e interesse. O amor recebido e retribuído permite reencontrar a dimensão corpórea e relacional da nossa humanidade, com os seus ritmos quotidianos e os seus lugares comuns, onde se dá, de facto, a experiência de Deus. E permite reencontrar o mundo como casa onde sentimos ser de casa e nos sentimos em casa²⁷, o espaço acolhedor e hospitaleiro, onde a posse cede, de novo, o lugar ao dom e o furto ao fruto²⁸. Assim pode amar-se Deus em todas as coisas e amar todas as coisas em Deus. A história pode recomeçar, agora, com coisas novas e ainda mais belas do que aquelas criadas no início²⁹. Porque o amor é sempre novo e faz novas todas as coisas e não fica indiferente a quem dele se separa. «É um olhar “original” porque vê profundidade e significados que quem não ama não é capaz de entrever. Mas é “original”, também, porque reenvia para a experiência das “origens”, participando do olhar de Deus sobre a bondade e a beleza da criação», o tal *apreço* que diz a modelação originária do amor. «Se existe um *pecado original* [...], também existe um olhar original sobre a realidade que deve ser absolutamente recuperado». E um escutar e um tocar e um saborear e um cheirar originais. E um estilo de encontros e de relações e de modos de habitar o mundo original. Assim, «só o amor, como fruto da ação do Espírito, está à altura de iluminar os sentidos e a mente, de conduzir a um discernimento autêntico e a uma ação consequente»³⁰, inspirando e conformando, assim, o estilo “vivível” e visível de uma existência assinalada pela graça que salva.

Quem vive no amor, tão bem situado e tão grato, tão humilde e tão generoso, tão atento e tão ativo (não confunde a relação com Deus com alienação, nem o espiritual com o desencarnado), poderá dizer, em palavras e gestos, no corpo e na alma, «Ó Jesus, é por vosso amor». Professava a fé, declarando o amor, como Pedro: «Senhor, tu

27 Cf. G. C. PAGAZZI, *Sentirsi a casa. Abitare il mondo da fogli*, EDB, Bologna 2010.

28 Cf. A. COUTO, «Da posse e do furto ao dom e ao fruto».

29 Cf. Y. SIMOENS, *Il libro della sapienza. Il Cântico dei canticos. Una lettura antropologica e teologica*, EDB, Bologna 2005, 14.

30 Cf. R. FÖRNARA, «Profumi e sapori dell'Eden. L'enigma dei sensi dalla Genesi al Cântico», in R. MONTANARI (ed.), *I sensi spirituali. Tra corpo e Spirito*, Glossa, Milano 2012, 79.92.

sabes tudo, bem sabes que te amo» (Jo 21,17), sabendo que, agora, permanecem a fé, a esperança e o amor, mas que maior que todas as coisas é o amor (cf. 1Cor 13,13). Não tendo outra casa onde sentir-se em casa, além desta pobreza alegre de viver, dia a dia, sob o olhar misericordioso do amor de Deus, ao qual *co-responde* em confiança, nem outra almofada onde descansar a cabeça do cansaço da vida, que não lhe será poupado, poderá rezar com as palavras de S. Inácio de Loiola, sugeridas como vértice do longo percurso dos seus Exercícios Espirituais.

«Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade, tudo o que tenho e possuo; Vós mo destes; a Vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso, disponde de tudo, segundo a vossa inteira vontade. Dai-me o vosso amor e graça, que esta me basta» (n. 234).

A oração nasce do amor e tende para o amor. Quem tudo recebe e se recebe com gratidão (ser assim, é chegar a ser filho) poderá oferecer o que tem e oferecer-se a si mesmo com grandeza de ânimo. Em *Deus-amor-que-nos-faz-ser-no-amor*, a história de vida de cada um e de cada comunidade poderá desenhar-se como ato de apreço, de acolhimento e de entrega confiada – de intercessão, de mediação – aos homens e mulheres que existem (não àqueles que se idealizam ou que se gostaria que existissem), neste tempo concreto da nossa história coletiva. Assim se dirá o amor e se realizará a salvação, fazendo-se eucaristicamente corpo (um estilo de vida eucarístico), nas relações e na família, na política e na cultura, na economia e nas ciências, nos ofícios e nas artes, como o Verbo que se faz carne para alimentar a vida de cada um, sobretudo dos que vivem sem alimento e que, só por si, não o conseguem alcançar. Cume e fonte da vida *con-formada* à vida de Jesus Cristo (é assim que se torna humana), re-cria cada pessoa, coisa e lugar, bendizente e fecundo. O amor salva-guarda a vida. Para que floresça, amável, como amável é a sua Origem e o seu Destino. *Ó Jesus, é por vosso amor e por amor de todos os que amais.*

Acreditar no amor

O elo entre o apelo humano e o dom divino

Alexandre Palma

A associação entre fé e amor talvez não resulte tão espontânea quanto deveria, mesmo entre crentes. É, contudo, assim que a recente encíclica *Lumen Fidei* começa por situar a questão da fé: «Acreditá-mos no amor» (cf. 1Jo 4,16)¹. Esta paráfrase de São João dá o tom e o título ao seu sumário sobrevoado sobre a fé ao longo da Sagrada Escritura. Trata-se de um esforço para perceber o que é a fé, mais atento aos modos concretos de se ser crente do que à procura de definições mais ou menos abstratas do que isso seja. Tal modo de proceder corresponde à forma como a própria Bíblia fala acerca da fé: preferencialmente, narrando vidas e gestos de crentes; de crentes individualmente considerados, mas também como Povo crente. Ainda hoje, esta via da realidade, ou seja, a via da atenção à fé a acontecer, parece ser a mais apta para nos introduzir na «ideia da fé»² e na sua inesgotável e complexa riqueza.

Creio que essa associação entre fé e amor fica muito bem resumida na expressão «acreditar no amor». Por isso, à semelhança do que ocorre na referida encíclica, ela dá título a este pequeno artigo e gostaria ainda que ela lhe desse também o tom. A expressão parece particularmente feliz para dar notícia do que é a fé cristãmente entendida. Nela valorizo, em especial, a sua fecunda ambiguidade. Com efeito, ela pode ser entendida em dois sentidos distintos. Ou melhor, ela deve ser entendida em dois sentidos distintos, sem se ceder à tentação de privilegiar um e anular o outro.

1 Cf. *Lumen Fidei*, 8-22.

2 Jogo, de modo intencional, com o título da obra: P. Sequeri: *A ideia da fé*.



Por um lado, nela sugere-se que o amor é o objeto do ato crente. Ele parece ser a resposta à pergunta: em que é que se crê? Crê-se no amor. Ora esta é já uma afirmação de longuíssimo alcance. Perante tal pergunta, talvez fôssemos levados a ensaiar respostas mais canónicas: em Deus, em Jesus, na Igreja, nos seus dogmas; certamente, respostas válidas. Contudo, quando reinterpretadas a partir do «acreditar no amor», essas respostas adquirem um sentido novo. Sob esta luz percebe-se ainda melhor que a fé cristã não crê genericamente em Deus, mas especificamente no Deus Amor. Não crê genericamente em Jesus, mas especificamente n'Ele como o Filho que é rosto amoroso do Pai. Não crê genericamente na Igreja e nos seus dogmas, mas crê neles enquanto mediações concretas desse Deus amor e veículos eficazes para crescer no amor a Ele e ao próximo. Por isso, afirmar que «acreditamos no amor» implica redefinir o objeto na nossa fé, porque implica redescobrir quem é Aquele a quem o crente cristão confia o seu viver. Assim sendo, o objeto da fé cristã não é objetivável. Ao limite, não é sequer um objeto. É um alguém. E o amor é sempre o elo que nos traz unidos a Ele.



Por outro lado, esta expressão descreve também a atmosfera do próprio ato crente. O amor não é apenas o horizonte da fé cristã. O amor é também o ambiente em que a fé nasce e pode nascer; em que a fé cresce e pode crescer; em que a fé alcança e pode alcançar a sua plenitude. «Acreditar no amor» significa também que o amor é ainda o contexto em que o despertar e o viver crente acontecem. O amor é, pois, o *habitat* da fé e o *húmus* da fé; o meio e o alimento da fé. Também este segundo sentido da paráfrase joanina está cheio de consequências. Sendo isto verdade, então aqui encontramos uma preciosa indicação do que a Igreja é e/ou deve ser se quiser ser essa comunidade crente que faz acontecer hoje o mesmo que acontecia em quem se encontrava com Jesus. Nela encontramos também uma indicação capital para o grande desafio da transmissão da fé, tarefa particularmente exigente em tempos em que as modalidades clássicas dessa transmissão parecem ter perdido muito da sua força. «Acreditar no amor» significa, portanto, que o amor é uma espécie de condição de possibilidade da fé cristã. É nele que a fé acontece. Rer o que é a fé à luz do amor é, pois, o objetivo desta reflexão. Podê-la-ia descrever também como uma aproximação afetiva ao ato de fé³. Não creio que este seja um tipo de abordagem que só toque marginalmente o essencial da fé cristã. Ela não é um mero exercício diletante de teólogos. Pelo contrário, declinar num tal registo a dinâmica crente é tocar-lhe o seu núcleo mais íntimo. Como bem recorda a encíclica, é no amor que acreditamos. Torna-se, por isso, imperioso

³ Para um aprofundado tratamento da fé sob este prisma: J. Frazão Correia, *A fé vive de afeto*.
30

levar muito a sério tal afirmação e levá-la ao extremo das suas consequências para o nosso entendimento e experiência da fé. É neste sentido que ensaio aqui uma pequena reflexão sobre a fé e o amor. Fá-lo-ei, de seguida, procurando desenvolver algo do que até aqui já se foi sugerindo, referindo nomeadamente: 1. como os gestos de acreditar e de amar se encontram radicalmente inscritos na condição humana; 2. como o Deus amor, simultaneamente, interpela e responde a essa mesma condição, confirmando o amor como aquela única realidade digna de fé; 3. como o amor é o meio onde a fé é possível de acontecer; e 4. como o amor é o grande pedagogo da fé e, portanto, o grande veículo na transmissão da fé e na iniciação crente.

1. Um dom confiável: a fé que desabrocha com a vida

A fé, como o amor, é um dinamismo radicalmente humano. Durante demasiado tempo fomos levados a pensar que ser crente era uma forma de alienação, que serviria de falsa escapatória da vida presente para a vida futura; da vida terrestre para a vida celeste. Esmagados pelos dramas da nossa condição humana, a fé religiosa surgiria como a resposta que confortava o desalento humano, prometendo para o *além* a felicidade que nos era negada na vida *aquém*. A fé mais não seria, então, que a projeção para a eternidade e para a esfera do divino de legítimas aspirações históricas e humanas nunca satisfeitas. Daí que alguns⁴ vissem na fé em Deus uma fuga alienada dos dramas da nossa condição presente, fuga essa que impediria o nosso compromisso com a superação desses dramas e com a correção das suas causas históricas. Talvez esta visão da questão esteja em grande medida ultrapassada. Todavia, ela deixou as suas marcas. A mais significativa será, porventura, a impressão (com certeza mais inconsciente que consciente) de que acreditar é algo que nos diminui na nossa condição humana.

Mais dos nossos dias será a impressão de que acreditar (ou não acreditar) é uma espécie de opcional da vida humana. Algo que podemos ter, tal como podemos não ter; como se houvesse humanidade onde o dinamismo de acreditar pudesse estar alguma vez de todo ausente! Claro está que essa forma de olhar a fé volta-se especificamente para a fé religiosa, para a fé em Deus. Dir-se-á que é esse tipo muito específico de crença que está em causa quando se olha

⁴ Em *Assim falava Zaratustra*, F. Nietzsche ilustra como poucos esta perspetiva: «Eu vos conjuro, meus irmãos: permaneçei fiéis aos bens desta terra e não acrediteis em quem vos fala de esperanças celestes». Poderia ainda referir como exemplos deste entendimento da fé autores como L. Feuerbach, ou K. Marx.

a fé como um optativo da vida humana. De facto, assim é. Dir-se-á ainda que qualquer fé religiosa requer um ato de vontade e, portanto, uma opção humana consciente. Novamente, importa reconhecer que assim é. Todavia, este modo excessivamente privatizado de olhar a fé tende a cometer o erro de separar (e já não apenas distinguir) a crença religiosa das demais formas humanas de crer; como se as duas seguissem lógicas completamente diferentes; como se as duas não se esclarecessem uma à outra; Como se as duas não manifestassem a mesma realidade: que o Homem é um ser crente.

Importa, pois, regressar à afirmação de que a fé é um dinamismo radicalmente humano. Talvez seja útil começar pelo próprio começo da vida humana. Ainda que em germe, aí despontam já muitos (senão mesmo todos) dos dinamismos que nos distinguem como humanos.

Podemos descortinar um primeiro andamento inscrito no nosso vir a este mundo: nascemos para nós mesmos no encontro com o outro. Sem este encontro não se dá essa descoberta de nós próprios. Reinterpretando São João no seu *Prólogo*, poder-se-á dizer que no princípio está a relação. Com efeito, antes de saber quem somos, antes de tomarmos consciência do que somos, dá-se o encontro com o universo que nos rodeia. É assim que vimos ao ser e que vimos a ser. Não podemos recuar até às nossas primeiríssimas impressões neste mundo. Mas, com um breve exercício de dedução, podemos chegar à conclusão de que a luz e o toque estarão, com alguma probabilidade, no cerne desse nosso primeiro encontro com este mundo. Ambos sinalizam o contraste entre este novo mundo e o nosso anterior *habitat* intrauterino. Quando nascemos, num repente, somos lançados num oceano de luz que nos encanta, mas que também nos afeta. Um clarão que, ao início, nos encandeia, mas que depois nos permite ver. Da escuridão para a luz; de uma certa cegueira para a visão. Assim vimos ao mundo, envoltos por uma realidade radiosa que ora nos impressiona ora nos deslumbra.

Já na vida intrauterina nos fomos relacionando com este mundo novo. Já fomos escutando os seus primeiros sons. Sobretudo, fomos nos afeiçoando ao timbre da voz materna. Nascemos, pois, já rotinados em algumas realidades deste mundo. Contudo, só quando nascemos nos podemos sentir verdadeiramente tocados por alguém. Só então nos é dado sentir o corpo do outro contra o nosso. O calor do seu afeto traduzido num abraço, num beijo, numa carícia. O colo

da mãe torna-se o lugar onde primeiro se está em casa. Isto torna-se, tão depressa quanto possível, uma certeza de vida: ali está o nosso lar. Gestos quentes que nos aquecem e impressionam mais que a luz que nos inunda a visão. Com o nascer vem essa experiência de sermos tocados; experiência nova que depressa se torna expressão corpórea de uma certeza ainda mais fundamental: nascemos amados.

Nascemos, portanto, sempre no encontro. No encontro com um mundo que, como Deus, de «todos os lados nos envolve» (cf. Sl 139,5). No encontro com um outro que nos eleva nos seus braços até às alturas de uma relação feita de amor. Antes de saber quem sou, sei isto: sou amado. Antes de saber o que sou, sei que isto é verdade. Não um saber nocional, teórico (desejavelmente, há de chegar a sê-lo), mas um saber vital, porque descoberto na vida e confirmado pela vida. Esta outra certeza lança raízes fundas no nosso ser. É esta certeza que me permite confiar, passo decisivo para que a vida se torne vivível. Só confiando se torna a vida possível. Só no amor se torna a vida confiável. Confio, porque essa luz que me ilumina o mundo está sempre lá. Confio, porque esse amor que me toca e abraça é sustento certo nas alturas e nas quedas da vida. E sei também que tudo isso me é dado, sem que eu ainda nada tenha feito para o merecer. Não é a paga de algo. Tudo me é dado à partida, graciosamente. Ou se não tudo, pelo menos tudo o que realmente interessa. A vida nasce, pois, com a certeza do amor que faz dela um dom confiável. A ingente tarefa de saber quem sou não acontece fora disto. Pelo contrário, acontece a partir desta certeza que nos define à partida.

Nesta dinâmica da vida a nascer, a fé já se anuncia e insinua. Com a vida, a fé já aí desponta. Entre «a graça e a graciosidade da vida recebida e a experiência dramática e ambivalente da finitude a enfrentar, já se desenham os contornos da fé, a originária disposição humana à confiança e a resistência tenaz contra a dúvida de que a existência não seja uma bênção»⁵. Com efeito, se nascemos numa teia de relações, onde a vida se descobre como dom imerecido e a confiança (em si próprio; no outro; no «outro do outro»⁶ que é Deus) se torna o chão firme em que a vida se constrói, então já aí podemos encontrar tudo aquilo que a fé é e pretende ser: o encontro com o dom confiável que é o Deus amor.

Entre o que é a vida e o que é a fé há, pois, uma sintonia fundamental. Sem as querer confundir, diluindo uma na outra, noto

5 J. FRAZÃO CORREIA, *A Fé vive de afeto*, 15.

6 Cf. J. FRAZÃO CORREIA, *A Fé vive de afeto*, 43.

como há entre elas uma tal cumplicidade que separá-las ou opô-las simplesmente não responde nem corresponde à vida a acontecer. Explorando, ao invés, esta afinidade, percebe-se como a vida já pre-dispõe para a fé e como a fé ilumina o que a vida é de verdade. E o ponto-de-encontro entre elas é, no Homem, o encontro amoroso com o outro, que torna a vida um dom confiável e a fé uma resposta que acrescenta vida à vida recebida.

2. Amor: objeto digno de fé

Quando lida nesta dinâmica, mais facilmente se percebe que a fé tem por objeto o amor. Acreditamos em quê? Acreditamos no amor. É este o conteúdo primeiro da fé cristã. Isto em nada distrai da centralidade que a Deus reconhecemos no ato crente. Pelo contrário, em Cristo conhecemos que «Deus é amor» (1Jo 4,16). No Evangelho de Jesus, acreditar em Deus toma necessariamente a feição concreta de uma fé no amor. Fé, aliás, cuja autenticidade se afere pelo testemunho confirmado do amor ao próximo: «ninguém pode amar a Deus que não vê se não amar o irmão que vê» (1Jo 4,20). Quando, pois, se procura reler o que é a fé cristã à luz do amor, imediatamente chegamos a esta conclusão: o amor é objeto da fé cristã, porque Deus é amor.

É este dado fundamental do Novo Testamento que permite dizer que não se ensaia aqui uma simples dedução do que é a fé cristã a partir da natureza humana. A identificação da dinâmica crente, inscrita na vida humana, em si não basta. Ao limite, ela própria só se esclarece a partir da revelação, em Cristo, do Deus amor⁷. A fé que brota do dom amável que é a vida só se dá porque a vida sai das mãos do Deus amor e porque a vida só chega a ser ela própria quando vivida no amor de Deus. Teologicamente, não é a estrutura humana a justificar que Deus seja amor. É este amor criador de Deus que oferece a derradeira explicação por que é que a vida é assim, por que é que assim nascemos para este mundo. Por isso, mesmo essa fé que desabrocha com a vida está carente de forma até se encontrar com um objeto à altura da sua grandeza e da sua expectativa. E esta grandeza e expectativa são maiores que a própria vida, porque elas são o eco em nós do Senhor da vida: o Criador. O amor que aqui encontramos é, portanto, como que sacramento de um amor maior, de um amor absoluto, do amor que é Deus.

⁷ Cf. *Gaudium et Spes*, 22.



Deus surge, pois, como realidade digna de fé. É-o não abstratamente, porque concebido como «causa incausada», como «motor imóvel» ou por qualquer outra consideração do género. Não nos bastam as razões da razão. Ele é digno de fé, porque é amor. É-o porque, sendo amor, é aquela entidade em quem o impulso humano a confiar encontra um objeto à altura do investimento total da única vida que temos e somos. A vida pede um amor que só Deus é e pode ser: um amor incondicionado; um amor ilimitado. Por isso, um amor definitivamente confiável.

Admirável sintonia esta entre quem Deus é e diz ser e o apelo que habita e preenche a vida humana! Por um lado, perante o Deus amor, esse dinamismo humano conhece a sua origem e percebe o seu horizonte. De onde vem e para onde pode caminhar. Por outro, Deus surge no tempo como aquele em quem vale a pena acreditar, como aquele em quem se pode apostar totalmente a nossa confiança no dom da vida, sem contradizer o que somos. Pelo contrário, Deus surge como Aquele em que chegamos a ser o que de verdade somos. Acreditar n'Ele confirma-se como o gesto que autenticamente responde e corresponde ao que somos. Por isso, no amor se reconciliam as pontas soltas da vida e da fé: a identidade de Deus (teologia), o objeto da fé cristã (fé confessada) e a realidade a quem, acreditando, nos podemos confiar (fé vivida).

3. Amor: o ambiente vital da fé

Se é no amor que tanto a vida como a fé nascem, é também no amor que ambas crescem e subsistem. O amor é, assim, o ambiente vital da fé. Com efeito, nem a vida nem a fé nascem acabadas. Bem pelo contrário, elas nascem como desafio. Vir a este mundo tem tanto de dom como de tarefa. A vida é para nós uma enorme promessa, porque «prometidos a nós mesmos não temos para onde fugir. Não se escapa à inevitabilidade da vida recebida. Uma vez nascidos não se pode não viver»⁸. A graciosidade da vida recebida não esconde que «com a graça vem um preço. O que fora recebido, afinal, tem de ser conquistado, num espaço vital que se desenha entre a graciosidade e o custo, herança e invenção, chamamento e resposta»⁹. Viver requer empenho e dá trabalho.

8 J. FRAZÃO CORREIA, *A Fé vive de afeto*, 14.

9 J. FRAZÃO CORREIA, *A Fé vive de afeto*, 14.

Aqui se manifesta ainda essa admirável sintonia entre a vida e a vida crente. Porque também a fé é uma graça custosa. É uma forma de encarar a vida como «jugo suave e carga leve» (cf. Mt 11,30), mas que nem por isso se descarrega do peso da cruz. Tomar a cruz todos os dias é critério da fé, porque é o critério do discipulado de Jesus (cf. Lc 9,23). Seria uma ilusão negar que essa «voz divina, que interpela a decisão humana, tem nos ritmos e lugares em que se vive, a graça e o custo da existência»¹⁰. Uma versão da fé aligeirada deste trabalho, simplificada do esforço da resposta que todo o chamamento sempre requer, seria simplesmente enganadora; não colaria com a realidade. Também a fé, portanto, requer empenho e dá trabalho.

Estes trabalhos da fé pedem um ambiente que a possibilite e potencie. E esse ambiente é, tal como na vida, o amor. O Homem é talvez o ser que vem a este mundo na maior dependência. Por muito tempo incapaz de se mover, de se sustentar e, mais grave ainda, de se alimentar, ele em tudo depende do(s) outro(s) para sobreviver. A experiência do dom total e imerecido da vida não é coisa que cesse com o nascer, mas pelo contrário é algo que se projeta ao longo de todo o viver. Mesmo que tomando formas diferentes conforme as idades, somos e vivemos sempre numa teia de interdependências: dependemos sempre uns dos outros; para o bem e para o mal. Dito de outro modo, sendo nós seres de relação, é na relação que vivemos. E a relação é, por excelência, epifania do amor. A vida aguenta-se e suporta-se no amor.

Assim também é a fé no Deus em que encontramos a origem e o horizonte da vida recebida. A fé também nasce como semente frágil sobre quem, de imediato, pendem todos os trabalhos de acreditar. Ela nasce como um fugaz encontro que é preciso fazer permanecer. Ela nasce como um impulso da sensação que é preciso tornar-se também conhecimento. Ela nasce como uma disponibilidade quase espontânea a seguir que é preciso exercitar. Ela nasce como iluminação que é preciso traduzir em vida. Ora toda esta exigente passagem requer um ambiente propício; tal como o recém-nascido precisa de um ambiente de aconchego e alimento para chegar a ser gente, assim também para a fé esse ambiente se chama amor. É nessa atmosfera que a fé pode encher os seus pulmões e oxigenar-se, nesse duplo movimento, tão próprio do Evangelho, de inspirar e expirar o amor. O amor não é, portanto, apenas o que faz despertar a fé e despertar para a fé. O amor é igualmente o que faz a fé desabrochar, tornar-se adulta, tornar-se opção assumida que (re)configura a própria vida, com tudo o que de trabalho custoso isso implica. O amor é mesmo o ambiente em que a fé acontece.

¹⁰ J. FRAZÃO CORREIA, *A Fé vive de afeto*, 15.



Este discurso pode parecer a alguns demasiado aéreo para chegar a tocar a fé no seu concreto. Eu, pelo contrário, julgo que ele lança um enorme desafio sobre as formas concretas de que a vida de fé se reveste. Aceitar, por exemplo, que a fé tem no amor o seu *habitat* parece contradizer certas formas demasiado privatizadas de acreditar. Com efeito, olhar assim a adesão crente implica admitir que essa adesão nunca se pode dar para lá do outro ou apesar do outro. Dito de modo mais claro, que a fé não é apenas um gesto individual, mas que ela traz consigo sempre algo de comunitário, de relacional, de acreditar com outros, na tal teia de interdependências. Aqui se desenha o ambiente eclesial da fé. A minha fé, sem deixar de ser minha, depende sempre da de outros; e vice-versa.

Assim sendo, a lógica amorosa da fé faz-nos também repensar o que é a Igreja, enquanto grande ambiente da fé em Cristo. Dizer que o amor é o ambiente vital da fé pode/deve ter um impacto imediato na nossa conceção (teórica e prática) de Igreja. Sob este ângulo a Igreja encontra no amor fundamento e critério. Fundamento: ela existe para ser este ambiente amoroso em que os tantos encontros com Deus em Cristo encontram sustento e espaço para crescerem em extensão e profundidade. Critério: ser ambiente amoroso da fé torna-se a régua que mede as suas estruturas e empreendimentos. O que nela não serve este fim deve ser revisto, reformado, ao limite abandonado. Até os sacramentos, que a tradição católica tanto sublinha como grandes alimentos da fé, podem aqui assumir contornos precisos. Sob este prisma, eles não são sobretudo expressões rituais de uma instituição de cariz religioso. Eles são sim, antes de mais, lugares e expressões de amor; do amor de Deus, mas também do amor daqueles que lhe respondem, das comunidades que o seguem. É por isto, sobretudo por isto, que os sacramentos nos alimentam a fé.

4. Amor: alavanca no despertar e iniciar para a fé

Lutamos hoje, no ocidente desenvolvido, com uma crescente dificuldade em mostrar a fé em Deus como algo que vale a pena abraçar. E mesmo quando se consegue despertar esse interesse, somos frequentemente confrontados com o difícil desafio de transformar essa disponibilidade inicial numa pertença estável e comprometida. Sentimos, de modo bem vivo, as dificuldades da transmissão da fé. Experimentam-na pais, irmãos, esposos, avós, catequistas, pastores. Perante estes desafios, vamos percebendo que o interesse que procuramos despertar noutros terá de passar

pela nossa capacidade de dar significado vital à existência crente. De a tornar fiável e plausível aos olhos daqueles para quem Deus não é uma evidência, nem as rotinas eclesiais são familiares. Com efeito, não serão poucos os que se perguntam: Porquê acreditar? Para quê acreditar? Para que é que isso serve? O que é que isso muda? Enquanto não formos capazes de articular respostas densas a estas questões, o nosso testemunho não terá ainda tocado as inquietações que muitos dos nossos contemporâneos trazem no coração.

O desejo de amar e de ser amado está, com toda a certeza, no cerne destas inquietações. Mesmo numa cultura da abundância, o amor não perdeu a sua força de formar e transformar vidas, de mover e comover pessoas. Esta busca pode, porventura, assumir hoje formas mais confusas do que no passado. Mas ainda assim, apesar de todos os fascínios da vida moderna, o amor continua a ser o grande anseio do coração humano. Poderemos talvez dizer do amor o que Santo Agostinho disse de Deus: o nosso coração não encontra descanso enquanto não repousa no amor¹¹.



Aproximar fé e amor parece, portanto, ir ao encontro seja deste apelo da alma humana, seja das aludidas dificuldades da comunicação da fé. Por um lado, ao fazer ver como fé e amor são duas faces de uma mesma moeda, a adesão crente pode emergir como algo que preenche o coração humano e, assim, como algo pelo qual vale a pena viver. Por outro, a comunidade dos crentes encontra no amor aquela realidade que permite estabelecer uma empatia entre crentes e buscadores de Deus e, sobretudo, aquela linguagem que torna plausível e fiável a proposta do Evangelho vivido em Igreja. Tudo isto sem beliscar a radicalidade da proposta cristã nem lhe aligeirar a exigência, mas, pelo contrário, na mais pura fidelidade ao que a fé deveras é e ao que de Deus de mais íntimo podemos dizer. Em suma, o interesse que será necessário despertar na transmissão da fé cristã encontra no amor a sua grande alavanca. Quem recusará o amor? Sobretudo um amor assim? Pois quanto mais a fé for servida como uma adesão de amor (mais que uma adesão a ritos e doutrinas), mais a transmissão da fé permanecerá fiel ao Evangelho de Jesus e às inquietações dos nossos contemporâneos: presença real do primeiro e existencialmente relevante para os segundos. O amor, compreendido à luz de Cristo, é, no fundo, a resposta à pergunta porquê e para quê acreditar: porque se é amado pelo Deus amor e para amar como ama o Deus amor.

¹¹ Cf. SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, I, I, I.

Se o amor é o ambiente vital da fé, então ele será por certo também o ambiente da iniciação a uma vida vivida segundo a fé. É que, como bem sabemos, ao despertar para a fé deve seguir-se uma prolongada caminhada para dar durabilidade a esse instante de disponibilidade; para dar textura eclesial a um encontro pessoal; para dar inteligência e critério a um arrebatamento afetivo. Introduzir alguém na relação com Cristo permanece hoje, como o era nos tempos da Palestina, uma longa peregrinação, que tanto conduz a jardins aprazíveis como a desertos que testam a resistência e purificam a adesão. O processo de transmissão da fé incorpora, pois, este segundo movimento de iniciação à vida segundo a fé. Só então essa transmissão se cumpre. E para que ela de facto se cumpra, o amor joga um papel decisivo. Porque este acompanhamento que inicia gente na fé faz-se de paciência para com o ritmo de cada um; faz-se de escuta à voz de cada um; faz-se de dedicação atenta à vida de cada um; faz-se de acolhimento incondicional a quem chega; faz-se de oração silenciosa e desinteressada; faz-se de alegria com os seus avanços, mas também de misericórdia para com os seus recuos. Tudo isto, que só o amor torna possível, precisa de encontrar um lugar eclesial. Estas não podem ser apenas atitudes dos cristãos individualmente considerados, mas devem conotar o modo de ser das comunidades cristãs. A tarefa da iniciação cristã é, por excelência, uma missão eclesial. Por isso, o amor que torna possível tal iniciação precisa de se tornar um traço que estrutura a vida das comunidades cristãs. Importa que estas o traduzam em vida e coloquem as suas estruturas ao seu serviço. Então, o amor não será somente a alavanca que desperta para a fé, mas será também o ponto fixo eclesial que torna possível a iniciação à vida da fé em Igreja.

Afirma o Papa Francisco: «A fé transforma a pessoa inteira, precisamente na medida em que ela se abre ao amor; é neste entrelaçamento da fé com o amor que se compreende a forma de conhecimento própria da fé, a sua força de convicção, a sua capacidade de iluminar os nossos passos. A fé conhece na medida em que está ligada ao amor, já que o próprio amor traz uma luz. A compreensão da fé é aquela que nasce quando recebemos o grande amor de Deus, que nos transforma interiormente e nos dá olhos novos para ver a realidade»¹².

Em tempos tão desafiantes, importa mesmo entrelaçar fé e amor. Neste fecundo casamento, os crentes hão de redescobrir o que é acreditar, hão de reaprender a traduzi-lo em vida. Os que não

¹² *Lumen Fidei*, 26.

creem, por seu lado, hão de encontrar na fé cristã algo que os pode tocar. hão de poder ver nela algo à altura do apelo profundo que os habita. Juntos hão de reconhecer que *acreditamos sempre no amor*. O amor será sempre o seu ponto de encontro, porque é no amor que todos «vivemos, nos movemos e existimos» (cf. Act 17,28): mistério maior da vida, que em Cristo encontra a definitiva razão de ser: porque «Deus é amor».

BIBLIOGRAFIA

Papa Francisco, *Lumen Fidei – A Luz da Fé. Carta Encíclica*, Paulinas, Prior Velho 2013.

Balthasar, H. U. von, *Só o amor é digno de fé*, Assirio e Alvim, Lisboa 2008.

Duque, J., *Homo Credens. Para uma Teologia da Fé*, Universidade Católica Editora, Lisboa 2002.

Frazão Correia, J. *A Fé vive de afeto. Variações sobre um tema vital*, Paulinas, Prior Velho 2013.

Sequeri, P. *A ideia da Fé. Tratado de teologia fundamental*, Frente e Verso, Braga 2013.

A terceira Aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria em 13 de julho de 1917

Luciano Cristino

No dia 14 de julho de 1917, o Padre Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, interrogou a Lúcia, sobre a aparição do dia anterior, na Cova da Iria. Escreveu que ela «disse que saiu de casa, no dia 13, pelas onze horas; chamou a Jacinta, e chegámos à estrada nova: fomos a correr até lá; a gente dizia que fôssemos devagar, e nós dizíamos que não nos cansavam as pernas para irmos devagar. Chegámos e encontramos lá a minha irmã [Teresa], e ela mandou-me pedir o terço; eu pedi-o e rezámo-lo; estivemos, um nadita, deu um relâmpago, e vem a Senhora. Levantei-me, disse que se chegassem para trás, alguma coisa, e que ajoelhassem os que pudessem e quisessem; tornei a ajoelhar e perguntei-lhe:

- O que é que me quer?

- Quero-te dizer que voltem cá no dia 13.

E disse mais:

- Rezem o terço a Nossa Senhora do Rosário que abrande a guerra, que só ela é que lhe pode valer.

Eu disse mais:

- Tenho aqui por pedido se vossemecê converte uma mulher do Pedrógão e uma da Fátima e se melhora um menino da Moita.

Ela disse que os convertia e melhorava, entre um ano.

Eu disse:

- Faça um milagre para que todos (se) acreditem.

- Daqui a três meses, farei então com que todos acreditem.

- Não me quer mais nada?

- Não, eu, por mim, agora, não te quero mais nada.

Eu disse-lhe:

- Pois eu, por mim, também não quero mais nada.

Depois, ela foi-se para o lado do nascente e eu disse ao povo:

- Olhem para ali para a ver, para o lado onde ela ia.

O povo voltou-se.

Era exatamente a mesma que tinha visto das outras vezes.

- Tinha aqui um pedido: se vossemecê levava para o céu um homem da Atouguia, o mais depressa melhor. - Levo-o» (DCF I, Doc. 3, de 14 de julho de 1917, p. 13-16).

Nesta primeira narração da terceira aparição, há quatro momentos principais: o pedido de Nossa Senhora de voltarem, no dia 13 seguinte; a insistência na oração do terço, para o abrandamento da guerra; os pedidos da Lúcia; e a promessa de Nossa Senhora de fazer um milagre, em outubro, para que todos acreditassem.

Mas, alguns dias depois, começaram a correr notícias de ter havido também um segredo e uma oração ensinada aos pastorinhos. É o que se depreende da afirmação do pároco, em cartas a três jornais, no dia 15 de agosto, após o chamado “arrebato” dos pastorinhos, por parte do administrador de Vila Nova de Ourém, no dia 13: “A autoridade, depois de longo interrogatório das criancinhas, em suas casas, manda-as conduzir, a título de algumas informações, para minha casa, - diz, para elas lhe descobrirem um segredo que ainda lhe não tinham revelado” (DCF I, Doc. 40, de 15 de agosto de 1917, p. 294-296). Foi isto mesmo que a Lúcia respondeu, no primeiro interrogatório do Pe. Dr. Manuel Nunes Formigão, no dia 27 de setembro de 1917: “É certo que te disse um segredo, proibindo que o revelasses a quem quer que fosse? - É certo. - Diz respeito só a ti ou também aos teus companheiros? - A todos três. - Não o podes manifestar, ao menos, ao teu confessor? (A esta pergunta guardou silêncio, parecendo um tanto enleada e julguei não dever insistir, repetindo a pergunta)” (DCF I, Doc. 7, de 27 de setembro de 1917, p. 57). A partir daí, foram várias as tentativas, por parte de algumas pessoas, para obter dos pastorinhos o conteúdo do segredo. No dia 11 de outubro, o Dr. Formigão voltou ao assunto: “O segredo é para teu bem e dos teus companheiros? É para a tua salvação, bem espiritual, para esta vida? Se o povo o soubesse, ficava triste? [...] - Tu disseste que ficava triste? - Não. (DCF I, Doc. 11, de 11 de outubro de 1917, p. 90). O Dr. Formigão ouviu também algumas declarações da Jacinta e do Francisco. A Jacinta terá confundido o segredo de julho com o de junho, ao dizer que foi “da 2.^a vez, no dia de S. António”; e disse ainda que o segredo “é para serem felizes e bons. É para bem de todos três. Não é para serem ricos. Não é para irem para o Céu. Se o povo soubesse do segredo, ficava triste”; “não pode dizer o segredo. Nossa Senhora disse que não dissessem nada do segredo”. O Francisco, no mesmo dia, só afirmou que o povo, se soubesse o segredo, ficava triste (DCF I, Doc. 11, de 11 de outubro de 1917, p. 92 e DCF I, Doc. 12, depois de 11 de outubro de 1917, p. 114-116). No dia 13 de outubro, depois da última aparição, o Dr. Formigão julgou oportuno insistir com o Francisco sobre o segredo: foi a Lúcia que lho disse; não o pode revelar, não por medo que a Lúcia lhe bata, mas, “se calhar, é



pecado dizer o segredo”; não sabe se o segredo é para bem da alma do Sr. Prior (DCF I, Doc. 13, de 13 de outubro de 1917, p. 136). Mais pessoas, em outubro e novembro, referiram a existência de um segredo, sem entrar em pormenores, insistindo que as crianças não o queriam revelar a ninguém (DCF III, 1, Doc. 116, p. 197; DCF III, 1, Doc. 197, p. 479; DCF I, Doc. 41, p. 300, DCF I, Doc. 52, p. 364). No dia 19 de outubro, o Dr. Formigão voltou a perguntar à Lúcia: “Se o povo soubesse o segredo que Nossa Senhora te revelou ficava triste? – Cuido que ficava como está, quase à mesma (DCF I, doc. 16, de 19 de outubro de 1917, p. 151). Terminou os seus interrogatórios, no dia 2 de novembro de 1917. Achando que seria inútil interrogar novamente o Francisco, fez uma breve pergunta à Jacinta, que precisou melhor a data do segredo: “cuido que foi em julho” (DCF I, Doc. 17, de 2 de novembro de 1917, p. 176) e interrogou a Lúcia: “Tu nunca disseste o segredo, nem mesmo disseste que o povo ficava triste, se o soubesse. O Francisco e a Jacinta dizem que ficava triste. Se tu não podes dizer isso, também eles o não podiam dizer. Que te parece?” A Lúcia responde: “Não sei se eles deviam ou não dizer que o povo ficava triste. Nossa Senhora disse que não deviam dizer nada a ninguém. Por isso, não posso dizer nada” (DCF I, Doc. 17, de 2 de novembro de 1917, p. 178). O pároco de Fátima, no relatório final do chamado “Processo paroquial”, refere-se brevemente ao segredo, evocando o seu interrogatório à Lúcia, no dia de 21 de agosto de 1917 (DCF I, Doc. 31, de 6 de agosto de 1918, p. 261); sobre a Jacinta, refere: “A respeito do segredo também não consegui que mo revelasse; apenas disse que ele – segredo – não era mau para elas, videntes” (*ibidem*, p. 270); sobre o Francisco, o pároco é um pouco mais longo: “A respeito do segredo, nada consegui que me revelasse. Dizendo-lhe eu que, não ouvindo ele a Senhora, não tinha segredo algum, respondeu que sim, tem, que lho disse a Lúcia. Disse-lhe que, como foi a Lúcia que o disse, podia-mo dizer, porque não é segredo nem Nossa Senhora lhe disse que o não dissesse, respondeu: não digo, que é pecado, que a Lúcia disse que não dissesse eu, por isso não digo. Aqui, recordo-me que a Lúcia, em certa ocasião, me havia dito que a Senhora só lhe deu licença ou mandou que o dissesse ao Francisco” (*ibidem*, p. 271). O pároco ouviu, a 2 de março de 1919, Teresa de Jesus, irmã da Lúcia, sobre a aparição de 13 de julho de 1917. Entre outras coisas, semelhantes ao que a Lúcia tinha dito, a 14 de julho desse ano, acrescentou: “passados poucos minutos, notou que sua irmã sentiu um tão forte abalo que a fez excluir: Ai!! Nossa Senhora...” (DCF I, Doc. 34, de 2 de março de 1919, p. 282; cf. *Memórias*, IV, II, 5).

Quanto à oração ensinada por Nossa Senhora aos pastorinhos, a 13 de julho, é referida, pela primeira vez, no dia 8 de setembro de 1917, pelo Dr. Carlos de Azevedo Mendes, numa carta à sua futura esposa, Maria dos Prazeres Courinha: “A oração que dizem a Senhora lhes ensinou é simples; é a seguinte: Ó meu Jesus perdoai-me. Livrai-me do

fogo do inferno. Levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem'. Queres maior simplicidade? Achei interessante que a Senhora a tivesse ensinado, mas não lhes recomendasse que a rezassem" (DCF I, Doc. 55, de 8 de setembro de 1917, p. 392). É estranha esta afirmação do Dr. Mendes, porque, poucos dias depois, a 27 de setembro, no seu primeiro interrogatório, o Dr. Formigão perguntou se Nossa Senhora tinha ensinado alguma oração e Lúcia responde: "Ensinou, e quer que a recitemos, depois de cada mistério do rosário": 'Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem' (DCF I, Doc. 7, de 27 de setembro de 1917, p. 61). O Dr. Formigão escreveu-a também num papelinho, exatamente na mesma forma, exceto: 'e aquelas que mais precisarem' (DCF I, Doc. 8, de 27 de setembro de 1917, p. 69). No dia 5 de janeiro de 1922, Lúcia, já no Instituto de Van Zeller (Asilo de Vilar), no Porto, fez o seu primeiro escrito sobre as aparições. Sobre a aparição de julho de 1917, há poucas novidades, relativamente ao que ela tinha dito em 1917, e sobre o segredo, escreveu: "Em seguida, confiou-nos algumas palavrinhas, dizendo-nos: Não digam isto a ninguém, só o podem dizer ao Francisco" (DCF III, 3, Doc. 685 de 5 de janeiro de 1922).

Sob o pseudónimo de Visconde de Montelo, o Dr. Formigão escreveu, em 1918 e 1919, no jornal "A Guarda", uma série de artigos que intitulou "Os episódios de Fátima". Não chegou a publicar, nessa altura, a oração recolhida por ele, em setembro de 1917. Mas, em junho de 1921, escreveu um opúsculo, com o título, *Os episódios maravilhosos de Fátima*. Na página 12, colocou esta nota: "Reproduzo este interrogatório dos videntes, sem alteração de uma vírgula, exactamente como o redigi, no dia 29 de setembro de 1917, em face das notas tomadas". Apesar desta afirmação, modificou a segunda parte da oração, com sentido diferente: "Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e aliviai as almas do Purgatório, principalmente as mais abandonadas. Por este opúsculo e sobretudo pela obra, *As grandes maravilhas de Fátima* (1927), a fórmula modificada foi substituindo a primitiva, que era pouco conhecida. Deve-se ao escritor Antero de Figueiredo a reposição da fórmula primitiva, depois de interrogar a Irmã Lúcia e ter contactado com D. José Alves Correia e com o próprio Dr. Formigão, na sua obra, *Fátima: Graças, segredos, mistérios*, editada em novembro de 1936: "Esta é a verdadeira oração ensinada pela Virgem Santíssima à Lúcia. A que anda impressa foi alterada por quem a editou, com certeza no bom intuito de a tornar mais acessível e mais conforme às fórmulas teológicas das preces em sufrágio das almas do Purgatório" (*Ob. cit.*, nota 1, p. 369). A 18 de maio de 1941, a Ir. Lúcia explicava ao Pe. José Bernardo Gonçalves, seu confessor em Espanha, que a jaculatória tinha sido modificada, "fazendo a última súplica pelas almas do Purgatório, porque diziam não entender o sentido das últimas palavras; mas eu creio que Nossa Senhora se referia

às almas que se encontram em maior perigo de condenação; foi esta a impressão que me ficou, e talvez que a V. Rev^a Lhe pareça o mesmo, depois de ter lido a parte que escrevi do segredo e sabendo que no-la ensinou a seguir, em a 3^a [aparicação], Julho” (*Memórias e cartas da Irmã Lúcia*, introdução, notas e tradução inglesa pelo Pe. Dr. António Maria Martins, S. J., Porto, L. E., 1973, p. 442 (fac-simile) e 443 (transcrição em português). E na Terceira Memória, redigida a 31 de agosto de 1941, explica ao Senhor Bispo de Leiria a sua interpretação sobre a jaculatória, na sua forma primitiva: “Agora, Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, compreenderá porque a mim me ficou a impressão de que as últimas palavras desta oração se referiam às almas que se encontram em maior perigo ou mais iminente de condenação” (*Memórias*, III, 3). Na Quarta Memória, a Irmã Lúcia transcreve duas vezes a oração, segundo a fórmula primitiva, com pequeníssimas variantes (*Memórias*, IV, I, 16 e II, 5). A 23 de junho de 1944, D. José, Bispo de Leiria, autorizava a publicação e indulgenciava duas “orações que podem ser intercaladas nos mistérios do rosário”. A decisão de publicar as duas versões, praticamente ao mesmo nível de valor, embora com o esclarecimento de que a primeira “foi ensinada por Nossa Senhora à Ir. Lúcia, vidente de Fátima” (“Voz da Fátima”, 22 (262), 13 jul. 1944, p. 4, col. 4), não ajudou a impor, como fórmula única, aquela que era mais aceitável, em razão da sua origem. Durante algum tempo, verificou-se uma certa hesitação, mas, a pouco e pouco, foi-se deixando de usar a fórmula que refere “as almas do Purgatório”.

Na sua Quarta Memória, terminada em dezembro de 1941, a Irmã Lúcia escreveu sobre a terceira aparição, revelando mais uma jaculatória e descobrindo a primeira e segunda parte do segredo: “Momentos depois de termos chegado à Cova de Iria, junto da carrasqueira, entre numerosa multidão de povo, estando a rezar o terço, vimos o reflexo da costumada luz e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira.

– Vossemecê que me quer? – Perguntei.

– Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer.

– Quería pedir-Lhe para nos dizer quem é, para fazer um milagre com que todos acreditem que Vossemecê nos aparece.

– Continuem a vir aqui todos os meses. Em outubro, direi quem sou, o que quero e farei um milagre que todos hão-de ver, para acreditar.

Aqui, fiz alguns pedidos que não recordo bem quais foram. O que me lembro é que Nossa Senhora disse que era preciso rezarem o terço para alcançarem as graças durante o ano. E continuou:

– Sacrificai-vos pelos pecadores e dissei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

Ao dizer estas últimas palavras, abriu de novo as mãos, como nos dois meses passados.

O reflexo pareceu penetrar a terra e vimos como que um mar de fogo. Mergulhados em esse fogo, os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio, levadas pelas chamas que delas mesmas saíam juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas em os grandes incêndios, sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor (deveu ser ao deparar-me com esta vista que dei esse ai! que dizem ter-me ouvido) [(DCF I, Doc. 34, de 2 de março de 1919, p. 282)]. Os demónios distinguem-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa. Assustados e como que a pedir socorro, levantámos a vista para Nossa Senhora que nos disse, com bondade e tristeza:

– Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando verdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre.

Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé, etc.. Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo.

Quando rezais o terço, dissei, depois de cada mistério: Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem.

Seguiu-se um instante de silêncio e perguntei:

– Vossemecê não me quer mais nada?

– Não. Hoje não te quero mais nada.

E, como de costume, começou a elevar-se em direcção ao nascente até desaparecer na imensa distância do firmamento”

(*Memórias*, IV, II, 5).



Em 13 de maio de 2000, por ocasião da beatificação de Francisco e Jacinta Marto, o Papa João Paulo II, depois de ter obtido a confirmação, junto da Irmã Lúcia de Jesus e do Imaculado Coração de Maria, de que o texto escrito pela religiosa, quando era doroteia, a 3 de janeiro de 1944, e confiado à Santa Sé, no mês de abril de 1957, era a terceira parte do segredo de Fátima e nada mais tinha escrito, autorizou que fosse publicada, em resumo, no próprio dia 13 de maio de 2000 e na totalidade, no dia 26 de junho do mesmo ano, com uma introdução e um comentário teológico do então Cardeal Joseph Ratzinger, atualmente papa emérito Bento XVI: “A terceira parte do segredo revelado a 13 de julho de 1917 na Cova da Iria – Fátima: Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fogo em a mão esquerda; ao cintilar, despedia chamas que parecia iam incendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro. O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: Penitência, Penitência, Penitência! E vimos numa luz imensa que é Deus: “algo semelhante a como se vêem num espelho quando lhe passam por diante” um Bispo vestido de Branco “tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre”. Vários outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fora de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dor e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de joelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns atrás outros os Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas e várias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de várias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, neles recolhiam o sangue dos Mártires e com ele regavam as almas que se aproximavam de Deus. Tuy – 3.1.1944” (Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé – *A Mensagem de Fátima (O Segredo)*, Cidade do Vaticano, 2000).

II. Núcleos temáticos do 4.º ciclo



Mãe do Amor Misericordioso

Francisco Clemente Ruivo

Introdução

Ao iniciar esta nossa reflexão subordinada ao tema *Mãe do Amor Misericordioso*, no âmbito do grande itinerário que nos é proposto realizar para a celebração do Centenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima (1917-2017) faremos um percurso que nos situa na experiência de fé de Maria, tendo como base as narrações bíblicas (não que a Bíblia nos diga muita coisa sobre Maria em termos quantitativos, mas não deixa de ser muito em qualidade. É precisamente a partir destes dados que percebemos que Maria não é o centro do cristianismo, mas Maria é central nele), até ao desafio que nos é colocado de nos deixarmos seduzir pelo Deus misericordioso, o Deus de amor que não se cansa de nos convidar a uma atitude de verdadeira conversão. A conversão pressupõe a escuta e o acolhimento da Palavra como força transformadora da nossa vida. Uma vida que se quer dócil e generosa capaz de ser manifestação da misericórdia de Deus. A alegria de Deus é ver em cada um de nós a vontade firme de invocarmos com os lábios e com o coração as palavras do salmista: «Tende piedade de mim, Senhor, segundo a Vossa misericórdia, segundo a vossa misericórdia, apagai os meus pecados» (Sl 50,3).

Mantermos esta relação com Deus é fazermos uma verdadeira experiência de fé, no qual Maria é verdadeiro modelo de escuta e acolhimento à novidade que Deus traz à humanidade. Maria ajuda-nos a esta verdadeira compreensão da novidade de Deus, que no dizer do Papa Paulo VI «constitui uma chave para a compreensão exata do Mistério de Cristo e da Igreja» (Discurso a 21 de novembro de 1964). Já João Paulo II, por sua vez, acentuava que «Maria está no centro deste mistério» (RM, 51), em que somos levados a contemplar a divinização do homem e a humanização do Filho de Deus. Sem Maria não se pode falar de “humanidade de Deus”, pois, por Ela, abre-se definitivamente o novo tempo, o tempo da concretização das promessas de Deus ao seu povo, o tempo da salvação, o tempo da abundante misericórdia, do qual Maria é verdadeiro ícone.

1. Maria, ícone da misericórdia de Deus

Se é verdade que Maria é a mais santa de todas as criaturas desde o momento da sua concepção, não deixa de ser verdade que ela tem necessidade da misericórdia de Deus, porque ela não deixa de ser uma simples Criatura: é filha eleita do eterno Pai, mas limitada na contingência da sua natureza; mãe do Verbo encarnado, mas serve do Senhor; esposa do Espírito Santo, mas necessitada da sua intervenção onipotente e santificante, tal como afirma Lucas no seu evangelho: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso mesmo é que o Santo que vai nascer há de chamar-se Filho de Deus» (Lc, 1,35). Maria, assim como todo o povo peregrino de Israel, recitava em alta voz sobre as escadas do templo, o reconhecimento da bondade misericordiosa de Deus: «Eterna é a sua misericórdia» (Sal 136,1-26). Esta oração do povo peregrino era um verdadeiro eco da profissão de fé no percurso realizado pelo povo de Israel da escravidão do Egito à libertação da terra prometida: «O Senhor, Deus de piedade e de misericórdia, lento para a ira e rico de graça e fidelidade, que conserva graça por mil anos» (Ex 34,6 -7).



Neste sentido poderemos dizer que nos diversos momentos da história da salvação, Deus se manifesta como um Deus «compasso e misericordioso», assim o revelam as palavras que dirige a Moisés a partir da sarça-ardente: «Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel» (Ex 3,7-8). Este acontecimento do êxodo fica como o acontecimento «arquetipo do Deus de Israel, "compasso e misericordioso". Sob este título, tanto o israelita em si, como a comunidade no seu conjunto aprendem a conhecer e a invocar o Senhor, de uma geração à outra¹. Por isso o salmista, vê em cada momento da história da salvação a epifania da misericórdia do Senhor (cf. Sal 136,1-26). Assim, rezava Tobias «Todos os teus caminhos são graça e verdade» (Tob 3,2).

Maria experimentou esta misericórdia de Deus², naquele particular olhar que Deus lhe reservou e que transparece de forma luminosa nas palavras do *Magnificat*: «Porque olhou para a humildade da sua serva» (Lc 1,48). Este olhar de Deus sobre Maria é fruto da pura gratuidade. Por outro lado, Maria sente a absoluta necessidade de proclamar que «a sua misericórdia se estende de geração em geração»

1 A. SERRA, «L'Addolorata. Una icona da rivisitare?», in EphMar 218.

2 J. PAULO II, *Dives in Misericordia*, 9.

(Lc 1,50). Ela vibrou diante da vastidão da misericórdia de Deus, que quase como um rio inunda de geração em geração toda a humanidade³. A misericórdia divina cantada por Maria é verdadeiramente uma voz que se eleva de um coro imenso que abraça toda a história do Antigo e do Novo Testamento: «As palavras do *Magnificat* têm um conteúdo profético, que olha não somente o passado de Israel, mas também o inteiro Povo de Deus sobre a terra»⁴.

A atitude de humildade da Virgem, proclamada em Lc 1,48, consiste na obediência generosa que Ela presta a Deus e à sua Palavra; na prática, essa atitude corresponde à sua fé expressa no “Sim” (cf. Lc 1,38a.45). Diremos que a fé de Maria se insere perfeitamente no ritmo de Aliança, fé de um povo que o Senhor chama, conduz e alimenta pela Palavra. Em Maria encontramos a plena realização da fé de Israel: confiança na promessa feita por Deus ao seu Povo e a eficácia da Palavra de Deus que realiza sempre aquilo que anuncia (cf. Jer 1,12; Is 45,23). Por isso, fez com que o Senhor a gratificasse com um olhar particular de amor misericordioso e a escolhesse entre todas as mulheres, para fazer dela a Bem-aventurada (Lc 1,28), a mãe do Verbo encarnado, a cooperadora do Redentor na obra da salvação. A humildade de Maria não a impediu de reconhecer com sublime gratidão os frutos da divina misericórdia, na pequenez da sua pessoa. Como nos diz Aristides Serra, Maria é a pessoa que Deus quis gratificar com a sua benevolência, de modo que ela vivesse em si este dom a fim de responder com dignidade à sua vocação de Mãe de Cristo, Filho de Deus⁵. Ela reconhece-se membro daquela geração na qual a misericórdia divina influiu as suas riquezas e as suas graças: «A sua misericórdia se estende de geração em geração e a todos aqueles que o temem» (Lc 1,50). O *Magnificat* é um verdadeiro testemunho da gratidão de Maria para com Deus em favor do povo eleito, constituído herdeiro das promessas que sucessivamente fez a todo o ser humano de qualquer geração passada, presente e futura. Neste sentido diremos que o *Magnificat* revela o verdadeiro rosto de Deus, na medida em que se celebra no cântico o mistério pascal de Cristo, que é a Incarnação definitiva da misericórdia, o seu sinal histórico-salvífico e também escatológico⁶. O *Magnificat* manifesta portanto o verdadeiro rosto de Deus qualificado como um eterno *ejeqj*, como o testemunha toda a história salvífica, que em Cristo alcançou a absoluta plenitude e perfeição. A Virgem vê passar diante de si a imensa procissão das «novas gerações do Povo de Deus, assinaladas pelo sinal da Cruz e da Ressurreição e “seladas” com o sinal do mistério pascal de Cristo, revelação absoluta daquela misericórdia que Maria proclamou...»⁷.

De facto Maria não é uma simples espectadora que admira

3 Cf. Stefano DE FIORES, «Maria, Madre di Misericórdia», 46-47.

4 *Ibidem*, 47.

5 Cf. A. SERRA, *La Donna dell'Alleanza. Prefigurazione di Maria...*

6 Cf. J.PAULO II, *Dives in Misericordia*, 8.

7 *Ibidem*, 9.

a ação misericordiosa de Deus no palco da história. Maria descobre a misericórdia porque faz a experiência na sua vida, a um nível bem mais profundo e denso a que mais ninguém chegará. Maria «é aquela que conhece mais profundamente o mistério da misericórdia divina. Conhece o seu preço e sabe quanto é elevado. Neste sentido chamamos-lhe Mãe da misericórdia, Nossa Senhora da Misericórdia, ou Mãe da divina misericórdia. Em cada um destes títulos há um profundo significado teológico, porque exprimem a particular preparação da sua alma e de toda a sua pessoa, para torná-la capaz de descobrir, primeiro, através dos complexos acontecimentos de Israel e, depois, daqueles que dizem respeito a cada um dos homens e à humanidade inteira, a misericórdia da qual todos se tornam participantes...»⁸. Maria glorifica o Senhor e todo o seu ser exulta de alegria em Deus por causa da salvação, a qual se concretiza nos inúmeros gestos de misericórdia. Da ação de Deus somos convidados a voltarmos-nos para a sua face, à sua identidade. Maria é destinatária e testemunha das grandes obras de Deus. Ela celebra a “misericórdia” de Deus porque se sente grata de maneira direta e pessoal⁹. Maria faz a experiência de uma misericórdia infinita; por isso, dos seus lábios, brota um cântico sem fim à misericórdia de Deus.



2. Maria, a mulher da Compaixão

Maria praticou antes de mais a misericórdia segundo o seu unigénito, sobre o qual o trágico destino terreno era iluminado pela profecia de Simeão: «...Eis, que este menino foi colocado para a queda e para ressurgimento de muitos em Israel e como sinal de contradição – e a ti, uma espada trespassará a tua alma! – para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações» (Lc 2,34-35)¹⁰. João Paulo II chama a este encontro entre Maria e Simeão no templo de Jerusalém uma segunda Anunciação, porque este homem, “justo e temente a Deus”, mais não faz do que indicar a Maria «a concreta dimensão histórica na qual o Filho cumprirá a sua missão». A incompreensão e a dor serão inerentes à própria missão. Esta “segunda anunciação” se, por um lado, confirma o cumprimento das promessas da salvação, por outro lado, revela também que Maria deverá viver na obediência da fé com sofrimento ao lado do Salvador sofredor e que a sua maternidade será obscura e dolorosa.

Maria participa assim do destino de Jesus com a sua alma,

⁸ *Ibidem*, 9.

⁹ Cf. A. VALENTINI, “Maria canta a misericórdia de Deus”, in E. PERETTO, *Maria madre di misericórdia: monstra te esse matrem*, Vicenza 1999, 138.

¹⁰ (cf. J. PAULO II, *Redemptoris Mater*, 16).

isto é, com a sua vida íntima e total. Deus à luz Jesus, protegeu a vida de Jesus e guardou-a. A vida de Jesus é a sua própria vida. Maria é unida a Jesus em sentido universal (Jo 19,25-27). No dizer de Arnaldo Pinto Cardoso «Maria faz parte do Mistério de Cristo, e tanto pela sua relação maternal como pela qualidade testemunhal de discípula. Ela ajuda-nos a compreendê-lo e a servi-Lo melhor».

Significa que Maria se encontra em total cooperação com as gerações dos discípulos amados por Cristo, assim como realiza a profecia dos sentimentos maternos da cidade mãe de Jerusalém: «Como uma mãe consola um filho, assim eu vos consolarei; em Jerusalém vós sereis consolados» (Is 66,13). Diremos que Maria, Mãe de Jesus, se torna a personificação da nova Jerusalém-Mãe. Esta imagem na linguagem bíblica aplicada a Jerusalém, como também ao povo eleito (Os 1-3; Is 26,17-18), era habitualmente prefigurada na imagem de uma “mulher”, e só assim é compreensível que Jesus se dirija a sua mãe com o título de “mulher”. Jesus aponta, em Maria, a personificação da Jerusalém-Mãe, isto é a Igreja. Se o profeta Isaías dizia da antiga Jerusalém «Eis os teus filhos reunidos em conjunto» (60,4), agora Jesus diz a sua mãe: «Mulher, eis o teu filho» (Jo 19,26). Em tudo isto, Maria é o modelo de cada discípulo de Jesus como nos diz o Concílio na sua constituição *Lumen Gentium*:

«Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas singulares graças e funções está também a Virgem intimamente ligada à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, (...). Porque acreditando e obedecendo (...) sem a mais leve sombra de dúvida (...), deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogénito de muitos irmãos (Rom 8,29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe»¹¹.

Toda a Igreja se deve sentir comprometida na esteira de Maria em realizar a obra “materna” de regeneração e filiação divina. Só uma Igreja maternamente misericordiosa realiza plenamente a sua missão. Maria, sendo Igreja, ensinar-nos-á a sermos Igreja. Em Maria a Igreja vê plenamente realizada a condição do discípulo que acolhe a Palavra e a vive e a testemunha na comunidade. Como mãe do Messias, Maria experimenta não só a alegria (Lc, 1,28) mas também a grande dor (Lc, 2,35; Jo 19,26). Ela toma o seu verdadeiro lugar junto à cruz do Filho¹², para sentir dilatar a sua maternidade de modo a abraçar

¹¹ CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 63.

¹² J. PAULO II apresenta de forma muito bela a Mãe de Jesus como testemunha participante do acontecimento da redenção, vista como um ósculo de amor da misericórdia com a justiça: «Nenhum experimentou, a par da Mãe do Crucificado, o mistério da cruz, o perturbante encontro da transcendente justiça divina com o amor: aquele “beijo” dado da misericórdia à justiça. Ninguém a par dela, Maria, acolheu com o coração aquele mistério» (cf. ID., *Dives in Misericordia*, 9).

todos os filhos de Deus que se encontram dispersos¹³. É precisamente sobre o Calvário que Maria é constituída Mãe universal (Jo 19,25-27). Jesus no Calvário confia a Maria a vida dos seus discípulos, a Igreja, a humanidade inteira. Maria alarga de tal modo a sua vocação de Mãe, que se torna a mãe desta humanidade redimida.

É como mãe da Igreja que Maria se torna o rosto materno e cheio de compaixão. A Igreja sacramento de Cristo, misericórdia do Pai, mediante os sacramentos e o testemunho da sua caridade, celebra na história a liturgia da misericórdia. Sustentada pela intercessão de Maria, a Igreja, escreve no tempo e no espaço a história da misericórdia divina no confronto com as misérias humanas (os sem esperança, os sem alegria, os que não têm acesso à educação e cultura, os que não têm pão nem trabalho, os que vivem nas periferias da vida), tornando-se uma Igreja samaritana que vive e pratica a misericórdia.

Por isso, a Igreja, inspirando-se em Maria, construiu na história uma verdadeira civilização da misericórdia, do acolhimento, da ternura, tocando todos os aspetos da vida humana. E nesta perspectiva, diremos que Maria é verdadeiramente mulher de compaixão para com todos os seus filhos que buscam a salvação. Só uma Igreja “samaritana”, isto é, uma Igreja carregada de gestos concretos de misericórdia poderá tocar o homem contemporâneo, levá-lo a redescobrir-se na relação com Deus e a deixar-se abraçar pelo abraço da misericórdia. Pois, é neste contexto que sempre se desenrolou e continua a desenrolar a missão de Maria, a mulher cheia de compaixão pelos seus filhos. Maria não só é testemunha, profetisa e ícone da misericórdia de Deus, como está sobretudo presente e ativa na construção da civilização do amor misericordioso. O seu olhar de mãe amorosa e de ternura continua ainda hoje a pousar sobre seus filhos, suscitando neles o desejo de uma nova força para realizar o sonho de Deus sobre terra: «Sede misericordiosos como é misericordioso o vosso Pai celeste» (Lc 3,36).

¹³ Poderemos perguntar do mesmo modo que o fez o autor A. Serra «Quem são estes “dispersos filhos de Deus”?». Para análise desta expressão devemos distinguir dois momentos: no primeiro momento distinguimos o período que vai do exílio da Babilónia até aos tempos de Jesus, no qual os “filhos dispersos de Israel” são os hebreus extraditados da própria terra e deportados para o exílio, em particular a Babilónia. Numa leitura profética, o exílio aparecia como consequência de uma falta de obediência por parte do povo às leis de Deus. O exílio era uma experiência de “não povo”. A imagem que o profeta Ezequiel nos apresenta dos “ossos ressequidos” é paradigmática desta realidade de “não povo” (Ez 37). Nesta experiência de exílio, os profetas têm um papel determinante no apelo que fazem aos irmãos para se converterem e “voltarem” ao Senhor. Este voltar ao Senhor significa o voltar à sua terra e, por isso mesmo, o passar do “não povo” a ser de novo “povo de Deus”. Isto é, passarem da situação de “filhos dispersos” a “filhos reunidos” no Senhor. O segundo momento caracteriza-se pela leitura que os evangelistas fazem das profecias do Antigo Testamento no que se refere à “reunião dos dispersos” e leem-nas à luz do mistério pascal. Jesus como Servo sofredor, “Cordeiro de Deus” (Jo1,29.36), é aquele que reconduz à unidade os filhos dispersos de Deus (Jo 11,52). São chamados “dispersos enquanto estão mortos” (Jo 5,25). São chamados “filhos de Deus” por antecipação, porque acolheram Jesus e a sua Palavra (Jo 1,12); cf A. SERRA, *Maria secondo il Vangelo*, 153-157.

3. O Amor como síntese da Vida cristã

A Igreja foi instituída por Cristo para continuar no mundo a sua atividade (Mt 28,19-20; Mc 16,16-18), no ensinamento do amor-misericórdia como o atesta a Escritura, a Tradição e a própria fé do povo cristão. Ao dirigir-se aos próprios fiéis e ao mundo ainda não cristão, a Igreja não faz outra coisa que não seja apresentar a Cristo, cume do amor de Deus, concentrando-se na sua vida e no seu evangelho, em concreto sobre a sua cruz e a sua ressurreição, na qual resplandece o amor do Pai que O enviou sobre a terra para o testemunhar.

Esta é sem dúvida, em cada momento, a missão da Igreja no sentido de revelar aos homens de cada tempo a verdadeira misericórdia de Deus; que o mesmo é dizer ser presença misericordiosa junto dos homens. Deus continua a querer dizer aos homens de cada tempo que os ama, e que só no amor experimentamos a sua misericórdia.

Tal como Maria fez a experiência da misericórdia de Deus, também a Igreja, em cada tempo, deve fazer esta mesma experiência. Deus manifesta de forma gratuita o amor pela humanidade; Maria, no amor a Deus, acolhe o convite de Deus feito pelo anjo Gabriel (Lc 1,26-38), por isso, a Igreja é o lugar da aprendizagem deste mesmo amor, que fará de nós novas criaturas.

Deixar-se amar e ser capaz de amar é fruto da atitude misericordiosa do Pai, que «amou de tal modo o mundo que nos deu o Seu Filho unigénito para que todo aquele que n'Ele acredita não morra mas tenha a vida eterna». Não basta falar da misericórdia, é preciso realizá-la como caminho de conversão¹⁴, como expressão de um povo que se ama: «Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como Eu vos amei, amai-vos uns aos outros» (Jo 13,34). Fazer este caminho, que é sempre gerador de novos dinamismos, é caminhar com Cristo e para Cristo; o mesmo é dizer fazer encontro com Cristo, como disse o Papa Bento XVI, na encíclica *Deus caritas est*: «o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e que o fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus» (DC,16). A conversão “é sempre fruto do encontro com este Pai que é rico em misericórdia”¹⁵.

A Igreja, enquanto manifestação da misericórdia de Deus, revela aos homens de cada tempo a beleza deste amor benigno e compassivo, que nos leva a mudarmos o nosso olhar sobre o mundo e

¹⁴ O Concílio Vaticano II apresenta-nos a Igreja em caminho, fazendo analogia com o povo de Israel que caminhou através do deserto. Revela-se exteriormente mostrando-se visível no tempo e no espaço, isto é, na sua dimensão histórica «devendo estender-se a toda a terra, entra na história dos homens, mas ao mesmo tempo transcende os tempos e os confins dos povos». Mas salienta ainda que a verdadeira peregrinação é interior. Trata-se de uma peregrinação mediante a fé, “por virtude do Senhor ressuscitado”, de uma peregrinação no Espírito Santo dado à Igreja como “verdadeiro Consolador” (Jo 14,26; 15,26; 16,7). É neste mesmo caminho-peregrinação eclesial através do espaço e do tempo que Maria está presente, como aquela que é “feliz porque acreditou”, como aquela que «caminhava na peregrinação da fé participando como nenhuma outra criatura no mistério de Cristo» (cf. *Ibidem*, 25).

¹⁵ J. PAULO II, *Ibid*, 13

sobre os homens: «só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama» (*Deus veritate est*, 18). Assim nos ensina Maria após o encontro com o anjo Gabriel, no qual mostra a sua total disponibilidade para servir no amor a sua prima Isabel, grávida de João Batista. É neste quadro de verdadeira revelação do amor gratuito de Deus que é proclamada a bem-aventurança: «Feliz a que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor, será cumprido» (Lc 1,45).

A Igreja, enquanto manifestação da misericórdia de Deus, revela aos homens do nosso tempo a obra salvífica de Cristo. Para conseguir este fim, devemos em todas as épocas escutar os “sinais dos tempos” e interpretá-los à luz do evangelho de modo que possamos responder às grandes questões dos homens sobre o sentido da vida. Convém, pois, compreender o mundo em que vivemos, não apenas as esperanças e anseios, mas também os dramas e o seu carácter frequentemente dramático (GS 4; cf. GS 44). Este olhar de compaixão para com os homens do nosso tempo implica da nossa parte uma atitude de coragem, como nos diz o Papa Francisco: é necessário “sujar as mãos”, principalmente para com os mais necessitados. Quando amamos de verdade os nossos irmãos, porque amamos de verdade a Deus, somos capazes de muito, entregamo-nos, servimos e, deste modo, realizamos o pedido que Nossa Senhora fez neste lugar a 13 de julho: «sacrificai-vos pelos pecadores...»

O amor cresce através do amor, realiza a vontade de Deus a nosso respeito, torna-nos autênticos, gera a fraternidade, cria laços de amizade, porque o amor «vem de Deus e nos une a Deus, e através deste processo unificador, transforma-nos em um Nós, que supera as nossas divisões e nos faz ser um só, até que, no fim, Deus seja “tudo em todos”» (1Cor 15,28).

O discernimento dos “sinais dos tempos” é tarefa inerente à missão da Igreja. Pois, o continuado esforço do povo de Deus em discernir os sinais da presença e vontade de Deus (GS 11) é sempre revelador do rosto misericordioso da Igreja. Sermos Igreja é fazermos a experiência do amor de Deus, é mostrarmos que a vida do homem só tem sentido à luz da vida de Cristo, que o mistério do homem só toma significado à luz do mistério do Verbo Encarnado¹⁶.

¹⁶ O Concílio Vaticano II é exímio ao falar-nos da dignidade do homem em referência a Cristo: «Ele que é “imagem de Deus invisível” (Col 1,15) é também o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que n’Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em nós foi elevada à sublime dignidade. Porque pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem (...). Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado»; CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 22.

BIBLIOGRAFIA

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, Sessão V, 21 de novembro 1964, AAS 57 (1965) 5-67.

_____, Constituição Pastoral sobre a Igreja *Gaudium et Spes*, Sessão IX, 7 de dezembro 1965, AAS 58 (1966) 1025-1115.

J. PAULO II, Carta Encíclica *Dives in Misericordia*, 30 de novembro 1980, AAS 72 (1980) 1117-1232.

_____, Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, 25 de março 1987 AAS 79 (1987) 361-433.

GAMBERO, L., «Maria e il mistero della misericordia di Dio», in E. PERETTO, *Maria madre di misericordia. Mostra te esse matrem*, Messaggero Padova, Padova 1999.

SERRA, A., *Maria secondo il Vangelo*, Queriniana, Brescia 1987.

_____, «L'Addolorata. Una icona da rivisitare?», *Ephemerides Mariologicae* 54 (2004), 215-254.

_____, *La Donna dell'Alleanza. Prefigurazioni di Maria nell'Antico Testamento*, Messaggero, Padova 2006.



Até quando clamarei? (Hab 1,2)

João Duque

1. O problema do sofrimento é, sem dúvida, o grande problema da humanidade. Rigorosamente, é o seu único problema. De facto, podemos partir de uma definição fundamental e genérica de sofrimento como o sentimento de desadequação entre aquilo que (nos) acontece e aquilo que (nos) deveria acontecer. Porque o que acontece não corresponde ao que desejamos que aconteça, sofreremos com essa desadequação. O sofrimento é, pois, sempre algo ligado ao âmbito do desejo e do sentimento. E aquilo que nos faz sofrer é considerado manifestação do mal, precisamente por ser o que não deveria ser.

Nesse sentido, é difícil definir objetivamente o sofrimento, pois algo que pode causar sofrimento a uns, pode não causar sofrimento a outros. É claro que podemos encontrar constantes universais no sentimento de sofrimento, relativamente a determinadas experiências. Por exemplo, a mais forte experiência da injustiça, que impulsivamente sentimos que não devia ser, é talvez a mais comum experiência do sofrimento. De facto, muitos modos de aparente sofrimento – como nalguns casos a dor física – podem não o ser, na medida em que se lhes encontra um sentido (como a dor do atleta, para alcançar a vitória). Mas quando se trata de injustiça, somos confrontados com a ausência de sentido e a inutilidade do que sentimos como sofrimento. É nessa experiência da inutilidade do sofrimento que somos confrontados de forma mais radical com o seu problema.

É nessa situação extrema – quando sofreremos e não vemos sentido ou finalidade alguma no nosso sofrimento – que se levantam as interrogações mais fortes. Porque sofreremos nós, se não vemos nisso qualquer utilidade e finalidade? Porque me acontece isto precisamente a mim, ou então ao inocente (como no caso das crianças)? Porque possui a criação essa característica, se o seu Criador é bom e onipotente? Não será isso a manifestação do absurdo do mundo? Mas se o mundo é absurdo, porque vivemos nós?

Estas são algumas das questões de sempre, em relação ao problema do sofrimento. Dão-nos delas testemunho os textos mais antigos, passando pelas grandes obras religiosas – com saliência para



a Escritura hebraica – até aos grandes textos dos filósofos e dos escritores. Alguns deles, como os de Dostoiévsky e os de Albert Camus, por exemplo, tornaram-se símbolos emblemáticos destas questões, levadas à sua exposição mais radical. Em muitos casos, chega a colocar-se a existência de Deus em questão, frente a tamanho desacerto; noutros casos, pelas mesmas razões, invoca-se a necessidade da existência de Deus, precisamente como fundamento da esperança de que o mundo faça sentido, apesar do mal patente no sofrimento inútil. Seja como for, as fortes e mesmo dramáticas interrogações em torno da questão do sofrimento têm conduzido a numerosas tentativas de solução.

2. A resposta mais popular e expandida em todas as culturas, desde as mais antigas, é a que atribui o sofrimento à culpa humana, considerando-o sempre um castigo pelo mal feito anteriormente. Aquele que sofre seria, portanto, sempre merecedor desse sofrimento. Se não pode ver claramente essa relação na sua atuação conhecida, acaba por considerar que a culpa que origina essa punição, ou resulta de vidas anteriores, ou então das ações dos antepassados. O sofrimento assim compreendido torna-se lógico e justificado, ajudando mesmo a expiar a culpa pelo mal cometido.

É certo que muito do sofrimento de que padecemos se pode atribuir diretamente a culpa nossa. Mas é muito difícil enquadrar nesse esquema todo o tipo de sofrimento. Sobretudo nas culturas que atribuem muito peso à responsabilidade e à liberdade individuais – como é a cultura de raiz bíblica – este tipo de explicação esbarra com imensas dificuldades. É o que pretende ensinar o livro de Job, que contesta estas explicações imediatas, simplistas e populares.

A par desta leitura mais popular, existe uma mais erudita, que acaba por ser o oposto. O sofrimento não se deve a nenhuma ação humana nem é resultado de nenhuma culpa, mas simples decisão dos deuses, ou puro acaso do destino, contra o qual os humanos nada podem. Nalgumas versões desta explicação, os deuses ou os princípios que originam o mundo dividem-se em mal e em bem, sendo a história humana uma permanente luta entre estes dois princípios, de que os humanos apenas são as vítimas. A revolta contra o sofrimento não faz pois sentido e nada adianta. Resta, como solução, ou a pura dissolução no sentimento de absurdo incontornável, ou a pura resignação àquilo que acontece, simplesmente porque assim está escrito no destino.

Em parte como continuidade desta explicação, uma tradição pragmática – em que poderemos, *grosso modo*, inserir a tradição bu-



disto – considera que, pela via da resignação, cada sujeito pode de tal modo conformar-se com o que acontece, que deixa de sofrer – ou de se alegrar – com os acontecimentos. Já que não os pode alterar, pode pelo menos alterar o seu sentimento individual em relação a eles, evitando assim o seu efeito de sofrimento. Na prática, trata-se de conseguir viver como se o sofrimento não existisse, precisamente conseguindo não sofrer com aquilo que, normalmente, nos faz sofrer.

Uma das respostas mais radicais, contudo, é a afirmação da inexistência real do sofrimento. Seja porque é expressão do nada – portanto, daquilo que não é – seja porque é considerado apenas efeito ilusório da nossa postura psíquica, o sofrimento é considerado, por muitas tradições culturais, religiosas e filosóficas, como ilusão que deve ser superada. A solução encontra-se, portanto, na postura do indivíduo e não num estado exterior de coisas. O trabalho do indivíduo sobre a sua postura é que permite a superação de toda a sensação de sofrimento, resolvendo assim todos os problemas que lhe são inerentes.

3. O problema desta solução – que, em última instância, pode ser considerada representante de todas as outras – é que implica, de certo modo, uma fuga da realidade. De facto e antes de tudo, o único modo de deixar de sentir um acontecimento como causador de sofrimento é conseguir um estado de espírito que esteja alheio a tudo o que acontece ao indivíduo e o afeta. A afetação – relacionada com o verbo grego *pathein*, de que resulta a *pathia* – do indivíduo por algo é sempre já o início do sofrimento – ou da alegria e bem-estar – possível. Por isso, o processo da sua anulação terá de conseguir a completa *a-pathia* do sujeito, para que por nada se deixe afetar – nem por sensações positivas nem negativas. O sujeito *apático* – que chega a superar todo o dinamismo do desejo, como no budismo –, será o único que não pode ser atingido pelo sofrimento. Mas esse sujeito é, ao mesmo tempo, um sujeito completamente alheio ao mundo exterior que o rodeia e que poderia afetá-lo. Esse alheamento implica, pois, o refúgio num mundo fechado sobre si mesmo, ideal, alheio à realidade. É, pois, um mundo de ilusão. A superação do sofrimento não significaria, portanto, a superação dos acontecimentos que nos fazem sofrer, mas a fuga da sua realidade, para uma idealidade que o sujeito constrói para si mesmo.

As vias para a construção desse mundo ilusório, capaz de desviar o sujeito da realidade e de o fazer mergulhar num mundo ideal, em que nenhum sofrimento o atinge – porque esse mundo é

feito sem sofrimento, ou como se o sofrimento não existisse –, têm sido várias, ao longo dos séculos. No fundo, esse processo tem animado todas as utopias que se foram construindo ao longo da história humana. Na atualidade, sobressai um via extraordinária, devido aos recursos tecnológicos envolvidos: trata-se da via dos media, sobretudo da construção virtual da realidade em rede. Por essa via, através da construção de um mundo virtual sem sofrimento, o sujeito envolvido *on-line* chega a atingir um paradigma de existência em que não sente sofrimento algum. Que esse mundo assim construído seja ilusório e implique uma fuga do mundo real é algo insignificante, neste contexto, em que o mundo ideal – ainda que virtual – parece ser sempre melhor do que o mundo real.

À partida e se o problema do sofrimento fosse apenas um sentimento de cada indivíduo, que pode ser alterado e transformado positivamente ou anulado, poderíamos considerar que hoje possuímos meios sofisticados, suficientemente eficazes para superar finalmente esse sentimento negativo, resolvendo-se assim um problema de séculos. A questão é que isso não altera a realidade fenomenológica daquilo que, de facto, não deveria ser, mesmo que não nos provoque sofrimento – como é o caso da injustiça. Aliás, com essa transformação do nosso sentimento atingiríamos um patamar que, em sentido ético, não deveria, ele mesmo, ser e, por isso, deveria fazer-nos sofrer, mesmo que em realidade já não faça: o patamar da insensibilidade à injustiça.



4. A este nível da questão introduz-se um fator essencial na compreensão da nossa relação ao sofrimento: o significado do *sofrimento do outro*, no processo da nossa relação a esta questão ancestral. A nossa sensibilidade à justiça – que nos faz sofrer com a injustiça, a não ser que tenhamos essa sensibilidade neutralizada –, é antes de tudo sensibilidade à justiça (ou à injustiça, pela negativa) em relação ao outro. Mesmo que conseguíssemos, de modo eventualmente louvável, tolerar a injustiça em relação a nós próprios, a ponto de já não sofreremos com isso (o que é muito difícil...), em realidade nunca deveríamos, por princípio ético, tolerar qualquer tipo de injustiça em relação aos outros, ficando-lhe insensíveis.

Este princípio ético e antropológico fundamental – o do dever de sentir o sofrimento do outro como algo que não deveria ser e, por isso mesmo, nos faz sofrer – revela, por sua vez, em que medida as soluções apontadas para o problema do sofrimento – a medida em que desviam deste sentimento fundamental, refugiando o sujeito num mundo ilusório que não leva em conta aquilo que de mal

acontece aos outro – são soluções eticamente inaceitáveis. E temos de admitir que, na história da humanidade, foi sobretudo a visão do mundo introduzida pelos povos bíblicos e pelos seus escritos que mais salientou, pela negativa, a impossibilidade ética de se ficar insensível ao sofrimento do outro e, pela positiva, a obrigação de se ser solidário – de ser *sim-pático*, no sentido estrito do termo – com o sofrimento dos outros, sofrendo em si mesmo aquilo que atinge os inocentes da humanidade.

Esta dinâmica ganhou expressão em muitos texto bíblicos – como é o caso dos textos dos salmos – sobretudo na forma frequente do clamor, dirigido a Deus, que reclama um outro modo de ser do mundo, questionando Deus, diretamente, sobre o porquê da demora dessa transformação. “Até quando?” passa a ser uma expressão frequente, que revela o correto modo de encararmos o sofrimento – sobretudo o dos outros, que nos faz sofrer – na esperança impaciente e quase angustiada de que esse sofrimento não tenha a última palavra sobre nós, humanos.

5. É claro que, também nesta perspectiva humana e mesmo teológica, que não ignora o sofrimento e espera a sua superação, as expectativas podem ainda perturbar-se. É frequente, por vezes, o desejo demasiado imediato de uma intervenção poderosa de Deus que, finalmente, coloque as coisas no seu lugar e acabe de vez com o sofrimento inocente, sobretudo com aquele que é resultado da ação dos humanos uns sobre os outros. Criam-se, assim, esquemas simplistas, que dividem o mundo claramente em bons e maus, e que esperam uma intervenção direta de Deus, para aniquilar os maus e compensar os bons. Estas expectativas são compreensíveis, sobretudo em situações de sofrimento extremo. Mas, no seu simplismo, acabam por conduzir a leituras da história insustentáveis, que não permitem qualquer compreensão adequada da intervenção de Deus.

Em Jesus Cristo – e já antes, sobretudo pela atuação dos profetas – Deus revelou que o forte e legítimo desejo humano da superação do sofrimento, por dádiva de Deus, não pode ser mal entendido como intervenção direta e justiceira de Deus – pois, em realidade e pela história da humanidade, teríamos talvez mais razões para o considerar injusto do que justo... O processo de superação do sofrimento é mais complexo e passa pelo respeito da liberdade humana, na condução da história, mesmo que essa liberdade conduza a perversões da sua atuação e, por isso, à produção de sofrimento. Nas condições da história livre da humanidade, há sempre a possibilidade de que a relação humana seja marcada pelo ódio e, por isso, pela vi-



timação, originando o sofrimento de inocentes. Deus, como mostrou em Jesus Cristo, não elimina diretamente esses acontecimentos, mas inverte o seu sentido, introduzindo um dinamismo na história, que possibilita a esperança da superação do sofrimento, na definitiva ou escatológica eliminação desses acontecimentos.

Foi sobretudo no processo da sua paixão – como desfecho consequente de um modo de ser para os outros – que em Jesus Cristo Deus mostra que o sofrimento não é bom nem terá a última palavra sobre os humanos, mas que a sua superação implica um caminho que o assume, não lhe fugindo, e assume o destino daqueles que são atingidos inocentemente por ele. Por isso, Deus, em Jesus Cristo, não foge ao sofrimento, com ilusões teóricas, psicológicas ou mesmo pragmáticas, como se o sofrimento dos seus conterrâneos e contemporâneos não existisse. Enfrenta o sofrimento dos outros, fazendo-o seu. Ao assumir a responsabilidade por esse sofrimento, vai ao ponto de se substituir aos que sofrem, assumindo livremente o seu lugar. Ao fazê-lo, mostra que uma força maior que o sofrimento – a força do amor – pode penetrar o sofrimento por dentro, abrindo nele a brecha de uma esperança: a esperança de que a força do amor de Deus, que dá a vida gratuita e livremente pelos outros, seja uma força superior à força do mal e do sofrimento. É nessa esperança que a humanidade será salva e encontrará a definitiva superação do maior dos seus problemas.

Essa força é, por um lado, força humana, pois o amor entre os humanos, como dádiva da vida aos outros e pelos outros é, precisamente, a única saída possível para a superação do sofrimento; mas não é suficiente que seja humana, pois em realidade nunca conseguiria romper o círculo vicioso do sofrimento, sofrendo mais. Aquilo que a visão bíblica do mundo propõe – e que, em Jesus Cristo, se torna claro – é que só a força do amor de Deus pode verdadeira e definitivamente superar o sofrimento. Mesmo que a força do seu amor só aconteça, na história humana, através da força do amor humano, é a sua dimensão divina que lhe confere a capacidade definitiva para tamanho feito. Caso contrário, permaneceremos prisioneiros de meras ilusões de superar o sofrimento.

Nesse, sentido, a chave última para a grave questão do sofrimento é a esperança e a confiança na força do amor de Deus. Mesmo que tudo pareça correr ao contrário e já não reste mais em que esperar, o amor de Deus não nos abandona; mesmo que nos julgemos já esquecidos de todos e da própria história – muito mais da «sorte» – Deus não se esquecerá de nós, ainda que pareça demorar o efeito do seu amor; ainda que pareça ausente da nossa história de sofrimento. Nenhum texto melhor do que Isaias poderia exprimir o sentimento em que vivem os crentes: “Porém Sião diz: Já me desamparou o Senhor, e o meu Senhor esqueceu-se de mim. Porventura



pode uma mulher esquecer-se tanto do seu filho que cria, que não se compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas, ainda que esta se esquecesse dele, eu não me esquecerei de ti” (Is 49,14-15).

Leituras aconselhadas:

AaVv, *Mysterium Redemptionis. Atas do Congresso Internacional de Fátima*, Fátima 2003, esp. 381-403;

V. COUTINHO (Coord.), *Jacinta Marto: do encontro à compaixão*, Fátima: Santuário de Fátima, 2010, esp. 163-178.



'Amou-nos até ao fim'. Desvendando o '(pro)fundó' do amor de Deus

Luísa Maria Almendra

A fé em Jesus Cristo impele-nos a viver da certeza de um amor singular que, no testemunho dos primeiros cristãos, emerge reconhecido como um amor até ao fim. Quando a nossa fé balbucia a afirmação que dá o título a esta apresentação ('Amou-nos até ao fim'), é neste testemunho que ela se sustém. Não duvidamos que o melhor suporte desta expressão é toda a vida de Jesus, a sua palavra e ação. Porém, o fundamento escrito mais explícito localiza-se em Jo 13,1, onde a narrativa evangélica expõe o momento e as palavras de despedida de Jesus aos seus. A relevância destas palavras é desmedida e, talvez, por isso, os exegetas debatam todos os detalhes, possibilidades filológicas e semânticas, oscilando, por exemplo, entre a tradução '*amou-os até ao fim*' e '*amou-os até ao limite*'. A possibilidade destas duas traduções permite não só uma alusão direta ao sofrimento de Jesus Cristo nos últimos momentos da sua existência terrena, como também uma referência à peculiaridade da sua vida. Ao perceber que chegara '*a hora de passar deste mundo para o Pai*', Jesus que vivera toda a sua vida num amor profundo não recua perante o sofrimento de uma morte e de uma morte de cruz. Assume o sofrimento como assumira cada momento da sua vida, transbordando uma profunda humanidade e amor. Porém, ele que amara sempre com um amor impar, neste momento derradeiro ousa expor-se à perfeição de um amor até ao fim, até ao limite.

Sustentados por esta certeza e por este testemunho, percebemos que embora os últimos momentos da vida terrena de Jesus tenham sido marcados por um sofrimento atroz, desde muito cedo os primeiros cristãos entenderam este sofrimento como uma ma-

1. Está em causa a tradução da expressão *εις τέλος* ... e dos verbos *ἀγαπήσας* e *ἠγάπησεν*. Cf. J. ZUMSTEIN, «La communauté johannique et son histoire», in J. ZUMSTEIN - J. KAESTLI; J.M. POFFET (Eds.), *La communauté johannique et son histoire: La trajectoire de l'Évangile de Jean aux deux premiers siècles* (Le Monde de la Bible, 20 : Labor et Fides ; Genève, 1990, 359-374).

nifestação de amor, o maior, o mais excelente. Neste sentido, sem deixar de nos descrever a cadência terrivelmente sofredora de cada momento que leva Jesus até à morte, eles persistem em assegurar-nos que o amor que selara cada gesto de Jesus, cada palavra e cada olhar, não recua perante acusação ou a afronta, não se evade diante do fim eminente, tornando-se um amor até ao fim, até ao limite. É deste modo que se ergue a consistência de uma tradição oral e escrita que alimenta ainda hoje a fé da Igreja; uma tradição que permite na pessoa e vida de Jesus Cristo uma total identificação entre amor e sofrimento.

Perante o sofrimento, os que estão mais 'longe' ou mais 'perto' da Fé, todos nos questionamos sobre Deus e sobre a nossa existência humana. Não é possível ficar indiferente, porque isso significaria virar as costas ao sentido da nossa existência, reduzindo-a à mera sobrevivência. Perante o amor-sofrimento de Cristo até ao limite, nós somos instigados a repensar o sentido da nossa vida e nele a possibilidade do sofrimento também como Dom. Somos incitados a ponderar a certeza de um Deus que no amor-sofrimento do seu Filho, Jesus Cristo, sofre com e por toda a humanidade, entendendo que contemplar o amor até ao fim-limite, na pessoa de Jesus Cristo, é essencialmente apelo a um contínuo desvendar do (pro)fundos de Deus. Em Jesus Cristo, entre palavras-ação e surpreendentes silêncios, Deus ama simples e exclusivamente (*'De tal modo o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele creê não se perca, mas tenha a vida eterna'* Jo 3,16).

Ao repensar o sentido da vida e a certeza de um Deus que, em Jesus Cristo, nos ama até ao limite, todos somos impelidos a refletir a inevitável realidade do sofrimento. Esta reflexão guia o ser humano até ele mesmo e torna-se o grande roteiro para um encontro espantoso com Deus. Ali é impossível esquecer Jesus na cruz. Ali todo o ser humano crente e sofredor, que procura o sentido da sua vida, experimenta não só **a humanidade face-a-face com Deus**, mas também o **próprio Deus face-a-face com a humanidade**.

A HUMANIDADE FACE-A-FACE COM DEUS

Curiosamente, já antes de Jesus Cristo, a narrativa bíblica colocara na dinâmica da Revelação um paradigma admirável da humanidade face-a-face com Deus: a pessoa/figura de Job. No decorrer de uma narrativa rica de detalhes e de imagens, o autor bíblico coloca-nos perante um Job que insiste até ao limite numa extenuante

procura de sentido para a sua vida e para o seu sofrimento, traduzidos por um desejo indisputável de um face-a-face com Deus (cf. Jb 19,26-27; 42,5). Este é o suporte da metáfora que dá consistência e grandeza ao Livro de Job. Tomemo-lo como paradigma, também, de procura de sentido para um sofrimento que procura integrar a dinâmica do amor mais excelente.

a. Repensar o sentido do amor-sofrimento

Perante as vicissitudes de um sofrimento inexplicável, Job – *um ser humano íntegro e cheio de temor de Deus* (cf. Jb 1,1) – confundeu-nos, oscilando entre a condescendência crente (cf. Jb 1,20-22; 2,10) e o ilimitado desejo de entender o agir de Deus, que parece obstruir qualquer sentido para a sua vida (cf. Jb 3,1-26)². No seu lamento inicial, Job reconhece convictamente o mistério da transcendência divina que ele diz envolver por todos os lados (cf. Jb 19,8-13) e acredita que nada acontece na criação à margem da Sabedoria Divina, nem mesmo o sofrimento (cf. Jb 9,4-11). No entanto, Job pressente que Deus é inatingível para o ser humano, restando-lhe implorar a sua misericórdia (cf. Jb 9,11-19). É um facto que o autor bíblico parece concentrar-se sobretudo na angústia de Job, explorando a intensidade do drama que inquieta a sua reflexão. No entanto, tal como todo o inocente anseia por um juiz que confirme a sua inocência (cf. Jb 9,33-35), também é insuportável para quem sofre sobreviver sem se virar para um 'deus / Deus' em busca de respostas e de sentido (cf. Jb 6,11-12; 7,17.21...)³.

As palavras e as muitas perguntas de Job conferem à pergunta de sentido sobre a vida uma linguagem surpreendente. Ela mergulha-nos em cheio no âmago da vida, sem desrespeitar ou escamotear o sofrimento humano em nome de uma religiosidade, frequentemente entendida como mais ou menos desvirtuada (*'Não são breves os dias da minha vida? Que Deus se afaste e me deixe, para que eu tenha um pouco de conforto, antes de partir, para não mais voltar, para a região das trevas e da escuridão, terra tenebrosa e sombria, de escuridão e confusão, onde a própria luz é sombra.'* Jb 10,20-22). Para o autor, Job não pode recusar ser ele próprio, nem face a si mesmo ou aos amigos, nem diante de Deus. Da sua coerência depende a sua identidade. É uma religiosidade rara a sua. Sempre foi e será. Quem não queira fechar os olhos sente o mesmo escândalo

² As nossas observações fundamentam-se nos estudos de É. DHORME, *A Commentary on the Book of Job* (Nashville, TN 21984) 126-132; N.C. HABEL, *The Book of Job: A Commentary* (London 1985); J.E. HARTLEY, *The Book of Job* (NICOT 66; Grand Rapids, MI 21991); NEWSOM, C.A., "The Book of Job. Introduction, Commentary, and Reflections", *The New Interpreters' Bible*, IV (Nashville, TN 1996); J. LÉVÉQUE, *Job ou le drame de la foi* (LD 216; Cerf; Paris 2007).

³ São muito oportunos a este respeito os estudos de D. ATTINGER, *Parlare di Dio o parlare con lui. Il libro di Giobbe. Commento esegetico-spirituale* (Magnano 2004) e de F. MIES, *L'espérance de Job* (BETL 193; Leuven 2006) 14-28.

que o autor. É aqui que Job e o crente de todos os tempos se veem numa situação ainda mais difícil que a de um ateu: a de tender a concordar com Job, que as teorias defensivas de um Deus justo, perante o sofrimento injusto, são razões de cinza, defesas de barro (*‘Os vossos argumentos são razões de cinza, e as vossas defesas são de barro.’* Jb 13,12).

É esta a ineludível condição humana de Job e de cada um de nós. Na verdade, para quem tem fé em Deus e na sua existência real, o questionamento sobre o sofrimento integra contornos específicos. A impossibilidade de negar Deus e o sofrimento obriga a conciliar, numa compreensão razoável, a inevitabilidade da coexistência de ambos. O Livro de Job é, sem dúvida, o excelente representante de uma tentativa de conciliação: nele o autor admite, na pessoa e drama de Job, por um lado, um Deus criador, amante e compassivo e, por outro, o sofrimento da sua criatura, tantas vezes incompreensível. Durante séculos, os sábios de Israel refletiram, meditaram, escutaram e debateram a vida à luz da fé, num Deus único. Foi progressivamente que aprenderam a acreditar que a Criação resultara de um projeto amoroso deste Deus para toda a humanidade. Deus foi-se tornando para eles um «Deus de ternura e de fidelidade» (cf. Dt 7,9); um Deus que viu e escutou o grito do povo oprimido no Egito (cf. Ex 3,6-9). Esta reflexão sapiencial viveu e experimentou a perplexidade do trágico exílio para a Babilónia, sem se perder do horizonte de um Deus sempre fiel no conhecimento e na escuta do sofrimento humano (cf. Jr 30-31)⁴. E com o Livro de Job, ela arrisca oferecer uma possível compreensão para as inevitáveis perguntas: Como pode um Deus de ternura permitir que se sofra injustamente? Se ele é Todo-Poderoso como pode deixar que se perpetue o extermínio contínuo dos inocentes, deixando os malvados impunes e felizes? Talvez, por isso, o Livro de Job seja uma das manifestações mais prementes do longo caminho de compreensão de um Deus e de uma fé, que não é um bálsamo ou um analgésico para a vida e dor humana. Na verdade, a linguagem do Livro de Job não tem nada de lenitivo. Pelo contrário, é uma linguagem repleta de veemência, onde todas as questões e contestações são permitidas, com a extrema ousadia que só uma fé verdadeira é capaz de suscitar⁵.

Perante o sofrimento, nosso e o de outros, todos somos impelidos a dizer algo. A nossa linguagem derrama-se em inúmeras perguntas, evidenciando aquilo a que devemos designar uma linguagem específica, não do sofrimento, mas daquele que sofre. Cite-se a título de exemplo as expressões: O que é que eu fiz a Deus? Ou que mal fiz

⁴ Cf. a este propósito os estudos de R.N. BOYCE, *The Cry to God in the Old Testament* (SBL Diss. 103; Atlanta, GA 1988); O. GARCÍA DE LA FUENTE, *La Búsqueda de Dios en el Antiguo Testamento* (Guadarrama 1971) 67-156.

⁵ Cf. L.G. PERDUE, *Wisdom in Revolt: Metaphorical Theology in the Book of Job* (JSOTSS 112; Sheffield 1991) 89-92; R.C. HILL, "Job in Search of Wisdom", SB 23 (1993) 34-38; H. TERNAY, *Avec Job : de l'épreuve à la conversion* (Lumen Vitae ; Bruxelles 2007) ; J. LÉVÊQUE, *Job ou le drame de la foi* (LD 216 ; Cerf ; Paris 2007).



eu a Deus? Onde é que está Deus? Ou se existe um Deus bom porque é que ele permite isto? Na verdade, é sobretudo nas horas difíceis, provocadas por uma morte, uma doença, ou uma catástrofe que esta linguagem emerge espontaneamente nos nossos lábios, como se todo o sofrimento, todos os horrores, todo o mal, toda a dor constituíssem uma espécie de fenda ou fracasso na nossa lógica humana de entender a vida e de acreditar em Deus⁶. Todos nós acreditamos num Deus criador e de amor, que nos chama à vida para sermos e vivermos felizes, pessoal e conjuntamente. E, como isso nem sempre acontece, um modo de preservar esta nossa lógica de felicidade e a nossa própria dignidade humana é gemer, chorar, apontar o dedo aos outros, inclusive ao próprio Deus. É com esta lógica que o autor do Livro de Job nos confronta. É com esta lógica que o próprio Deus, na pessoa e na morte do seu filho, Jesus Cristo, nos interpela a repensar os sentidos, ou as direções de sentido, que, normalmente, teimamos em dar à nossa vida.

b. Considerar a nossa linguagem do sofrimento

Um outro aspeto determinante a considerar, neste face-a-face do ser humano com Deus, é a nossa linguagem. Metáfora da nossa realidade humana, também o Livro de Job não nos oferece uma linguagem única sobre o sofrimento, mas uma sequência de linguagens⁷. Também aqui, Job exemplifica o nosso processo pessoal, que nem sempre teve ou tem a mesma linguagem sobre os diversos momentos que constituem a nossa existência e o nosso sofrimento. É neste sentido que cada um de nós se pode rever na linguagem dos amigos de Job, também ela evocadora das nossas linguagens diante do hóspede mais hostilizado da história: a dor. Ambos, Job e os amigos, desgastam ao limite a linguagem que brota do choque face a uma tragédia inesperada. É uma linguagem, por vezes, carregada de frustração e de revolta, que ressoa como um estranho pedido de ajuda e de esperança. Para alguns autores, uma linguagem reveladora da tentação permanente de encontrar uma explicação para tudo que acontece, nomeadamente o que nos causa sofrimento⁸.

Na verdade, Job sente-se vítima de uma injustiça que poupou outros. Como cada um de nós, Job acalentava dentro de si a ilusão de uma imortalidade. Mesmo sabendo que somos frágeis e mor-

⁶ Cf. os estudos de J.-M. MALDAMÉ, *Le scandale du mal. Une question posée à Dieu* (Cerf ; Paris 2001); M.-N. Thabut, *Qu'est-ce que j'ai fait au Bon Dieu? Job la souffrance et nous* (Paris 2006).

⁷ Cf. D. ATTINGER, *Parlare di Dio o parlare con lui. Il libro di Giobbe. Commento esegetico-spirituale* (Magnano 2004).

⁸ Cf. M.-N. THABUT, *Qu'est-ce que j'ai fait au Bon Dieu? Job la souffrance et nous* (Paris 2006).

tais, todos vivemos como se fôssemos eternos. Por isso, os muitos porquês de Job e de cada um de nós. A ladainha de afirmações e perguntas é vasta e quase nunca encontra uma resposta aceitável. Até porque, neste face-a-face com Deus, o questionamento tem um sentido único. Job, como cada um de nós, nunca pergunta: e porque não a 'mimi'? Agitado, Job coloca Deus no banco dos réus e quantas vezes não estamos nós também com ele? Os amigos preferem antes colocar Job no banco dos réus, presumindo poder atribuir-lhe poderes humanos de mudar o curso dos acontecimentos, convencendo-o da falsa segurança de que tudo depende dele (*'As tuas palavras eram o apoio dos vacilantes e fortalecias os joelhos trémulos. Mas, agora que te toca a ti, desfaleces? Agora que és atingido, perturbas-te? Não é a tua piedade a tua confiança, e a integridade da tua vida, a tua segurança? Lembra-te disto: qual o inocente que já pereceu? Ou quando foram exterminados os justos?'* Jb 4,1-7)⁹.

Os amigos insinua uma culpa que desculpabiliza Deus, mas que não dá a paz e a serenidade que se recuperam quando se avalia com realismo e equilíbrio o imprevisível da vida e os limites da nossa humanidade. Falam de um destino fatalista, que obriga Job a admitir o seu sofrimento como algo que lhe acontecera sem uma razão ou um sentido, deixando-o como que em suspenso num destino feito de fatalidades que interrompem bruscamente a sua paz (*'Pode um homem ser justo na presença de Deus, ou um mortal ser puro diante do seu Criador? Ele não confia nem nos seus próprios servos, e até mesmo nos seus anjos encontra defeitos; quanto mais nos que habitam moradas de barro e cujo suporte é o pó da terra!'* Jb 4,17-19; 5,17-20); o mesmo destino que, depois de cada noite, obriga a que desponte um novo dia e que esquece que o desafio da vida também consiste em aprender a enfrentar o inevitável e a aceitar o irreversível. Os amigos falam de uma vontade e de um poder divino, esquecendo que Deus não provoca nem programa a dor. A sua referência a um Deus onipotente e onisciente obscurece a linguagem notável da fraqueza de Deus, que assume viver segundo as leis do mundo que ele criou (*'Poderás tu compreender os caminhos de Deus, ou chegar ao fundo da sua onipotência? Ela é mais alta do que o céu; que farás? É mais profunda que o abismo; como a conhecerás?'* Jb 11,7-8). Por isso, os amigos insistem em falar num Deus juiz, zeloso e severo que intervém para fazer justiça; perseguidor que prova até aqueles que mais ama (*'Acaso tornará Deus torto o que é direito, e o Todo-Poderoso subverterá a justiça? Se os teus filhos pecaram contra Ele, Ele entregou-os ao poder da sua iniquidade. Mas, se recorreres a Deus e implorares ao Todo-Poderoso, se fores puro e reto, desde agora Ele velará sobre*

⁹ Cf. D.J.A CLINES, "The Arguments of Job's Three friends", *Art and Meaning: Rhetoric in Biblical Literature* (eds. D.J.A. CLINES – M. GUNN – A.J. HAUSER), (JSOTSS 19; Sheffield 1982) 202-210; J. VERMEYLEN, J., *Job, ses amis et son Dieu. La légende de Job et ses relectures postexiliques* (Brill; Leiden 1986).

ti, e restabelecerá a tua morada com justiça.' Jb 8,3-7). No entanto, bem lá no fundo de si mesmos, a sua linguagem, como tantas vezes a de cada um de nós, parece revelar a necessidade que eles têm de superar uma profunda perturbação pessoal diante do sofrimento de Job, apesar de parecer esquivar-se do desejo genuíno de compreender aquele que veem sofrer.

Curiosamente, a linguagem de Job evidencia uma compreensão do agir de Deus igual à dos amigos. Também Job não duvida que uma tempestade, a confusão, a miséria podem ser uma punição enviada por Deus, em consequência do agir do ser humano (*'Uma só coisa quero afirmar: Ele extermina tanto o inocente como o malvado. Se, de repente, um flagelo causa a morte, Ele ri-se do desespero dos inocentes. Deixa a terra entregue às mãos do ímpio, e cobre o rosto dos seus juízes; se não é Ele, quem é, pois?'* Jb 9,22-24). É neste sentido que também todos nós somos inclinados a reconhecer uma parte da nossa responsabilidade em alguns dos nossos sofrimentos e doenças (álcool, o tabaco, má alimentação, stress). E, por isso, tal como Job e os amigos, a nossa linguagem não difere muito da deles quando afirmamos 'Foi Deus quem os castigou!' ou que tal pessoa 'Não merecia tal castigo de Deus!', 'Deus não é justo!'. Tal como os amigos ou o próprio Job, também nós entramos com muita facilidade numa linguagem de retribuição ou de recompensa, mesmo quando nos revoltamos contra os sofrimentos de todos os inocentes deste mundo. Existe uma espécie de lei natural que impele todos como seres humanos a uma lógica onde o bem vai com o bem e o mal com o mal. Resta saber se os pensamentos de Deus são os nossos e se a sua justiça coincide com a nossa lógica da retribuição (cf. Is 55,8-9).

Durante todo este barulho de palavras e de procuras, a resposta de Deus parece estar envolta num misterioso silêncio que parece ferir e espantar. Tal como Job muitos de nós perturbam-se e revoltam-se. Deus parece ausente ou indiferente às dores da humanidade, dizem. Para outros, trata-se de um silêncio estratégico: Deus fala quando ele decide falar e não sob pressão humana; e quando decide falar, fala sem qualquer preocupação explícita de responder a qualquer uma das perguntas que Job ou o ser humano lhe dirige¹⁰. Na verdade, quando, o Deus aparentemente silencioso e indiferente decide falar, fala mas não de sofrimento. Diante de Job coloca a grandeza da criação que só Ele conhece, confrontando-o com dois tipos de conhecimento: o seu e o de Deus. Só então, Job compreende que Deus possui um conhecimento de si mesmo, ao qual ele não tem acesso. Só então Job descobre que a sua linguagem perante o sofrimento o arremessou para o primitivo desejo: o de querer saber o mesmo que Deus

¹⁰ Cf. Y. HOFFMAN, "The Relation between the Prologue and the Speech-Cycles in Job. A Reconsideration", *VT* 31 (1981) 160-170; MOORE, M.S., "Job's Texts of Terror", *CBO* 55 (1993) 622-675; J. LÉVÊQUE, "L'interprétation des discours de Yhwh (Job 38:1-43,6)", in *The Book of Job* (ed. W.A. BEUKEN), (BETL 114; 1994) 203-222; SCHMIDT, N.F., "The Rhetoric of the Theophany of Job", *Old Testament Essays* 16/1 (2003) 79-95.

(cf. Gn 2-3). Por isso, as últimas palavras de Job não são de amargura ou de revolta, mas de reconhecimento sereno de um Deus que ele conhecia só por ouvir falar, mas que agora reconhece como Senhor e Criador; um Deus tão próximo quanto insondável (cf. Jb 42,1-6).

O autor não nos conta como se deu a transformação de Job. Prefere optar por nos expor a uma oposição de conhecimentos: o que Deus conhece e o que Job não conhece. Deixa-nos com a sugestão de que se Deus se revela a Job como aquele que tudo conhece, Ele nunca poderá desconhecer o sofrimento de Job. Terá Job compreendido isto? É assim que Deus aponta a Job o caminho de todo o ser humano: o de aprender a viver com os limites da sua condição humana, mas também com a certeza de um mistério de sentido, por vezes, só acessível a Deus. A linguagem do crente sofredor transforma-se perante a espantosa abertura ao mistério do amor de um Deus, do qual Job nunca duvidou. Na verdade, praticamente todos concordam que a transformação de Job não se dá apenas pelo que Deus diz, mas pela presença transformadora de Deus¹¹.

Esta é a lógica de Deus, a do dom, não a da troca ou da retribuição. A distância de Deus mantém-se, não foi anulada. Porém, Job percebe que uma imensa intimidade e uma maravilhosa graça abraçam a sua vida. No seu imenso sofrimento, Job faz experiência do mistério do encontro face-a-face com Deus. Job cresce no conhecimento de Deus: o Deus distante afinal estava tão perto, ali face-a-face com o seu sofrimento. Job compreende, então, que ele conhecia Deus só por ouvir falar, agora conhece Deus a partir de uma experiência nova e profunda: Deus, Senhor e Criador, tão próximo quanto insondável (*'De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber. Eu dizia: 'Escuta-me, deixa-me falar! Vou interrogar-te e Tu me responderás. Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos.'* Jb 42,3-5)¹². O Job cujo sofrimento leva a tocar o (pro)fundos da sua existência humana experimenta uma lógica e um encontro; a humanidade num face-a-face com Deus que desagua num conhecimento novo do próprio Deus. Job atinge o auge de uma metáfora possível, da realidade que a cruz e o dom, a vida e o amor de Jesus Cristo até ao limite, constituem como um face-a-face da humanidade com Deus. Tal como Job, também a humanidade de Jesus Cristo questiona e grita, virando-se totalmente para Deus.

¹¹ Cf. B. THOMASON, *God on Trial: The Book of Job and Human Suffering* (Liturgical Press; Collegeville, MN 1997) 213-218.

¹² Curiosamente, no AT *rh'* designa um ver que implica a aceitação da Palavra de Deus. Aceitação que envolve salvação, entendimento e fé (cf. Is 6,10 onde endurecer o coração significa 'fechar os olhos, não ver'; e o 'ver' profético a compreensão da mensagem divina. Em alguns salmos e em Job, a própria noção de ver a Deus representa um encontro com ele que alivia e conforta (cf. Sl 42,3 *Quando verei a face de Deus?*). O próprio Job manifesta esta esperança em Jb 19,27 (*Os meus olhos o verão, não como um estrangeiro*).



DEUS FACE-A-FACE COM A HUMANIDADE

Apesar do silêncio de Deus ser profundamente doloroso e quase sempre tão difícil de integrar quanto o próprio sofrimento, ele constitui, no âmbito da revelação bíblica, um dos modos mais inesperados de Deus face-a-face com a humanidade. O autor do Livro de Job refere que, num primeiro momento, os amigos de Job quando o veem não o reconhecem, choram, rasgam as vestes e ficam em silêncio (cf. Jb 2,12-13). Porém, depois de sete dias de silêncio diante de um Job sofredor, todos irrompem num prolongado falar (Jb 4-5; 8; 11; 15; 18-20; 22-23). O Job paciente transforma-se num Job cheio de perguntas (Jb 3; 6-7; 9-10; 12-14; 16-17; 21; 24-26) e cada um dos amigos toma a palavra para interpretar a justiça de Deus e catalogar as culpas de Job. Job reage e, não obstante o seu desespero, apela até à exaustão a uma fidelidade e justiça de Deus (Jb 29-31). Deus face-a-face com a humanidade de Job e dos amigos permanece em silêncio, não se defende, nem critica, prefere o combate do silêncio. Não é fácil, neste contexto narrativo, vislumbrar como perceber o desafio lancinante de integrar este silêncio de Deus.

c. Integrar o mistério do silêncio de Deus

Espantosamente, entre a torrente imensa das palavras de Job e dos amigos e o angustiante silêncio de Deus, o autor do Livro de Job introduz habilmente as palavras de um sábio, que se diz ser jovem em anos (cf. Jb 32-37). O seu nome Elihu distingue-se do nome de Job e do dos amigos por ser um nome de raiz hebraica, cujo significado é 'Ele é o meu Deus'. Para muitos, Elihu é apenas alguém imbuído de superioridade e artificialidade. As suas palavras parecem refletir um ponto de vista de um ou quatro indivíduos diferentes sobre o debate entre Job e os amigos. Uma espécie de transição e preparação para os discursos de Yhwh, que tende a uma simples reorganização temática do debate em causa¹³.

No entanto, Elihu impõe-se, por si mesmo, como uma parte integrante do drama e do Livro de Job e as suas palavras parecem evidenciar a procura de uma solução para o problema do sofrimento. O facto é que, situados na dinâmica do silêncio de um Deus que não fala porque o ser humano o exige (cf. Jb 30-31), os sábios de Israel, decidiram inserir no debate um momento que podemos designar de integração. Este momento emerge nas palavras de Elihu, que não só tende a ajudar Job e os amigos a avaliar os argumentos defendidos,

¹³ Cf. R. GORDIS, "Elihu the Intruder: A Study of the Authenticity of Job (Ch. 32-33)", *STL* 1 (1963) 60-78; J. LÉVÉQUE, *Job et son Dieu. Essai d'exégèse et de Théologie Biblique*, I-II (Études Bibliques, Paris 1970), 538-544; «De toute évidence les discours d'Elihu n'apportent aucun élément essentiel à l'économie du livre. »; L.G. PERDUE, *Wisdom in Revolt: Metaphorical Theology in the Book of Job*, 68: "The dogmatic character of Elihu's theology produces not live engagement, but sterile faith"

como também a integrar num horizonte de sofrimento o próprio silêncio de Deus. A tradição de um Deus que pode usar o sofrimento como um instrumento pedagógico (cf. Dt 8,2-5; Pr 3,12), expressa no facto de Deus permitir que Satan prove a fé de Job (cf. Jb 1-3) e defendida como a melhor escola da vida e uma espécie de oportunidade de parar e refletir (cf. Jb 32-37), amplia-se a um horizonte novo de integração de um silêncio de Deus¹⁴. Este é o desafio desmedido à fé de Job e de todo o crente. Na verdade, Job parece nunca se ter queixado do seu sofrimento, mas sim de um silêncio de Deus (cf. Jb 10,2; 11,5; 31,35).

Não obstante compreendermos a intervenção de Elihu neste horizonte de integração, devemos reconhecer nela a excessiva distância em relação ao sofrimento de Job. Nem sempre as palavras pronunciadas em circunstâncias de sofrimento devem ser tomadas como um convite para estabelecer um debate teológico. Nem sempre as respostas da inteligência curam o coração ferido de onde brotam os mais genuínos gemidos. O nosso coração humano sofrido precisa mais de tempo para curar do que de recomendações fáceis. Muitas vezes as palavras que podem parecer de acusação contra Deus, ou até mesmo as imprecações, podem ser formas de oração. Por isso, o Livro de Job apesar de apontar horizontes de integração, fá-lo oferecendo simultaneamente o testemunho explícito, de que não se encontra Deus apenas no louvor e na alegria, mas também no protesto e no tumulto¹⁵.

Job é o ser humano que sofre e que procura desesperadamente as razões e o sentido do seu sofrimento. Ele é cada um de nós que é atingido pela dor física ou mental; ele é cada um de nós que se interroga profunda e dolorosamente perante a miséria da fome ou a violência das nossas guerras ou barbáries. E como muitos de nós, Job é alguém que acredita num Deus bom e compassivo. Por isso, é a partir do mais íntimo desta sua fé que ele coloca a questão do seu sofrimento. E é natural que, frequentemente, nos demos conta de estarmos a usar ou a escutar a mesma linguagem de Job ou dos seus amigos. Por vezes, surpreendemo-nos por serem aqueles que creem com mais profundidade aqueles que são mais perseguidos por este questionamento ou linguagem. Na verdade, a fé autêntica não anestesia, pelo contrário torna o debate, a interrogação e a procura mais obstinada, inflexível e incomplacente. A fé autêntica é incapaz de se satisfazer com uma resposta ou um sentido qualquer, apressado ou indiferente. Existe nela algo que marca e determina a sua procura: o seu interlocutor. Tal como Job, os crentes de todos os tempos dirigem-se a Deus, não a uma espécie de vazio enigmático. Tal como Job aprendemos a linguagem da esperança singular e notável até ao fim

¹⁴ Sobre esta tradição cf. SANDERS, J., *Suffering as a Divine Discipline in the Old Testament and Post-Biblical Judaism* (New York, NY 1955).

¹⁵ Cf. G. CHÉREAU, *Job et le mystère de Dieu. Un chemin d'espérance* (Paris 2006); D.E. FLEMING, "Job: The Tale of Patient Faith and the Book of God's Dilemma", VT 44 (1994) 468-482.



em Deus ('...para Deus correm as lágrimas dos meus olhos.' Jb 16,20; cf. 17,2-3; 19,25-27)¹⁶. Tal como Job não entendemos, mas acreditamos que Deus conhece e entende; não sabemos o sentido, mas acreditamos até ao fim que Deus conhece este sentido. Profundamente solidários com Job, passamos a vida inteira a aprender que a resposta à questão do sentido da vida, desde o início moldada pelo barro da alegria e da dor, está na capacidade de nunca desesperar, mas sim esperar e, principalmente esperar sempre em Deus.

O eixo principal do Livro de Job não se refugia numa discussão teórica. Pelo contrário, é pela boca do sofredor que o autor exprime a sua questão a respeito de Deus e do modo como ele se relaciona com o ser humano. Quase sem dar por isso, o autor soube passar da representação literária à dimensão existencial e teológica da questão do sofrimento e, com grande firmeza, o protagonista não abre mão da sua inocência (cf. Jb 13,13-16.18-23). Job levanta-se vertical diante de Deus, com a grandeza trágica do ser humano esmagado que não abandona, nem mesmo a face de Deus! A sua verticalidade apoia-se na convicção de não merecer a desgraça que lhe coube (cf. Jb 13,24-26). É evidente que, nesta perspetiva, a pergunta sobre o sentido do sofrimento se apresenta com incidências muito mais dramáticas. Quem vive as angústias da existência com esperança na realização plena *além-morte* pode olhar a sua angústia como provisória, confiando ver o transitório corrigido pelo definitivo. Mas o poema de Job não partilha desta mundividência. Fala a partir da perspetiva de uma vida apenas terrena. Aqui, não existem palavras para quem sofre e diante da incompreensibilidade do silêncio de Deus, o desafio é crer num silêncio participante. Este é o desafio maior e mais excelente de integração.

b. Cristo a resposta insondável de Deus

Face-a-face com a humanidade de Job, Deus fala no meio da tempestade, mas não como um filósofo do sofrimento. Faz passar diante de Job a sua intervenção e poder únicos na criação, confrontando Job com os limites do seu conhecimento e do seu poder. Não fala de sofrimento, mas apenas da sua realidade divina como uma realidade criadora, para dizer que Deus quer e sonha apenas com a vida¹⁷. Job intervém para reconhecer o seu falar como leviano, e no fim para se entregar num ato de profundo abandono a Deus (*E Job respondeu ao Senhor, dizendo: 'Falei levianamente. Que poderei responder-te? Ponho a minha mão sobre a boca; falei uma vez, oxalá não tivesse falado;*

¹⁶ Cf. F. MIES, *L'espérance de Job* (BETL 193; Leuven 2006) 89-127; H. TERNAY, *Avec Job : de l'épreuve à la conversion* (Lumen Vitae ; Bruxelles 2007) 68-90.

¹⁷ Cf. N.F. SCHMIDT, "The Rhetoric of the Theophany of Job", *Old Testament Essays* 16/1 (2003) 79-95;

não vou falar duas vezes, nem acrescentarei mais nada.' (Jb 40,3-5); Job respondeu ao Senhor e disse: *'Sei que podes tudo e que nada te é impossível. Quem é que obscurece assim o designio divino, com palavras sem sentido. De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber. Eu dizia: 'Escuta-me, deixa-me falar! Vou interrogar-te e Tu me responderás.'* Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos. Por isso, retrato-me e faço penitência, cobrindo-me de pó e de cinza.'

As palavras de Job deixam entrever que a fé autêntica, ainda que assaltada por momentos conturbados, sobrevive integrando uma purificação imensa. A única resposta de Deus a Job é a de uma abertura ao mistério do amor, do qual Job nunca duvidou. A transformação de Job dá-se não pelo que Deus lhe diz, mas pela presença transformadora de Deus. Esta é a lógica do dom, não da troca. A distância de Deus mantém-se, não foi anulada, e Job percebe que, apesar de um sofrimento injusto e imerecido, uma imensa intimidade abraça a sua vida. Vê-o no reconhecimento das suas palavras sem sentido. Vê-o no mistério do encontro, onde o debate dá lugar à escuta. O Deus distante afinal estava tão perto.

É um facto que todos, mais tarde ou mais cedo, somos confrontados com a irracionalidade do sofrimento. Por isso, todos compreendemos que, de algum modo, o ser humano possa ou deva interrogar aquele a quem explicita ou implicitamente considera o autor e responsável de toda a Criação. Porém, serão todas as nossas perguntas bem colocadas? Podemos afirmar que é Deus quem quer o sofrimento? Muitas das nossas perguntas pressupõem a ideia de um Deus onipotente e onisciente, mas será que entendemos bem o que significa e implica a onipotência de Deus, tal como ela se revelou à História Humana? Hans Jonas, um filósofo Judeu, pergunta-se diante do holocausto: «Mas que Deus é este que pode deixar uma coisa destas acontecer? Não é o Criador também Senhor da História?» Este filósofo reconhece humildemente que tudo o que os profetas e os salmistas disseram de Deus não é senão um balbuciar diante do mistério Eterno. Por isso, ele diz: 'Quem não queira afastar-se do conceito de Deus tem de o repensar sempre de novo. Não existe um outro modo de admitirmos que Deus seja inteligível e bom e no entanto exista tanto mal no mundo'.

Parece fácil dizer que Deus é o transcendente absoluto. No entanto, este é simplesmente um modo de esconder a compreensão e a experiência de que ele excede toda a nossa compreensão. Esta linguagem mais do que dizer Deus expressa a nossa dificuldade ou quase impossibilidade de dizer Deus e de falar sobre ele. Contudo, não podemos e nem devemos deixar de nos interrogar perante o seu mistério, que permanecerá sempre mistério para nós. É por isso que justo ou pecador, Job representa a interrogação de todos nós. E se



durante uma grande parte do Livro de Job, Deus está em silêncio, isto não significa ausência ou um diferendo. Comprova-o a sua intervenção final. O seu silêncio constitui, talvez o maior dos desafios que Job teve de enfrentar. É nele, com ele e por ele que Job realiza o seu grande crescimento na fé. Deus também se revela deste modo no seu face-a-face com a humanidade.

Ao assumir fazer história com o ser humano, Deus aceita conviver com as imperfeições de um mundo que conhece a 'dor de parto', desde o primeiro momento da sua existência terrena. E se é verdade que em Jesus, Deus realiza milagres. Também é um facto que Jesus não multiplicou pães sempre que viu gente com fome; não curou todos os doentes do seu tempo nem trouxe à vida todos os defuntos de Betânia; não transformou gestos extraordinários em experiências ordinárias, deixou apenas sinais para suscitar a fé; e entre eles o grande sinal que é Jesus Cristo.

A metáfora do encontro e da resposta espantosamente elaborada pelos sábios de Israel e integrada num contexto de Revelação e de palavra de Deus realiza-se de uma forma plena na pessoa de Jesus Cristo. Ele é o lugar por excelência do encontro e da resposta, o lugar por excelência de Deus face-a-face com a nossa humanidade (cf. 1Jo 1,1-4)¹⁸. Em Jesus Cristo é não só um Deus inocente submetido à prova, oferecendo uma resposta excelente a Job, mas é sobretudo salvação para todos os inocentes e não inocentes que se abrem ao seu amor salvífico: *'Nos dias da sua vida terrena, apresentou orações e súplicas àquele que o podia salvar da morte, com grande clamor e lágrimas, e foi atendido por causa da sua piedade. Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu e, tornado perfeito, tornou-se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna'* (Heb 5,7).

Na pessoa de Jesus Cristo, Deus convive, igualmente, com os limites de um mundo criado por ele. Perante a cruz de Jesus e a cruz dos milhares de seres humanos que sofrem, Deus continua em silêncio e não intervém drasticamente para mudar o curso dos acontecimentos. Talvez, por isso, D. Bonhoeffer afirme: 'A religiosidade humana tem remetido o ser humano em sofrimento para o poder de Deus no mundo... porém a Escritura remete o ser humano para a debilidade e o sofrimento de Deus. Só um Deus que sofre nos pode ajudar'¹⁹.

¹⁸ A este propósito Cf. MICHEL QUESNEL, *JÉSUM, l'homme et le fils de Dieu* (Flammarion; Paris 2004)

¹⁹ D. BONHOEFFER, *Resistencia y sumisión : cartas y apuntes desde el cautiverio* (Sigüeme; Salamanca 2004) 123.

c. Reapreciar o sofrimento como um Dom

Urge, por isso, reapreciar o sofrimento, também, como um dom e como amor? Elie Wiesel, no seu romance *'La nuit'* fala de uma experiência num campo de concentração onde havia três pessoas para serem enforcadas, dois adultos e uma criança²⁰. Os adultos expiraram de imediato, mas a agonia da criança demorou algum tempo. Os outros prisioneiros, obrigados a assistir, perante a agonia da criança disseram: 'Onde está Deus agora? No fundo do seu coração E. Wiesel ouviu uma voz que dizia: 'Onde está Deus agora? Está ali, naquela cruz'. Nesta voz E. Wiesel percebe que Deus não é um mero espectador das tragédias ou do sofrimento humano, mas um participante; não é um simples observador da dor, mas um companheiro do caminho²¹.

Para nós, na pessoa de Jesus Cristo, Deus não responde direta ou verbalmente à pergunta sobre o porquê do sofrimento. Deus está presente no sofrimento e, de modos diferentes e misteriosos, ajuda a enfrentá-lo. A todos os que sofrem, Deus não oferece o silêncio de uma intervenção fracassada, de um milagre ludibriado ou de uma oração não ouvida, mas o amor de Jesus Cristo 'até ao limite', a proximidade incompreensível da cruz, o mistério da ressurreição carregado de esperança²².

As próprias etapas do calvário ilustram as necessidades, os estados de alma e as atitudes de Jesus Cristo experimentadas pelo ser humano de todos os tempos. A necessidade de ter alguém próximo (Tomou Pedro, Tiago e João... e disse-lhes: Ficai aqui e vigiai Mc 14,33-34). Na hora mais difícil, Jesus tem necessidade de alguém próximo que possa velar com ele. Escolhe três dos seus amigos, os que tinham participado na experiência jubilosa do Tabor. O seu apelo mostra a sua humanidade e como é imenso o seu medo da solidão. Os amigos, porém, adormecem, evadem-se, não se comprometem, não sabem o que dizer ou fazer. Jesus perturba-se (*'Começou a ter medo e angústia... A minha alma está numa tristeza de morte'* (Mc 14,33-34). Em Jesus Cristo, Deus não se envergonha da sua humanidade. Não julga nem reprime os seus sentimentos, mas aceita-os como componentes do percurso humano que deve fazer. Vive na primeira pessoa o medo e a angústia, é tomado, de novo, pela perturbação e grita (*'Meu Deus, porque me abandonaste?'* (Mc 15,34). No horto Jesus reza (*'Prostrou-se por terra e pediu que, se fosse possível, aquela hora se afastasse dele...'* (Mc 14,35), colocando diante de Deus-Pai a sua fragilidade humana, revelando de um modo surpreendente e inaudito Deus face-a-face com a humanidade.

20 Cf. E. WISEL, *La nuit* (Les Éditions de Minuit; Paris 1958).

21 Cf. J.-N. ALETTI, *Volta a falar de Jesus Cristo* (Lisboa 1999) 45-72.

22 Cf. H. RICO, "A Paixão: Nem Cristo sem cruz, nem cruz sem Cristo" (Editorial), *Brotéria*



No centro da História da Salvação não está um altar com duas velas, mas Cristo, entre dois ladrões, que enfrenta a morte mais ignominiosa: a morte de cruz. O Deus dos verdadeiros crentes é alguém vivo, real, que se entrega pela humanidade e se deixa encontrar no sofrimento e na cruz. Segundo P. Tillich 'o Filho de Deus toma o nosso lugar – não porque seja preciso substituir-nos no sofrimento, mas para se envolver numa missão livremente assumida (cf. Jo 10,18)²³. Livre e duplamente assumida, revela Deus no seu Dom à humanidade e assume a condição pecadora da humanidade, sofrendo das consequências que lhe são inerentes.

O nosso sofrimento humano é incontornável. E, por isso, é especialmente iluminador que o Filho de Deus tenha assumido plenamente esta condição sofredora. A sua vida do nascimento à morte não podia, segundo os Evangelhos, ser mais representativa. Nasceu e viveu perseguido, atraído, rejeitado. Não escondeu as suas preferências pessoais e o seu inconformismo. No entanto, foi sempre vertical, coerente, libertador, ao ponto de ver como feito a si próprio o que é feito aos mais pequenos (Mt 25,40). Não pactuou com o mal, assumindo-se, conscientemente, como sinal e presença de uma realidade nova a que chamou Reino de Deus. Identificou-se com ela, ao ponto de nada mais contar na sua vida, nem mesmo a morte. Na sua singularidade, absolutamente única, Jesus Cristo deixou uma impressão intensa – tanto nos seguidores como nos adversários – de que se sentia íntimo de Deus ou mesmo Deus. E apesar do imenso 'espanto' perante toda a sua existência, ele veio a ser – na vida, na morte – a esperança, última, de todos os que sofrem e são atormentados pelo mal. Sem ele, a humanidade não saberia para quem voltar-se (Jo 6,68). No seu amor até ao fim e até ao limite, Ele é a certeza da resposta de Deus a todas as nossas interrogações angústias e sofrimentos.

Talvez por isso, D. Bonhoeffer diga: 'Trata-se de uma perspectiva muito rica, a da mundanidade de Deus: não são as tarefas infinitas e inacessíveis que são o transcendente, é o próximo que encontramos sempre ao nosso alcance. É neste 'ser para os outros', como Jesus fez até à morte, que nasce a onipotência e omnisciência e a onipresença. Não é só para criar, é sobretudo para deixar crescer e salvar que Deus abdica da sua plenitude. Deus serve-se da sua absoluta onipotência para se assumir como não-onipotente no mundo das suas criaturas'²⁴.

²³ Cf. P. TILLICH, *Sistematic Theology* (The University of Chicago Press; Chicago 1957).

²⁴ D. BONHOEFFER, *The Collected Sermons of D. Bonhoeffer* (Fortress Press, Mineapolis, MN 2012) 236.

Perdoai-me porque pequei

Nuno Tovar de Lemos

Um fariseu convidou Jesus para comer em sua casa

É natural os pais quererem conhecer os amigos dos filhos.

Um dia, um fariseu convidou Jesus para comer em sua casa¹. Chamava-se Simão. Sabemos pouco acerca deste homem mas sabemos uma coisa importante: um dos seus filhos era discípulo de Jesus.

É natural, quando convidamos alguém para nossa casa, termos cuidado em tratar bem essa pessoa. No tempo de Jesus, quando se recebia uma visita, era costume cumprimentá-la com um beijo, oferecer-lhe água para lavar os pés (os caminhos eram poeirentos e os judeus andavam de sandálias) e deitar-lhe um pouco de óleo na cabeça. Simão foi indelicado e não fez nenhuma destas coisas a Jesus. Porquê? Provavelmente não gostava de Jesus. Era natural que não gostasse dele, já que havia uma enorme divergência entre Jesus e os fariseus e Simão era fariseu. E agora – ainda por cima – o seu filho andava com Jesus!

Antes de vermos o que aconteceu nessa refeição temos de recordar quem eram os fariseus. Os fariseus eram pessoas extremamente religiosas. Acreditavam em Deus e na vida depois da morte, faziam sempre as suas orações e cumpriam as suas obrigações religiosas de uma maneira até escrupulosa. De onde vinha então a sua diferença em relação a Jesus? De um simples facto: eles achavam que eram as suas boas ações que os tornavam “santos” aos olhos de Deus. E, por isso, achavam-se puros e superiores aos outros. Os fariseus dividiam as pessoas em dois grupos: os que eram santos – como eles – e os outros – os “pecadores”. Já veremos como, para Jesus, as coisas eram bem diferentes.

¹ Lc 7,36-50



A refeição para a qual Jesus tinha sido convidado tinha começado mal. Mas o pior ainda estava para vir.

Em determinado momento entrou na sala de jantar uma prostituta. Vinha a chorar. Inclinou-se sobre os pés de Jesus e começou a beijá-los. Banhou os pés de Jesus com as suas próprias lágrimas, ungiu-os com perfume que trazia num frasco e enxugou-os com os seus cabelos. Jesus deixou que ela o fizesse e não recolheu os pés. Nem sequer lhe deu uma lição de moral.

A atitude de Jesus deixou Simão furioso. Murmurou para si mesmo que, se Jesus fosse profeta (como o seu filho certamente dizia), então Ele saberia que aquela mulher era uma prostituta e, portanto, nunca a deixaria tocar-lhe². A conclusão parecia óbvia: Jesus não era nenhum profeta, era um aldrabão.

Jesus, que até aí não tinha confrontado o dono da casa, não ficou mais calado. Voltou-se para Simão e disse-lhe:

- Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela porém banhou-me os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste um beijo; mas ela, desde que entrei, não deixou de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, e ela ungiu-me os pés com perfume. Por isso, digo-te eu, que lhe são perdoados os seus muitos pecados porque muito amou.

E, no fim, Jesus voltou-se para a mulher e disse-lhe:

- Os teus pecados estão perdoados. Salvou-te a tua fé. Vai em paz!

O perdão

Esta cena de Jesus em casa de Simão, o fariseu, é muito útil para nós.

Antes de mais: o que é o perdão? O perdão é a graça que Deus dá para recomeçarmos melhor³. No caso da mulher isso era óbvio: depois deste encontro com Jesus ela começou uma vida nova, com mais

² Os judeus muito religiosos nem sequer se deixavam tocar por uma mulher qualquer – mesmo que fosse um simples cumprimento de mão – pois tinham medo que ela estivesse “impura” e que, ao tocar-lhes, eles ficassem também impuros. E bastava que uma mulher estivesse com a menstruação para já ser considerada religiosamente “impura”. Jesus deixou-se tocar por uma mulher que era – ainda por cima – uma prostituta.

³ Atenção que a palavra “perdão”, quando usada em sentido religioso, não tem bem o mesmo significado que a palavra “perdão” quando é usada em sentido comum.



dignidade. Num outro encontro parecido, Jesus disse a outra mulher: “Vai e doravante não tornes a pecar”⁴. No caso da prostituta nem era necessário dizê-lo: as lágrimas que chorava já mostravam o seu desejo de mudança.

A atenção de Jesus não está centrada sobre o passado da mulher mas sobre o seu presente e o sobre o seu futuro. O mesmo se passa connosco. O nosso passado já passou; o que Deus quer é que possamos viver melhor (mais livres, mais “em graça”) daqui em diante. De alguma maneira, cada vez que Deus nos perdoa, é como se dissesse: “Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida! Recomeça melhor com a Minha Graça!”. Por isso se diz que a confissão renova a Graça do Batismo: é como se voltássemos a ser batizados, independentemente do que tenhamos feito. O perdão de Deus abre-nos a possibilidade de um capítulo novo na nossa história. Dá-nos força para isso, ensinando-nos a aprender com os nossos erros do passado.

O perdão é mais do que a “desculpa”. Deus desculpa-nos (tira a culpa de cima de nós) mas faz mais do que isso: dá-nos força para um recomeço melhor! Por isso não devemos dizer “Senhor, desculpa-me!” mas sim “Senhor, perdoa-me!”

Podemos perguntar-nos se, para receber esta graça, precisamos de ter feito um grande pecado. A resposta é “não”. Podemos sempre recomeçar melhor, mesmo que não tenhamos feito nenhum pecado grave. Havia um Papa que se confessava todos os dias e, certamente, não tinha grandes pecados todos os dias!

Algumas pessoas pensam que isto de recomeçar só depende das suas forças e da sua decisão em serem melhores pessoas. De facto, a nossa decisão pessoal é importantíssima, mas não bastam as nossas forças: precisamos sempre da Graça de Deus. O perdão de Deus não é, por isso, uma Graça reservada para alguns momentos especiais. É o “combustível” diário que nos permite avançar na santidade. Como disse o Papa Francisco, “Deus não se cansa de perdoar; nós é que nos cansamos de Lhe pedir perdão”.



O pecado

Isto leva-nos à 2.^a pergunta: o que é, afinal, o pecado?

O pecado é o mau uso da nossa liberdade. O pecado é usarmos a nossa liberdade para o mal em vez de a usarmos para o bem. Às vezes fazemos algo grave (“pecado mortal”) e temos noção de que isso foi contra a lei de Deus e que rompemos (“matámos”) a relação de harmonia com Deus. Mas, para quem quer crescer no Bem, não são só as grandes coisas que importam: as pequenas fidelidades e infidelidades (“pecados veniais”) também são muito importantes pois é através delas que se cresce ou, pelo contrário, se anda para trás no caminho da santidade.

Na cena que estamos a ver, o pecado da mulher era óbvio (era prostituta, rebaixava a sua intimidade a troco de dinheiro). E o fariseu? Ele achava-se superior à mulher mas, no fundo, era tão ou mais pecador do que ela porque estava cheio de arrogância e essa arrogância impedia-o de se abrir a Deus e de sentir qualquer compaixão pela prostituta.

Não nos devemos comparar com outras pessoas. Por vezes justificamo-nos dizendo: “eu não matei ninguém”. Provavelmente não matámos ninguém nem nunca assaltámos nenhum banco, nem nunca roubámos a carteira de outra pessoa. Mas isso só significa que recebemos muito de Deus pela família onde nascemos, pela fé que recebemos, pelos valores que outros nos comunicaram, pelo equilíbrio psicológico que gozamos e, se calhar, até pela estabilidade económica que temos. Se não temos pecados graves, não nos devemos esquecer do que diz Jesus: “A quem muito foi dado mais será pedido”⁵. Não podemos comparar a nossa responsabilidade com a de um filho de pais drogados que nasceu sem condições e que nunca recebeu o que nós recebemos.

Para lidarmos com o pecado temos de perceber uma coisa: o **pecado é enganador**. Aparece-nos sempre como algo bom, que nos vai deixar a ganhar! Ou, pelo menos, aparece-nos com uma certa aparência boa. Se o pecado não tivesse essa aparência boa ninguém pecaria. Mas trata-se de uma mera aparência enganadora pois o pecado deixa-nos sempre a perder (parecendo que nos vai deixar a ganhar)! É uma grande mentira⁶! O pecado é sempre um mau negócio parecendo que

⁵ Lc 12,48.

⁶ Já dizia Jesus que o diabo é o “Pai da Mentira” (Jo 8,44).

é um negócio bom. O pecado paga-se sempre caro. Frequentemente, com o pecado, ganha-se alguma coisa no imediato mas depois perde-se imenso lá mais à frente. É como a droga: ganham-se alguns momentos de bem-estar mas depois perde-se tudo o resto (a dignidade, a confiança dos outros, a possibilidade de integração social, etc.). Quem é que diz a um filho que se drogue? Só alguém que não amasse o filho!

A aparência boa do pecado deixa-nos por vezes numa situação a que chamamos de tentação. A tentação não é pecado porque ainda não decidimos, estamos apenas divididos. A **tentação é a atração provocada pelo brilho enganador do pecado**. Ficamos numa encruzilhada, divididos, e temos de escolher. É nas tentações que tudo se decide: ou ficamos mais fortes (se resistirmos e fizermos a vontade de Deus) ou ficamos mais fracos (se cedermos e pecarmos). Todos temos tentações. Até Jesus teve tentações! No Pai Nosso não pedimos que Deus nos livre das tentações mas que, nas tentações, não nos deixe cair no caminho mais fácil. Pedimos, isso sim, que Deus nos livre do mal (do pecado).

O arrependimento

Mas voltemos ao que interessa: o perdão, essa vida mais feliz, mais livre e mais santa que Deus nos quer dar agora. Podemos perguntar-nos o que temos de fazer para conseguir que Deus nos dê o perdão. A resposta é simples: não temos de fazer nada, não temos de “conseguir” nada. Deus dá-nos o Seu perdão de uma forma totalmente gratuita. E quer dá-lo a todos os homens e em todos os momentos. Porque a única coisa que Deus deseja é ver os Seus filhos a andar para a frente, a crescer.

No entanto, para o perdão de Deus poder entrar em nós e produzir o efeito de um verdadeiro recomeço, é necessário, da nossa parte, arrependimento. O **arrependimento é a vontade sincera de recomeçar melhor com a Graça de Deus**⁷. A prostituta em casa de Simão tinha essa vontade, estava arrependida. E mostrou-o chorando aos pés de Jesus. Isto é importante para nós: não podemos acolher o perdão de Deus se não reconhecemos os nossos pecados. Como dizia Jesus, “A

⁷ Algumas pessoas pensam que, para haver arrependimento, tem de existir um sentimento, temos de nos “sentir” arrependidos. De facto, é ótimo quando nos “sentimos” arrependidos, mas a essência do arrependimento não é o sentimento mas sim a vontade de mudança em relação ao pecado (vontade essa que, quando é sincera, se exprime no “propósito de emenda”).



verdade vos libertará” (a verdade dos nossos pecados e, sobretudo, a verdade do amor incondicional de Deus por nós, sejam quais forem os nossos pecados).

Por isso devemos ter cuidado quando pensamos nalgum pecado nosso e depois, na nossa cabeça, surge a pergunta “Qual é o mal?”. É uma pergunta traiçoeira. Porque a pergunta que realmente interessa é outra: “Qual é o maior bem?” (para o pomos em prática). Ou seja: nós, cristãos, não devemos só estar interessados em não fazer coisas más mas, sobretudo, em fazer grandes coisas boas. Se, na nossa cabeça, surge a pergunta “Qual é o mal?” isso provavelmente significa que estamos a “jogar à defesa”, sem quisermos aceitar humildemente a verdade do nosso pecado.

A prostituta foi ter com Jesus a chorar pois precisava dele para recomençar a vida. O dono da casa – Simão – pelo contrário, achava que não precisava de Jesus. O que lhe interessava era que tinha “as contas em dia” com Deus⁸. Então Jesus contou-lhe uma pequena história:

- Tenho uma coisa para te dizer, Simão... Um prestamista tinha dois devedores. Um devia-lhe 500 denários e outro 50. Não tendo eles com que pagar perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?

Simão respondeu acertadamente:

- Aquele a quem perdoou mais, creio eu.

Que queria dizer Jesus com esta comparação? Ele fez ver ao fariseu Simão que todos estamos em dívida para com Deus. Até ele, que julgava ter as contas em dia para com Deus. Mas, sobretudo, Jesus fez ver a Simão que o que interessa não é tentar “pagar” essa dívida, já que nunca teríamos com que Lhe pagar⁹. Ainda por cima, Deus perdoa-nos qualquer dívida! O que interessa é abrir-nos ao amor que Deus nos quer dar. A verdadeira pergunta não é “Como podemos saldar a dívida?” mas “Qual deles o amará mais?” A mulher tinha entendido isto e tinha-se aberto ao amor. Jesus deu-a como exemplo a Simão: “Por isso, digo-te eu, que Lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou”.

Isto devia ser muito difícil de entender para um fariseu como Simão. Para os fariseus, as pessoas dividiam-se em dois grupos (o dos “san-

⁸ Jesus contou um dia uma parábola onde um fariseu, no Templo, rezava assim: “Ó Deus, dou-Te graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros (...). Eu jejuo duas vezes por semana e pago o dizimo de tudo quanto possuo” (Lc 18,11-12). Esta maneira de falar exemplifica bem a atitude farisaica.

⁹ Como Lhe poderíamos pagar o ar que respiramos, a luz do sol, a fé, a vida que nos dá cada dia...?



tos” e o dos “pecadores”, o grupo dos “puros” e o grupo dos “impuros”). Ele certamente estava no primeiro grupo enquanto a prostituta estava no segundo! Para Jesus (ao contrário do que pensava o fariseu) todos somos filhos de Deus, amados por Ele e necessitados dele. Pertencemos todos ao mesmo grupo. E, neste grupo todos somos necessitados de salvação, seja qual for a nossa condição social, o nosso trabalho ou a nossa religião.

Assim, a grande diferença entre a prostituta e o fariseu não era o facto de ela, eventualmente, ter mais pecados do que ele. (Provavelmente, se ele tivesse tido uma vida mais difícil, faria pecados ainda maiores do que os dela...). A grande diferença entre a prostituta e o fariseu é que ela tinha decidido **abrir-se ao amor** enquanto ele continuava fechado na sua autossuficiência. Simão não queria deixar-se amar por Deus; queria apenas afirmar a sua santidade pessoal pelos seus próprios meios.

É nós? O que é que realmente nos interessa: abrir-nos ao amor de Deus ou tentarmos ter “as contas em dia” para sermos santos pelas nossas próprias forças? A lógica cristã é a do amor mas, por vezes, usamos a lógica de Simão. E ficamos muito irritados connosco mesmos quando pecamos, em vez de nos abirmos a Deus. **A irritação para connosco mesmos quando pecamos chama-se “remorso”**. Ficamos zangados connosco mesmos porque falhámos. E essa zanga fecha-nos sobre a nossa culpa. Deus, pelo contrário, é sempre Quem nos diz: “Abre-te!”. Abre-te ao perdão, abre-te ao futuro! Essa abertura é aquilo a que já chamámos de “arrependimento”¹⁰. A dor do arrependimento não é a de termos falhado mas a de termos magoado a Deus¹¹. Por vezes começamos por sentir remorsos mas não podemos ficar aí: temos de chegar ao arrependimento (o que também implica sermos capazes de nos perdoarmos a nós próprios, ou seja: de darmos a nós próprios a oportunidade de um recomeço).

¹⁰ A diferença entre remorso e arrependimento fica clara quando vemos a diferença entre Judas (suicidou-se com remorsos do que tinha feito) e S. Pedro (arrependeu-se e, assim, Jesus pode abrir-lhe um futuro cheio de Graça).

¹¹ Por isso dizemos, no “ato de contrição”: “Meu Deus, porque sois tão bom, tenho muita pena de Vos ter ofendido. Ajudai-me a não voltar a pecar”.

Os convidados começaram a falar entre si..

Diz o texto que, no fim da cena,

“Os convidados começaram então a dizer entre si: ‘Quem é este, que até perdoa os pecados?’”

A reação dos convidados é perfeitamente lógica pois só Deus pode perdoar os pecados e os judeus sabiam bem isso. Jesus, perdoador de pecados em nome pessoal, estava a afirmar-se igual a Deus!

De facto, Jesus tem poder para perdoar os pecados. Ou seja: tem um enorme poder em abrir novas portas de Graça nas nossas vidas, e “pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto podemos ou entendemos”¹². Os Evangelhos estão cheios de histórias de pessoas que, como a prostituta, se abriram ao poder de Jesus e viram as suas vidas transformadas, muito para além do que lhes parecia possível. A questão fica no ar, também para nós: acreditamos que Jesus pode fazer de nós pessoas novas, mais livres, mais felizes, mais encontradas com Deus e com a vida? Infelizmente, muitas vezes, estamos mais centrados nas nossas forças e nos nossos pecados do que em Jesus e no Seu poder. Talvez no fundo, no fundo, sejamos parecidos com Simão e pensemos que tudo depende só de nós.

No fim da cena, os convidados não olhavam para a prostituta nem para o fariseu Simão, nem sequer para si mesmos: olhavam para Jesus e para o poder que Jesus tinha. Que seja assim também conosco: que olhemos mais para Jesus, com confiança, sabendo que nenhum pecado é maior do que a Sua Graça!

E que Maria, a “cheia de Graça”, nos leve até Jesus! Hoje, tal como há 2000 anos nas bodas de Caná, ela continua a apontar para Jesus e a dizer-nos “Fazei tudo o que Ele vos disser”¹³.

¹² Ef 3,20.

¹³ Jo 2,5.

A reparação como via da consolação a Deus

José Carlos Carvalho

Introdução

A temática da reparação é uma temática teológica que pode ser vista em duas perspetivas: uma ascendente e outra descendente¹. No fundo trata-se de olhar a reparação como uma atividade ou uma receção, como algo que é dado ou como uma ação que construo e com a qual construo, ou seja, reparo. Teologicamente a reparação é em primeiro lugar e previamente do próprio Deus. Deus é o nosso reparador no seu Filho. Biblicamente isto é traduzido com a categoria do resgate (do *go'é*). Mas por outro lado, a reparação, além de dádiva passivamente acolhida de modo gratuito e imerecido, é oferecida também como desafio, como possibilidade de encarnação. Nesse momento, a reparação é sobretudo um processo, um estilo crente². Mas por ser uma temática teológica que é hoje considerada datada na teologia, ela continua atual e com a necessidade de ser retraduzida, pois o que está em causa é algo essencial à fé e à cristologia – o amor de Deus. Por outro lado, por ser uma temática teológica ela não é nem pode ser considerada exclusivamente teológica, pois verdadeiramente isso não existe. Essa maneira de construir a teologia pertence já à história da teologia, já foi tempo. Entretanto, felizmente, tivemos o concílio Vaticano II com a conseqüente renovação da própria teologia. Só é possível falar em reparação na fé cristã e na teologia porque ela faz parte da nossa vida, do modo de construirmos o mundo, da maneira como vivemos e como precisamos dela. O ser humano é reparável a vários níveis: médico, estético, cirúrgico, económico, financeiro, social, pedagógico, educativo, humano, ao nível da compensação jurídico-penal³ e, também, religiosa e espiritualmente. No fundo, a consciência da necessidade da reparação e da possibilidade que nos é oferecida de

1 Cf. ÉDOUARD GLOTIN, "Réparation", *DSp* XIII (1988) 369-413.

2 Numa perspetiva sobretudo descendente ver MARIA MANUELA CARVALHO, *Teologia e adoração: o tema da reparação na mensagem de Fátima*. In *Fenomenologia e Teologia das Aparições Congresso Internacional de Fátima (1997)* - Atas, Santuário de Fátima 1998, 619-627.

3 Cf. JOSEF KREMSMAIR, "Genugtuung I. Rechtsgeschichtlich", *3LThK* IV (1995) 473.

retribuir essa reparação apenas abre ainda mais a consciência de que somos pecadores e indigentes da salvação. Os vários humanismos da modernidade e da pós-modernidade tentaram construir um mundo sem necessidade de reparação, um mundo autônomo, autossuficiente, um mundo irreparável e imparável porque já, afinal, reparado, totalmente autônomo ao ponto de prescindir de Deus, considerar que já não precisa d'Ele. Ora, o primeiro dado da nossa condição é o do imerecimento, o da dádiva. Somos dados à vida, logo somos antecipados, o mesmo é dizer, Deus é o primeiro a reparar em nós. Começa por fazer reparo /reparação olhando para nós, nota-nos, cria-nos, como canta o salmista no Sl 139,13 «porque Tu formaste os meus rins e teceste-me no seio de minha mãe». Assim, a primeira reparação chega-nos como um dom, e assim vai sendo gerada a fé como vai sendo gerada a vida, por antecipação, por dádiva.

A linguagem vetero-testamentária em vez de “reparação” usou o vocabulário mais comum da época patriarcal, exílica e pós-exílica: o vocabulário do “sacrifício”, da “consolação”, o difícil vocabulário da “expição”, e o da “reconciliação”. No Antigo Testamento Deus restaura, reestabelece a aliança (cf. Dt 34), Deus repara o pecado da idolatria do povo que adorou o bezerro de ouro em Ex 32 ao conceder novamente as tábuas da lei em Ex 34,1-10 depois da intercessão de Moisés, cuja oração tentou reparar o mal feito. A mesma renovação da aliança (outra categoria com a qual Israel repõe o projeto de Deus e traduz a reparação que Deus vai fazendo) continua no difícil séc. VIII a.C. quando Deus vai perdoar a infidelidade do povo em Os 11-14. Deus perdoa programaticamente Israel em Is 1 mesmo que os pecados do povo sejam como o escarlate, e nas vésperas do exílio entra em litígio direto com o povo em Jer 2 para tentar salvar o seu casamento, para reparar a relação sponsal da aliança que Israel tinha rompido unilateralmente entregando-se à prostituição idolátrica. Depois do exílio vai fazer uma aliança nova pela infusão do Espírito. Em Ez 36-37 Deus vai reparar os ossos ressequidos.

No Novo Testamento Deus reconcilia o mundo consigo em Cristo, Cristo supera o muro da inimizade e é a paz, pacífica (cf. Ef 2,11-14). Cristo é colocado como reparador, como reconciliação no lugar dos irreparáveis pelo pecado (cf. 2Cor 5,21). O Filho de Deus redime (cf. 2Cor 5,17), liberta (cf. Gal 5,1), é a redenção (cf. 1Cor 1,30), é o mediador entre Deus e a humanidade que repara essa relação (cf. 2 Tim 2,5).

A teologia patrística meditou na reparação da condição humana com a linguagem teológica da substituição inspirando-se em São Paulo em Rom 8,32-34. Tertuliano e S. Cipriano transpuseram a noção jurídica da recompensa do direito romano para a dimensão reconstrutiva do sacramento da penitência. Esta teologia justicialista da relação cristã entre Deus e a humanidade passou através da teologia da substituição ou da satisfação até à alta Idade Média à teologia anselmiana da



justificação no *Cur Deus homo*, I,15 («nada pode ser acrescentado ou tirado à natureza de Deus»). Esta teologia da satisfação, evitada por Pedro Lombardo e por Abelardo e pensada como doação bastante de graça por S. Tomás, construiu uma imagem de um Deus de tal forma juíz que exigia uma doação proporcional o bastante que O satisfizesse. Este era um Deus absoluto, um senhor absoluto entendido como tal (um “absoluter Herrscher verstandene Gott”)⁴. A crítica moderna ao sacrifício colocou, por isso, em causa também a própria linguagem da “reparação” por evidenciar demasiado a fragilidade da condição humana ou por oferecer muitas vezes a imagem de um Deus contabilístico, imagem que não é a do Deus cristão. Todavia, é a linguagem dos Pastorinhos que tem de ser traduzida e compreendida na sua riqueza. Por causa disso, neste quarto ano de preparação do centenário, o Santuário propõe-se pensar a reparação – temática que atravessa a mensagem de Fátima – como via de consolação e de amor, quer a consolação que Deus nos concede por amor quer a consolação que podemos oferecer ao nosso Deus, que assim, afinal, Se mostra como não impassível⁵. Esta constitui uma outra forma de dizer a reparação permanente que Deus faz da nossa condição de pecadores, e a possibilidade que nos oferece de refazermos as contas da história, de irmos reparando as consequências dos nossos pecados. Isto acontece porque na raiz da nossa ação está a nossa condição marcada pela solidariedade. Somos todos solidários na condição de pecadores. Nesse sentido, a solidariedade permite e pede que Deus Se solidarize connosco reparando-nos, e que nós nos solidarizemos uns com os outros reparando-nos uns aos outros. Se primeiro a reparação de Deus nos vem como consolação de Deus no perdão e no amor, a solidariedade da nossa condição comum – esse transcendental – permite *reparar* uns nos outros para sermos reparados uns pelos outros e para nos repararmos uns aos outros. Esta solidariedade – outro nome contemporâneo da reparação, e categoria desconhecida ao tempo dos Pastorinhos – permite então assumir o lugar do pecador, perante Deus. Este constitui um sinal do amor de Deus e simultaneamente um sinal do amor a Deus. É sobretudo nesta segunda aceção, mais ascendente, que a temática da reparação surge distribuída na mensagem de Fátima. Importa, então, ver os dados fundamentais para auscultar a riqueza desta temática na mensagem de Fátima – temática frequentemente desconhecida porque de uma linguagem datável e muitas vezes recusada pela aversão que causa à cultura contemporânea da fruição e do consumo. Na verdade, a questão central que a temática da reparação coloca à fé cristã é a da própria gratuidade da salvação, pois o voluntarismo para o qual parece que a reparação

4 Cf. KARL-HEINZ MENKE, “Genugtuung II. Theologiegeschichte”, *3LThK IV* (1995) 474.

5 Sobre esta temática ver o nosso trabalho *Deus sofre?* In VÍTOR COUTINHO (coord.), *Atas do Congresso “Jacinta Marto – Do encontro à compaixão”, Fátima 4-6 de junho de 2010*, [= Coleção Fátima Estudos 2], Santuário de Fátima 2010, 247-287.

convoca pode fazer pensar numa dispensa da gratuidade da salvação, quase num farisaísmo redentor ou autossuficiente. Além deste risco, a prática reparadora foi vertida durante séculos na linguagem sacrificial autónoma e individualista de muita ascese. Ora, a reparação bebe nas próprias fontes da fé cristã. A teoria dos vasos comunicantes, a solidariedade na mesma condição batismal e na comum vocação à santidade (contributo este do Concílio) estabelece canais de reparação dos irmãos aos irmãos, dos irmãos pelos irmãos numa pró-existência, numa solidariedade em favor dos irmãos. Mas a mensagem de Fátima pede algo mais a que não estamos habituados – não *reparar o próprio Deus mas reparar para Deus, em favor de Deus*. Não se trata de uma solidariedade apenas horizontal nem de uma filantropia, imanente, mas de uma ação com efeitos na relação com o Transcendente que a fé cristã nomeia Deus, pelo que a temática da reparação não reduz a uma simples filantropia o dom do amor com que Deus olha para nós, repara em nós. Trata-se aqui não de um voluntarismo substitutivo, mas de responder ao amor de Deus, de parar para olhar (adorar) para Deus. A reparação é um gesto de amor, é uma resposta ao amor que primeiro Deus nos concede, é uma *redamatio*, não é uma substituição, não é uma “equivalência”⁶ ou uma satisfação que aplaque um Deus irado e vingativo de acordo com uma leitura literalista de Rom 12,19 muito comum em muita teologia protestante e na respetiva tradução do *rapture*⁷ ou do dispensionalismo de John Nelson Danby (1800-1892)⁸ e de Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921). Como indica a frase/tema deste ano de preparação do centenário, somos “envolvidos no amor de Deus pelo mundo”, esta é a atmosfera da reparação, e só essa envolvimento explica a corda da Jacinta, corda que Nossa Senhora na aparição de setembro não negou nem absolutizou, apenas colocou no seu devido lugar.



1. A reparação na mensagem de Fátima

O convite à reparação atravessa os três ciclos de aparições marianas na mensagem de Fátima. Nas duas primeiras aparições angélicas da primavera e verão de 1916 o Anjo de Portugal pedia já a reparação no registo linguístico do sacrifício e da petição de perdão:

«não temais, sou o Anjo de Portugal, orai comigo... fez-nos repetir três

⁶ Cf. KARL-HEINZ MENKE, “Genugtuung III. Systematisch-theologisch”, *3LThK IV* (1995) 474.

⁷ Cf. HAL LINDSEY, *The Late Great Planet Earth*, Grand Rapids 1970, 111-113; TIM LAHAYE, *Revelation Illustrated and Made Plain*, Grand Rapids 1976, 184-189; IDEM - JERRY B. JENKINS, *Left Behind* (1996), Wheaton 2006; ERNST LOHMEYER, *Die Offenbarung des Johannes* (Göttingen 1926), [= HINT 16], Tübingen 21953, 114-117; JOHN F. WALVOORD, *The Revelation of Jesus Christ A Commentary*, London 1966, 197-198, 204-212. Para uma crítica lúcida a este movimento sectário e fundamentalista ver GERHARD A. KRODEL, *Revelation*, Minneapolis 1989, 26; TIMOTHY P. WEBER, *On the Road to Armageddon How evangelicals became Israel's best friend*, Michigan, Baker House 2004, 13, 295; CHARLES H. TALBERT, *The Apocalypse A Reading of the Revelation of John*, Louisville Kentucky 1994, 122.

⁸ Cf. BERNIE CALAWAY, *Revealing Revelation A Guide to the Literature of the Apocalypse*, San Francisco - London - Bethesda 1998, 178-180.

vezes estas palavras: –“meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e Vos não amam”»⁹. Na segunda aparição no verão no poço chamado Arneiro acrescenta a este registo linguístico o vocabulário do sacrifício, da suportação e da súplica, próprios da piedade popular daquela época: «De tudo o que puderdes oferecei a Deus sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí, assim, sobre a vossa pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar»¹⁰.

Na terceira aparição angélica no outono de 1916, o Anjo continua o convite à reparação, desviando sempre os Pastorinhos de «uma busca direta do sofrimento e do sacrifício, insistindo na aceitação dos aspetos aflitivos da vida»¹¹, e lê a eucaristia como um sacrifício reparador, como que uma recompensa pelos ultrajes infligidos a Jesus: «... e faz-nos repetir três vezes: – Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido... tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus»¹².

Na primeira aparição mariana de 13 de maio de 1917, Nossa Senhora pergunta aos Pastorinhos se querem oferecer-se a Deus «para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-[lhes], em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»¹³. Na terceira aparição do dia 13 de julho desse mesmo ano, Nossa Senhora anunciou em Fátima que «para impedir a guerra [viria] pedir a consagração da Rússia ao [seu] Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos Primeiros Sábados»¹⁴. Na aparição de 19 de agosto pedia o sacrifício reparador da oração: «rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas»¹⁵.

A frase inspiradora para este ano de preparação do centenário é precisamente tirada da segunda memória da Irmã Lúcia onde relata o que a Senhora lhe pediu na terceira aparição de julho: «Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria»¹⁶. Esta última devoção veio pedi-la depois no ciclo cordimariano, aparecendo

9 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias*, Fátima 132007, 77.170.

10 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (IV 1941)*, Fátima 132007, 78.171.

11 STEFANO De FIORES, *Reparação*. In CARLOS ALBERTO MOREIRA AZEVEDO - LUCIANO CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Lisboa, Principia 2007, 476.

12 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (IV 1941)*, Fátima 132007, 79.172.

13 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (IV 1941)*, Fátima 132007, 82.173.

14 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (1941) III-IV*, Fátima 132007, 122.178.

15 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (1941) IV*, Fátima 132007, 179.

16 IRMÃ LÚCIA (1907-2005), *Memórias (IV 1941)*, Fátima 132007, 87.177.

à Irmã Lúcia a 10-12-1925 em Tuy, Espanha. Nessa altura concretizou-a em práticas muito simples e pedagógicas como a consagração dos cinco primeiros sábados e a recitação do terço: «Olha, minha filha, o meu coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos me cravam com blasfêmias e ingratidões. Tu, ao menos, procura consolar-me e diz que prometo assistir na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação, a todos os que, no Primeiro Sábado de cinco meses seguidos, se confessarem, receberem a Sagrada Comunhão, rezarem um terço e me fizerem companhia durante quinze minutos, meditando nos quinze mistérios do Rosário com o fim de me desagrarar»¹⁷. Estas práticas devocionais são reafirmadas nas visões de Jesus nos dois anos seguintes a 15 de fevereiro de 1926 e de 17 de dezembro de 1927¹⁸. A 13 de junho de 1929 Maria pede a Lúcia: «são tantas as almas que a justiça de Deus condena por pecados contra mim cometidos, que venho pedir reparação: sacrifica-te por esta intenção e ora»¹⁹.

2. A reparação do pecado como condição de perdão

Como poderá o perdão traduzir a reparação? Que tem uma realidade que ver com a outra? Mais uma vez, poderemos olhar esta relação nas duas direções que a compõem, e igualmente nos atores. Se reparar supõe parar para refazer algo que foi desfeito, a reparação então começa no reparado enquanto reparador. Tenho de parar para olhar para mim mesmo, para reparar em mim. Só nessa altura estarei disposto e aberto ao olhar do Outro que desde sempre repara em mim e me quer reparar. Neste contexto é possível então falar de duas direções no processo de reparação, como foi afirmado, o que pressupõe dois pontos de partida: um de nós para Deus e outro de Deus para nós. No fundo, reabilitamos aqui todo o processo de mediação sacerdotal no Antigo Testamento e na vida cristã. O mediador é aquele que está no meio, que leva o mundo até Deus e que traz Deus para habitar o mundo. Nestas duas direções podemos parar para olhar para Deus ou contemplar a paragem de Deus que olha, que repara em nós para reparar a nossa vida com a sua graça. Nestas duas direções é delineado um percurso de reconhecimento do pecado como condição de perdão, porque ao reparar na nossa condição de pecado abro caminho para a reparação do mesmo através do perdão. Nesse momento desejo buscar um perdão que é constante e que repara a minha relação ao mundo e a Deus. Sendo assim, também podemos

17 IRMÃ LÚCIA (1907-2005). *Memórias (1941) IV*, Fátima 132007, 192.

18 IRMÃ LÚCIA (1907-2005). *Memórias (1941) IV*, Fátima 132007, 193.

19 IRMÃ LÚCIA (1907-2005). *Memórias (1941) IV*, Fátima 132007, 195.

então contemplar o perdão de Deus sempre prévio ao pecador para o reparar, para o reconstruir, pelo que podemos aí contemplar essa mesma condição que repara o meu pecado. Desta forma poderemos falar em duas direções delineadas neste percurso de reconhecimento: uma de nós que se inicia quando nos damos conta do nosso pecado, e outra da parte de Deus que desde sempre (re)conhece que somos pecadores e indigentes da sua misericórdia que repara o nosso pecado. Nestas duas direções, para ser reparado, para ser notado por Deus tenho de deixar que Ele me repare, é necessário reconhecer o mal cometido para, com essa consciência, construir um caminho outro. Isto supõe a anuência da liberdade, o consentimento, o reconhecimento da nossa condição de pecadores. Só então o perdão de Deus será reparador, isto é, eficaz pois ao perdoar, ao dar por esse gesto de graça (gratuito) a sua graça e uma nova chance, está a reparar uma relação dilacerada, pelo que em última instância o Reparador acaba por ser Aquele que inicia e conclui o processo. Nós continuamos no meio como mediadores, e Deus só pode perdoar se efetivamente vir que nos arrependemos e que queremos mudar de vida, refazer as contas da história, recompor o que destruímos. É o que acontece também com os sacramentos que só são eficazes se não impusermos óbice, se a nossa liberdade consentir. Sem mostrarmos que queremos reconstruir o que desfizemos não há perdão eficaz. Ele existe em Deus mas a nossa liberdade impede-o de se tornar eficaz, é contumaz quando quer deixar tudo como estava antes.

Este processo que acontece na relação cristã entre o crente e Deus replica-se na relação fraterna e replica-se agora na reciprocidade das direções das relações interpessoais, pois se existe a violação de um dos mandamentos da lei de Deus, sobretudo a partir do quarto, só conseguimos manter a relação com base na confiança e na gratuidade. Isto acontece mesmo ao nível social. O mundo só funciona por causa da gratuidade nossa e de todos, que permanentemente está a "olear a máquina", a reparar os atropelos e as injustiças. Para que a sociedade sobreviva é necessário o perdão para reparar as relações interpessoais, o que faz então com que o reconhecimento da necessidade de reparação seja a condição para o perdão e para a própria sobrevivência. Individual, comunitária e socialmente é necessário refazer o que foi desfeito, é necessária a reparação do pecado cometido para que aconteça o perdão e para que consigamos continuar a viver em sociedade, não na base da violência e da competição como pensaram os ideólogos do estado moderno como Hobbes (1588-1679)²⁰. Esta é a condição de perdão, perdão que permanece sempre gratuito, mas que como gratuito que é precisa sempre do consentimento da liberdade. Isto abre sempre então o lugar à esperança, e deixa o futuro

²⁰ Cf. THOMAS HOBBS, *Elements of Philosophy (1656)* cap.XI.5. In Sir WILLIAM MOLESWORTH, *The Collected Works of Thomas Hobbes collected and edited* I, London 1994, 135.

nas nossas mãos. Podemos mudar o caminho dos acontecimentos, o que torna a vida muito mais bela e livre, pois não há fatalismos nem destinos, mas graça e liberdade. Este é o jogo da vida, e este jogo torna a vida humana sempre reparável e sempre perdoável, primeiro por Deus e depois pelos irmãos.

3. A reparação como resistência à força do mal

Amar ao ponto de refazer o que foi destruído pelo nosso pecado, quando é reparável, é um ato de amor, de grande humildade e de esperança. Interessa-nos aqui sobretudo o primeiro e o último aspeto. O esforço por tentar consertar o que se estragou nas várias valências da vida humana apontadas pelos mandamentos é sinal de esperança numa outra maneira de estar no meio do mundo e de orientar por outros valores que não nos façam propender para o mal. Já o querer não ficar apenas a olhar para o passado e para o pecado que se cometeu, tentando seguir outros caminhos, é um sinal de esperança e de capacidade de luta. Este esforço de reparar o mal cometido ou infligido é um sinal de capacidade de luta contra o mal, dá mostras de que não nos resignamos e encontramos o mundo sempre como lugar de esperança. Esta é a atitude específica da fé cristã, que como fé que é confia no real e encontra o mundo como lugar da esperança, nunca vergado inexoravelmente ao mal, à força do mal para o qual, sabemos, propendemos ao ponto de não fazermos o bem que queremos mas o mal que não desejamos. Apesar desta maldição (Rom 7,24), querer reparar o mal é já sinal de capacidade de resistência face ao mal, de que é possível resistir ao mal nos seus efeitos fisiológicos (*Übel*), na sua malvadez dos malefícios que provoca (*Schlecht*) e na sua perturbação da ordem moral (*das Böse*). Reparar o mal significa que ele não é a última palavra da vida humana, que Deus é mais forte do que ele. Resistir-lhe descobre-nos um olhar positivo sobre a vida, pois abre o horizonte para lá do imediato, ao horizonte escatológico, à surpresa, à esperança, à novidade. É um sinal de saúde e de confiança. Reparar o mal só o consegue quem está acima do mal, quem não tem uma visão maniqueia ou gnóstica do mundo, quem faz o seu olhar parar em Deus, quem repara n'Ele, quem olha para Ele, quem tem como eixo orientador a transcendência, pois só essa liberta das contingências da história, transcende os nossos limites, transcende o mal, e por isso nos torna livres, não aprisionados. Os maus, as maldades, as coisas más então não nos afogam. Existe sempre algo mais e melhor, nunca nos damos por satisfeitos pelo que já temos ou pelo que já somos, pois ainda não está bem.



4. A reparação como via de consolação

Na mensagem de Fátima a temática da reparação surge preferencialmente como a consolação a Deus e não tanto como a consolação de Deus. Trata-se de traduzir, na primeira aceção, o contributo que o mundo da credulidade pode dar à consolação para o próprio Deus e para o mundo, sendo este mundo na mensagem de Fátima quer o mundo presente quer o mundo *post mortem*. Com efeito, é comum nas aparições ver Nossa Senhora pedir a reparação dos pecados cometidos contra o seu Imaculado Coração ou contra o próprio Senhor Jesus. Para atenuar este sofrimento infligido quer à Mãe do céu quer ao Seu Filho, Nossa Senhora propõe a oração e outras práticas pedagógicas como a consagração dos primeiros sábados, a adoração eucarística ou a recitação do rosário. É frequente na mensagem de Fátima encontrarmos o convite para atenuarmos o sofrimento de Deus e do seu Filho Jesus. Para tal, a mensagem de Fátima propõe que façamos memória do sofrimento do mundo. Rezar pelas almas dos pobres pecadores é um remédio para atenuar as suas penas no purgatório, assim se exprime a linguagem tradicional e da época das aparições. Isto significa que a comunhão dos santos é efetiva, ela prolonga-se para lá da morte. A nossa oração tem, por isso, grande valor, na medida em que pede a intercessão pelos pecadores para que sejam consolados e descubram a beleza da fé e da vida em Cristo. Isto é tornar a reparação orante, neste caso, um caminho de consolo.

Esta troca inspira-se na ação benevolente de Deus segundo 2Cor 5,21, onde Paulo ensina que Deus colocou o Seu Filho reparador (conciliador e salvador) como pecado no lugar dos irreparáveis (dos pecadores) não sendo pecador. Ao fazer isto, Cristo torna-se para o mundo o grande consolo na medida em que nos repara, reconstrói, reconcilia, em suma, nos salva, tira-nos de onde não conseguimos sair por nós mesmos devido ao nosso pecado. Permitindo que participemos na sua vida, Cristo consola-nos. Tal acontece por seu mérito, por graça. É espiritual e humanamente gratificante a consciência deste dom. Dar-nos o que por nós não conseguimos alcançar é consolador. Essa dádiva é uma reparação. Cristo reparou e repara sempre em nós. Isso é consolador. Por isso, a reparação (a dádiva da vida, da fé, da graça, da solidariedade) é em primeiro lugar um consolo para o próprio como também uma graça para os que são objeto dessa dádiva. Ao realizar o que o outro por si só não consegue mas deseja, isso é consolador, gratificante. Na verdade, a consolação não acontece apenas para aquele que é consolado, para aquele que é objeto de reparo (sobre o qual se olha com um olhar de benevolência). Antes, a consolação começa no consolador(a), no reparador(a). Nesse momento descobre que saiu do círculo da violência, está aci-

ma dos acontecimentos e compreende verdadeiramente quem sofre ao ponto de um amor maior. Neste sentido, quem repara em quem sofre, quem repara por quem sofre ama, e ao amar consola. O amor do amante recai sobre o amado. A consolação de quem repara, de quem tenta ou consegue refazer as contas da história atinge/recai sobre quem é amado, sobre quem é reparado, sobre quem se faz parar o olhar de misericórdia, o que faz da reparação um caminho de consolação quer sobre quem é consolado quer sobre quem consola, sobre quem é reparado e sobre quem repara, sobre quem é amado e sobre quem ama, pois quem dá recebe ainda mais tal como promete o evangelho (cf. Mc 10,29-30).

5. A consolação de Deus, no perdão



Há primeiro que ter em conta que as categorias de “consolação”, “reparação” e “perdão” aplicadas a Deus não atingem cada uma delas o mesmo grau nem a mesma aplicabilidade. Na sequência do que até agora vem sendo dito, a consolação de Deus é assim uma categoria com a qual traduzimos a ação benevolente pela qual o Pai do céu repara em nós, olha atenciosamente para nós, SE (pre)ocupa-Se conosco. Mas ela não se fica apenas como descendo dos céus, ela prolonga-se na terra. Com efeito, Deus consola para que consolemos, e podemos fazê-lo quer a Ele quer ao mundo. A consolação de Deus chega-nos no perdão quando somos perdoados, mas ela também advém ao mundo quando perdoamos o mundo, fazendo desse perdão um lugar ou tempo de consolação por onde se intui a consolação de Deus, por onde se abre o caminho da transcendência. Deus quando perdoa pretende restaurar a aliança. Quando perdoamos consolamos, aliviados, damos conteúdo ao amor de Deus, aos seus gestos reparadores, restauradores, salvíficos.

O gesto gratuito do perdão de Deus é imerecido, fruto de uma misericórdia imotivada. Logo à partida, por isso é consolador, é restaurador das forças e reparador da esperança. É a tradução do Deus amor em si mesmo consolação ao Filho no Espírito. Na mensagem de Fátima encontramos várias vezes o convite para consolarmos a nosso Senhor porque é terrivelmente ofendido pelos nossos pecados. O ato de consolar (na altura das aparições traduzido com a linguagem do desagravo) surge na mensagem de Fátima muito direcionado para Deus, sendo aí Deus objeto e não sujeito da consolação. Ora, Deus é consolável mas não reparável, pois não precisa de reparação em Si se entendermos aqui a reparação como o processo de reconstrução de algo que ficou diminuído ou que foi destruído. Por isso, «o mistério da reparação toca a essência da cristologia. Enfrenta os problemas nevrálgicos do sofri-

mento de Deus e da consciência do Cristo...»²¹. O nosso Deus não fica indiferente, podemos consolar a Deus. A única e substancial diferença é que Deus não precisa de ser perdoado. No entanto, a consolação de Deus não se restringe apenas ao perdão que nos concede. A consolação de Deus no perdão também vai no perdão aos irmãos e ao mundo, ou visto de outro ângulo, o perdão aos irmãos e ao mundo transporta a consolação de Deus, sacramentaliza a misericórdia imotivada de Deus. Por aí também Deus repara as contas da história. Isto faz da reparação um ato não intimista ou individualista. É sempre um ato pessoal. Quando perdoamos, quando somos sujeitos do perdão estamos a encarnar o projeto do reino, estamos a consolar porque fomos consolados. Nesses momentos, pelo perdão abrimos novamente a porta da aliança, reparamos a relação rompida, e nesse sentido reparamos, restauramos. É o mesmo que Deus faz a cada um de nós quando nos perdoa. Essa é uma experiência de graça, gratificante, consoladora. Quando os irmãos recebem o nosso perdão ficam consolados, aliviados, fazem uma experiência gratificante, aproximam-se da graça. Assim, a consolação de Deus chega e parte no perdão, repara a nossa relação com Ele e com o mundo. No perdão somos reabilitados por Deus e o mundo é reabilitado pelo nosso perdão para se aproximar da experiência da graça e da transcendência.

6. Assumir o lugar do pecador, perante Deus

Nem sempre é possível assumir ou descobrir esta consciência. Nesse momento é necessário assumir o lugar do pecador, perante Deus, pois quem perdoa e vive a fé em Deus sabe que quem não o faz está numa situação muito pior. Estabelece-se aqui um processo de substituição. Nesse momento tentamos remediar o que o outro fez ou desfez, tentamos reparar os danos do pecado individual e social. Esta é a experiência de Jesus e dos servos de Javé no deuteró-Isaias (cf. Lc 22,37; 1Ped 2,22-24). O servo de Javé coloca-se no lugar do povo pecador de Israel para realizar um resgate substitutivo transformando-se num “góél”, naquele que resgata, isto é, naquele que repara na situação de pecado em que o povo vive e que por isso quer reparar a vida do seu povo, quer restaurar o seu próprio povo. Este servo apresenta um interesse mais religioso por ouvir o convite de Deus (cf. Is 42,3.7; 50,4; 53,4-5), tenta eliminar o pecado carregando os pecados dos outros (53,4-5), interessa-se por que a salvação chegue a todos (49,6; 53,12). O servo de Is 49,3-4 espelha a fragilidade e os receios, pois ao servo a sua missão parece um fracasso. No entanto, é um

21 Cf. ÉDOUARD GLOTIN, “Réparation III. Doctrine”, *DSP* XIII (1988) 412.

sucesso para Deus. Este servo já passa por uma agonia semelhante à de Jesus no Getsémani em Mc 14,33-36, faz aí a experiência da última porta que dá sentido – a fé, a confiança no Deus confiável, fiável, fiel, digno de fé, pois humanamente é uma missão impossível, sem sentido, sem nexos ou razão. Este servo não deixa de ser humano, que sofre diante do sofrimento, que não consegue explicar totalmente como Job e como Jesus (cf. Sl 22). Por isso, vêm os vv.5-6 como sinal de encorajamento, alargando o campo evangelizador. A missão do servo passa os limites geográficos da Palestina e de Israel e estende-se a todos os povos. Esta missão sem fim apresenta uma *finalidade* espiritual: levar à conversão sendo luz e salvação. O servo está assim chamado a ser sacramento de Deus, sinal da misericórdia de Deus no meio de todo o mundo e da história dos Homens.

O quarto canto de Is 52,13-53,12 desfaz a ambiguidade do terceiro canto, pois aqui o sofrimento é exaltação do servo, é riqueza para a multidão e justificação da multidão, o servo coloca-se substituindo-se no lugar dos pecadores. Isto é uma doutrina totalmente nova, incrível para Israel. O servo repara-os. Perante este facto há que evitar dois extremos: dizer que isto é totalmente impossível (pois ao nível humano é de facto constatável um acréscimo pelo sofrimento em nome dos outros, pelo sacrifício pelos outros), ou dizer que tudo é explicável, total e facilmente racionalizável. Note-se que o sofrimento do inocente permanecerá sempre enigmático como crítica à doutrina tradicional do princípio da retribuição proporcional (cf. Job, Qo).

A novidade deste canto é o triunfo do humilhado. Por outro lado, quem narra está de fora, do lado dos que assistem ao espetáculo, do lado dos que ultrajam. São eles que contam que a existência do sofrido é uma existência atormentada, dolorosa, mas também o é a existência dos próprios que atormentam, dos que fazem sofrer, pois reconhecem-no («os nossos delitos»: Is 53,5) e lamentam-se: «pelas suas chagas todos nós fomos curados» (Is 53,5). Este é o sentido e o alcance da primeira pessoa do plural. Diante de tudo isto, não admira que esta figura tivesse sido relida logo à luz da Páscoa no credo da comunidade cristã primitiva (cf. 1Cor 11,23; 15,3-5). Por tudo isto podemos concluir que o servo refaz, restaura, repara, restitui os pecadores à aliança pela consciência do seu pecado. Como vítima inocente, o servo está onde os outros não sabem que estão nem o que fazem, e por isso o servo repara, sacrifica-se por eles, põe-se entre eles e Deus. Este quarto servo apresenta-se como um figura *sacerdotal, sapiencial e profética*, que pertence aos “anawim”. É um profeta que sofre na condição de mediador que dá a vida em favor da multidão e dos pecadores. Este servo continua a experiência dos enviados de Javé pois as provas *afligem* o enviado de Deus na execução da sua missão, à semelhança de Paulo que também experimenta uma agonia interna e externa (cf. 1Tes 2,4-9). Todavia, emerge neste servo uma *figura de*



ordem espiritual capaz de reconciliar o Homem com Deus, capaz de reparar uma relação de aliança destruída. Os que romperam a aliança não são capazes disso, precisam de alguém que interceda ou medeie.

7. A atitude reparadora como empenho por um mundo bom e belo

A restauração das forças resulta de uma dádiva, bebe numa fonte – o amor de Deus – que a mensagem de Fátima conclui nas aparições cordimarianas com a visão da graça e da misericórdia. Mas se há preocupação quer por parte dos profetas no Antigo Testamento quer por parte de Jesus nos evangelhos é a de não reduzir o reino à pura interioridade. Na verdade, a palavra de Deus, a mensagem da salvação e a releitura profética desta história que é a mensagem de Fátima apresentam, como não poderia deixar de ser, uma incidência pública desta palavra. Dito de outro modo, a palavra de Deus não está destinada para ser apenas acolhida intimisticamente de maneira sentimental ou privada. Antes, ela apresenta consequências sociais e públicas reverberadas muito bem na Doutrina Social da Igreja. Do mesmo modo, a reparação não é uma questão privada da relação pessoal de fé, mas tem repercussão pública, necessariamente. A privatização da fé a que a modernidade conduziu quis e quer reduzir a fé apenas a uma questão pessoal ou sentimental, extirpando-a da sua força política e social. Assim sendo, a reparação também passa pela reconstrução do tecido social e político. A reparação não se preocupa apenas em reparar, em restaurar a nossa relação de aliança com Deus, mas pretende também incidir na realidade humana de forma abrangente, pois por aí também passa o crivo da nossa relação a Deus. Não é possível separar a reparação do mundo, pois é para o mundo que ela existe e é dirigida. Ao repararmos o mundo estamos e repor o projeto genesiaco dilacerado pelo pecado. Não podemos dissociar a relação com Deus da relação com os irmãos, pois uma não existe sem a outra. Nesta não dissociação há um trabalho de casa a fazer: é necessário parar para olhar, reparar, notar, observar, apontar para si para depois apontar para os outros. Reparar no olhar dos outros, reparar o olhar dos outros corrigindo-o fraternalmente abrange todas as dimensões da vida humana. Por isso, a reparação não se fica pela reposição de um bem material, mas vai até àquilo que é mais específico e humano da pessoa – a sua dignidade fundamental, o seu valor imaterial.

Estamos aqui no âmbito da (re)construção da civilização do amor, na edificação de um mundo melhor, pelo que não nos ficamos apenas pela recompensa a alguém quando se deu a lesão de algum bem

material. O que está em causa é o esforço de tentar compensar por um bem imaterial perdido, danificado, lesado, destruído, algo não mensurável²². Esse bem imaterial (mas que depois se materializa) é o amor de Deus, é a beleza e a bondade de Deus. Como diz o nosso povo “amor com amor se paga”, linguagem que a tradição espiritual traduziu com a oferta do amor ao amor de Deus, a *redamatio*, um “weitergeben derselben Liebe”²³, uma (re)doação. De facto, é a resposta resultante do amor primeiro de Deus que desde a criação viu que tudo era “tôb” em Gen 1, viu que tudo estava bem, era belo e bom. Estas três traduções são possíveis. Nesta perspetiva, «tornando-se intrinsecamente reparador, o amor integra todos os atos da vida cristã (e não só o domínio do sacrifício oferecido): se a sensualidade é reparada pela ascese, a blasfémia é pelo louvor, a ingratidão pela ação de graças, a profanação pela adoração, o ateísmo pela confissão da fé... a reparação só é autêntica se incluir o serviço do pobre, o ecumenismo, o respeito pela vida, o combate pela justiça... coextensiva à história da Igreja, a praxis reparadora não é redutível a nenhuma das figuras contingentes na quais por vezes foi encerrada caricaturalmente»²⁴. O empenho por um mundo bom e belo desadamaiza a condição humana para a tornar participante do projeto de Deus. É preciso então reparar nas fragilidades do nosso mundo para ajudar a “consertá-lo”, a repará-lo. Isto supõe um grande amor, tudo isto é feito no amor, com caridade para que a cidade dos Homens se vá tornando a cidade de Deus, para que a Babilónia de Ap 18 se vá esfumando na noiva do alto de Ap 21,9.



Síntese

Antes de falarmos na nossa reparação é preciso não esquecer a sua fonte – a reparação que Deus faz sempre do nosso pecado reabilitando-nos pela graça à vida da graça. Primeiro Deus repara-nos e só depois é que reparamos por Cristo, com Cristo e em Cristo. Por isso, «para evitar equívocos teológicos e distorções espirituais é oportuno colocar a reparação na ótica bíblica do amor»²⁵. A reparação reproduz o amor de Deus e o amor a Deus. Todavia, ela ficou refém do voluntarismo de muita ascese e de uma espiritualidade individualista que perdurou até ao Vaticano II. Aí, o pecado foi pensado como um crime de lesa-majestade, mas Deus continuava na sua majestade no olimpo celestial. É iluminador que os Pastorinhos, muitos anos antes do Concílio, tenham conseguido fugir a esta teologia algo abstrata e

22 Cf. J.-M. AUBERT, “Réparation”, *Catholicisme Hier Aujourd’hui demain* XII (1990) 927.

23 Cf. KARL-HEINZ MENKE, “Genugtuung III. Systematisch-theologisch”, *3LThK* IV (1995) 474.

24 Cf. ÉDOUARD GLOTIN, “Réparation III. Doctrine”, *DSp XIII* (1988) 410.

25 Cf. G. IAMMARRONE, “Riparazione”. In L. BORRIELLO – E. CARUANA – M. R. DEL GENIO

– N. SUFFI (a cura di), *Dizionario di Mistica*, Vaticano 1998, 1073.

piramidal, ainda que não pudessem evitar a linguagem do desagravo. Os Pastorinhos ficam muito marcados pela experiência da luz e pelo mistério do amor de Deus. Na sua infância espiritual muito adulta auscultam esse mesmo mistério e saboreiam-no, pelo que o desejam, o creem. Reparar para os Pastorinhos significa amar a Deus e não buscar o sacrifício pelo sacrifício. É a experiência de Jesus que não buscou o sofrimento pelo sofrimento. Por amar sofreu; do mesmo modo os Pastorinhos. E por amarem muito a nosso Senhor – o mistério trinitário do amor – sofrem, e por mais quererem amar mais sofrem ao ver o amor de Deus rejeitado. É a experiência da cruz, sentir na pele o pecado do mundo por amor ao mundo. Aí chega o verdadeiro amor, mas isso é dom de Deus.

A teologia da reparação ficou infelizmente marcada por uma leitura redutora do famoso versículo da carta aos Colossenses que biblicamente fundamenta a nossa ação reparadora: «agora alegro-me nos sofrimentos por vós e completo o que falta das aflições de Cristo na minha carne, a favor do seu corpo que é a Igreja» (Col 1,24). Este famoso versículo no seu todo normalmente não é citado na íntegra, mas apenas a parte primeira, ficando a sensação de que a obra redentora de Cristo não ficou completa, e entrando-se mesmo em contradição com a irrevogabilidade soteriológica de Cristo atestada na carta aos Hebreus em Heb 10,10: «por vontade de Deus somos santificados pela oferta do corpo de Cristo de uma vez para sempre» (cf. Heb 7,27; 9,2; Rom 6,10). Se me esqueço da segunda parte («na minha carne, a favor do seu corpo que é a Igreja») parece que falta algo à obra redentora de Cristo e que sou agora obrigado a reconstruir, a refazer, a completar algo no Cristo inacabado. Ora, é na minha carne que falta algo da experiência do sofrimento pela qual Cristo passou e que falta algo da experiência do seu amor ao mundo, não é a Cristo. Por outro lado, esse acabamento aperfeiçoa a própria Igreja; é em favor do corpo de Cristo que é a Igreja. Assim, a reparação repara o que falta à minha carne e à carne da Igreja. Se repara cumpre e acaba. Fazer reparação significa querer cumprir por quem não quer cumprir e querer acabar por quem não quer acabar o amor de Deus ao mundo.

Arrependei-vos porque Deus está perto (cf. Mt 3,2)

José Manuel Pereira de Almeida

Um convite?
Um brado?
Uma voz que desafia.
Que inquieta.
Voz que anuncia a Palavra.
Voz do precursor.

João Batista, o precursor da radical proximidade de Deus

O que é certo é que vinha ter com ele «gente de Jerusalém, de toda a Judeia e de toda a região ao redor do Jordão» (Mt 3,5). Era uma figura estranha. Um asceta. As suas roupas «eram feitas de pelos de camelo» e «usava um cinto de couro na cintura» (Mt 3,4a). E alimentava-se de «gafanhotos e mel silvestre» (Mt 3,4b).

Quem era este João? A reflexão da comunidade de Mateus, proveniente maioritariamente do judaísmo, identificava-o como o «anunciado pelo profeta Isaías: “Voz daquele que clama no deserto: ‘Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas’ ”» (Mt 3,3). E que dizia João quando pregava às pessoas que o procuravam no deserto da Judeia (cf. Mt 3,1)? Estava convicto de que o Reino dos céus estava próximo, que estava mesmo para muito breve; e que, por isso, era urgente que as pessoas se arrependessem para que esse dia não as apanhasse de surpresa sem poderem «fugir da ira» (Mt 3,7b) que se aproximava. O batismo com que ele batizava era um batismo de penitência: as pessoas confessavam-se pecadoras e «eram batizadas por ele no rio Jordão» (Mt 3,6b). Conhecemo-lo como João Batista.

O batismo de João Batista era como que um ‘ponto final’ na preparação para a entrada no Reino que estava perto, que estava próximo. Esse Reino excluiria todos os que não estivessem preparados, claro. Por isso vinha ter com ele uma grande multidão. Para poderem salvar-se através do arrependimento.



Mas, de acordo com a redação de Mateus, no coração de João havia pelo menos uma suspeita: o Reino, mais do que alguma coisa (um espaço, um tempo), era Alguém: «Eu batizo-vos com água em ordem ao arrependimento. Mas depois de mim virá alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de levar as suas sandálias. Ele batizar-vos-á com o Espírito Santo e com o fogo» (Mt 3,11).

João Batista surge, assim, como o *precursor*. Precursor da radical proximidade de Deus que havia de manifestar-se naquele *Alguém* esperado para próximo, para breve, mas que iria manifestar, muito mais radicalmente do que era imaginável, a radicalidade desse tornar-se próximo.

Jesus, a autorrevelação de Deus: presente, próximo e salvador

Afinal, como é narrado nos versículos seguintes, Jesus não vem para batizar, mas para ser batizado (Mt 3,13). E no diálogo (exclusivo de Mateus) estabelecido entre João e Jesus (cf. Mt 3,14-15) reflete-se sobre a continuidade e a descontinuidade do agir de ambos, tal como a comunidade cristã na qual este Evangelho é escrito o compreende. A verdade é que Jesus, dizendo o mesmo – «Convertei-vos, porque se fez próximo o Reino dos Céus» (Mt 4,17) –, afirmava o diverso: «Digo-vos a verdade: de entre os nascidos de mulher não surgiu ninguém maior do que João Batista; todavia, o menor no Reino dos céus é maior do que ele» (Mt 11,11); e «quem se faz humilde como esta criança, esse é o maior no Reino dos céus» (Mt 18,4).

Vejamos também a tradição de Lucas; talvez possamos compreender melhor o que se pretende sublinhar: não se trata de nos convertermos para podermos entrar no Reino quando ele chegar, no dia do Senhor. Com Jesus, ouvimo-l'O dizer que o Reino de Deus já está no meio de nós, está dentro de nós (cf. Lc 17,21). O que significa interioridade: «o Reino de Deus não vem com aparência exterior» (Lc 17,20). Mais (e regressamos a Mateus): não se trata de nos tornarmos dignos para merecermos a salvação. Ninguém pode salvar-se (cf. Mt 19,25). Só Deus salva «porque a Deus tudo é possível» (Mt 19,26b).

E porque, em Jesus, o Reino *já* está presente, n'Ele a salvação é para *todos*, sem excluir ninguém. O perdão de Deus não é condicionado por nenhuma circunstância prévia: é Graça. Podemos viver de acordo com essa Graça e, por isso, a nossa conversão é vivida como resposta à Graça recebida, à reconciliação oferecida por Deus.

Jesus é a autorrevelação do Deus de bondade e de misericórdia. N'Ele, Deus está presente de uma forma única e definitiva. Em Jesus, Deus revela-se próximo e salvador. O Seu Reino fez-se próximo em Jesus, nosso Salvador.



Discípulos de Jesus na História: testemunhas da misericórdia de Deus

Os que Ele foi encontrando e convidando a viverem com Ele foram-se tornando seus discípulos. Foram aprendendo a segui-Lo. A viver com Jesus e como Jesus sobre a terra. Viram os seus gestos. Ouviram as suas palavras. Fazia o que dizia: ensinava com autoridade (cf. Mt 7,29). As suas palavras de misericórdia traduziam-se em gestos de misericórdia.

Quando João Batista está já na prisão e ouve falar de Jesus, pretende certificar-se de que é Ele o Messias prometido (de Quem ele tinha sido precursor), pretende assegurar-se de que não se tinha enganado. Envia-lhe os seus com uma pergunta (cf. Mt 11,2): «És tu aquele que haveria de vir ou devemos esperar outro?» (Mt 11,3). Bem sabemos que a resposta que Jesus dá aponta para os 'sinais dos tempos': «Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e o Evangelho é anunciado aos pobres» (Mt 11,4-5).

As palavras de misericórdia e de salvação são acompanhadas por gestos de salvação e de misericórdia. De amor que liberta. De vida que faz viver.

Somos discípulos de Jesus quando, na nossa experiência concreta, encontrámos o Senhor e o reconhecemos como salvador no interior dessa nossa concreta experiência. Não salvador de uma forma abstrata ou geral, mas da nossa própria vida. O cristão é o que confia a Cristo a sua existência porque vive do encontro com Ele. Por isso o reconhece exatamente como *Senhor*.

Testemunhas da misericórdia de Deus manifestada em Jesus, os Seus discípulos são chamados a testemunhá-la na História. Não sobretudo com palavras, mas com gestos que as traduzam. São chamados a viver de tal modo que indiquem a novidade que os constitui: o Reino dos céus *já* presente na terra, uma humanidade autêntica, presente e possível, por causa de Jesus.

“Arrependei-vos”: conversão e seguimento

Voltamos àquela cena inicial nas margens do Jordão. «Quando [João Batista] viu que muitos fariseus e saduceus vinham ter com ele, disse-lhes: “Raça de víboras! Quem vos deu a ideia de fugir da ira que se aproxima? Deem fruto que mostre o vosso arrependimento! Não penseis poder dizer de vós mesmos: ‘Abraão é nosso pai’. Pois eu vos digo que Deus pode fazer destas pedras filhos de Abraão” (Mt 3,7-9). Os fariseus aparecem no Evangelho de Mateus como aqueles que



«dizem, mas não fazem» (Mt 23,3). E *fazer*, em oposição a *dizer*, é um dos temas fundamentais deste Evangelho: «“Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus”» (Mt 7,21).

«Deem fruto que mostre o vosso arrependimento!» (Mt 3,8). O verdadeiro ‘fazer’ traduz-se em ‘fazer fruto’, em *frutificar*, como consequência da conversão ou mudança operada na nossa vida (Mt 3,8; 7,16-20; 12,33; 13,8; 21,41.43; 25,40.45).

Assim, ao encontrarmos Jesus, vivemos, a partir do perdão recebido, a possibilidade de uma verdadeira conversão: a nossa vida só é completamente dita se for dita na relação com Ele, se o seguirmos em cada dia. Sabendo, por experiência, que esse seguimento é exigente, é feito de conversão, de mudança. De recomeços. É feito de liberdade. De vida. Viver com Jesus e como Jesus sobre a terra é viver já a vida eterna.

Mateus 25

Continuamos no ambiente do Evangelho de Mateus.

Mas se, até aqui, nos situámos na paisagem do capítulo terceiro em que ouvimos, com a voz forte de João, aquele convite exigente e cheio de esperança «“Arrependei-vos, o Reino dos céus está próximo”» (Mt 3,2), convite repetido por Jesus mais à frente – «“Arrependei-vos, porque se fez próximo o Reino dos céus”» (Mt 4,17) –, agora proponho-vos que nos desloquemos para o vigésimo quinto capítulo, que nos apresenta três histórias: na primeira (cf. Mt 25,1-13), faz-se o elogio da prudência e da vigilância (não da solidariedade!); na segunda (cf. Mt 25,14-30), o do risco e do empenho (não do capitalismo, em geral, ou da banca, em particular); e na terceira (cf. Mt 25,31-46), diz-se que o sentido da prudência e da vigilância, o sentido do empenho e do arriscarmo-nos (pelo que verdadeiramente vale a pena) não se encontra no benefício de nós próprios, não está ao serviço dos nossos interesses: é para o bem do outro que connosco cruza os caminhos da vida, sobretudo se está em situação de necessidade, de uma qualquer necessidade.

Conhecemos a parábola. Aquele rei que era pastor e colocava as ovelhas de um lado e os cabritos do outro: “Vinde, benditos de meu Pai, porque tive fome, e sede, e frio, e solidão; porque estava doente, e preso, e sem amparo; porque vinha de fora, e não era conhecido, nem desejado... e vós me socorrestes” (cf. Mt 25,34b-36).

Conhecemos a parábola... “Nós?!”, perguntam. “Quando?” (cf. Mt 25,37b-39). Resposta: «“Sempre que o fizestes a um dos meus irmãos mais pe-

queninos, a mim o fizestes”» (Mt 25,40b).

São estas as obras que podem manifestar no tempo presente a proximidade do amor misericordioso de Deus. Chamamos-lhes ‘obras de misericórdia’. Falam desse amor imenso de Deus e traduzem na vida a Sua proximidade. Curam-nos da indiferença que mata e dão-nos a graça de colaborar com Deus na transformação do mundo em que vivemos – mundo amado por Ele – no Reino de Seu Filho. Mostram que Deus está perto e que o Seu amor é para sempre.



III. Propostas para a vivência do tema do ano



Mãe do Amor Misericordioso

Catequese para crianças

Maria Luís Reis

I - INTRODUÇÃO

REFLEXÃO PARA O CATEQUISTA

1. O amor como síntese da vida cristã

«O amor é a forma mais alta e mais nobre de relação dos seres humanos entre si», referiu João Paulo II.

E como pode o amor sintetizar a vida cristã? Ora, sendo a vida do cristão centrada em Cristo e a vida de Cristo centrada no amor de Deus a ser repartido entre todos, também a vida do cristão estará ao serviço do amor.

Se nos dizemos cristãos teremos de agir eticamente como Jesus e para isso é preciso tê-lo diante dos nossos olhos através dos seus ensinamentos e prática de vida. Não é fácil na sociedade atual falar de Amor com “A” maiúsculo. Este amor significa uma entrega total quer vivendo, quer morrendo, como Jesus nos mostrou.

Um fariseu perito da lei, uma vez, perguntou a Jesus: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Jesus disse-lhe: “Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mateus 22,36-40). Constatamos pois que o amor é a maior verdade cristã e o maior e mais profundo mandamento de Jesus e que S. Paulo tão bem sintetiza: “Não fiqueis a dever nada a ninguém, a não ser isto: amar-vos uns aos outros. Pois quem ama, cumpre plenamente a Lei” (Rm 13,8).

Também, segundo o Evangelho de João (1,18), “a Deus jamais alguém O viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi



Ele quem o deu a conhecer.” Assim, o cristão deve olhar em primeiro lugar para Jesus, na sua vida humana, contemplando a entrega da sua vida por amor. E então pode dizer que assim é Deus. Deus que se dá no Amor e está presente na nossa vida e em nome do qual fomos batizados, e é este amor que professamos que deve constituir o pilar da nossa vida como cristãos conscientes, cristãos por opção. O amor de Deus, a realidade de que somos profundamente amados por Deus deverá ser talvez, a primeira e maior verdade de fé.

2. Maria, a mulher da compaixão

Define-se *compaixão* como o sentimento de pesar que nos causam os males alheios, bem como uma vontade de ajudar o próximo. Como podemos então ver em Maria uma mulher de compaixão?

Na segunda aparição destacamos as palavras reconfortantes de Nossa Senhora à pastorinha Lúcia, perante o sofrimento pela notícia de ficar sem os seus primos: “*Não desanimes. Eu nunca te deixarei.*”

Maria é para nós exemplo de verdadeira compaixão quando junto à cruz vê o seu filho em sofrimento desejando que ele não morra, mas aceitando a vontade do Pai tal como o seu Filho. Peça-mos também a Deus que nos dê a capacidade de sermos compassivos como Maria, para entendermos que, com Ele, nós superamos tudo. Ele deu-nos Maria para ser nosso amparo e ela assim o referiu a Lúcia: «O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus».



II - DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Experiência Humana

Mostrar 3 figuras que ilustrem compaixão:

Fig. 1 – criança a chorar e alguém a consolar;

Fig. 2 – alguém dando de comer a um pobre;

Fig. 3 – alguém a dar ânimo a um doente.

Ouvir o que as crianças têm a dizer sobre cada uma das imagens apresentadas e por fim questioná-las sobre o sentimento que lhes está subjacente: “a compaixão”.

Deverá explicar-se-lhes que ter compaixão é a nossa vontade de ajudar a minimizar o sofrimento dos outros, mostrando cuidado, atenção e delicadeza por aqueles que sofrem.

E agora que já sabemos o que é “compaixão” vamos ver com o também Maria é generosa connosco no seu amor misericordioso.

Palavra de Deus

Nossa Senhora disse a Lúcia «Não desanimes. Eu nunca te deixarei». Também a ela Deus fez uma promessa semelhante através do anjo que a visitou em Nazaré. Vamos ouvir:

Leitura de Lc 1,28-30

«Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: “Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.” Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiriu de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: “Maria não temas, pois achaste graça diante de Deus”».

Dialogar com as crianças sobre aquilo que ouviram refletindo que Maria é, na realidade, como nós, pois viveu as mesmas alegrias que nós, as mesmas dores, momentos felizes e momentos difíceis, fadigas como as nossas e o mesmo entusiasmo, sempre confiando e colocando-se nas mãos de Deus. Quando chegam os momentos mais difíceis, Maria ensina-nos a não desanimar diante de coisas que não estão tão bem. Assim, quando rezamos a Ave-Maria e repetimos as palavras do anjo: «O Senhor é convosco!» estamos também nós a dizer que Deus está sempre junto de nós.

Nossa Senhora prometeu aos pastorinhos que nunca os deixaria e à sua semelhança também nós sabemos que ela está sempre ao nosso lado amparando-nos quando precisamos. Não é isso que fazem as nossas mães?

O que acontece quando nos magoamos? Quando estamos doentes? E quando estamos aflitos com um teste? (...). Explorar esta relação e atitude de compaixão das mães para com os filhos, abordando com algum cuidado as crianças que já não têm a mãe a seu lado.

ATIVIDADE

1 - Distribuir às crianças uma pagela com a oração de S. Francisco de Assis, adaptada às suas idades para mais facilmente ser compreendida como síntese de toda a catequese.



ORAÇÃO

Senhor,
Onde houver ódio, que eu leve o amor,
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver erro, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz!

Ó Jesus,
Fazei que eu procure mais
Consolar, que ser consolado.
Compreender, que ser compreendido.
Amar, que ser amado.

Pois é dando, que se recebe.
É perdoando, que se é perdoado

SENHOR, FAZEI-ME UM INSTRUMENTO DO VOSSO AMOR!

(Oração adaptada)

2 - Depois de todos rezarem em conjunto desafiar as crianças a exemplificarem o que fazer para se agir em conformidade com aquilo que dissemos em cada um dos versos (ex.: Que vamos fazer para levar amor onde há ódio?);

3 - Depois do diálogo e de acordo com os recursos disponíveis passar uma apresentação (filme/*powerpoint*) com ilustrações para a referida oração;

4 - Por fim, fazer a ligação com Maria que é para nós exemplo destas ações e concluir com o cântico: "Quero ser como tu, Maria".



Com Maria, aprender a amar Catequese para adolescentes e jovens

Vasco António da Cruz Gonçalves

1. INTRODUÇÃO

«Continuem a rezar...»

Na Aparição de 13 de julho, depois de Lúcia perguntar à Senhora «Vossemecê que me quer?», esta, do alto da carrasqueira e envolta naquela luz já familiar, fez-lhe alguns pedidos, entre os quais «continuem a rezar...»; pedido tão natural em Maria como a força da oração na sua vida, aliás, também na vida de seu filho que constantemente rezava ao Pai. O pedido de Maria é a perseverança na oração como a Igreja o procurou fazer desde a primeira hora (At 1,14).

A Senhora especificou o modo de rezar: «o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário». João Paulo II disse: «o rosário é a minha oração predileta. Oração maravilhosa! Maravilhosa na simplicidade e na profundidade. (...) De facto, sob o fundo das palavras da “Ave-Maria” passam diante dos olhos da alma os principais episódios da vida de Jesus Cristo. (...) Ao mesmo tempo, o nosso coração pode incluir nestas dezenas do rosário todos os factos que formam a vida do indivíduo, da família, da nação, da Igreja e da humanidade, acontecimentos pessoais e do próximo, e de modo particular daqueles que nos são mais familiares e que mais estimamos. Assim, a simples oração do Rosário marca o ritmo da vida humana» (*Youcat*, 481). E aponta a finalidade da oração: «para obter a paz no mundo e o fim da guerra». A Irmã Lúcia nas suas *Memórias* ainda refere que «o que me lembro é que Nossa Senhora disse que era preciso rezarem o terço para alcançarem as graças durante o ano». A oração é, na verdade, descer à fonte da verdade e da vida, da santidade e da graça, da justiça, do amor e da paz. Pela oração desce-se à fonte do amor e entra-se na escola do amor misericordioso.



«Sacrificai-vos»

Neste quarto ano da celebração das Aparições de Fátima, a Aparição de 13 de julho desafia-nos a refletir sobre o amor de Deus pelo mundo, o amor de Maria que brota do seu Coração Imaculado e que a todos envolve.

O convite ao “sacrifício” é profundamente evangélico e desafia à vivência do amor que brota da oração, do encontro com o amor misericordioso de Deus e com o coração Imaculado de Maria. Nossa Senhora, insistindo com os pastorinhos, diz-lhes: «Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria». É como se a Senhora lhes pedisse para imitarem Cristo, pois «é o “amor até ao fim” que confere ao sacrifício de Cristo o valor de redenção e reparação, de expiação e satisfação. Ele conheceu-nos e amou-nos a todos no oferecimento da sua vida» (CIC, 616).

O sacrifício de Jesus é toda a sua vida vivida numa abertura aos outros, numa dádiva constante e progressiva que no alto da cruz encontra a sua máxima expressão: «Jesus convida os *pecadores* para a mesa do Reino: “Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mc 2,17). Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e atos, mostra-lhes a misericórdia sem limites do Seu Pai para com eles e a imensa “alegria que haverá no céu, por um só pecador que se arrependa” (Lc 15,7). A prova suprema deste amor será o sacrifício da sua própria vida, “pela remissão dos pecados” (Mt 26,28)» (CIC, 545).

A Aparição de 13 de julho é um apelo profundo a ver no «sacrifício» o amor pelos outros, sobretudo pelos que mais pecam. É do coração de cada um, enraizado no coração de Deus e de Maria, que brota a força para partilhar a vida, seguindo o exemplo e o mandamento de Cristo que «ao partilhar, no seu coração humano, o amor do Pai para com os homens, (...) “amou-os até ao fim” (Jo 13,1), “pois não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se ama” (Jo 15,13). Assim, no sofrimento e na morte, a sua humanidade tornou-se instrumento livre e perfeito do seu amor divino, que quer a salvação de todos os homens» (CIC, 609).

Objetivo:

- Conhecer a mensagem da Aparição de Nossa Senhora em Fátima, em 13 julho de 1917;
- Reconhecer em Nossa Senhora e no seu Imaculado Coração o amor misericordioso e compassivo;
- Ajudar a viver o amor como síntese e força da vida cristã.

2. DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE:

Sensibilidade Juvenil: *desejo de um mundo diferente e melhor.*

Um número significativo de adolescentes e jovens manifesta o interesse e a vontade de se empenhar em ações concretas e contribuir para a construção de um «mundo diferente e melhor». São expressão desta realidade juvenil o voluntariado, as experiências de solidariedade, o associativismo, etc...

Texto Bíblico (Rom 12,9-21): a experiência do amor cristão.

Nesta catequese pretende-se que os adolescentes e os jovens, partindo da experiência humana de «inferno» como condição de pecado – egoísmo, violência, desvalorização do outro, etc. –, sintam e assumam o compromisso de, através da vivência cristã do amor, construir um mundo diferente e melhor, e fazer que o Céu já aconteça aqui na terra.

2.1. Experiência Humana

Segundo as *Memórias da Irmã Lúcia*, na mesma Aparição de 13 de julho, Nossa Senhora «abriu de novo as mãos, como nos dois meses passados» e mostrou o inferno aos pastorinhos e ensinou-lhes a jaculatória «Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem».

2.1.1. Partilha

Depois de uma leitura da «visão do inferno», a partir das *Memórias da Irmã Lúcia*, segue-se um tempo de partilha da experiência humana de «inferno». Se o número de adolescentes e jovens for grande, esta partilha deve ser feita em pequenos grupos e, depois, em plenário.

As seguintes questões podem orientar:

- O que é para ti o inferno? Conta alguma experiência de inferno...
- Qual é o fogo que destrói o fogo do inferno? Qual o caminho que nos livra e livra os outros do fogo do inferno?

A VISÃO

A forma de que a Senhora se serviu para mostrar o inferno aos pastorinhos foi a «visão». Esta materializou-se em imagens que as três crianças foram assimilando da cultura envolvente onde cresciam, na catequese, ilustrações de livros e catecismos, etc. As imagens que lhe dão forma não se devem confundir com a mensagem. Nossa Senhora não nos vem dizer que o inferno é assim... porque o inferno não é uma realidade palpável e material!



A MENSAGEM

A mensagem que a Senhora nos deixa através da visão do inferno é de *conversão* a Deus, ao Céu. Isto porque o pecado inferniza e separa-nos de Deus. E a Senhora ajudou-os, e hoje ajuda-nos a nós, a perceber a gravidade do pecado e a necessidade imensa de conversão. Se as pessoas não se convertem a Deus e ao seu amor misericordioso vivem a infernizar-se e infernizam os outros. Quanto mais longe os homens estão do amor de Deus, mais se aproximam do inferno: estão a «ir para o inferno». Este não é um sítio, um espaço físico, mas um *estado de alma*, uma situação dramática de desgraça humana: quanto mais a pessoa se desumaniza, tanto mais caminha para o inferno.

A JACULATÓRIA

A jaculatória que Maria ensinou aos pastorinhos faz-se por todos nós que estamos em situação de purgatório e, sobretudo, pelos que mais necessitam, os mais afastados de Deus, para que a Graça os encha, os purifique, os converta.

O INFERNO

Deus oferece-nos a salvação, a possibilidade de participar no seu mistério de comunhão, de amor. Mas Deus, precisamente porque é Deus, respeita a nossa liberdade. Se não nos abrimos à Graça de Deus e nos fechamos nos nossos egocentrismos, não estamos a caminhar para a comunhão (a autêntica humanidade passa por aí), mas para o isolamento, para o inferno (isolando-nos caminhamos no sentido contrário da comunhão, do amor, infernizando-nos). O inferno é uma tragédia pessoal, em que nós, criados para amar e para a comunhão, nos vamos eternizando cada vez mais fechados dentro de nós próprios.

O FOGO DO INFERNO

São os sentimentos que destroem e fazem sofrer aqueles que na vida assumem uma atitude de inferno, porque no seu egocentrismo infernizam-se e infernizam os outros. S. Paulo, na Carta aos Efésios (4,31), aponta alguns: azedume, irritação, cólera, insulto, maledicência e toda a espécie de maldade. Não há fogo pior: a vida é uma tragédia, uma dor, um sofrimento constante quando a pessoa se consome num isolamento culpável, numa solidão contra tudo e contra todos, fechada a Deus e ao seu amor.

O FOGO DO AMOR DE DEUS

É a Graça de Deus, o fogo do amor misericordioso de Deus que queima e destrói, não o homem, mas o pecado; fogo que purifica e renova o coração do homem.

São Paulo exorta-nos: «caminhai na caridade, a exemplo de Cristo, que nos amou e se entregou por nós, oferecendo-se como vítima agradável a Deus» (Ef 5,2). O caminho é o amor! É preciso percorrer hoje e sempre esse caminho, para que a Paz possa vencer! E ainda: «Sede bondosos, compassivos uns com os outros e perdoai-vos mutuamente, como também Deus vos perdoou em Cristo» (Ef 4,32).

2.2. Escuta da Palavra

Lê-se o texto bíblico: Rom 12,9-21.

Na Carta aos Romanos, S. Paulo exorta os membros da comunidade cristã a viverem como verdadeiros cristãos e propõe-lhes um conjunto de normas para a vida da comunidade.

Uma série de exortações percorre o texto e aponta qual deve ser o comportamento do cristão. Nos primeiros versículos (9-16), Paulo refere-se sobretudo às relações internas entre os cristãos da comunidade de Roma e, nos seguintes (17-21), as exortações confrontam os cristãos de Roma com todos os homens: mas na realidade as duas partes estão intimamente interligadas.

Paulo:

1. Exorta à **vivência do amor**: deve ser sincero e caracteriza-se como *amor fraterno* (9-10);

2. Convida a **fugir do mal e a seguir o bem**: constitui uma norma de carácter geral que se volta a reencontrar no final deste pequeno texto e sublinha o significado moral;

3. Nos vv. 11-13, insiste na necessidade de uma vida cristã animada pelo **fervor**, pela **alegria** na adversidade, pela **assiduidade na oração**, pela **solidariedade** para com os companheiros que se exprime também na prática da **hospitalidade**;

4. Fala da **bênção e desafia ao perdão** no v. 14, lembrando partes do Evangelho (cf. Mt 5,44 e Lc 6,28);

5. Exorta à **partilha da alegria e da dor**, isto é, pôr-se de acordo, colocar-se a si próprio e aos próprios interesses em segundo plano;

6. Convida a **viver em paz com todos** pois só Deus é que é juiz (vv. 18-19); exorta a assistir também o inimigo: a dar-lhe de comer se tem fome e de beber se tem sede (v. 20).

As recomendações que Paulo dirige aos cristãos de Roma podem ser dirigidas a cada comunidade de crentes em Cristo. Respondem a princípios morais universais, mas neste contexto representam a consequência prática da fé, ilustrada no seu aspeto doutrinal na primeira parte da carta. Constituem a consequência de um amor autêntico e sem hipocrisia que é o resultado da filiação em Deus no



Espírito (cf. Rom 5,14) e irmãos em Cristo, na qual «somos um só corpo» (Rom 12,5).

2.3. Expressão de Fé

Pode-se proporcionar a partilha entre os participantes a partir do contraste entre o que foi partilhado à volta da visão do inferno e a exortação de Paulo. As partilhas podem orientar-se para uma dimensão mais pessoal.

- Como é que cada um de nós pode esperar mudar o mundo com a sua própria ação?

2.4. Síntese e compromisso final

«o meu Imaculado Coração vencerá...»

O amor vencerá (cf. Ct 8,6-7; 1Cor 13,8).

Por fim, a Senhora garante que o seu Imaculado Coração vencerá. Só o coração puro, sem mancha de pecado, cheio da Graça e do amor de Deus é capaz de vencer o pecado e uma cultura de morte. O Coração de Maria é para nós exemplo e estímulo.

O amor traz em si o ardor de Deus, o outro fogo que é o fogo de Deus, e é capaz de destruir, queimar, não o homem, mas o pecado que inferniza a humanidade. Se nos abirmos ao fogo do amor de Deus que renova os nossos corações, sobretudo através da oração assídua, então ajudaremos o amor do Coração Imaculado de Maria a vencer tantos ódios, tanta guerra, tanta violência... fruto dos corações pecadores.

Rezar pela conversão dos pecadores é, antes de mais, deixar-nos transformar e renovar pelo fogo do amor de Deus, mas também comprometermo-nos a ser instrumentos desse mesmo amor, construtores da sua Paz.



(Como compromisso, terminar com a *Oração de S. Francisco*, se possível cantada)

ORAÇÃO DE S. FRANCISCO

Senhor, fazei de mim instrumento de vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor;
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
Onde houver discórdia, que eu leve a união;
Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
Onde houver erro, que eu leve a verdade;
Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, Fazei que eu procure mais
Consolar, que ser consolado;
Compreender, que ser compreendido;
Amar, que ser amado.
Pois, é dando que se recebe,
É perdoando que se é perdoado,
E é morrendo que se vive para a vida eterna.

3. Material

Bíblia; folha com o texto das *Memórias da Irmã Lúcia*; folha com a *Oração de S. Francisco*; papel em branco e canetas.

4. Fontes

Memórias da Irmã Lúcia I, Fátima, Secretariado dos Pastorinhos;

Bíblia, Difusora Bíblica, 2008;

Youcat, Catecismo Jovem da Igreja Católica;

Catecismo da Igreja Católica (CIC)

Vasco Pinto de Magalhães, *Purgatório/Inferno*, em AA.VV. *Conversas com princípio, meio e fim*, ed. C. Azevedo, Porto, 1997, pp. 66 ss.



Mistérios do Rosário

Marco Daniel Duarte

Nota | na esteira da reflexão que a Igreja inúmeras vezes tem sublinhado, entendendo que a arte é lugar teológico, a meditação dos mistérios do Rosário partiu dos quadros desenhados em 2007 por Pedro Calapez para a Basílica da Santíssima Trindade, no Santuário de Fátima. Contudo, os textos podem ser apresentados como mote à oração, mesmo que se tenha de prescindir da visualização das obras de arte.

MISTÉRIOS GOZOSOS

I
Contemplemos o mistério da *anunciação do Anjo à Virgem Maria*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:

O anjo Gabriel foi enviado por Deus
a uma cidade da Galileia chamada Nazaré,
a uma virgem desposada com um homem chamado José,
da casa de David;
e o nome da virgem era Maria.
Ao entrar em casa dela,
o anjo disse-lhe:
«Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.»
Ao ouvir estas palavras,
ela perturbou-se e inquiria de si própria
o que significava tal saudação.
Disse-lhe o anjo:
«Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus.
Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho,
ao qual porás o nome de Jesus.» [Lc 1,30-33]



É do céu que chega a mensagem. Uma mensagem aguardada por tantas gerações, suspensas desde os tempos antigos por causa da dificuldade humana em cumprir o plano de Deus. Os patriarcas e os justos, as virgens e os profetas suspiravam por aquele momento que, afinal, estava agora em suspenso: a criatura via-se novamente convocada pelo Criador. Através do emissário, chegava a boa notícia: Deus quer encarnar na história humana. O papel de Maria é quase impercetível junto de Gabriel que, de mão erguida ao alto, diz ter a mais preciosa das mensagens: Deus ocupará o centro daquela história e Maria proclama-se serva ao ponto de, cada vez mais, se configurar com Deus.

Também em Fátima recebemos a boa notícia, o anúncio do plano de Deus para com a humanidade. E é Maria que se mostra porta-voz dessa aliança de Deus com o Homem.

Virgem de Fátima, Senhora do Anúncio, intercedei junto de Cristo a fim de sermos mensageiros da boa notícia!

II

Contemplemos o mistério da *visita de Maria a Santa Isabel*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:

Maria pôs-se a caminho
e dirigiu-se à pressa para a montanha,
a uma cidade da Judeia.
Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.
Quando Isabel ouviu a saudação de Maria,
o menino saltou-lhe de alegria no seio
e Isabel ficou cheia do Espírito Santo.
Então, erguendo a voz, exclamou:
«Bendita és tu entre as mulheres
e bendito é o fruto do teu ventre.» [Lc 1,39-42]



São as linhas da horizontalidade que unem os que se fazem portadores das boas notícias. Maria dirige-se a sua parenta Isabel para a abraçar na alegria. A história da salvação está a cumprir-se. A Escritura fixa que ao encontro não faltou a nota da festa, o abraço da proximidade que une as santas mulheres que, mais do que ninguém, presentem a alegria e usam a poesia. Maria sobe à montanha para saudar Isabel, mas é esta que a saúda com o título mais belo que a humanidade lhe atribui: «donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?» [Lc 1,43]. Maria, ciente do compromisso da serva do Senhor, da mesma que todos virão a chamar «bem-aventurada», canta: «a minha alma engrandece o Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador» [Lc 1,46-47].

Também em Fátima experimentamos a alegria do encontro com os irmãos; subimos à montanha para, com Maria, nos fazermos portadores de Cristo.

Virgem de Fátima, Senhora do Encontro, intercedei junto de Cristo a fim de vivermos a alegria de levarmos Deus aos irmãos!

III

Contemplemos o mistério do *nascimento de Jesus em Belém*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:

Quando os anjos se afastaram deles em direção ao Céu,
os pastores disseram uns aos outros:
«Vamos a Belém ver o que aconteceu
e que o Senhor nos deu a conhecer.»
Foram apressadamente
e encontraram Maria, José e o menino
deitado na manjedoura. [Lc 2,15-16]



Pode o nascimento do Senhor ser visto de longe? Os Evangelistas acharam que não e descrevem-no com os olhos de quem o quer contemplar de forma aproximada, como se se munissem de uma câmara com um progressivo 'zoom' que se fixa na criança aconchegada por Maria e José, à maneira de arco humano, moldura de carne e osso da casa ou, se quisermos, da tenda que Deus constrói entre os homens. A fragilidade de Deus feito Menino é a sua primeira pregação, também registada por João no seu evangelho quando usa essa lente aproximada para falar do Verbo Encarnado que brilha nas trevas.

Também em Fátima sentimos a luz de Deus, sobretudo revelada no coração de Sua Mãe.

Virgem de Fátima, Senhora do Natal, intercedei junto de Cristo a fim de contemplarmos o mistério de Deus humanado!

IV

Contemplemos o mistério da *apresentação de Jesus no Templo*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:

Quando se completaram os oito dias,
para a circuncisão do menino,
deram-lhe o nome de Jesus
indicado pelo anjo antes de ter sido concebido no seio materno.
Quando se cumpriu o tempo da sua purificação,
segundo a Lei de Moisés,
levaram-no a Jerusalém
para o apresentarem ao Senhor.
Vivia em Jerusalém um homem chamado Simeão;
era justo e piedoso e esperava a consolação de Israel.
O Espírito Santo estava nele.
Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo
que não morreria antes de ter visto o Messias do Senhor. [Lc 2,21-22, 25-26]



A Encarnação do Verbo submeteu Deus às leis do tempo, fazendo-se cumpridor dos rituais da época. O Templo verdadeiro, como se viria mais tarde a autodesignar, é mostrado dentro do templo antigo, uma casa arquitetada de colunas que se fazem cenário simbólico da civilização antiga.

Jesus é apresentado em cada tempo e lugar, em cada dia e em todos os templos onde a voz da profecia se fizer ouvir. Não raramente, ao longo da história humana, é Maria que O apresenta.

Também em Fátima, é Maria que apresenta Cristo aos homens e mulheres do tempo que vivemos.

Virgem de Fátima, Senhora da Apresentação, intercedei junto de Cristo a fim de aceitarmos a luz oferecida a todos os povos!

V

Contemplemos o mistério da *perda e encontro de Jesus no Templo*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:

Terminados os dias da festa,
regressaram a casa e o menino ficou em Jerusalém,
sem que os pais o soubessem.
Três dias depois,
encontraram-no no templo,
sentado entre os doutores,
a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas.
Todos quantos o ouviam,
estavam estupefactos com a sua inteligência
e as suas respostas. [Lc 2,43,46-47]



No meio dos sábios da sua época, o Menino manifesta a sua autoridade. Sentado no meio dos que habitualmente tomavam lugar na cátedra, ergue a sua mão ao alto, apontando para o Pai. Ainda que os laços familiares o liguem às coisas da terra, Ele, consciente de

que era a Sabedoria do Altíssimo, aponta, com firmeza e suavidade, o caminho da salvação [ant. vés. 17 de dez.].

Também em Fátima sentimos o apelo a que nos centremos no essencial: Deus tem a primazia, assim o lembraram o Anjo e a Virgem Maria. É a repetição do que Cristo, ainda menino, disse aos que O procuravam: não sabíeis que deveria estar na casa de meu Pai?

Virgem de Fátima, Senhora da Sabedoria, intercedei junto de Cristo a fim de chegarmos ao conhecimento das coisas do alto!

MISTÉRIOS LUMINOSOS

Contemplemos o mistério do *batismo de Jesus no Jordão*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Mateus:

Uma vez batizado,
Jesus saiu da água
e eis que se rasgaram os céus,
e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba
e vir sobre Ele.
E uma voz vinda do Céu dizia:
«Este é o meu Filho muito amado,
no qual pus todo o meu agrado.» [Mt 3,16-17]



Na tentativa de registarem a inefável cena do batismo do Redentor, os evangelistas ajudam os seguidores do Messias a perceberem que Jesus é o Cristo. Ainda que o quadro se concentre na mão do Batista que derrama água sobre o rosto de Cristo, a narração não deixa esquecer que os céus se rasgaram para que o Pai, com a Sua voz, selasse o momento: é sobre este Homem – e sobre os que O escutarem – que se derramava todo o carinho de Deus.

Também em Fátima sentimos a força do enlevo do Pai misericordioso que nos leva às águas da conversão.

Virgem de Fátima, Senhora dos Filhos no Filho, intercedei junto de Cristo a fim de sermos fiéis à Palavra da Sua voz!

II

Contemplemos o mistério da *autorrevelação de Jesus nas bodas de Caná*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São João:

A mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!»

Jesus respondeu-lhe:

«Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo?

Ainda não chegou a minha hora.»

Sua mãe disse aos serventes:

«Fazei o que Ele vos disser!»

Ora, havia ali seis vasilhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas cada uma.

Disse-lhes Jesus:

«Enchei as vasilhas de água.»

Eles encheram-nas até cima.

Então ordenou-lhes:

«Tirai agora e levai ao chefe de mesa.» [Jo 2,3-8]



Cumprindo os preceitos da cultura da festa, as bodas dos esposos contavam com o vinho da alegria que, no entanto, não chegaria a todos. Por intervenção de Maria, o Messias faz com que todos possam comungar da alegria das núpcias. As talhas parecem multiplicar-se, guardando o melhor vinho, à imagem da própria Igreja que, nos seus membros – vasos de barro –, transporta o vinho novo da aliança sempre renovada.

Também em Fátima sentimos a força da multiplicação da vida nova nos que, contagiados pela voz de Maria, aderem à Mensagem de Jesus Cristo.

Virgem de Fátima, Senhora de Caná, intercedei junto de Cristo a fim de podermos fazer sempre o que Ele nos disser!

III

Contemplemos o mistério do *anúncio do Reino de Deus* com o convite à conversão, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Marcos:

Jesus foi para a Galileia,
e proclamava o Evangelho de Deus, dizendo:
«Completou-se o tempo
e o Reino de Deus está próximo:
arrependei-vos e acreditai no Evangelho.» [Mc 1,14-15]



Jesus é a Boa-Nova, Palavra feita carne que se explica pela vida oferecida em prol do Reino. É anúncio, mas também denúncia do que obsta à construção do Reino, pelo que se faz apelo à conversão. As veredas tortuosas ficam agora direitas, porque as Suas admiráveis mãos apontam os caminhos, curam os doentes, chamam os injustos, guiam os errantes, abençoam os pobres, multiplicam o alimento, lavam os pés aos seguidores, perdoam os pecadores, acariciam os frágeis, manifestam o amor, conduzem ao Pai.

Também em Fátima sentimos a força das mãos do Senhor que, enxugando as lágrimas da humanidade que chora, indicam o caminho da alegria pascal.

Virgem de Fátima, Senhora da Conversão, intercedei junto de Cristo a fim de chegarmos ao Reino anunciado!

IV

Contemplemos o mistério da *transfiguração de Jesus no Tabor*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Marcos:

Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João
e levou-os, só a eles, a um monte elevado.

E transfigurou-se diante deles.

As suas vestes tornaram-se resplandecentes,
de tal brancura que lavadeira alguma da terra as poderia branquear
assim.

Apareceu-lhes Elias, juntamente com Moisés,
e ambos falavam com Ele.

Formou-se, então, uma nuvem

e da nuvem fez-se ouvir uma voz:

«Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o.» [Mc 9,2-4.7]



É mais uma vez no cimo da montanha que se ouve a voz de Deus. À vista dos mais íntimos, desenrola-se uma atmosfera de luz, de uma luz imensa que inundou os quadros que os diferentes pintores fizeram do Tabor. Pedro, Tiago e João assistiram à prefiguração da luz do Ressuscitado: Cristo, entre Moisés e Elias, é confirmado pelo Pai como o Filho amado que veio como penhor da amada humanidade. Hoje, já essa humanidade constituída pelos mais íntimos de Cristo, pelos que foram resgatados pela sua luz pascal, pode falar da visão e montar as tendas de luz em cada irmão e irmã a transfigurar.

Também em Fátima, no alto de uma montanha, Deus fez soar a sua voz: Maria mostrou a luz de Deus e lembrou que Cristo era o Filho amado do Pai.

Virgem de Fátima, Senhora da Luz que vem de Deus, intercedei junto de Cristo a fim de que, à Sua imagem, nos inundemos da claridade da transfiguração!

V

Contemplemos o mistério da *instituição da Eucaristia*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Mateus:

Enquanto comiam,
Jesus tomou o pão
e, depois de pronunciar a bênção,
partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo:
«Tomai, comei: Isto é o meu corpo.»
Em seguida, tomou um cálice,
deu graças e entregou-lho, dizendo:
«Bebei dele todos.
Porque este é o meu sangue,
sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos,
para perdão dos pecados.» [Mt 26,26-28]



O pão foi, naquela noite, comungado como o Corpo entregue pela humanidade. O cálice foi, naquela noite, comungado como o Sangue derramado pela humanidade. O banquete daquela noite antecedia o sacrifício do dia seguinte, não como se de duas realidades se tratasse, mas como se de uma única, dessa nova e eterna aliança que se encontra envolta no mistério infável prolongado na Eucaristia que a Igreja celebra: no pão partido como o sol que a todos chega e no vinho contido no cálice que cada tempo interpreta segundo a mais fina arte; aí está o Amor feito alimento.

Também em Fátima sentimos a força da Eucaristia, banquete e sacrifício da nova e eterna aliança. Incitados pelo Anjo, agradecemos o dom da Eucaristia, alimento da vida da Igreja que peregrina sobre a terra e que oferece «o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo» [Memórias da Irmã Lúcia]. Constituída por todos os batizados, nele crê, a Ele adora, espera e ama.

Virgem de Fátima, Senhora da Eucaristia, intercedei junto de Cristo a fim de nos conceder a graça de venerarmos de tal modo os mistérios do Seu Corpo e Sangue que sintamos continuamente os frutos da redenção!

MISTÉRIOS DOLOROSOS

I
Contemplemos o mistério da *agonia de Jesus no Horto das Oliveiras*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:

Jesus foi,
como de costume,
para o Monte das Oliveiras.
Pondo-se de joelhos,
começou a orar, dizendo:
«Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice;
contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua.» [Lc 22,39,41-42]



No cenário noturno, ao longe, ver-se-ia a cidade cheia do poder que julga e condena. No meio do horto, como que voltando ao inicial jardim onde se estabelece o íntimo diálogo, encontra-se o homem que confronta a vontade de Deus: joelhos ao chão, mãos postas em oração, cabeça levantada ao céu. Mas, agora, a página da Escritura dá a primazia a Deus, pois o novo Adão afirma que é a vontade de Deus que deve ser feita. O cálice será bebido.

Também em Fátima sentimos o apelo a escutar a vontade de Deus, percebendo os sinais que o Anjo e a Virgem Maria nos expõem: Deus tem o primeiro lugar e, mesmo na adversidade, não devemos duvidar da Sua presença.

Virgem de Fátima, Senhora da Agonia, intercedei junto de Cristo a fim de, na oração, nos dispormos a fazer a vontade do Pai!

II

Contemplemos o mistério da *flagelação de Jesus, preso à coluna*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Mateus:

Pilatos disse ao povo:

«Que hei de fazer de Jesus chamado Cristo?»

Todos responderam: «Seja crucificado!»

Vendo que nada conseguia

e que o tumulto aumentava cada vez mais,

mandou vir água e lavou as mãos na presença da multidão, dizendo:

«Estou inocente deste sangue. Isso é convosco.»

E todo o povo respondeu:

«Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos!»

Então, soltou-lhes Barrabás.

Quanto a Jesus, depois de o mandar flagelar, entregou-o para ser crucificado. [Mt 27,22-26]



Foi a flagelação de Cristo que levou ao cumprimento do que o antigo profeta havia vislumbrado: o seu rosto estava de tal modo desfigurado que não mereceria pertencer ao quadro do pintor. Não admirará que a humanidade esconda o rosto do homem das dores, do homem ferido e humilhado. Assim assumia as dores de todos os seres humanos, dos que viveram nos tempos antigos e dos que viverão nos dias da modernidade.

Também em Fátima soam os açoites da flagelação, ecoando nas guerras do mundo contemporâneo que, negando a presença de Deus, inflige sofrimento ao seu Corpo que é a Igreja.

Virgem de Fátima, Senhora das Dores, intercedei junto de Cristo a fim de, conscientes da dor da Sua Paixão, podermos com a nossa vida contribuir para a vitória pascal da humanidade!

III

Contemplemos o mistério da *coroação de espinhos*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São João:

Os soldados entrelaçaram uma coroa de espinhos,
cravaram-lha na cabeça
e cobriram-no com um manto de púrpura;
e, aproximando-se dele, diziam-lhe:
«Salve! Ó Rei dos judeus!» [Jo 19,2-3]



Profetizado como o chefe de uma grande grei, Cristo assume ser rei de um reino que não é deste mundo. A coroa do escárnio é verdadeira imagem desse reinado: o serviço até à última consequência, o amor até ao fim. Tecida de espinhos, a coroa que cinge a cabeça do rei é o símbolo dessa forma de viver: assumindo a condição humana, que passa pela dor, assim caminhando rumo à coroa da vitória.

Também em Fátima se sentem os espinhos do pecado, sobretudo apertando o Coração Imaculado de Maria.

Virgem de Fátima, Senhora do Coração Magoado, intercedei junto de Cristo a fim de aprendermos o caminho que nos leva ao Reino do serviço

IV

Contemplemos o mistério de *Jesus carregando a cruz a caminho do Calvário*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São João:

Jesus, levando a cruz às costas,
saiu para o chamado Lugar da Caveira,
que em hebraico se diz 'Gólgota'. [Jo 19,17]



Como será possível que o condenado abrace o instrumento da sua condenação? A resposta é o Amor: esse sentimento que leva ao abraço pascal. A humanidade figurada em forma de cruz é abraçada por Jesus Cristo, é carregada rumo ao lugar do sacrifício, pois é necessário que naquele momento o Amor fale mais alto e redima o mal. Essa cruz que é premissa para o caminho, assim apresentada na pregação e agora tomada como exemplo primeiro: «Se alguém quiser seguir-Me, tome a sua cruz» [Lc 9,23].

Cristo é o cruciférário dessa cruz que é a humanidade. A ela se levantarão hinos e loas, pois foi o estandarte que abriu os braços do Redentor, qual balança do resgate, qual tálamo, qual trono e qual altar.

Também em Fátima ouvimos falar do mistério pascal de Cristo, que, obediente até à morte, caminha com a humanidade crucificada para a libertar de toda a iniquidade.

Virgem de Fátima, Senhora da Via Dolorosa, intercedei junto de Cristo a fim de nos dispormos a abraçar a cruz da nossa redenção!

V

Contemplemos o mistério da *crucifixão e morte de Jesus*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São João:

Jesus disse:

«Tudo está consumado.»

E, inclinando a cabeça,
entregou o espírito.

Vendo que Jesus já estava morto,
um dos soldados trespassou-lhe o peito com uma lança
e logo brotou sangue e água. [Jo 19,30.33-34]



Os olhos humanos, com a morte de Cristo, deixaram de poder olhar para o alto: tudo agora é terreno; não faz sentido levantar os olhos, pois o prometido auxílio já não é possível. Em todo aquele cenário, há uns sinais, mas nem todos os que habitam o lugar do Calvário darão conta: do lado aberto do corpo morto jorra sangue e água. Para a maioria, a paisagem afunila-se à altura humana: só se veem pernas quebradas, sangue derramado, cruzes alçadas, morte consumada. Os que nasceram desse lado aberto que só alguns viram sabem, contudo, que a morte não teve a última palavra, mas que Jesus foi a morte da morte.

Também em Fátima se sentem as dores do Calvário, prolongadas pelo tempo além sempre que a guerra e o ódio oprimem o justo. Na Cova da Iria, Maria falou dessa dor imensa que resulta da morte de Deus, retirando Cristo do meio dos homens e mulheres.

Virgem de Fátima, Senhora do Calvário, intercedei junto de Cristo a fim de que a Sua morte redentora possa atrair todos, do Norte e do Sul, do Ocidente e do Oriente!

MISTÉRIOS GLORIOSOS

I

Contemplemos o mistério da *ressurreição de Jesus*, meditando nas palavras do Evangelho segundo São Mateus:

Ao romper do primeiro dia da semana,
Maria de Magdala e a outra Maria foram visitar o sepulcro.
Nisto, houve um grande terramoto:
o anjo do Senhor, descendo do Céu,
aproximou-se e removeu a pedra,
sentando-se sobre ela.
O seu aspeto era como o de um relâmpago;
e a sua túnica branca como a neve.
Os guardas, com medo dele,
puseram-se a tremer e ficaram como mortos.
Mas o anjo tomou a palavra e disse às mulheres:

«Não tenhais medo.
Sei que buscais Jesus, o crucificado;
não está aqui, pois ressuscitou, como tinha dito.» [Mt 28,1-6]



Ao terceiro dia, as letras antigas ganham o seu pleno sentido e a história humana alcançou o barómetro que tudo recapitula: nessa noite, a «única a ter conhecimento do tempo e da hora em que Cristo ressuscitou do sepulcro» [Precónio da Páscoa], o sol saiu «como esposo de seu tálamo, qual atleta a percorrer o seu caminho» [cf. Sl 18(19),6]. Embora o corpo seja o do pastor que foi ferido, o vigor do ressuscitado mostra-se na bandeira da vitória cuja flâmula é cruciforme. A linguagem é a da vitória: o atleta chegou ao fim e a coroa está agora ao alcance de todos, pois o último combate derrotou o pior dos inimigos e Deus venceu a morte.

Também em Fátima ouvimos que é possível o triunfo de Deus sobre os dramas da história humana, convictos de que o pecado e a morte não serão a última palavra.

Virgem de Fátima, Senhora da Alegria Pascal, intercedei junto de Cristo a fim de, pelos méritos da Sua ressurreição, sermos dignos de passar da morte à vida!

II

Contemplemos o mistério da *ascensão de Jesus ao céu*, meditando nas palavras do Livro dos Atos dos Apóstolos:

Jesus elevou-se à vista deles
e uma nuvem subtraiu-o a seus olhos.
E como estavam com os olhos fixos no céu,
para onde Jesus se afastava,
surgiram de repente dois homens vestidos de branco,
que lhes disseram:
«Homens da Galileia,
porque estais assim a olhar para o céu?

Esse Jesus que vos foi arrebatado para o Céu virá da mesma maneira, como agora o vistes partir para o Céu.» [Atos 1,9-11]



À vista dos que escolhera, Jesus eleva-se ao céu. Os olhos humanos, pouco a pouco, deixam de o ver, mas o coração esclarecido pela fé não deixará de o sentir presente em cada homem e mulher que já o conhece e em cada homem e mulher que, depois do anúncio, O há de vir a conhecer. Os braços levantados ao alto como expressão do espanto e da saudade hão de agora ser motores da missão. São as mãos que, depois da Ascensão, vão agora pelo mundo a ensinar e a batizar, fazendo discípulos cumpridores do mandamento maior que é o Amor.

Também em Fátima Maria se faz discípula cumpridora do mandato de Cristo: vem ao nosso quotidiano e, erguendo a sua cátedra, ensina às multidões «as verdades eternas e a arte de orar, crer e amar» [Bento XVI, 2007.11.10].

Virgem de Fátima, Senhora da Missão, intercedei junto de Cristo a fim de podermos ser evangelizadores do mundo em que vivemos!

III

Contemplemos o mistério da *descida do Espírito Santo sobre a Igreja* nascente, meditando nas palavras do Livro dos Atos dos Apóstolos:

João batizava em água,
mas, dentro de pouco tempo,
vós sereis batizados no Espírito Santo.
Ides receber uma força,
a do Espírito Santo,
que descerá sobre vós,
e sereis minhas testemunhas em Jerusalém,
por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo. [Atos, 1,5.8]



A linguagem humana será sempre limitada para descrever a força do Espírito do Ressuscitado. Derramado sobre o mundo criado, o Espírito do Senhor é motor de nova criação, ponto culminante da Páscoa de Cristo. Sem negar a história da antiga aliança, Deus parece ter de novo o barro nas mãos, um novo barro sem as impurezas do passado, para que, a partir do sopro criador, uma humanidade nova se possa desenhar e, com a força do Espírito Santo, chegar à cidade dos santos.

Também em Fátima assistimos à força do Pentecostes, na multiplicidade dos peregrinos que, na oração, formam um grande cenáculo.

Virgem de Fátima, Senhora do Pentecostes, intercedei junto de Cristo a fim de sermos nova criação!

IV

Contemplemos o mistério da *assunção da Virgem Santa Maria*, meditando nas palavras do Livro do Apocalipse:

Apareceu no céu um grande sinal:
uma Mulher vestida de Sol,
com a Lua debaixo dos pés
e com uma coroa de doze estrelas na cabeça. [Ap 12,1]



Maria teve sempre o seu olhar voltado para o Céu e as suas mãos voltadas para a terra. A sua ação em prol da humanidade – a mais eloquente oração traduzida no 'fiat', no 'magnificat' e em tantas outras palavras em favor dos homens – tinha como horizonte a vida em Deus. Condizente com a sua configuração com Cristo, alcançou já a plenitude da salvação. Qual imagem da Igreja, Maria assume-se como prefiguração da ressurreição destinada aos membros do Corpo de Cristo.

Também em Fátima vemos a garantia de que a humanidade se pode associar plenamente a Deus, pois, sobre a azinheira, vemos o primeiro coração humano iluminado da luz de Cristo: Maria Santíssima, no seu ser, é a primeira criatura a alcançar a salvação.

Virgem de Fátima, Senhora da Assunção, intercedei junto de Cristo a fim de alcançarmos a vida eterna!

V

Contemplemos o mistério da *coroação da Virgem Santa Maria como rainha do céu e da terra*, meditando nas palavras do Livro dos Salmos:

À tua direita
está a rainha ornada com ouro de Ofir [Sl 44(45),10].



No firmamento coroado de pontos luminosos, brilha de forma especial a coroa de glória que Cristo coloca sobre a cabeça da que faz a vontade de Seu Pai. Mais do que adorno ou marca de poder, a coroa é símbolo da beleza, da que é «toda bela» [Cânt. 4,7], porque configurada com Cristo, «o mais belo dos filhos dos homens» [Sl 44(45),3]. A serva por excelência alcançou a bem-aventurança eterna e, inundada da luz de Deus, faz-se despenseira das graças do Alto.

Também em Fátima Maria se mostra «toda bela»; assim a viram Lúcia, Jacinta e Francisco. Também em Fátima Maria se mostra rainha, assim venerada porque os seus devotos acreditam na mensagem de serviço que, segundo o testemunho das crianças, brota de seus lábios.

Virgem de Fátima, Rainha do mundo, intercedei junto de Cristo a fim de merecermos alcançar a coroa da glória!



Adoração Eucarística

André Batista

Ritos Iniciais

Cântico de entrada: *“Bem-Aventurados os que têm fome”*

Presidente: Em nome do Pai...

Presidente: (breve introdução)

Neste momento de adoração eucarística vamos meditar no amor e na misericórdia de Deus pela humanidade e por cada um de nós. Vamos fazê-lo diante do Santíssimo Sacramento da Eucaristia, a presença mais próxima e evidente do amor de Deus, que é o próprio Cristo.

Diante do Senhor, vamos contemplar o Seu amor por nós, a sua compaixão e a sua misericórdia. Sintamo-nos verdadeiramente amados e acolhidos pelo seu amor e pelo seu perdão compassivo, acolhedor e misericordioso.

Palavra de Deus

Cântico: *“Deus é Amor, aquele que permanece no Amor”* ou *“Deus é Amor”* (Taizé)

Leitor: (recitação pausada e contemplativa do Salmo 103(102),6-14, pode haver música de fundo e o texto ser distribuído pela assembleia).

*Bendiz, ó minha alma, o SENHOR,
e todo o meu ser louve o seu nome santo.*

² *Bendiz, ó minha alma, o SENHOR,
e não esqueças nenhum dos seus benefícios.*

³ *É Ele quem perdoa as tuas culpas
e cura todas as tuas enfermidades.*

⁴ *É Ele quem resgata a tua vida do túmulo
e te enche de graça e de ternura.*



⁵ É Ele quem cumula de bens a tua existência e te rejuvenesce como a águia.

⁶ O SENHOR defende, com justiça, o direito de todos os que sofrem.

⁷ Revelou os seus caminhos a Moisés e as suas maravilhas aos filhos de Israel.

⁸ O SENHOR é misericordioso e compassivo, é paciente e cheio de amor.

⁹ Não está sempre a repreender-nos, e a sua ira não dura para sempre.

¹⁰ Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos castigou segundo as nossas culpas.

¹¹ Assim como é grande a distância dos céus à terra, assim são grandes os seus favores para os que o temem.

¹² Como o Oriente está afastado do Ocidente, assim Ele afasta de nós os nossos pecados.

¹³ Como um pai se compadece dos filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem.

¹⁴ Na verdade, Ele sabe de que somos formados; não se esquece de que somos pó da terra.

Cântico: “Deus é Amor, aquele que permanece no Amor” ou “Deus é Amor” (Taizé)

Aleluia

Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida

Aleluia

Diácono: (Lc 15,1-7)

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas
Naquele tempo, os publicanos e os pecadores aproximavam-se todos de Jesus, para O ouvirem. Mas os fariseus e os escribas murmuravam entre si, dizendo: «Este homem acolhe os pecadores e come com eles».

Jesus propôs-lhes então a seguinte parábola: «Quem de vós, que possua cem ovelhas e tenha perdido uma delas, não deixa as outras noventa e nove no deserto, para ir à procura da que anda perdida, até a encontrar?

Quando a encontra, põe-na alegremente aos ombros e, ao chegar a casa chama os amigos e vizinhos e diz-lhes: ‘Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida’.

Eu vos digo: Assim haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se arrependa, do que por noventa e nove justos, que não precisam de arrependimento.

Palavra da salvação.

Presidente: (breve reflexão onde poderá referir alguns dos seguintes tópicos para meditação)

- amor incondicional de Deus;
- diante de Deus todos temos a mesma dignidade;
- a universalidade da salvação;
- a alegria do Senhor diante da nossa conversão e arrependimento dos pecados;
- a experiência gratificante de graça no sacramento da Reconciliação;
- o valor do exame de consciência para uma mais plena consciência de pecado e experiência do perdão...

Exposição do Santíssimo

Cântico: (enquanto se expõe o Santíssimo) “*Ó sagrado banquete*” ou “*O Senhor alimentou-nos*”

Breve momento de silêncio

Cântico: “*Meu Deus, eu Creio...*”

Presidente ou leitor/locutor:

Ao contemplar, Senhor, o teu amor misericordioso, sinto-me naturalmente indigno da tua presença. Olho para a minha vida e vejo como tantas vezes me afastei do teu redil. O meu pecado afastou-me de Ti, mas Tu és Amor. Tu amas a todos e vens ao encontro desta ovelha que ficou para trás. Foi isso que o Teu Filho nos veio confirmar pela Sua oferta na Cruz. Eu reconheço o meu pecado, vem recolher-me com o teu perdão. Senhor, vem ao meu encontro, vem resgatar-me, coloca-me alegremente aos teus ombros e devolve-me a alegria de estar contigo.

Cântico: “*Quando te encontro descanso*”

Tempo de silêncio

Leitor: “*Adornai o meu coração*” (Beato João XXIII) (texto de interiorização)

*Adornai o meu coração, Senhor, com a Vossa presença,
transformai-o em morada para Vós!
Vós sois o hóspede por quem espero,
o amigo que junto de mim permanecerá.
A Vós, digno de um palácio,
apenas um pobre abrigo tenho para oferecer.
Adorno a minha casa com paixão e vontade.*

*E o brilho do Céu a minha morada iluminará.
A minha casa será uma catedral,
o meu coração, um tabernáculo.
Adornai o meu coração, Senhor, com a Vossa presença,
transformai-o em morada para Vós! Ámen.*

Tempo de silêncio

Oração Universal

Presidente: Apresentemos as nossas preces ao Senhor, Deus de Misericórdia, dizendo:

R/ Eu te amo, Senhor. Escuta a nossa oração.

Leitor: Pedimos-Te, pela tua misericórdia Senhor, por nós e por todos aqueles a quem falta humildade para reconhecer o seu pecado. *R/*

Leitor: Pedimos-Te, pela tua misericórdia Senhor, pelo Santo Padre e pelo nosso Bispo. *R/*

Leitor: Pedimos-Te, pela tua misericórdia Senhor, para que nunca nos faltem sacerdotes que nos ofereçam a experiência do teu perdão. *R/*

Leitor: Pedimos-Te, pela tua misericórdia Senhor, para que as nossas famílias sejam lugar de amor, de paz e de perdão. *R/*

Leitor: Pedimos-Te, pela tua misericórdia Senhor, que a tua presença reconfortante seja sentida pelos cristãos que são perseguidos. *R/*

Leitor: Pedimos-Te, pela tua misericórdia Senhor, que toques o coração de tantos homens e mulheres que não têm fé. *R/*

Leitor: Pedimos-Te, pela tua misericórdia Senhor, pelos nossos familiares e amigos que já morreram; acolhe-os junto de Ti. *R/*

Breve momento de silêncio e/ou preces espontâneas

Pai Nosso

Bênção do Santíssimo

Cântico: *“Eu creio, em Ti, Senhor, mas aumenta a minha fé”* ou *“Tantum Ergo”*

Presidente:

Oremos

Faz, Senhor, com que o sacramento pelo qual nos renovas encha o nosso coração com a suavidade do teu amor e nos leve a desejar as riquezas do reino dos céus. Isto Te pedimos por Cristo, nosso Senhor. Ámen

Bênção (*se for um sacerdote ou um diácono a presidir*)

Reposição do Santíssimo

ORAÇÃO

*Bendito seja Deus.
Bendito o seu Santo Nome.
Bendito Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
Bendito o nome de Jesus.
Bendito o seu Sacratíssimo Coração.
Bendito o seu Preciosíssimo sangue.
Bendito Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento do altar.
Bendito o Espírito Santo Paráclito.
Bendita Excelsa Mãe de Deus, Maria Santíssima.
Bendita a sua Santa e Imaculada Conceição.
Bendita a sua Gloriosa Assunção.
Bendito o nome de Maria, Virgem e Mãe.
Bendito São José, seu Castíssimo Esposo.
Bendito Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.*

O Presidente despede a assembleia: Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo R/ Para sempre seja louvado e a sua Mãe, Maria Santíssima.

Presidente (repete-se 3 vezes): Nossa Senhora, mãe de misericórdia.
R/: Rogai por nós.

Cântico: "O amor de Deus repousa em mim"



«Como o Pai Me amou também Eu vos amei: permaneeci no Meu Amor»

Adoração Eucarística com crianças

Isabel Oliveira

«Eu vos digo estas coisas para que
a Minha Alegria esteja em vós e
a vossa alegria seja plena» (Jo 15,10)

«Ó Jesus, é por vosso amor...!»

Acolhimento (fora do espaço de oração – se possível ao ar livre)

O Animador orienta o desenrolar da celebração:

- Acolher e dar as boas-vindas

Pode ser feita através de uma dinâmica de saudação original a fim de criar um ambiente de proximidade e bem-estar. Este favorece a oração (é condição), a partilha, a interação entre todos (crianças e adultos).

- Partilhar boas notícias

Este é o momento para partilhar as maravilhas do Amor de Deus a acontecer na vida. O animador/catequista convida os que o desejarem a partilharem as boas notícias dos últimos dias. Como motivação e forma de quebrar o gelo, o animador será o primeiro a partilhar as boas notícias da sua semana assim como notícias de gestos ou palavras de outras pessoas que, ao longo dos últimos dias, foram para o animador sinais do amor de Deus presente na vida humana.

- Explicar os motivos do encontro e convidar ao silêncio (Adoração, a Jesus Presente na Eucaristia)

A partir da partilha das boas notícias, o animador explica que o tempo de Adoração é um tempo para:

- olhar, contemplar, admirar-se com a beleza e a bondade/ /misericórdia de Deus através de Jesus na Eucaristia. O pão do amor que alimenta os dias;

- sentir Jesus inclinar-se sobre nós e alimentar o nosso amor como o fez na última ceia e o faz todos os dias, nomeadamente na eucaristia;

- agradecer toda a bondade que o Pai, em Jesus e pelo Espírito, derrama sobre o mundo, nomeadamente agradecer as boas notícias que foram partilhadas no grupo;

- suplicar para que o coração de cada um se deixe tocar pela bondade de Deus, a fim de se tornar capaz de amar ao jeito de Jesus, que nos revela o jeito de amar do Pai, na comunhão do Espírito Santo.

Convite ao silêncio

- convidar a fazer silêncio interior (calar no mais íntimo tudo o que preocupa... tudo o que acontecerá após o tempo de adoração...). Para ajudar a concretizar esta difícil atitude, sugere-se que se entre no espaço de oração repetindo, cada um no silêncio do seu coração: «Jesus toma-me pela mão para entrar na tua casa» ou «Jesus ajuda-me a preparar o coração para estar contigo a sós» (ou outra frase que o animador pense ser adequada. Esta é uma forma de serenar e de criar ambiente interior para a oração);

- convidar ao silêncio físico. O animador recolhe as palavras de cada um e coloca-as no seu bolso (gesto simbólico)...

Rito inicial

Presidente

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo

Senhor, convidados pelo Espírito, pusemo-nos a caminho para parar, uns minutos, aos teus pés. Deixamos preocupações e fadigas para viver ao jeito de Maria, na casa de Betânia, um encontro de amigos em que nos deixamos tocar pela Tua bondade e experimentamos a Tua misericórdia.

De mãos e coração levantados eis-nos disponíveis à Tua graça

para que aconteça a Tua vontade neste tempo e em todo o tempo. Assim nos sentimos diante de Ti que és um Pai misericordioso, um Jesus que palmilha os nossos caminhos e um Espírito Santo que nos move o coração.

Ámen.

Juntos, entremos na casa do Pai para nos sentarmos aos pés de Jesus.

Animador

- convida a entrar no espaço de oração (*preparado com simplicidade e com cuidado quanto à luminosidade. A meia luz ajuda a interiorizar. Se as condições o permitirem, colocar-se-á uma música de fundo que ajuda ao silêncio e à interioridade. Esta terá de ser um instrumental meditativo*);

- sugerir que, no momento em que cada um chegue ao seu lugar no espaço de oração, se ajoelhe, feche os olhos e reze no silêncio do coração o salmo que será proclamado;

A partir deste momento... inicia-se o caminho do encontro para viver a contemplação.

Entrada na igreja/capela - Tempo de adoração

(já no espaço de oração)

Momento de oração - introdutório

Estando todos de joelhos, com os olhos fechados, o salmista reza, serenamente, interiorizando o salmo 62 (*com a música de fundo*).

Senhor, és o meu Deus
desde a aurora Te procuro,
a minha alma tem sede de Ti.
Por Ti suspiro
como terra árida, sequiosa, sem água.

Quero contemplar-Te no santuário,
para ver o Teu poder e a Tua glória.

A Tua graça vale mais do que a vida:
Por isso, meus lábios hão de cantar-Te louvores.

Assim Te bendirei toda a minha vida
E em Teu louvor levantarei as mãos.
Serei saciado com saborosos manjares
E com vozes de júbilo Te louvarei.

Quando no leito Te recordo,
passo a noite a pensar em Ti.
Porque Te tornaste o meu refúgio,
exulto à sombra das Tuas asas.

Unido a Ti estou, Senhor,
a Tua mão me serve de amparo.

Um leitor faz eco do salmo, lentamente, com pausas... como quem “mastiga, saboreia cada recanto da oração” dirigindo-se ao Pai... a Jesus (a voz do leitor tem de dizer... que está a orar. Por isso, deve ser serena, suave... meditativa... interiorizante). Se a assembleia for muito grande, o salmista pode fazer ele mesmo o eco, desde o ambão:



Senhor, és o meu Deus... és o meu Deus.
(pausa breve)
Procuro-Te, tenho sede de Ti.
(pausa breve)
Quero contemplar-Te, ver a Tua glória.
(pausa breve)
Quero cantar-Te louvores e para Ti levantar as mãos.
(pausa breve)
Es o meu refúgio e a Tua mão me serve de amparo
(pausa breve)
Unido a Ti estou, Senhor. Meu Senhor e Meu Deus...
(pausa breve)
Senhor, és o meu Deus... és o meu Deus.

Canto de adoração

Sugestões: Pai eu Te adoro; Toda a terra Te adora (repetir apenas o refrão)...

Exposição do Santíssimo

Segundo o respetivo ritual.
Convite ao louvor, à contemplação

Presidente

Senhor Jesus, que desde o mistério da “Eucaristia” voltas para nós os Teus olhos, diante de Ti, recordamos o Teu amor e dirigimo-Te o nosso louvor. Juntos rezemos: «Adoramos-Te Senhor. Sobre nós inclinas o Teu rosto».

Momento de louvor declamado pelo Presidente ou por um leitor ou distribuído pela assembleia (crianças e familiares em que cada um lê do seu lugar uma das citações bíblicas, se o número de pessoas e o espaço o permitir). O ritmo da oração deve ser lento para favorecer a atitude orante/meditativa.

“Como o Pai Me amou, também Eu vos amei: permaneci no Meu Amor. Eu vos digo estas coisas para que a Minha Alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja plena.” (Jo 15,10)

T. Adoramos-Te, Senhor. Sobre nós inclinas o Teu rosto.

“Vede que admirável Amor o Pai nos revelou em Jesus ao chamar-nos Seus filhos! E somo-lo de facto!” (1Jo 3,1)

T. Adoramos-Te, Senhor. Sobre nós inclinas o Teu rosto.

Nós amamos porque Deus nos amou primeiro!” (1Jo 4,19)

T. Adoramos-Te, Senhor. Sobre nós inclinas o Teu rosto.

“Nem a morte nem a vida, nem conhecido nem desconhecido, nem presente nem futuro, nem alturas nem profundidades, nem nada nos poderá separar do Amor de Deus revelado em Jesus Cristo, nosso Senhor!” (Rom 8,39)

T. Adoramos-Te, Senhor. Sobre nós inclinas o Teu rosto.

“No amor não há lugar para o medo; pelo contrário, o amor desaloja todo o medo.” (1Jo 4,18)

T. Adoramos-Te, Senhor. Sobre nós inclinas o Teu rosto.

“Meus queridos, amemo-nos uns aos outros porque o Amor vem de Deus; todo aquele que ama é filho de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus porque Deus é Amor!” (1Jo 4,7)

T. Adoramos-Te, Senhor. Sobre nós inclinas o Teu rosto.

“Pai, que todos sejam Um, como Tu estás em Mim e Eu em Ti; que também eles sejam Um em Nós, para que o mundo acredite que Tu me enviaste. Eu lhes dei a Vida que Tu Me deste, para que sejam Um como Nós.” (Jo 17,21-22)

T. Adoramos-Te, Senhor. Sobre nós inclinas o Teu rosto.

“Sabemos que tudo concorre para o bem daqueles que vivem no Amor de Deus, daqueles que escutaram o seu chamamento.” (Rom 8,28)

T. Adoramos-Te, Senhor. Sobre nós inclinas o Teu rosto.

“Tu dizes: O senhor abandonou-me! O meu Deus esqueceu-se de mim!

Eu nunca te esquecerei! Olha bem... nas palmas das minhas mãos tenho gravada a tua imagem, tu estás sempre diante dos meus olhos!” (Is 49,14-16)

T. Adoramos-Te, Senhor. Sobre nós inclinas o Teu rosto.

“Tu és o Meu eleito! Eu te busquei dos confins do mundo, Eu te chamei e te disse: Tu és Meu, Eu te escolhi, não te rejeitarei. Por isso, nada temas, pois Eu estou contigo! Não te angusties, pois Eu sou o teu Deus: eu te fortaleço e te auxilio, Eu te sustento com a minha mão vitoriosa!” (Is 41,8-10)

T. Adoramos-Te, Senhor. Sobre nós inclinai o Teu rosto.



Convite ao silêncio

Animador

Durante alguns instantes somos convidados a recordar as citações bíblicas que rezamos e agradecer a Jesus a profundidade, a loucura e a força do seu amor. Quem desejar pode, no silêncio do seu coração, repetir muitas vezes uma das frases: «Adoro-Te Senhor. Sobre mim inclinas o Teu rosto.» ou «Adoro-Te Senhor, no teu coração gravaste o meu nome.» ou «Adoro-Te e confio no Teu amor.»

Convite à escuta da Palavra

Animador

Atendendo a que é um momento de Adoração, de convite a viver um tempo de encontro pessoal e comunitário com Jesus, diante do Santíssimo, e que não se trata de uma celebração da Eucaristia, sugere-se que a assembleia se mantenha sentada e seja convidada a fechar os olhos para melhor interiorizar a Palavra, a fim de, através dela, se encontrar em intimidade com o Senhor. Recordamos o jeito de Maria estar aos pés de Jesus, em Betânia. Assim, a leitura do texto do Evangelho poderá ser feita desde o lugar (apenas o leitor se levanta).

Após o convite a fechar os olhos, sugerimos o seguinte itinerário:

- *Situar o texto (contextualização)*

Imaginem o tempo de Jesus: casas, vestuário, cheiros... (*breve silêncio*). Recordem Jesus, como no-Lo descrevem os evangelhos, andando pelos caminhos de terra, vestido de longas túnicas, acompanhado dos seus amigos. Ele passava dando a conhecer o Pai, anunciando a Boa Notícia do Reino e curando muita gente... (*breve pausa*).

Na véspera da sua morte, poucas horas antes da Páscoa dos Judeus, Jesus reuniu os discípulos, os seus maiores amigos, para comerem com Ele a sua última ceia.

Estranhamente, na véspera da sua morte, não parece preocupado consigo mas com os que ama. Levantando-se da mesa, fez um gesto que apenas os escravos faziam, para espanto dos presentes. Que amor será este? Como será o seu amor por mim? A que jeito de amar me convida?

Vamos ouvir como João nos descreve o gesto de Jesus:

- *Ler texto bíblico*

(*Leitura expressiva com breves pausas*)

Presidente

Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. O diabo já tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de O entregar. Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-Se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura. Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: «Senhor, Tu é que me lavas os pés?» Jesus respondeu-lhe: «O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás de compreendê-lo depois.» Disse-lhe Pedro: «Não! Tu nunca me hás de lavar os pés!» Replicou-lhe Jesus: «Se Eu não te lavar, nada terás a ver comigo.» Disse-lhe, então, Simão Pedro: «Ó Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!» Respondeu-lhe Jesus: «Quem tomou banho não precisa de lavar senão os pés, pois está todo limpo. E vós estais limpos, mas não todos.» Ele bem sabia quem o ia entregar; por isso é que lhe disse: 'Nem todos estais limpos'. Depois de lhes ter lavado os pés e de ter posto o manto, voltou a sentar-se à mesa e disse-lhes: «Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me 'Mestre' e 'Senhor', e

dizeis bem, porque o sou. Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também. Em verdade, em verdade vos digo, não é o servo mais do que o seu Senhor, nem o enviado mais do que aquele que o envia. Uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática. (Jo 13,1-17)

- *Recordar a Palavra e fazer silêncio*

Animador

Ao longo de alguns momentos de silêncio somos convidados a recordar o que nos conta João e a pensar em algumas perguntas: Que me chamou mais a atenção? Que me tocou? Como é possível Jesus ajoelhar-se e lavar os pés aos discípulos? Que nos diz do seu amor e do amor do Pai? Que nos diz da forma como viveu toda a sua vida? (*Dar um espaço de silêncio*)

- *Dialogar para compreender, deixar-se surpreender, saborear*
(*proposta de perguntas para o diálogo sobre o texto*)

- Em que contexto disse Jesus estas palavras aos seus discípulos?
- No seu discurso, Jesus está preocupado com quem? Porquê? Não choca que alguém que está a viver os seus últimos momentos de vida se preocupe mais com os outros do que com o sofrimento que lhe vai acontecer? Que nos diz esta passagem sobre Jesus?
- Jesus tinha consciência de que estes seriam os últimos momentos em privado que teria com os seus apóstolos... Estava consciente da sua importância... Que testemunho, que pedido especial quer deixar aos seus discípulos com este gesto?
- Para Ele, amar é uma palavra ou é um jeito de viver? Recordam-se de jeitos de Jesus no Evangelho?
- Com este gesto, Jesus transforma a lógica do mundo, a lógica do mais forte e da injustiça na lógica do Reino, como o deseja o Pai. Qual é essa lógica?
- Onde podemos ver no Evangelho a lógica do Reino a acontecer? (*entra na casa de Zaqueu, cura em dia de sábado, lava os pés aos discípulos, toca os leprosos, revela-se à mulher samaritana, convida a perdoar 70x7, derrama a paz sobre os discípulos depois de estes o terem negado no momento da sua paixão, anuncia que Deus é Pai e torna presente o seu amor entre nós através da palavra e dos gestos...*)
- Que nos indicam estes exemplos sobre a forma de amar de

Jesus? (*liberta, cura, salva, recria os laços entre os seres humanos (irmãos) e reconcilia-os com Deus (filhos), convida a viver desde o amor ao jeito do Pai... desafia a dar a vida pelos amigos*)

- Quando Jesus age, n'Ele age o Pai. Que nos revelam de Deus as palavras e os gestos de Jesus? Como se manifesta e concretiza o amor do Pai para connosco? Como se concretizou para os três Pastorinhos? Não vos/nos espanta?

- Que sentimentos e atitudes fazem surgir em nós esta "loucura do amor" de Deus para connosco?

Jesus diz: «Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me 'Mestre' e 'Senhor', e dizeis bem, porque o sou. Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros.» Que nos quer dizer Jesus com estas palavras? - Que nos pede?

- Que tem a ver com o Reino o mandamento do amor?

- O que é que o amor tem a ver com a missão de Jesus, com o projeto de Deus para nós?

- Se olharmos dentro de nós e à nossa volta, o mandamento do amor é uma «revolução», uma forma de viver que cura o ser humano? Em que aspetos?

- Que nos faz especiais, a nós cristãos? E que responsabilidade é a nossa? (*Sabermos-nos e sentirmos-nos: amados e filhos de Deus; convidados a viver na intimidade com Ele; chamados a amar sem medidas, mesmo ao inimigo porque assim ama o Pai...*)

- Que promete Jesus a quem ama ao seu jeito?

- Orar em silêncio

(Tempo de oração pessoal)

Animador

Sugere que cada um feche os olhos, entre no fundo do seu coração e converse com Jesus. Orar é conversar, contar o que vai na alma, questionar... e sobretudo ouvir o que o Mestre tem para dizer. O animador pode ajudar ao encontro lançando algumas sugestões que podem servir de sugestão para o diálogo:

- Depois de escutar a Palavra, que quero agradecer a Jesus e ao Pai?

- Conto-lhe o que n'Ele me espantou, no texto de S. João, no diálogo que tivemos...

- O que é que esta leitura teve de novidade para o meu jeito de ser e de fazer? Agradeço a Jesus.

- Por que pecados lhe quero pedir perdão para mim, para os outros... para o mundo?

- Que ajuda lhe quero pedir?

- Convite à contemplação/adoração

Animador

Após o tempo de encontro com Deus na Palavra e na oração, somos convidados a contemplar o Amor de Deus para conosco. De joelhos e de olhos fechados dizemos a Jesus e ao Pai, repetidamente, no silêncio do coração: «É grande o teu amor para conosco (ou para comigo)”.

Para as crianças poder-se-á sugerir que repitam, 20 vezes, esta ou outra frase/jaculatória (*Esta proposta permite desenvolver competências de contemplação, tendo em conta o facto de que as crianças ainda estão em fase de descoberta das diferentes formas de oração*).

(Breve tempo de silêncio)

Presidente



Pai, Tu és o Deus Amor, como diz S. João,
e o Teu amor
alimenta e entrelaça as nossas vidas.
Em cada dia, fazes acontecer o Teu Reino
dando-nos o pão da terra e o Pão da fraternidade.
Sem teres em conta as nossas misérias,
aconchegas-nos no Teu colo,
velas por nós e nos proteges do mal.
Bendito sejas!

Abrimos a inteligência, o coração e as mãos
A fim de agradecer a loucura do Teu amor,
e a confiança que em nós depositas,
ao dar-nos a responsabilidade de amar como Jesus amou,
para fazer acontecer o Teu Reino.
Bendito sejas!

Dá-nos a ousadia e a força de querer,
com a nossa mão na Tua mão,
acolher o Teu amor para, nele e por ele,
servirmos os irmãos
e os termos sempre presentes na oração,
como pediu Maria aos três Pastorinhos.
Bendito sejas!

Louvor e glória a Ti, Deus
que és um Pai de misericórdia,
um Jesus que nos levanta do chão,
e um Espírito Santo que nos une no amor.
Bendito sejas!

- Cantar

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos ou Veneremos, adoremos

Bênção do Santíssimo Sacramento

(se possível - devendo estar presente um ministro ordenado)

Presidente

Oremos. Senhor Jesus, que neste admirável sacramento nos deixaste o memorial da Tua paixão, concede-nos a graça de venerarmos de tal modo os mistérios do Teu Corpo e Sangue, que sintamos continuamente os frutos da Tua redenção. Tu que és Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.
Amém.

Todos repetem:

Bendito seja Deus.
Bendito o seu Santo Nome.
Bendito Jesus Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
Bendito o Nome de Jesus.
Bendito o seu Sacratíssimo Coração.
Bendito o seu Preciosíssimo Sangue.
Bendito Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.
Bendito o Espírito Santo Paráclito.
Bendita a excelsa Mãe de Deus, Maria Santíssima.
Bendita a sua Santa e Imaculada Conceição.
Bendita a sua Gloriosa Assunção.
Bendito o Nome de Maria, Virgem e Mãe.
Bendito São José seu Castíssimo Esposo.
Bendito Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.

Presidente

Bênção final, rito de envio.

Cântico final. "Cantai ao Senhor porque é eterno o seu amor" ou "Grande, grande é o amor"

Via-Sacra

Joaquim Teixeira

Introdução

Percorrer os passos da via-sacra com Jesus é uma oportunidade de nos aproximarmos do nosso Salvador que nos amou até ao fim, dando a vida pela nossa libertação. Em cada passo, em cada palavra, silêncio ou gesto, Jesus revela-nos o coração bondoso e compassivo de Deus Pai que se inclina sobre os sofrimentos da humanidade a fim de lhes levar o bálsamo da cura do amor e da compaixão.

Ao acompanharmos Jesus ficamos mais vulneráveis, o nosso coração de pedra transforma-se em coração de carne. Os sentimentos do Seu coração atingem o nosso e assim podemos encarnar no tecido da nossa história o mistério salvador que Jesus inaugurou entre nós pela Sua Morte e Ressurreição.

A Virgem Maria que caminhou a passo firme e determinado com Jesus até à Cruz caminha também connosco nesta via-sacra para nos levar até ao coração cheio de amor de Seu Filho.

1.^a Estação – Jesus é condenado à morte

V. Nós adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo S. João:

«A partir daí, Pilatos procurava libertá-lo, mas os judeus clamavam: “Se libertas este homem, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei declara-se contra César.” Ouvindo estas palavras, Pilatos trouxe Jesus para fora e fê-lo sentar numa tribuna, no lugar chamado Lajedo, ou *Gabatá* em hebraico. Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta do meio-dia. Disse, então, aos judeus: “Aqui está o vosso Rei!” E eles bradaram: “Fora! Fora! Crucifica-o!” Disse-lhes Pilatos: “Então,



hei de crucificar o vosso Rei?” Replicaram os sumos-sacerdotes: “Não temos outro rei, senão César.” Então, entregou-o para ser crucificado. E eles tomaram conta de Jesus» (Jo 19,12-16).

A condenação de Jesus remete-nos para todo o tipo de injustiças que se repetem nos nossos dias. As maledicências, as condenações sumárias, a morte de inocentes, o aborto, os que não têm acesso à justiça porque não possuem recursos financeiros para os contínuos “recursos”. A condenação que nós fazemos uns dos outros com os juízos precipitados, o preconceito, a marginalização, a indiferença à fome, aos atropelos da dignidade da pessoa humana... são novas formas de condenação.

Os pastorinhos de Fátima também foram levados injustamente a tribunal, foram condenados e presos por anunciarem a mensagem que a Mãe do Céus lhes comunicou.

Peçamos ao Senhor por seu intermédio que nos conceda um amor incondicional à verdade e à justiça. Que por nada deste mundo fechemos os olhos à condenação de inocentes; que nunca sejamos coniventes nem lavemos as mãos, como Pilatos, diante das injustiças que conhecemos todos os dias.



2.^a Estação – Jesus recebe a cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo S. João:

«Então, entregou-o para ser crucificado. E eles tomaram conta de Jesus. Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota» (Jo 19,16-17).

A cruz é dos símbolos mais fortes da nossa fé. A linguagem da cruz é motivo de escândalo e loucura para uns mas também de sabedoria e poder para outros; a cruz recorda-nos o sofrimento mas também o amor de uma vida carregada de sentido. Jesus recordou-nos: «Quem quiser seguir-me renuncie a si mesmo tome a sua cruz e siga-Me». Para nós, discípulos e seguidores de Jesus, a Cruz revela o Seu amor incondicional ao Pai e à humanidade inteira oprimida nas teias do pecado.

Os pastorinhos de Fátima souberam abraçar a cruz de Jesus em todas as ameaças e adversidades. Mais, alegravam-se por sofrer pelo nome de Deus.

Logo desde a primeira aparição, com uma fortaleza admirável,

se abriram inteiramente a abraçar a cruz, quando a Virgem Maria lhes perguntou: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

– Sim, queremos.

– Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto» (Quarta Memória, II, 3, p. 158).

Senhor, que eu abrace as pequenas e grandes cruzes de todos os dias, unindo-me a Vós que abristes novos sentidos para o mistério do mal e do sofrimento. Senhor Jesus, que eu nunca busque um cristianismo fácil e descafeinado. Ajudai-me a mergulhar no sentido mais profundo do vosso amor terno e misericordioso tal como Vós o experimentastes de vosso Pai e nosso Pai.

3.^a Estação – Jesus cai pela primeira vez

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do profeta Isaías:

«O Senhor Deus abriu-me os ouvidos, e eu não resisti, nem recusei. Apresentei as costas aos que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me ultrajavam e cuspiam. Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio; por isso não sentia os ultrajes. Endureci o meu rosto como uma pedra, pois sabia que não ficaria envergonhado». (Is 50,5-7)

Jesus é o novo Servo Sofredor, o Filho de Deus, que carrega sobre Si as maldades dos homens. Sucumbe pela primeira vez ao peso da cruz mas não vai recuar nem desistir. Sabe que Deus Pai é fiel, que não O abandonará, que virá em Seu auxílio. Jesus revela a Sua fragilidade, a Sua condição humana que assumiu inteiramente os pecados da humanidade. É na fragilidade que se vai revelar o poder e a força de Deus. A sua queda revela a derrota temporária de uma vida feita doação. O seu amor à cruz vai-nos adentrar na espessura de uma vida derramada e fecunda.

A Virgem Maria, em Fátima, pediu aos pastorinhos que rezassem todos os dias o terço em reparação pelas ofensas aos Sagrados Corações de Maria e de Jesus e que fizessem sacrifícios: «Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria» (Quarta Memória, II, 5, p. 163).



Senhor, ao percorrer estes passos da via-sacra convosco, quero, como os pastorinhos, rezar por mim e por “todos os pobres pecadores”, por todos aqueles que tornam mais pesada a vossa cruz e que mais entristecem o vosso coração e o coração da vossa Mãe. Convertei-nos, Senhor Jesus, ao vosso Evangelho e dai-nos um coração “manso e humilde” como o vosso.

4.^a Estação – Jesus encontra-se com sua Mãe

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo S. Lucas:

«A candeia do teu corpo são os teus olhos. Se os teus estiverem sãos, todo o teu corpo estará iluminado; mas se estiverem em mau estado, o teu corpo estará em trevas. Examina, pois, se a luz que há em ti não é escuridão» (Lc 11,34-35).



O olhar fala mais do que mil palavras. O encontro de Jesus com Sua Mãe, o seu cruzar de olhares puros e transparentes, diz-nos que no meio das dificuldades da vida há sempre uma mãe para dar amor e ternura, para infundir coragem e entusiasmo deixando entrever e experimentar a consolação que o próprio Pai traz ao Seu Filho muito amado. Maria foi na vida de Jesus e é na nossa própria vida uma encarnação do amor terno e misericordioso do nosso Deus. Maria associa-se neste encontro com o Seu Filho ao mistério redentor. O nosso amor a Maria ajuda-nos a experimentar o quanto Deus nos ama em Seu Filho Jesus.

A Virgem Nossa Senhora, ao visitar-nos em Fátima, veio convidar-nos à conversão do coração que permite lançar um olhar de fé para tudo quanto se passa à nossa volta: «É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados. E tomando um aspeto mais triste, disse ainda: Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido» (Quarta Memória, II, 8, p. 172).

Maria, encarnação da ternura de Deus, mulher provada na fé, discípula fiel, vinde caminhar comigo enquanto sigo os passos do vosso Filho Jesus. Ensinai-me a viver da fé que purifica o meu olhar e me leva a reconhecer e a servir Jesus na pessoa dos mais pobres deste mundo.

5.^a Estação – Jesus é ajudado pelo Cireneu

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo S. Lucas:

«Quando o iam conduzindo, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus» (Lc 23,26).

Deus diz-nos neste alívio que o Cireneu dá a Jesus o quanto precisa de nós; sim, Deus precisa de nós para aliviar as dores da humanidade inteira. Podemos colaborar com Ele, podemos “ajudá-Lo” a ser Deus salvador e consolador dos mais sofridos deste mundo. Jesus disse-nos: «Tudo o que fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos a Mim o fizestes» (Mt 25,40). Diante dos nossos olhos passam todos os dias homens e mulheres, crianças e jovens, adultos e velhinhos que precisam, que nos pedem para pararmos e os ajudarmos a levar a cruz do desamor, da incompreensão, do desemprego, dos problemas conjugais e familiares. E nós que fazemos? Somos generosos ou passamos indiferentes e frios ao lado?

Os pastorinhos de Fátima exercitavam-se todos os dias nas obras da caridade; estavam tão atentos que nada lhes passava despercebido. A Ir. Lúcia exclamou um certo dia: «Que bom é, quando, nas horas más da vida, Deus nos dá um anjo que nos ajude a vencer as tentações, a fugir dos perigos e a resolver os problemas!» (Sexta Memória, II, 4, p. 57).

Senhor, como os Pastorinhos de Fátima, que queriam amar e consolar Jesus, também eu quero cultivar a sensibilidade da fé que me remete para o exercício do amor de forma mais perfeita.

6.^a Estação – Verónica enxuga o rosto de Jesus

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do profeta Isaías:

«Desprezado e abandonado pelos homens, como alguém cheio de dores, habituado ao sofrimento, diante do qual se tapa o rosto, menosprezado e desconsiderado» (Is 53,3).



Conta a tradição que Verónica tenha enxugado o rosto de Jesus, que ficou marcado no pano branco. Este gesto encerra a vocação do cristão: gravar o rosto de Jesus e todo o seu mistério no coração, configurar toda a nossa vida com a Dele. Como S. Paulo, também nós levamos as marcas de Jesus e queremos que estas marcas, assinaladas pelo nosso batismo, se notem cada vez mais e seja a nossa alegria e a nossa força.

O beato Francisco gostava muito de se esconder com Jesus e falar-Lhe em segredo. Contemplava no Sacrário a Jesus escondido e dizia à Lúcia: «Olha: tu vai à escola. Eu fico aqui na Igreja, junto de Jesus escondido» (Quarta Memória, I, 12 p. 138).

Senhor Jesus, quero nesta via-sacra cruzar o meu olhar com o vosso, não desviar os olhos mas deixar-me impressionar pelo vosso rosto sofrido e desprezado e descobrir que os vossos sofrimentos são por mim e para minha salvação.

7.^a Estação – Jesus cai pela segunda vez

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do profeta Isaías:

«Na verdade, ele tomou sobre si as nossas doenças, carregou as nossas dores. Nós o reputávamos como um leproso, ferido por Deus e humilhado. Mas foi ferido por causa dos nossos crimes, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que nos salva caiu sobre ele, fomos curados pelas suas chagas» (Is 53,4-5).

A força do pecado dos homens faz Jesus cair mais uma vez. Jesus cede ao peso do pecado. Ele que não tinha pecado assumiu o nosso para nos abrir caminhos de conversão e salvação. Nas quedas de Jesus a caminho do Calvário, nós revemos os homens e mulheres do nosso tempo que vivem esmagados pelas injustiças, pelas doenças, pelas dores. Recordamos as vítimas dos vícios, das drogas, das dependências que escravizam tantos jovens e adultos e os fazem vergar ao peso da armadilha em que caíram. Acreditamos que a fé em Jesus e o nosso amor solidário podem vencer a vontade debilitada de tantos jovens perdidos nos enredos que humilham e desprezam a dignidade da pessoa humana.

Os pastorinhos não se cansavam de fazer, pelos pecadores, sacrifícios pela sua conversão (Ir. Lúcia, *Memórias*, Aparição de 13 de julho) e de rezarem o terço, todos os dias, pela paz no mundo e o fim



da guerra. Conta nas suas Memórias a Ir. Lúcia: «Um dia perguntaram-me se Nossa Senhora nos tinha mandado rezar pelos pecadores. Eu respondi que não. Logo que pôde (o Francisco), enquanto interrogavam a Jacinta, chamou-me e disse-me:

- Tu agora mentiste. Como é que disseste que Nossa Senhora não nos mandou rezar pelos pecadores? Então Ela não nos mandou rezar pelos pecadores?!

- Pelos pecadores, não. Mandou-nos rezar pela paz, para acabar a guerra. Pelos pecadores, mandou-nos fazer sacrifícios.

- Ah! É verdade. Já estava a pensar que tinhas mentido» (Quarta Memória, I, 7, p. 129).

Senhor Jesus, ao ver-vos caído por terra, sinto-me culpado do mal que vou espalhando à minha volta numa palavra menos delicada, num comentário depreciativo, na minha insensibilidade à tristeza e ao sofrimento, nas minhas omissões... Senhor Jesus, dai-me um coração de carne, um coração sensível e atento a quem sofre e precisa de mim.

8.^a Estação – Jesus encontra as santas mulheres

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo S. Lucas:

«Seguiam Jesus uma grande multidão do povo e umas mulheres que batiam no peito e se lamentavam por Ele. Jesus voltou-se para elas e disse-lhes: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos”» (Lc 23,27-28).

O cerco a Jesus vai-se apertando. Entretanto, estas mulheres chorosas recordam-nos o amor compassivo, o chorar com os que choram... mas também nos podem remeter para o amor sentimentalista e ineficaz, que chora e se lamenta mas não se compromete, não é efetivo nem leva ao compromisso com os que vivem aprisionados pelo sofrimento. O amor cristão é um amor feito de decisões concretas e eficazes, um amor efetivo que consola, alivia, liberta, faz despertar para o seguimento incondicional de Jesus.

O Anjo numa das aparições aos pastorinhos ensinou-os a rezar: «Meu Deus, creio, adoro, espero e amo-vos». O cristão é chamado a viver a vida teologal, a vida em fé, esperança e caridade, sabendo que no fim da vida só fica o amor e que segundo o amor é que sere-mos examinados.



Senhor Jesus, ensina-me a amar. Sim, não é fácil amar com a qualidade do amor com que nos amais. Ensina-me a amar até ao fim, a amar mesmo que não seja reconhecido nem correspondido. Ensina-me a amar por palavras e por obras, mas também pelo silêncio, guardando tudo no coração como a vossa e minha Mãe.

9.^a Estação – Jesus cai pela terceira vez

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do profeta Isaías:

«Sem defesa, nem justiça, levaram-no à força. Quem é que se preocupou com o seu destino? Foi suprimido da terra dos vivos, mas por causa dos pecados do meu povo é que foi ferido. Foi-lhe dada sepultura entre os ímpios, e uma tumba entre os malfeitores, embora não tenha cometido crime algum, nem praticado qualquer fraude» (Is 53,8-9).



Jesus chega ao limite das suas forças, à exaustão mas não desiste, dá tudo o que tem para dar. Após a terceira queda vai retomar o passo firme e decidido em direção ao Calvário. Jesus ensina-nos a ser fiéis até às últimas consequências, até dar a vida seja ao longo do tempo seja de um momento para o outro. Perante a terceira queda de Jesus experimentamos a denúncia da nossa tendência para fugirmos aos meus pequenos sofrimentos ou contrariedades que a entrega aos outros, que o amor aos irmãos acarreta. Dizemos facilmente sim ao seguimento, ao serviço aos outros... mas quando aparecem as primeiras dificuldades, aí abandonamos a cruz. Falta-nos a “determinada determinação”.

Os pastorinhos foram presos e questionados brutalmente sobre as aparições, no entanto, por fidelidade a Nossa Senhora preferiam morrer do que ceder às pressões dos seus agressores e dos presos: «Mas vocês – diziam eles – digam ao Senhor Administrador lá esse segredo. Que lhes importa que essa Senhora não queira? Isso, não! – respondeu a Jacinta com vivacidade. – Antes quero morrer» (Primeira Memória, I, 12, p. 36).

Senhor Jesus, chegado a esta etapa da via-sacra, sinto-me cada vez mais pequeno diante da grandeza do Sim do vosso amor. Quero entregar-Vos a minha vida, viver a disponibilidade radical para o anúncio do Vosso Reino e serviço dos irmãos.

10.^a Estação – Jesus é despojado de suas vestes

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho de S. Marcos:

«Depois, crucificaram-no e repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte, para ver o que cabia a cada um» (Mc 15,24).

Jesus ao ser despojado das suas vestes remete-nos para a vulnerabilidade em que o Filho de Deus foi colocado pelo mistério da encarnação. Ficou sujeito em tudo às vicissitudes dos homens. «Ele que era de condição divina não se valeu da Sua igualdade com Deus». Quantas vezes nos vemos a defender estatutos sociais, a defender a nossa honra, a cultivar imagens de nós próprios, querendo ser grandes aos olhos do mundo. Jesus ensina-nos a viver da verdade, da humildade e da humilhação, se necessário. O cristão não pode ter medo das manipulações dos homens, pois Deus estará sempre por nós e será a nossa recompensa. Ao contemplarmos Jesus despojado das suas vestes, pensemos nos homens e mulheres atingidos na sua beleza e dignidade de filhos de Deus.

Na Quarta Memória a Ir. Lúcia escreve: «não preciso de mais: obediência e abandono em Deus que é Quem opera em mim. Na verdade não sou mais que o pobre e miserável instrumento de que Ele se quer servir» (Quarta Memória, I, p. 135).

Senhor Jesus, ajudai-me a despojar-me da mentira e das falsas imagens que vou construindo de mim mesmo e revesti-me só de Vós. Aceito a minha vulnerabilidade e fraqueza porque só assim serei revestido da força do Vosso Espírito que me conforma a Jesus.

11.^a Estação – Jesus é pregado na cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho de S. Lucas:

«Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram-no a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: “Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.” Depois, deitaram sortes para dividirem entre si as suas vestes» (Lc 23,33-34).



Jesus é colocado entre malfeitores, é misturado com eles; afinal Jesus veio para eles, entrou em suas casas, levou-lhes a salvação, reintegrou-os e deu-lhes um novo sentido de vida. Jesus disse: «Eu não vim chamar os justos mas os pecadores» e só baixando ao nível dos pecadores é que os pode resgatar. E do meio dos pecadores profere palavras de perdão e reconciliação, compadecendo-se da sua ignorância e cegueira. Jesus não julga nem condena, mas antes absolve e salva. Nós somos bem mais prontos a condenar do que a desculpar. Precisamos de recordar muitas vezes este gesto de perdão de Jesus.

Nossa Senhora pediu muitas vezes aos pastorinhos que rezassem e fizessem sacrifícios pela conversão dos pecadores. E na Segunda Aparição, o Anjo também disse aos pastorinhos: «De tudo o que puderdes, oferecei um sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores» (Quarta Memória, II, 1, p. 153).

Senhor, deixais-me sem palavras, em silêncio total diante deste quadro: entre malfeitores e a perdoar os que vos trouxeram até à cruz. Reconheço-me como pecador e peço-vos a graça do perdão. Quero aproximar-me mais vezes do sacramento do perdão.

12.^a Estação – Jesus morre na cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo S. João:

«Depois disso, Jesus, sabendo que tudo se estava consumado, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: “Tenho sede!” (Jo 19,28).

Em Jesus cumprem-se as Escrituras. Jesus leva à plenitude a obra de salvação que o Pai quer oferecer a toda a humanidade. A afirmação que Jesus faz, “tenho sede”, diz tudo. Diz da sua sede de resgatar todos os homens do poder das trevas e do pecado para os reconciliar com o Pai. Jesus veio para nos recriar e redimir com o seu Corpo e Sangue. Somos objetos privilegiados do Seu amor. Jesus tem sede de mim, sede de cada um de nós. Tem sede do nosso amor. Podemos saciá-Lo com a nossa vida alegre, fraterna, servicial, fiel. A morte de Jesus na Cruz é uma morte por amor aos homens, por amor à verdade e à justiça: «se o grão de trigo caído à terra não morrer não dá fruto mas se morrer dá muito fruto». A morte de Jesus foi uma morte fecunda, foi penhor de uma nova criação.

Diz-nos a Ir. Lúcia: «Já de noite, despedi-me do Francisco.

- Francisco, adeus! Se fores para o Céu esta noite, não te esqueças lá de mim, ouviste?

- Não te esqueço, não. Fica descansada.

E agarrando-me a mão direita apertou-a com força... O Céu aproximava-se. Para lá voou no dia seguinte, nos braços da Mãe Celeste» (Quarta Memória, I, 17, p. 164).

Senhor Jesus, quando já tudo está consumado e nada mais há a dizer fica só o amor como esperança de algo novo. O silêncio da morte é eloquente para os crentes. Aumentai a minha fé e ajudai-me a viver a vida na perspetiva da eternidade.

13.^a Estação – Jesus é descido da cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

Do Evangelho segundo S. João:

«Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, mas secretamente por medo das autoridades judaicas, pediu a Pilatos que lhe deixasse levar o corpo de Jesus. E Pilatos permitiu-lho. Veio, pois, e retirou o corpo» (Jo 19,38).

Os discípulos de Jesus, como este José de Arimateia, dispersaram, desistiram do seguimento, ficando pelo caminho. Assim somos muitos de nós. Seguimos Jesus até certo ponto, mas quando Ele nos desconcerta a vida, quando nos desorganiza os nossos planos, então recuamos. Esquecemos facilmente que a vida em fé não se compadece com consolações, com vida fácil, impassível aos sofrimentos próprios e dos demais. A vida espiritual pede-nos purificação, passagem pelo deserto das provas, pede-nos compromisso duro e fiel, aceitando enfrentar adversidades sociais ou políticas, por vezes até mesmo incompreensões de familiares e amigos.

Disse a Jacinta à Ir. Lúcia: «Tenho pena de ti. O Francisco e eu vamos para o Céu e vais ficar cá sozinha! Pedi a Nossa Senhora para te levar também para o Céu, mas ela quer que fiques cá mais algum tempo. Quando vier a guerra não tenhas medo. No Céu, eu peço por ti» (Terceira Memória, I, 5, p. 129).

Senhor Jesus, que eu não ceda ao medo e vos siga apenas pelas sombras da noite como José de Arimateia. Dai-me antes a força e a coragem do Discípulo Amado e de vossa Mãe que estavam junto à vossa cruz e junto da qual me convidam a ficar também muitas vezes.



14.^a Estação – Jesus é sepultado

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo S. João:

«Tomaram então o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho com os perfumes, segundo o costume dos judeus. No sítio em que Ele tinha sido crucificado havia um jardim e, no jardim, um túmulo novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. Como para os judeus era o dia da Preparação da Páscoa e o túmulo estava perto, foi ali que puseram Jesus» (Jo 19,40-42).

Jesus teve sepultura digna. No Gólgota havia um jardim e foi ali que sepultaram Jesus. O jardim remete-nos para o início da criação, para o sonho de Deus ao colocar os nossos primeiros pais no Jardim do Paraíso. Deus não descansa enquanto o homem não abraçar o plano de felicidade que Deus sonhou para ele. Em Jesus, podemos regressar ao Jardim donde o nosso pecado nos retira. Sempre que sou um ouvinte fiel da Sua Palavra, sempre que a ponho em prática, sempre que me sento à mesa da Eucaristia e convido todos os demais para este banquete estou a antecipar as núpcias de Deus com a humanidade antecipadas neste sacramento. Na eucaristia, «Anunciamos, Senhor a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição, vinde, Senhor Jesus!»

Disse a pequena Beata Jacinta: «Gosto tanto de Jesus escondido! Quem me dera recebê-Lo na Igreja! No Céu não se comunga? Se lá se comungar, eu comungo todos os dias». E quando a Lúcia voltava da Igreja perguntava-lhe: «Comungaste? Se lhe dizia que sim, pedia-me: Chega-te aqui para junto de mim, que tens em teu coração Jesus escondido» (Terceira Memória, I, 9, p. 131).

Senhor Jesus, que todas as vezes que eu tomar o vosso Corpo e o vosso Sangue forme o vosso Corpo que é a Igreja guiada pela lei do amor a Deus e ao próximo.

15.^a Estação – A Ressurreição de Jesus

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

Do Evangelho de S. Mateus:

«Terminado o sábado, ao romper do primeiro dia da semana,



Maria de Magdala e a outra Maria foram visitar o sepulcro. Nisto, houve um grande terramoto: o anjo do Senhor, descendo do Céu, aproximou-se e removeu a pedra, sentando-se sobre ela. O seu aspeto era como o de um relâmpago; e a sua túnica, branca como a neve. Os guardas, com medo dele, puseram-se a tremer e ficaram como mortos. Mas o anjo tomou a palavra e disse às mulheres: "Não tenhais medo. Sei que buscais Jesus, o crucificado; não está aqui, pois ressuscitou, como tinha dito. Vinde, vede o lugar onde jazia"» (Mt 28,1-6).

A vida venceu a morte. O amor é mais forte do que a morte. Agora só podemos ver o lugar onde esteve sepultado o Senhor. No lugar da morte ressurge a vida. Esta é a missão dos cristãos sobre a terra: comunicar a vida e a esperança de Jesus aos corações e lugares de morte e desespero. A alegria da manhã da ressurreição inaugura os novos tempos onde o Espírito que procede do Pai e do Filho vai renovar todas as coisas.

A Virgem Maria apareceu em Fátima como a mulher cheia de luz, «mais brilhante do que o sol», deixando entrever a glória da ressurreição. Assim nos conta a Ir. Lúcia, na primeira Aparição: «Vimos, sobre uma carrasqueira, uma Senhora, vestida toda de branco, mais brilhante que o Sol, espargindo luz, mais clara e intensa que um copo de cristal, cheio d'água cristalina, atravessado pelos raios do sol mais ardente. Parámos surpreendidos pela aparição. Estávamos tão perto, que ficávamos dentro da luz que A cercava ou que Ela espargia» (Quarta Memória, II, 3, p. 156 e 158).

Senhor Jesus, fazei-me testemunha da vossa ressurreição. Vale a pena gastar a vida no anúncio e construção do vosso Reino de paz, justiça e verdade. Sede a minha força e esperança. Soprai sobre mim e dai-me o vosso Espírito santificador.



IV. Missas para as Peregrinações Aniversárias



MAIO

“Mãe do amor misericordioso” (Cf. Lc 1,26 ss)

12 de maio – segunda-feira

Missa da Virgem Maria, Mãe do amor formoso (MVSM, 173)

1.^a leitura: Sir 24,23-31 “*Eu sou a mãe do amor formoso*” (Lec MVSM, 160)

2.^a leitura: 2Cor 5,17-21 “*Reconciliai-vos com Deus*” (Lec MVSM, 74)

Evangelho: Lc 1,26-38 “*Avé, cheia de graça*” (Lec MVSM, 162)

13 de maio – terça-feira

Missa de Nossa Senhora de Fátima (Missal Romano, 848)

1.^a leitura: Ap 21,3-4 “*Vi a nova Jerusalém*” (Lec Santoral, 431)

2.^a leitura: Rom 8,28-30 “*Os que conheceu também os destinou*” (Lec Santoral, 434)

Evangelho: Lc 11,27-28 “*Feliz Aquela que te trouxe no seu ventre*” (Lec MVSM, 159)

JUNHO

“Até quando clamarei?” (Hab 1,2)

12 de junho – quinta-feira

Missa Votiva do Coração de Jesus (Missal Romano, 1259)

1.^a leitura: Is 49,13-15 “*Eu nunca te esquecerei*” (Lec VIII, 1037)

2.^a leitura: Rom 5,5-11 “*O amor de Deus foi derramado em nossos corações*” (Lec VIII, 1046)

Evangelho: Mt 11,25-30 “*Tomai sobre vós o meu jugo*” (Lec VIII, 1051)

13 de junho – sexta-feira

Missa Votiva da Virgem Santa Maria, Mãe da Consolação (MVSM, 193)

1.^a leitura: Is 61,1-3. 10-11 “*Para curar os atribulados*” (Lec MVSM, 182)

2.^a leitura: 2Cor 1,3-7 “*Deus conforta-nos em todas as tribulações*” (Lec MVSM, 183)

Evangelho: Mt 5,1-12 “*Bem-aventurados os que choram*” (Lec MVSM, 184)

JULHO

“Amou-nos até ao fim” (Jo 13,1)

12 de julho – sábado

Missa Votiva da Virgem Santa Maria, Mãe e Mestre espiritual (MVSM, 158)

1.^a leitura: Prov 8,17-21. 34-35 “*Quem me encontrar encontra a vida*” (Lec MVSM, 145)

2.^a leitura: 2Cor 5,17-21 “*Reconciliai-vos com Deus*” (Lec MVSM, 74)

Evangelho: Mt 12,46-50 “*Estes são minha mãe e meus irmãos*” (Lec MVSM, 147)

13 de julho – Domingo

Missa do XV Domingo do Tempo Comum

1.ª leitura: Is 55,10-11 “*A chuva faz a terra produzir*” (Lec I, 285)

2.ª leitura: Rom 8,18-23 “*As criaturas esperam a revelação dos filhos de Deus*” (Lec I, 286)

Evangelho: Mt 13,1-23 “*Saiu o semeador a semear*” (Lec I, 287)

AGOSTO

“Perdoai-me porque pequei” (Sal 51)

12 de agosto – terça-feira

Missa por diversas necessidades | Pelos Emigrantes (Missal Romano, 1232)

1.ª leitura: Deut 24,17-22 “*Deixa para o estrangeiro*” (Lec VIII, 825)

2.ª leitura: Rom 12,9-16b “*Praticai generosamente a hospitalidade*” (Lec VIII, 827)

Evangelho: Lc 10,25-37 “*Quem é o meu próximo?*” (Lec VIII, 833)

13 de agosto – quarta-feira

Missa Votiva da Virgem Maria, Mãe da Reconciliação (MVSM, 86)

1.ª leitura: Is 11,1-5. 10 “*Sairá um ramo do tronco de Jessé*” (Lec MVSM, 219)

2.ª leitura: 2Cor 5,17-21 “*Reconciliai-vos com Deus*” (Lec MVSM, 74)

Evangelho: Jo 19,25-27 “*Eis o teu filho... eis a tua Mãe*” (Lec MVSM, 76)

SETEMBRO

“Quereis oferecer-vos a Deus?”

12 de setembro – sexta-feira

Missa Votiva da Virgem Santa Maria, Serva do Senhor (MVSM, 118)

1.ª leitura: 1Sam 1,24-28; 2,1-2 “*O Senhor ouviu a minha súplica*” (Lec MVSM, 105)

2.ª leitura: Rom 8,28-30 “*Também os destinou*” (Lec MVSM, 227)

Evangelho: Lc 1,26-38 “*Eis a escrava do Senhor*” (Lec MVSM, 108)

13 de setembro – sábado

Missa do Coração Imaculado da Virgem Santa Maria (MVSM, 141)

1.ª leitura: Jud 13,17-20; 15,9 “*Tu és a honra do nosso povo*” (Lec MVSM, 128)

2.ª leitura: Ef 1,3-6. 11-12 “*Deus escolheu-nos em Cristo*” (Lec MVSM, 232)

Evangelho: Lc 2,46-51 “*Guardava todos estes acontecimentos em seu coração*” (Lec MVSM, 131)

OUTUBRO

Arrependei-vos, porque Deus está perto (cf. Mt 3,2)

12 de outubro – Domingo

Missa da Dedicção da Basílica de Nossa Senhora do Rosário

1.^a leitura: Is 56,1. 6-7 *“A minha casa será chamada casa de oração”* (Lec Santoral, 394)

2.^a leitura: 1Pe 2,4-9 *“Como pedras vivas entráis na construção do tempo espiritual”* (Lec Santoral, 405)

Evangelho: Lc 19,1-10 *“Hoje entrou a salvação nesta casa”* (Lec Santoral, 407)

13 de outubro – segunda-feira

Missa da Virgem Santa Maria, Fonte da Luz e da Vida (MVSM, 94)

1.^a leitura: Act 2,14^a. 36-40 *“Peça cada um de vós o batismo em nome de Jesus Cristo”* (Lec MVSM, 82)

2.^a leitura: 1Jo 3,14-16 *“Passámos da morte à vida porque amámos os irmãos”* (Lec VIII, 1104)

Evangelho: Jo 2,1-11 *“Fazei tudo o que Ele vos disser”* (Lec MVSM, 101)



V. Propostas para a vivência do tema do ano

- textos de apoio aos temas mensais



Maio – Mãe do Amor misericordioso

Textos Bíblicos

Ele é como a águia a incentivar os seus filhos, esvoaçando sobre os seus filhotes: estendeu as suas asas, tomou-os, levantando-os sobre as suas penas. (Dt 32,11)

Mas Tu, Senhor, és um Deus misericordioso e compassivo, paciente e grande em bondade e fidelidade. (Sl 86,15)

Uma vez mais, terá compaixão de nós, apagará as nossas iniquidades e lançará os nossos pecados ao fundo do mar. (Mq 7,19)

A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. (Lc 1,50)

Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado. (Lc 15,32)

Quantas vezes quis reunir os teus filhos como a galinha reúne os seus pintainhos sob as asas, e tu não quiseste! (Mt 23,37)

Quem pratica a misericórdia faça-o com alegria. (Rm 12,8)

Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo amor imenso com que nos amou, precisamente a nós que estávamos mortos pelas nossas faltas, deu-nos a vida com Cristo. (Ef 2,4-5)

Ele salvou-nos, não em virtude de obras de justiça que tivéssemos praticado, mas da sua misericórdia, mediante um novo nascimento e renovação do Espírito Santo, que Ele derramou abundantemente sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador. (Tt 3,5-6)

Textos do Magistério

Lumen Gentium – Concílio Vaticano II

61. A Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por

disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do divino Redentor, a Sua mais generosa cooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça.

62. Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira. Mas isto entende-se de maneira que nada tire nem acrescente à dignidade e eficácia do único mediador, que é Cristo.

Efetivamente, nenhuma criatura se pode equiparar ao Verbo encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde variamente pelos seres criados, assim também a mediação única do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas cooperações diversas, que participam dessa única fonte.

Esta função subordinada de Maria, não hesita a Igreja em proclamá-la; sente-a constantemente e inculca-a aos fiéis, para mais intimamente aderirem, com esta ajuda materna, ao seu mediador e salvador.

Mãe da Misericórdia *Dives in Misericordia*, João Paulo II

9. No cântico pascal da Igreja repercutem, com a plenitude do seu conteúdo profético, as palavras que Maria pronunciou durante a visita que fez a Isabel, esposa de Zacarias: «A sua misericórdia estende-se de geração em geração». Tais palavras, já desde o momento da Encarnação, abrem nova perspectiva da história da Salvação. Após a ressurreição de Cristo, esta nova perspectiva passa para o plano histórico e, ao mesmo tempo, reveste-se de sentido escatológico novo. Desde então sucedem-se sempre novas gerações de homens na imensa família humana, em dimensões sempre crescentes; sucedem-se também novas gerações do Povo de Deus, assinaladas pelo sinal da Cruz e da Ressurreição e «seladas» com o sinal do mistério



pascal de Cristo, revelação absoluta daquela misericórdia que Maria proclamou à entrada da casa da sua parente: «A sua misericórdia estende-se de geração em geração».

Maria é, pois, aquela que, de modo particular e excecional – como ninguém mais –, experimentou a misericórdia e, também de modo excecional, tornou possível com o sacrifício do coração a sua participação na revelação da misericórdia divina. Este seu sacrifício está intimamente ligado à cruz do seu Filho, aos pés da qual ela haveria de encontrar-se no Calvário. Tal sacrifício de Maria é uma singular participação na revelação da misericórdia, isto é, da fidelidade absoluta de Deus ao próprio amor, à Aliança que ele quis desde toda a eternidade e que no tempo realizou com o homem, com o seu Povo e com a humanidade. É a participação na revelação que se realizou definitivamente mediante a Cruz. Ninguém jamais experimentou, como a Mãe do Crucificado, o mistério da Cruz, o impressionante encontro da transcendente justiça divina com o amor, o «ósculo» dado pela misericórdia à justiça. Ninguém como Maria acolheu tão profundamente no seu coração tal mistério, no qual se verifica a dimensão verdadeiramente divina da Redenção, que se realizou no Calvário mediante a morte do seu Filho, acompanhada com o sacrifício do seu coração de mãe, com o seu «fiat» definitivo.

Maria, portanto, é aquela que conhece mais profundamente o mistério da misericórdia divina. Conhece o seu preço e sabe quanto é elevado. Neste sentido chamamos-lhe Mãe da misericórdia, Nossa Senhora da Misericórdia, ou Mãe da divina misericórdia. Em cada um destes títulos há um profundo significado teológico, porque exprimem a particular preparação da sua alma e de toda a sua pessoa, para torná-la capaz de descobrir, primeiro, através dos complexos acontecimentos de Israel e, depois, daqueles que dizem respeito a cada um dos homens e à humanidade inteira, a misericórdia da qual todos se tornam participantes, segundo o eterno desígnio da Santíssima Trindade, «de geração em geração».

Estes títulos que atribuímos à Mãe de Deus falam dela sobretudo como Mãe do Crucificado e do Ressuscitado, d'Aquela que, tendo experimentado a misericórdia de um modo excecional, «recebe» igualmente tal misericórdia durante toda a sua vida terrena e, de modo particular, aos pés da cruz do Filho. Tais títulos dizem-nos também que Ela, através da participação escondida e, ao mesmo tempo, incomparável na missão messiânica de seu Filho, foi chamada de modo especial para tornar próximo dos homens o amor que o Filho tinha vindo revelar: amor que encontra a sua mais concreta manifestação para com os que sofrem, os pobres, os que estão privados de liberdade, os cegos, os oprimidos e os pecadores, conforme Cristo explicou referindo-se à profecia de Isaías, ao falar na sinagoga de Nazaré e, depois, ao responder à pergunta dos enviados de João Batista.



Precisamente deste amor «misericordioso», que se manifesta sobretudo em contacto com o mal moral e físico, participava de modo singular e excecional o coração daquela que foi a Mãe do Crucificado e do Ressuscitado. Nela e por meio dela o mesmo amor não cessa de revelar-se na história da Igreja e da humanidade. Esta revelação é particularmente frutuosa, porque se funda, tratando-se da Mãe de Deus, no singular tato do seu coração materno, na sua sensibilidade particular, na sua especial capacidade para atingir todos aqueles que aceitam mais facilmente o amor misericordioso da parte de uma mãe. É este um dos grandes e vivificantes mistérios do Cristianismo, mistério muito intimamente ligado ao mistério da Encarnação.

«Esta maternidade de Maria na economia da graça – como se exprime o Concílio Vaticano II – perdura sem interrupção, a partir do consentimento que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que entre perigos e angústias, caminham ainda na terra até chegarem à Pátria bem-aventurada».

Maria, Mãe de misericórdia
Veritatis Splendor, João Paulo II

118. No final destas considerações, confiamos nós mesmos, os sofrimentos e as alegrias da nossa existência, a vida moral dos crentes e dos homens de boa vontade, as pesquisas dos estudiosos de moral a Maria, Mãe de Deus e Mãe de misericórdia.

Maria é Mãe de misericórdia, porque Jesus Cristo, seu Filho, foi mandado pelo Pai como Revelação da misericórdia de Deus (cf. Jo 3,16-18). Ele não veio para condenar mas para perdoar, para usar de misericórdia (cf. Mt 9,13). E a misericórdia maior está no seu habitar entre nós e na chamada que nos é feita para O encontrar e confessar, juntamente com Pedro, como «o Filho do Deus vivo» (Mt 16,16). Nenhum pecado do homem pode cancelar a misericórdia de Deus, nem pode impedi-la de expandir toda a sua força vitoriosa, logo que a invocamos. Antes, o mesmo pecado faz resplandecer ainda mais o amor do Pai que, para resgatar o escravo, sacrificou o Seu Filho: a Sua misericórdia por nós é redenção. Esta misericórdia chega à sua plenitude com o dom do Espírito, que gera e exige a vida nova. Por mais numerosos e grandes que sejam os obstáculos postos pela fragilidade e pelo pecado do homem, o Espírito, que renova a face da terra (cf. Sal 103[104],30), torna possível o cumprimento perfeito do bem. Esta renovação, que dá a capacidade de fazer o que é bom, nobre, belo, agradável a Deus e conforme à Sua vontade, é

em certo sentido o florescimento do dom da misericórdia, que liberta da escravidão do mal e dá a força de não mais pecar. Pelo dom da vida nova, Jesus torna-nos participantes do Seu amor e nos conduz ao Pai no Espírito.

119. Esta é a consoladora certeza da fé cristã, à qual se deve a sua profunda humanidade e a sua extraordinária simplicidade. Por vezes, nas discussões sobre os novos e complexos problemas morais, pode parecer que a moral cristã seja em si própria demasiado difícil, árdua para se compreender e quase impossível de praticar. Isto é falso, porque ela, em termos de simplicidade evangélica, consiste em seguir Jesus Cristo, abandonar-se a Ele, deixar-se transformar pela Sua graça e renovar pela Sua misericórdia, que nos vem da vida de comunhão da sua Igreja. «Quem quiser viver – recorda-nos S. Agostinho –, tem onde viver, tem donde viver. Aproxime-se, creia, deixe-se incorporar para ser vivificado. Não abandone a companhia dos membros». Portanto, todo o homem pode compreender, com a luz do Espírito, a essência vital da moral cristã, inclusive o menos dotado, antes e sobretudo quem sabe conservar um «coração simples» (Sal 85[86],11). Por outro lado, esta simplicidade evangélica não dispensa de enfrentar a complexidade da situação, mas pode introduzir na sua compreensão mais verdadeira, porque o seguimento de Cristo porá progressivamente a descoberto as características da autêntica moralidade cristã e dará, ao mesmo tempo, a energia vital para a sua realização. É tarefa do Magistério da Igreja vigiar a fim de que o dinamismo do seguimento de Cristo se desenvolva organicamente, sem deixar que Lhe sejam falseadas ou ocultadas as exigências morais com todas as suas consequências. Quem ama Cristo observa os seus mandamentos (cf. Jo 14,15).

120. Maria é Mãe de misericórdia também, porque a Ela Jesus confia a Sua Igreja e a humanidade inteira. Aos pés da Cruz, quando aceita João como filho, quando pede ao Pai, juntamente com Cristo, o perdão para aqueles que não sabem o que fazem (cf. Lc 23,34), Maria, em perfeita docilidade ao Espírito, experimenta a riqueza e a universalidade do amor de Deus, que Lhe dilata o coração e A torna capaz de abraçar todo o género humano. Deste modo, é feita Mãe de todos e cada um de nós, Mãe que nos alcança a misericórdia divina.

Maria é sinal luminoso e exemplo fascinante de vida moral: «já a sua vida é ensinamento para todos», escreve S. Ambrósio, que, dirigindo-se especialmente às virgens mas num horizonte aberto a todos, assim afirma: «O primeiro ardente desejo de aprender dá-o a nobreza do mestre. E quem é mais nobre do que a Mãe de Deus? Ou mais esplêndida do que Aquela que foi eleita pelo próprio Esplendor?». Maria vive e realiza a própria liberdade, doando-Se Ela mesma a Deus e acolhendo em Si o dom de Deus. Guarda no seu seio virginal o Filho

de Deus, feito homem, até ao momento do Seu nascimento, educa-O, fâ-Lo crescer e acompanha-O naquele gesto supremo de liberdade que é o sacrifício total da própria vida. Com o dom de Si mesma, Maria entra plenamente no desígnio de Deus, que Se dá ao mundo. Ao acolher e meditar no seu coração acontecimentos que nem sempre compreende (cf. Lc 2,19), torna-Se o modelo de todos aqueles que escutam a palavra de Deus e a praticam (cf. Lc 11,28) e merece o título de «Sede da Sabedoria». Esta Sabedoria é o próprio Jesus Cristo, o Verbo eterno de Deus, que revela e cumpre perfeitamente a vontade do Pai (cf. Heb 10,5-10). Maria convida cada homem a acolher esta Sabedoria. Também a nós dirige a ordem dada aos servos, em Caná da Galileia durante o banquete de núpcias: «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2,5).

Maria compartilha a nossa condição humana, mas numa total transparência à graça de Deus. Não tendo conhecido o pecado, Ela é capaz todavia de Se compadecer de qualquer fraqueza. Compreende o homem pecador e ama-o com amor de Mãe. Precisamente por isso, está do lado da verdade e compartilha o peso da Igreja, ao recordar a todos e sempre as exigências morais. Pelo mesmo motivo, não aceita que o homem pecador seja enganado por quem pretendesse amá-lo justificando o seu pecado, pois sabe que desta forma tornar-se-ia vão o sacrifício de Cristo, seu Filho. Nenhuma absolvição, oferecida por condescendentes doutrinas até mesmo filosóficas ou teológicas, pode tornar o homem verdadeiramente feliz: só a Cruz e a glória de Cristo ressuscitado podem dar paz à sua consciência e salvação à sua vida.

Ó Maria,
Mãe de misericórdia,
velai sobre todos
para não se desvirtuar a Cruz de Cristo,
para que o homem não se extravie
do caminho do bem,
nem perca a consciência do pecado,
mas cresça na esperança
em Deus «rico de misericórdia» (Ef 2,4),
por Ele de antemão preparadas (cf. Ef 2,10)
e toda a sua vida seja assim
«para louvor da Sua glória» (Ef 1,12).

Mensagem de Fátima 2.^a Aparição do Anjo

Passado bastante tempo, em um dia de verão, em que havíamos ido passar a sesta a casa, brincávamos em cima dum poço que tinham meus pais no quintal a que chamávamos o Arneiro. (No escrito

sobre a Jacinta, também já falei a V. Ex.cia deste poço). De repente, vemos junto de nós a mesma figura ou Anjo, como me parece que era, e diz:

- Que fazeis? Orai, orai muito. Os Corações Santíssimos de Jesus e Maria têm sobre vós designios de misericórdia. Oferecei constantemente, ao Altíssimo, orações e sacrifícios.

- Como nos havemos de sacrificar? - perguntei.

- De tudo que puderdes, oferecei a Deus sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar. (lr. Lúcia, *Primeira Memória*).

Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo! V. Ex.cia não ignora como, há alguns anos, Deus manifestou esse sinal que os astrónomos quiseram designar com o nome de aurora boreal. Não sei. Parece-me que, se examinarem bem, verão que não foi nem podia ser, da forma que se apresentou, tal aurora. Mas seja o que quiserem. Deus serviu-se disso para me fazer compreender que a Sua justiça estava prestes a descarregar o golpe sobre as nações culpadas e comecei, por isso, a pedir, com insistência, a Comunhão reparadora nos primeiros sábados e a consagração da Rússia. O meu fim era, não só conseguir misericórdia e perdão de todo o Mundo, mas, em especial, para a Europa. Deus, na Sua infinita misericórdia, foi-me fazendo sentir como esse terrível momento se aproximava, e V. Ex.cia rev.ma não ignora como, nas ocasiões oportunas, o fui indicando. E digo ainda que a oração e penitência que se tem feito em Portugal não aplacou ainda a Divina Justiça, porque não tem sido acompanhada de contrição nem emenda. (lr. Lúcia, *Terceira Memória*)

Foi então que a celeste Mensageira, abrindo os braços com um gesto de maternal proteção, nos envolveu no reflexo da Luz do imenso Ser de Deus.

Foi uma graça que nos marcou para sempre na esfera do sobrenatural.

Oh! Não fosse Ela o refúgio dos pecadores, a Mãe de misericórdia, o auxílio dos cristãos, que A tenha feito descer até nós, para introduzir-nos, Senhor, no Oceano do Teu amor, do Teu poder, do Teu imenso Ser, onde essa chama ardente nos fará viver para sempre, esse mistério do amor dos Três por mim! É com esse amor, que hei-de adorar-Te, agradecer-Te, amar-Te, transformada no cântico do Teu eterno louvor.

Assim, eu hei-de ir, seguindo após de Ti, Senhor, pisando, com jeitinho, esse árduo caminho, que Tu trilhaste para mim.

Pondo meus pés nas pegadas que deixaste marcadas no pó

da terra que pisaste, prosseguir, indo após de Ti, com o meu olhar posto em Ti, que mais não quero para mim que não seja abrasar-me de amor por Ti, a vida de Deus em mim! Cintilante chama, que em mim ardia, e no meu dia a dia, mais se acendia, por Ti ateadada, que a não deixava! Crescia e vencia a terra fria que pisava! (Ir. Lúcia, *Como vejo a mensagem*, 43-44)

Junho – Até quando clamarei? (Hab 1,2)

Textos Bíblicos

Até quando, Senhor, pedirei socorro, sem que me escutes? Até quando clamarei: «Violência!», sem que me salves? (Hab 1,2)

Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste, rejeitando o meu lamento, o meu grito de socorro? (Sl 22,2)

Não digas: «Foi o Senhor que me fez pecar», porque Ele não faz aquilo que detesta. Não digas: «Foi Ele quem me seduziu», porque Ele não necessita dos pecadores. (Sir 15,11-12)

Se me deito, digo: 'Quando chegará o dia?' Se me levanto: 'Quando virá a tarde?' E encho-me de angústia até chegar a noite. (Jb 7,4)

Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebê, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria. (Is 49,15)

Porque te queixas contra Ele? Por não dar resposta aos teus discursos? Deus fala, ora de uma maneira, ora de outra, mas o homem não o entende. (Jb 33,13-14)

Felizes os que choram, porque serão consolados. (Mt 5,4)

Descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. (Lc 10,31-33)

Depois de terdes padecido por um pouco de tempo, o Deus que é todo graça e vos chamou em Jesus Cristo à sua eterna glória, há de restabelecer-vos e consolidar-vos, tornar-vos firmes e fortes. (1Pe 5,10)

Ninguém diga, quando for tentado para o mal: «É Deus que me tenta.» Porque Deus não é tentado pelo mal, nem tenta ninguém. (Tg 1,13)

Textos do Magistério
Catecismo da Igreja Católica

164. Por enquanto porém, «caminhamos pela fé e não vemos claramente» (2Cor 5,7), e conhecemos Deus «como num espelho, de maneira confusa, [...] imperfeita» (1Cor 13,12). Luminosa por parte d'Aquele em quem ela crê, a fé é muitas vezes vivida na obscuridade, e pode ser posta à prova. O mundo em que vivemos parece muitas vezes bem afastado daquilo que a fé nos diz: as experiências do mal e do sofrimento, das injustiças e da morte parecem contradizer a Boa-Nova, podem abalar a fé e tornarem-se, em relação a ela, uma tentação.

272. A fé em Deus Pai todo-poderoso pode ser posta à prova pela experiência do mal e do sofrimento. Por vezes, Deus pode parecer ausente e incapaz de impedir o mal. Ora, Deus Pai revelou a sua onipotência do modo mais misterioso, na humilhação voluntária e na ressurreição de seu Filho, pelas quais venceu o mal. Por isso, Cristo crucificado é «força de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens» (1Cor 1,25). Foi na ressurreição e na exaltação de Cristo que o Pai «exerceu a eficácia da [sua] poderosa força» e mostrou a «incomensurável grandeza que representa o seu poder para nós, os crentes» (Ef 1,19-22).

1500. A doença e o sofrimento estiveram sempre entre os problemas mais graves que afligem a vida humana. Na doença, o homem experimenta a sua incapacidade, os seus limites, a sua finitude. Qualquer enfermidade pode fazer-nos entrever a morte.

1501. A doença pode levar à angústia, ao fechar-se em si mesmo e até, por vezes, ao desespero e à revolta contra Deus. Mas também pode tornar uma pessoa mais amadurecida, ajudá-la a discernir, na sua vida, o que não é essencial para se voltar para o que o é. Muitas vezes, a doença leva à busca de Deus, a um regresso a Ele.

1502. O homem do Antigo Testamento vive a doença à face de Deus. É diante de Deus que desafia o seu lamento pela doença que lhe sobreveio e é d'Ele. Senhor da vida e da morte, que implora a cura. A doença torna-se caminho de conversão e o perdão de Deus dá início à cura. Israel faz a experiência de que a doença está, de modo misterioso, ligada ao pecado e ao mal, e de que a fidelidade a Deus em conformidade com a sua Lei restitui a vida: «porque Eu, o Senhor,

é que sou o teu médico» (Ex 15,26). O profeta entrevê que o sofrimento pode ter também um sentido redentor pelos pecados dos outros. Finalmente, Isaías anuncia que Deus fará vir para Sião um tempo em que perdoará todas as faltas e curará todas as doenças.

1503. A compaixão de Cristo para com os doentes e as suas numerosas curas de enfermos de toda a espécie são um sinal claro de que «Deus visitou o seu povo» e de que o Reino de Deus está próximo. Jesus tem poder não somente para curar, mas também para perdoar os pecados: veio curar o homem na sua totalidade, alma e corpo: é o médico de que os doentes precisam. A sua compaixão para com todos os que sofrem vai ao ponto de identificar-Se com eles: «Estive doente e visitastes-Me» (Mt 25,36). O seu amor de predileção para com os enfermos não cessou, ao longo dos séculos, de despertar a atenção particular dos cristãos para aqueles que sofrem no corpo ou na alma. Ele está na origem de incansáveis esforços para os aliviar.

Salvifici Doloris, João Paulo II

8. O sofrimento humano constitui em si próprio como que um «mundo» específico, que existe juntamente com o homem, que surge nele e passa, ou então que às vezes não passa, mas se consolida e aprofunda nele. Este mundo do sofrimento, abrangendo muitos, numerosíssimos sujeitos, existe por assim dizer na dispersão. Cada um dos homens, mediante o seu sofrimento pessoal, por um lado constitui só uma pequena parte desse «mundo»; mas, ao mesmo tempo, esse «mundo» está nele como uma entidade finita e irrepetível. A par disso existe também a dimensão inter-humana e social. O mundo do sofrimento possui como que uma sua própria capacidade. Os homens que sofrem tornam-se semelhantes entre si por efeito da analogia da sua situação, da provação do destino partilhado, ou da necessidade de compreensão e de cuidados; mas sobretudo, talvez, por causa do persistente interrogar-se sobre o sentido do sofrimento. Embora o mundo do sofrimento exista na dispersão, contém em si, ao mesmo tempo, um singular desafio à comunhão e à solidariedade. Procuraremos dar ouvidos também a este apelo na presente reflexão.

Ao pensar no mundo do sofrimento e no seu significado pessoal e ao mesmo tempo coletivo, não se pode, enfim, deixar de notar o facto de que este mundo como que se adensa de modo particular nalguns períodos de tempo e em certos espaços da existência humana. É o que acontece, por exemplo, nos casos de calamidades naturais, de epidemias, catástrofes e cataclismos, ou de diversos flagelos sociais; pense-se, entre outros, no caso de um período de má colheita e relacionado com isso – ou por diversas outras causas – no flagelo da fome.



Pensemos, por fim, na guerra. Refiro-me a ela de modo especial. E falo das últimas duas guerras mundiais; destas foi a segunda que fez uma ceifa muito maior de vidas e uma acumulação mais penosa de sofrimentos humanos. E acontece que a segunda metade do nosso século – como que em proporção com os erros e transgressões da nossa civilização contemporânea – contém em si por sua vez uma ameaça tão horrível de guerra nuclear, que não podemos pensar neste período senão em termos de acumulação incomparável de sofrimentos, que vão até à possível autodestruição da humanidade. Deste modo, aquele mundo de sofrimento, que afinal tem o seu sujeito em cada homem, parece transformar-se na nossa época – talvez mais do que em qualquer outro momento – num particular «sofrimento do mundo»: de um mundo que se acha, como nunca, transformado pelo progresso operado pelo homem; e está ao mesmo tempo, como nunca, em perigo por causa dos erros e culpas do mesmo homem.

9. No fundo de cada sofrimento experimentado pelo homem, como também na base de todo o mundo dos sofrimentos, aparece inevitavelmente a pergunta: porquê? É uma pergunta acerca da causa, da razão e também acerca da finalidade (para quê?); trata-se sempre, afinal, de uma pergunta acerca do sentido. Esta não só acompanha o sofrimento humano, mas parece até determinar o seu conteúdo humano, o que faz com que o sofrimento seja propriamente sofrimento humano.

A dor, como é óbvio, em especial a dor física, encontra-se amplamente difundida no mundo dos animais. Mas só o homem, ao sofrer, sabe que sofre e se pergunta o porquê; e sofre de um modo humanamente ainda mais profundo se não encontra uma resposta satisfatória. Trata-se de uma pergunta difícil, como é também difícil uma outra muito afim, ou seja, a que diz respeito ao mal. Porquê o mal? Porquê o mal no mundo? Quando fazemos a pergunta desta maneira fazemos sempre também, ao menos em certa medida, uma pergunta sobre o sofrimento.

Ambas as perguntas são difíceis, quando o homem as faz ao homem, os homens aos homens, como também quando o homem as apresenta a Deus. Com efeito, o homem não põe esta questão ao mundo, ainda que muitas vezes o sofrimento lhe provenha do mundo; mas põe-na a Deus, como Criador e Senhor do mundo.

É bem sabido que, quando se calcorreia o terreno desta pergunta, se chega não só a múltiplas frustrações e conflitos nas relações do homem com Deus, mas sucede até chegar-se à própria negação de Deus. Se, efetivamente, a existência do mundo como que abre o olhar da alma à existência de Deus, à sua sapiência, poder e magnificência, então o mal e o sofrimento parecem ofuscar esta imagem, às vezes de modo radical; e isto mais ainda olhando ao quotidiano com a dra-



maticidade de tantos sofrimentos sem culpa e de tantas culpas sem pena adequada. Esta circunstância, portanto – mais do que qualquer outra, talvez – indica quanto é importante a pergunta sobre o sentido do sofrimento e com que acuidade se devam tratar, quer a mesma pergunta, quer as possíveis respostas a dar-lhe.

27. [...] Torna-se fonte de alegria o superar o sentimento da inutilidade do sofrimento, sensação que, por vezes, está profundamente arreigada no sofrimento humano; e isto, não só desgasta o homem por dentro, mas parece fazer dele um peso para os outros. O homem sente-se condenado a receber ajuda e assistência da parte dos outros e, ao mesmo tempo, considera-se a si mesmo inútil. A descoberta do sentido salvífico do sofrimento em união com Cristo transforma esta sensação deprimente. A fé na participação nos sofrimentos de Cristo traz consigo a certeza interior de que o homem que sofre «completa o que falta aos sofrimentos do mesmo Cristo», e de que, na dimensão espiritual da obra da Redenção, serve, como Cristo, para a salvação dos seus irmãos e irmãs. Portanto, não só é útil aos outros, mas presta-lhes ainda um serviço insubstituível. No Corpo de Cristo, que cresce sem cessar a partir da Cruz do Redentor, precisamente o sofrimento, impregnado do espírito de Cristo, é o mediador insubstituível e autor dos bens indispensáveis para a salvação do mundo. Mais do que qualquer outra coisa, o sofrimento é aquilo que abre caminho à graça que transforma as almas humanas. Mais do que qualquer outra coisa, é ele que torna presentes na história da humanidade as forças da Redenção. Naquela luta «cósmica» que se trava entre as forças espirituais do bem e as do mal, de que fala a Carta aos Efésios, os sofrimentos humanos, unidos ao sofrimento redentor de Cristo, constituem um apoio particular às forças do bem, abrindo caminho à vitória destas forças salvíficas.

E por isso a Igreja vê em todos os irmãos e irmãs de Cristo que sofrem como que um sujeito múltiplice da sua força sobrenatural. Quantas vezes os pastores da Igreja recorrem precisamente a eles e procuram concretamente neles ajuda e apoio! O Evangelho do sofrimento vai sendo escrito, sem cessar, e fala constantemente com as palavras deste estranho paradoxo: as fontes da força divina jorram exatamente do seio da fraqueza humana. Aqueles que participam nos sofrimentos de Cristo conservam nos sofrimentos próprios uma especialíssima parcela do infinito tesouro da Redenção do mundo, e podem partilhar este tesouro com os outros. Quanto mais o homem se vê ameaçado pelo pecado, quanto mais se apresentam pesadas as estruturas do pecado que comporta o mundo de hoje, maior é a eloquência que o sofrimento humano encerra em si mesmo e tanto mais a Igreja sente a necessidade de recorrer ao valor dos sofrimentos humanos para a salvação do mundo.



Mensagem de Fátima Morte do pai

Nosso bom Deus deu-me esta consolação, mas de novo me batia à porta com outro sacrifício, nada mais pequeno. Meu pai era um homem sadio, robusto, que dizia não saber que coisa era uma dor de cabeça. E, em menos de 24 horas, quase de repente, uma pneumonia dupla levava-o para a eternidade. Foi tal a minha dor, que julguei morrer também. Ele era o único que continuava a mostrar-se meu amigo e que nas discussões que contra mim se levantavam, em família, era o único que me defendia.

– Meu Deus, meu Deus! – exclamava eu, retirada no meu quarto. Nunca pensei que me tivesses guardado tanto sofrimento! Mas sofro por Teu amor, em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria, pelo Santo Padre e pela conversão dos pecadores.” (Ir. Lúcia, *Segunda Memória*)

A vida traz consigo o martírio da cruz; não há ninguém, no mundo, que não sofra. Herdámos o mistério da dor, como consequência do pecado cometido pelos primeiros pais do género humano: «Porque (...) comeste o fruto da árvore a respeito da qual Eu te havia ordenado: “Nunca deves comer o fruto desta árvore”, maldita seja a terra por tua causa. E dela só arrancarás alimento à custa de penoso trabalho, em todos os dias da tua vida» (Gn 3,17). Aqui se fala do sofrimento, ao qual toda a humanidade ficou sujeita.

Jesus Cristo veio resgatar-nos pelo sofrimento; e a Sua Mãe compartilhou esta dolorosíssima Paixão como corredentora, tendo-nos sido dada por Mãe aos pés da Cruz. Na manifestação de outubro de 1917, de que aqui nos ocupamos, Ela apresenta-se-nos sob a imagem da dor. A Igreja chama-lhe a Mãe das Dores: Nossa Senhora das Dores; porque, em seu coração, sofreu o martírio de Cristo, com Ele e ao lado d'Ele. Na verdade, é pelos méritos de Cristo que todo o sofrimento tem valor e nos purifica do pecado. É pela união com Cristo que o sofrimento pode fazer de nós vítimas agradáveis ao Pai e santificar-nos.

Maria foi escolhida por Deus para ser a Mãe do Seu Filho – Mãe de Jesus Cristo – e a Mãe do Seu Corpo Místico, a Igreja, que é a Sua geração espiritual. Na pessoa de S. João, Jesus no-la deu a todos nós por Mãe, quando agonizava no alto da cruz: «Eis aí a tua mãe» (Jo 19,27). Somos filhos da dor e da amargura do coração de Jesus Cristo e do coração da Sua e nossa Mãe.

É, por isso, que todo o sofrimento unido ao Seu completa a nossa doação e entrega a Deus e coopera para a salvação dos nossos irmãos dispersos. Jesus disse: «Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco e também tenho de as conduzir» (Jo 10,16). Para

colaborar com Cristo nesta missão, temos de sofrer, trabalhar, orar e amar; porque é pela caridade que atrairemos os nossos irmãos errantes, como disse o Senhor: «É por isto que todos saberão que sois Meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13,35). (Ir. Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima 178-179*)

Julho – Amou-nos até ao fim. (cf. Jo 13,1)

Textos Bíblicos

Depois de terem sofrido um pouco, receberão grandes bens, pois Deus os provou e achou dignos de si. (Sab 3,5)

Reunindo-se finalmente aos discípulos, disse-lhes: «Continuai a dormir e a descansar! Já se aproxima a hora, e o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos! Já se aproxima aquele que me vai entregar.» (Mt 26,45)

Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. (Jo 13,1)

Agora, alegre-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja. (Col 1,24)

Deus ofereceu-o para, nele, pelo seu sangue, se realizar a expiação que atua mediante a fé; foi assim que ele mostrou a sua justiça, ao perdoar os pecados cometidos outrora. (Rm 3,25)

É em Cristo, pelo seu sangue, que temos a redenção, o perdão dos pecados, em virtude da riqueza da sua graça, que Ele abundantemente derramou sobre nós, com toda a sabedoria e inteligência. (Ef 1,7-8)

Textos do Magistério

Catecismo da Igreja Católica

613. A morte de Cristo é, ao mesmo tempo, o sacrifício pascal que realiza a redenção definitiva dos homens por meio do «Cordeiro que tira o pecado do mundo», e o sacrifício da Nova Aliança que restabelece a comunhão entre o homem e Deus, reconciliando-o com Ele pelo «sangue derramado pela multidão, para a remissão dos pecados».

614. Este sacrifício de Cristo é único, leva à perfeição e ultrapassa todos os sacrifícios. Antes de mais, é um dom do próprio Deus Pai: é o Pai que entrega o seu Filho para nos reconciliar consigo. Ao mesmo tempo, é oblação do Filho de Deus feito homem, que livremente e por amor oferece a sua vida ao Pai pelo Espírito Santo para reparar a nossa desobediência.

Gaudium et Spes – Concílio Vaticano II

22. Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude.

«Imagem de Deus invisível» (Col 1,15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n'Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado.

Cordeiro inocente, mereceu-nos a vida com a livre efusão do seu sangue; n'Ele nos reconciliou Deus consigo e uns com os outros e nos arrancou da escravidão do demónio e do pecado. De maneira que cada um de nós pode dizer com o Apóstolo: o Filho de Deus «amou-me e entregou-se por mim» (Gál 2,20). Sofrendo por nós, não só nos deu exemplo, para que sigamos os seus passos, mas também abriu um novo caminho, em que a vida e a morte são santificados e recebem um novo sentido.

O cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o primogénito entre a multidão dos irmãos, recebe «as primícias do Espírito» (Rom. 8,23), que o tornam capaz de cumprir a lei nova do amor. Por meio deste Espírito, «penhor da herança (Ef 1,14), o homem todo é renovado interiormente, até à «redenção do corpo» (Rom 8,23): «Se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos dará também a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita» (Rom 8,11). É verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e sofrer a morte; mas, associado ao mistério

pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança.

E o que fica dito, vale não só dos cristãos, mas de todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente. Com efeito, já que por todos morreu Cristo e a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos manter que o Espírito Santo a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido.

Tal é, e tão grande, o mistério do homem, que a revelação cristã manifesta aos que creem. E assim, por Cristo e em Cristo, esclarece-se o enigma da dor e da morte, o qual, fora do Seu Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida, para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: *Abba, Pai*.

Spe Salvi, Bento XVI

38. A grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre. Isto vale tanto para o indivíduo como para a sociedade. Uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a com-paixão, para fazer com que o sofrimento seja compartilhado e assumido mesmo interiormente é uma sociedade cruel e desumana. A sociedade, porém, não pode aceitar os que sofrem e apoiá-los no seu sofrimento, se os próprios indivíduos não são capazes disso mesmo; e, por outro lado, o indivíduo não pode aceitar o sofrimento do outro, se ele pessoalmente não consegue encontrar no sofrimento um sentido, um caminho de purificação e de amadurecimento, um caminho de esperança. Aceitar o outro que sofre significa, de facto, assumir de alguma forma o seu sofrimento, de tal modo que este se torna também meu. Mas, precisamente porque agora se tornou sofrimento compartilhado, no qual há a presença do outro, este sofrimento é penetrado pela luz do amor. A palavra latina *con-solatio*, consolação, exprime isto mesmo de forma muito bela sugerindo um estar-com na solidão, que então deixa der ser solidão. Mas, a capacidade de aceitar o sofrimento por amor do bem, da verdade e da justiça é também constitutiva da grandeza da humanidade, porque se, em definitiva, o meu bem-estar, a minha incolumidade é mais importante do que a verdade e a justiça, então vigora o domínio do mais forte; então reinam a violência e a mentira. A verdade e a justiça devem estar acima da minha comodidade e incolumidade física, senão a minha própria vida torna-se uma mentira. E, por fim, também o «sim» ao amor é fonte de sofrimento, porque o amor exige sempre expo-



priações do meu eu, nas quais me deixo podar e ferir. O amor não pode de modo algum existir sem esta renúncia mesmo dolorosa a mim mesmo, senão torna-se puro egoísmo, anulando-se deste modo a si próprio enquanto tal.

39. Sofrer com o outro, pelos outros; sofrer por amor da verdade e da justiça; sofrer por causa do amor e para se tornar uma pessoa que ama verdadeiramente: estes são elementos fundamentais de humanidade, o seu abandono destruiria o mesmo homem. Entretanto levanta-se uma vez mais a questão: somos capazes disto? O outro é suficientemente importante, para que por ele eu me torne uma pessoa que sofre? Para mim, a verdade é tão importante que compensa o sofrimento? A promessa do amor é assim tão grande que justifique o dom de mim mesmo? Na história da humanidade, cabe à fé cristã precisamente o mérito de ter suscitado no homem, de maneira nova e a uma nova profundidade, a capacidade dos referidos modos de sofrer que são decisivos para a sua humanidade. A fé cristã mostrou-nos que verdade, justiça, amor não são simplesmente ideais, mas realidades de imensa densidade. Com efeito, mostrou-nos que Deus – a Verdade e o Amor em pessoa – quis sofrer por nós e conosco. Bernardo de Claraval cunhou esta frase maravilhosa: *Impassibilis est Deus, sed non incompassibilis* – Deus não pode padecer, mas pode-se compadecer. O homem tem para Deus um valor tão grande que Ele mesmo Se fez homem para poder padecer com o homem, de modo muito real, na carne e no sangue, como nos é demonstrado na narração da Paixão de Jesus. A partir de lá entrou em todo o sofrimento humano alguém que partilha o sofrimento e a sua suportaçãõ; a partir de lá se propaga em todo o sofrimento a *consolatio*, a consolação do amor solidário de Deus, surgindo assim a estrela da esperança. Certamente, nos nossos inúmeros sofrimentos e provas sempre temos necessidade também das nossas pequenas ou grandes esperanças – de uma visita amiga, da cura das feridas internas e externas, da solução positiva de uma crise, etc. Nas provações menores, estes tipos de esperança podem mesmo ser suficientes. Mas, nas provações verdadeiramente graves, quando tenho de assumir a decisão definitiva de antepor a verdade ao bem-estar, à carreira e à propriedade, a certeza da verdadeira grande esperança, de que falámos, faz-se necessária. Para isto, precisamos também de testemunhas, de mártires, que se entregaram totalmente, para que no-lo manifestem, dia após dia. Temos necessidade deles para preferirmos, mesmo nas pequenas alternativas do dia a dia, o bem à comodidade, sabendo que precisamente assim vivemos a vida de verdade. Digamo-lo uma vez mais: a capacidade de sofrer por amor da verdade é medida de humanidade. No entanto, esta capacidade de sofrer depende do género e da grandeza da esperança que trazemos dentro de nós

e sobre a qual construímos. Os santos puderam percorrer o grande caminho do ser-homem no modo como Cristo o percorreu antes de nós, porque estavam repletos da grande esperança.

40. Gostaria de acrescentar ainda uma pequena observação, não sem importância para os acontecimentos de todos os dias. Fazia parte duma forma de devoção – talvez menos praticada hoje, mas não vai ainda há muito tempo que era bastante difundida – a ideia de poder «oferecer» as pequenas canseiras da vida quotidiana, que nos ferem com frequência como alfinetadas mais ou menos incômodas, dando-lhes assim um sentido. Nesta devoção, houve sem dúvida coisas exageradas e talvez mesmo estranhas, mas é preciso interrogar-se se não havia de algum modo contido nela algo de essencial que poderia servir de ajuda. O que significa «oferecer»? Estas pessoas estavam convencidas de poderem inserir no grande com-padecer de Cristo as suas pequenas canseiras, que entravam assim, de algum modo, a fazer parte do tesouro de compaixão de que o género humano necessita. Deste modo, também as mesmas pequenas moléstias do dia a dia poderiam adquirir um sentido e contribuir para a economia do bem, do amor entre os homens. Deveríamos talvez interrogar-nos se verdadeiramente isto não poderia voltar a ser uma perspectiva sensata também para nós.

Mensagem de Fátima

[A Jacinta] recuperou, no entanto, algumas melhoras. Pôde ainda levantar-se e passava, então, os dias sentada na cama do irmãozinho. Um dia mandou-me chamar: que fosse junto dela depressa. Lá fui, correndo.

– Nossa Senhora veio-nos ver e diz que vem buscar o Francisco muito breve para o Céu. E a mim perguntou-me se queria ainda converter mais pecadores. Disse-Lhe que sim. Disse-me que ia para um hospital, que lá sofreria muito; que sofresse pela conversão dos pecadores, em reparação dos pecados contra o Imaculado Coração de Maria e por amor de Jesus. Perguntei se tu ias comigo. Disse que não. Isto é o que me custa mais. Disse que ia minha mãe levar-me e, depois, fico lá sozinha!

Depois, ficou algum tempo pensativa. Depois, acrescentou:

– Se tu fosses comigo! O que mais me custa é ir sem ti. Se calhar, o hospital é uma casa muito escura, onde não se vê nada; e eu estou ali a sofrer sozinha! Mas não importa, sofro por amor de Nosso Senhor, para reparar o Imaculado Coração de Maria, pela conversão dos pecadores e pelo Santo Padre.

Quando chegou o momento de seu irmãozinho partir para o Céu, ela fez as suas recomendações:



– Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e a Nossa Senhora e diz-Lhes que sofre tudo quanto Eles quiserem, para converter os pecadores e reparar o Imaculado Coração de Maria. Sofreu muito com a morte do irmão. Ficava por muito tempo pensativa; e se se lhe perguntava no que estava a pensar, respondia:

– No Francisco. Quem me dera vê-lo!

E os olhos arrasavam-se-lhe de lágrimas. (Irr. Lúcia, *Primeira Memória*)

Agosto – Perdoai-me, porque pequei. (cf. Sl 51[50])

Textos Bíblicos

E agora digna-te perdoar o meu pecado só mais esta vez, e rezai ao Senhor, vosso Deus, para que ao menos afaste de mim esta morte.» (Ex 10,17)

Saul disse: «Pequei; transgredi a ordem do Senhor e as tuas instruções, pois tive medo do povo e condescendi. Agora, peço-te, perdoa o meu pecado e vem comigo, para que eu adore o Senhor.» (1Sam 15,24-25)

Purificá-los-ei de todos os pecados que cometeram contra mim e vou perdoar-lhes todas as suas faltas que cometeram contra mim e com as quais me ofenderam. (Jer 33,8)

Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros.’ (Lc 15,18-19)

Então, Jesus ergueu-se e perguntou-lhe: «Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?» Ela respondeu: «Ninguém, Senhor.» Disse-lhe Jesus: «Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar.» (Jo 8,10-11)

Textos do Magistério
Catecismo da Igreja Católica

Definição de pecado

1849. O pecado é uma falta contra a razão, a verdade, a reta consciência. É uma falha contra o verdadeiro amor para com Deus e para com o próximo, por causa dum apego perverso a certos bens. Fere a natureza do homem e atenta contra a solidariedade humana. Foi definido como «uma palavra, um ato ou um desejo contrários à Lei eterna».

1850. O pecado é uma ofensa a Deus: «Pequei contra Vós, só contra Vós, e fiz o mal diante dos vossos olhos» (Sl 51,6). O pecado é contrário ao amor que Deus nos tem e afasta d'Ele os nossos corações. É, como o primeiro pecado, uma desobediência, uma revolta contra Deus, pela vontade de os homens se tornarem «como deuses», conhecendo e determinando o que é bem e o que é mal (Gn 3,5). Assim, o pecado é «o amor de si próprio levado até ao desprezo de Deus». Por esta exaltação orgulhosa de si mesmo, o pecado é diametralmente oposto à obediência de Jesus, que realizou a salvação.

1851. É precisamente na paixão, em que a misericórdia de Cristo o vai vencer, que o pecado manifesta melhor a sua violência e a sua multiplicidade: incredulidade, ódio assassino, rejeição e escárnio por parte dos chefes e do povo, cobardia de Pilatos e crueldade dos soldados, traição de Judas tão dura para Jesus, negação de Pedro e abandono dos discípulos. No entanto, mesmo na hora das trevas e do príncipe deste mundo, o sacrifício de Cristo torna-se secretamente a fonte de onde brotará, inesgotável, o perdão dos nossos pecados.

Exortação Apostólica Pós-Sinodal Reconciliatio et Paenitentia,
João Paulo II

13. Como escreve o Apóstolo São João «se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós próprios e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Ele que é fiel e justo perdoar-nos-á os pecados». Estas palavras inspiradas, escritas nos alvores da Igreja, introduzem melhor do que qualquer outra expressão humana a reflexão sobre o pecado, que está intimamente relacionada com o discurso sobre a reconciliação. Elas apreendem o problema do pecado no seu horizonte antropológico, enquanto parte integrante da verdade acerca do homem, mas inserem-no imediatamente no horizonte divino, no qual o pecado é confrontado com a verdade do amor de Deus, justo, generoso e fiel, que se manifesta sobretudo pelo

perdão e pela redenção. Por isso, o próprio São João escreve pouco depois que «se (o nosso coração) de alguma coisa nos acusa, Deus é maior do que o nosso coração».

Reconhecer o próprio pecado, ou melhor – indo mais ao fundo na consideração da própria personalidade – reconhecer-se pecador, capaz de pecar e de ser induzido ao pecado, é o princípio indispensável do retorno a Deus. É a experiência exemplar de David, que depois de «ter feito o mal aos olhos do Senhor», repreendido pelo profeta Natan, exclama: «Reconheço a minha culpa, o meu pecado está sempre diante de mim. Pequei contra Vós, só contra Vós; pratiquei aquilo que é mal aos vossos olhos». De resto, Jesus põe na boca e no coração do filho pródigo aquelas palavras significativas: «Pai, pequei contra o Céu e contra ti».

Na realidade, reconciliar-se com Deus supõe e inclui o apartar-se com lucidez e determinação do pecado, no qual se caiu. Supõe e inclui, portanto, o fazer penitência no sentido mais pleno do termo: arrepende-se, manifestar o arrependimento, assumir a atitude concreta do arrependido, que é a de quem se coloca no caminho do regresso ao Pai. Isto é uma lei geral, que cada um deve seguir na situação particular em que se encontra. A exposição sobre o pecado e a conversão, de facto, não pode ser desenvolvida somente em termos abstratos.

Na condição concreta do homem pecador, em que não pode haver conversão sem reconhecimento do próprio pecado, o ministério de reconciliação da Igreja intervém, em qualquer hipótese, com uma finalidade claramente penitencial, isto é, para levar o homem ao «conhecimento de si», segundo a expressão de Santa Catarina de Sena, ao desapego do mal, ao restabelecimento da amizade com Deus, à reordenação interior e à nova conversão eclesial. Acrescente-se que, para além do âmbito da Igreja e dos fiéis, a mensagem e o ministério da penitência são dirigidos a todos os homens, uma vez que todos têm necessidade de conversão e de reconciliação.

Para exercitar adequadamente tal ministério penitencial, será também necessário avaliar, com os «olhos iluminados» pela fé, as consequências do pecado, que são motivo de divisão e de rutura, não só no interior de cada homem, mas também nos vários círculos em que ele vive: familiar, ambiental, profissional e social, como tantas vezes se pode verificar pela experiência, em confirmação da página bíblica referente à cidade de Babel e à sua torre. Tendo a intenção de construir aquilo que devia ser, a um tempo, símbolo e foco de unidade, aqueles homens encontraram-se mais dispersos do que antes, confundidos na linguagem, divididos entre si e incapazes de consenso e de convergência.

Porque falhou o ambicioso projeto? Porque «se afadigaram em vão os construtores»? Porque os homens tinham colocado como sinal e garantia da desejada unidade unicamente uma obra das suas mãos,

esquecidos da ação do Senhor. Calcularam apenas com a dimensão horizontal do trabalho e da vida social, descurando a dimensão vertical, pela qual se teriam encontrado radicados em Deus, seu Criador e Senhor, e voltados na direção dele como fim último do seu caminho.

Dives in Misericordia, João Paulo II

O mundo dos homens só poderá tornar-se «cada vez mais humano» quando introduzirmos em todas as relações recíprocas, que formam a sua fisionomia moral, o momento do perdão, tão essencial no Evangelho. O perdão atesta que no mundo está presente o amor mais forte que o pecado. O perdão, além disso, é a condição fundamental da reconciliação, não só nas relações de Deus com o homem, mas também nas relações recíprocas dos homens entre si. Um mundo do qual se eliminasse o perdão seria apenas um mundo de justiça fria e irrespeitosa, em nome da qual cada um reivindicaria os próprio direitos em relação aos demais. Deste modo, as várias espécies de egoísmo, latentes no homem, poderiam transformar a vida e a convivência humana num sistema de opressão dos mais fracos pelos mais fortes, ou até numa arena de luta permanente de uns contra os outros.



Em todas as fases da história, mas especialmente na época atual a Igreja deve considerar como um dos seus principais deveres proclamar e introduzir na vida o mistério da misericórdia, revelado no mais alto grau em Jesus Cristo. Este mistério, não só para a própria Igreja como comunidade dos fiéis, mas também, em certo sentido, para todos os homens, é fonte de vida diferente daquela que é capaz de construir o homem, exposto às forças prepotentes da tríplice concupiscência que nele operam. É em nome deste mistério, precisamente, que Cristo nos ensina a perdoar sempre. Quantas vezes repetimos as palavras da oração que Ele próprio nos ensinou, pedindo: «Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido», isto é, aos que são culpados em relação a nós! É realmente difícil expressar o valor profundo da atitude que tais palavras designam e inculcam. Quantas coisas dizem a cada homem acerca do seu semelhante e também acerca de si próprio! A consciência de sermos devedores uns para com os outros anda a par com o apelo à solidariedade fraterna, que S. Paulo exprimiu concisamente convidando-nos a suportar-nos «uns aos outros com caridade», Que lição de humildade não está encerrada aqui, em relação ao homem, ao próximo e, também, a nós mesmos! Que escola de boa vontade para a vida comum de cada dia, nas várias condições da nossa existência! Se não déssemos atenção a esta norma, que restaria de qualquer programa «humanista» da vida e da educação?

Cristo sublinha com insistência a necessidade de perdoar aos

outros. Quando Pedro lhe perguntou quantas vezes devia perdoar ao próximo, indicou-lhe o número simbólico de «setenta vezes sete», querendo desta forma indicar-lhe que deveria saber perdoar sempre a todos e a cada um.

É evidente que exigência tão generosa em perdoar não anula as exigências objetivas da justiça. A justiça bem entendida constitui, por assim dizer, a finalidade do perdão. Em nenhuma passagem do Evangelho o perdão, nem mesmo a misericórdia como sua fonte, significam indulgência para com o mal, o escândalo, a injúria causada, ou os ultrajes. Em todos estes casos, a reparação do mal ou do escândalo, a compensação do prejuízo causado e a satisfação da ofensa são condição do perdão.

Assim, a estrutura fundamental da justiça penetra sempre no campo da misericórdia. Esta, no entanto, tem o condão de conferir à justiça um conteúdo novo, que se exprime do modo mais simples e pleno, no perdão. O perdão manifesta que, além do processo de «compensação» e de «trégua» que é a característica da justiça, é necessário o amor para que o homem se afirme como tal. O cumprimento das condições da justiça é indispensável, sobretudo, para que o amor possa revelar a sua própria fisionomia. Ao analisarmos a parábola do filho pródigo, dirigiamos a atenção para o facto de que aquele que perdoa e o que é perdoado se encontram num ponto essencial, que é a dignidade; isto é, o valor essencial do homem, que não se pode deixar perder e cuja afirmação, ou reencontro, são origem da maior alegria.

Com razão a Igreja considera seu dever e objetivo da sua missão, assegurar a autenticidade do perdão, tanto na vida e no comportamento concreto, como na educação e na pastoral. Não a protege doutro modo senão guardando a sua fonte, isto é, o mistério da misericórdia de Deus, revelado em Jesus Cristo.

Mensagem de Fátima

Um dia de madrugada, cedo, sua irmã Teresa vai chamar-me:

- Vem cá depressa. O Francisco está muito mal e diz que te quer dizer uma coisa!

Vesti-me à pressa e lá fui. Pediu à mãe e irmãos que saíssem do quarto, que era segredo o que me queria. Saíram e ele disse-me:

- É que me vou a confessar para comungar e morrer depois.

Queria que me disseses se me viste fazer algum pecado e que fosses perguntar à Jacinta se me viu ela fazer algum.

- Desobedeceste algumas vezes a tua mãe - lhe respondi -, quando ela te dizia que te deixasses estar em casa e tu te escapavas para o pé de mim e para te ires esconder.

- É verdade! Tenho esse. Agora vai perguntar à Jacinta se ela se lembra de mais algum.

Lá fui, e a Jacinta, depois de pensar um pouco, respondeu-me:
- Olha: diz-lhe que, ainda antes de Nossa Senhora nos aparecer, roubou um tostão ao pai, para comprar o realejo ao José Marto, da Casa Velha; e que, quando os rapazes de Aljustrel atiraram pedras aos de Boleiros, ele também atirou algumas.

Quando lhe dei este recado da Irmã, respondeu:

- Esses já os confessei, mas torno a confessá-los. Se calhar, é por causa destes pecados que eu fiz que Nosso Senhor está tão triste! Mas eu, ainda que não morresse, nunca mais os tornava a fazer. Agora estou arrependido.

E pondo as mãos, rezou a oração:

- Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem. Olha: pede tu também a Nosso Senhor que me perdoe os meus pecados. (Ir. Lúcia, *Quarta Memória*)



Setembro – Quereis oferecer-vos a Deus em reparação? (*Memórias*)

Textos Bíblicos

Aceita tudo o que te acontecer, e tem paciência nas vicissitudes da tua humilhação, porque no fogo se prova o ouro e os eleitos de Deus, no cadinho da humilhação. (Sir 2,4-5)

Ora, se somos filhos de Deus, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, pressupondo que com Ele sofremos, para também com Ele sermos glorificados. (Rom 8,17)

Mas alegro-me até mesmo se o meu sangue tiver de ser derramado em sacrifício e oferta pela vossa fé. (Fil 2,17)

Quanto a mim, de bom grado darei o que tenho e dar-me-ei a mim mesmo totalmente, em vosso favor. (2Cor 12,5)

Textos do Magistério

Catecismo da Igreja Católica

615. «Como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos

se tornarão justos» (Rm 5,19). Pela sua obediência até à morte, Jesus realizou a ação substitutiva do Servo sofredor, que oferece a sua vida como sacrifício de expiação, ao carregar com o pecado das multidões, que justifica carregando Ele próprio com as suas faltas. Jesus reparou as nossas faltas e satisfez ao Pai pelos nossos pecados.

616. É o «amor até ao fim» que confere ao sacrifício de Cristo o valor de redenção e reparação, de expiação e satisfação. Ele conheceu-nos e amou-nos a todos no oferecimento da sua vida. «O amor de Cristo nos pressiona, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram» (2Cor 5,14). Nenhum homem, ainda que fosse o mais santo, estava em condições de tornar sobre si os pecados de todos os homens e de se oferecer em sacrifício por todos. A existência, em Cristo, da pessoa divina do Filho, que ultrapassa e ao mesmo tempo abrange todas as pessoas humanas e O constitui cabeça de toda a humanidade, é que torna possível o seu sacrifício redentor por todos.

Miserentissimus Redemptor, Pio XI

9. E certamente o culto ao Coração de Jesus tem a primazia e a parte principal o espírito de expiação e reparação; não há nada mais conforme a origem, índole, virtude próprias dessa devoção como a história e a tradição da sagrada liturgia que os atos dos Sumos Pontífices confirmam. Quando Jesus Cristo apareceu a Santa Margarida Maria, pegando-lhe a infinitude da sua caridade, juntamente, como sofrido, se queixa de tantas injúrias que recebe dos homens com essas palavras que haveriam de se gravar nas almas mais piedosas de maneira que jamais se esquecessem: “Eis aqui o Coração que tanto tem amado os homens, e que tantos benefícios os tem cumulado, e que em troca do seu infinito amor não recebe nenhuma gratidão, senão ultrajes, e às vezes ainda daqueles que estão obrigados a amá-lo com especial Amor”. Para reparar estas e outras culpas recomendo entre outras coisas que os homens comunguem com desejo de expiar, que é o que chamamos de Comunhão Reparadora, e as súplicas e preces durante uma hora, que propriamente se chama Hora Santa; exercícios de piedade que a igreja não só aprovou senão enriqueceu com copiosos favores espirituais.

10. Mas como poderão estes atos de reparação consolar a Cristo que ditosamente reina nos céus? Respondemos com as palavras de Santo Agostinho, “Dá-me um coração que ame e sentirás o que digo”.
Uma alma verdadeiramente amante de Deus se volta ao passa-

do, vê a Jesus Cristo trabalhando, doente, sofrendo duríssimas penas “por nós homens e por nossa salvação”, tristezas, angústias, opróbrios, esmagado por nossas culpas e curando-nos com suas chagas. Quanto mais profundamente penetram as almas piedosas nesses mistérios mais claro veem que os pecados dos homens em qualquer tempo cometidos foram a causa pela qual o Filho de Deus se entregou à morte: e ainda agora esta mesma morte, com suas mesmas dores e tristezas, de novo lhe ferem, já que cada pecado renova a seu modo a paixão do Senhor, conforme diz o apóstolo: “Novamente crucificam o Filho de Deus e o expõem a vilipêndios”. Por causa também dos nossos pecados futuros, põe previstos, a alma de Cristo esteve triste até à morte, sem dúvida alguma receberia de nós a reparação também futura, porém prevista quando o anjo do céu lhe apareceu para consolar seu Coração oprimido de tristeza e angústias”. Assim, podemos e devemos consolar aquele Coração Sacratíssimo, incessantemente ofendido pelos nossos pecados e ingratidões dos homens, por este modo admirado e verdadeiro; pois, como se diz na Sagrada Liturgia, o mesmo Cristo se queixa a seus amigos de desamparo, dizendo pelos lábios do Salmista: “Impropério e miséria esperou meu coração: e busquei quem compartilhasse da minha tristeza e não houve ninguém; busquei quem me consolasse e não encontrei”.

(Et vere expiationis potissimum seu reparationis spiritus primas semper potioresque partes habuit in cultu Sacratissimo Cordi Iesu exhibendo, nihilque eo congruentius origini, indoli, virtuti, industriis quae huic religionis formae sunt propriae, ut rerum memoria et usus, sacra item liturgia atque Summorum Pontificum ata confirmant. Siquidem cum se conspiciendum Margaritae Mariae exhiberet Christus, caritatis suae infinitatem praedicans, simul, maerentis instar, tot tantasque sibi inustas ab ingratis hominibus iniurias in haec verba conquestus est, quae utinam in piorum animis insiderent nullaque unquam oblivione delerentur: «En Cor Illud – inquit – quod tantopere homines amavit beneficii sive omnibus cumulavit, quodque amoris suo infinito non tantum redditam gratiam nullam invenit, at contra oblivionem, neglectum, contumelias, easque ab iis etiam illatas nonnunquam, qui amoris peculiaris debito officioque tenerentur». Ad quas quidem culpas eluendas cum alia complura, tum haec praesertim sibi gratissima commendavit: ut eadem expiandi mente homines de altari libarent, – quam «Communionem Eeparatricem» vocant, – et supplicationes item piaculares ac preces, per solidam horam productas, adhiberent, – quae «Hora Sancta» verissime appellatur: quas quidem pietatis exercitationes non modo Ecclesia probavit, sed etiam copiosis spiritualibus largitionibus locupletavit.

At enim beate regnantem Christum in caelis qui piaculares eiusmodi ritus consolari queant? Scilicet – «da amantem et sentit quod dico» – reponimus, Augustini verbis usi, quae in hunc locum aptissime cadunt.



Dei enim amantissimus quisque, si praeteriti temporis spatium respiciat, videt meditando intueturque Christum pro homine laborantem, dolentem, durissima quaeque perpetentem, «propter nos homines et propter nostram salutem» tristitia, angoribus, opprobriis paene confectum, immo «atritum propter scelera nostra» ac suo nos livore sanantem. Atque haec omnia eo verius piorum meditantur animi, quod peccata hominum ac flagitia quovis tempore perpetrata in causa fuerunt cur Dei Filius morti traderetur, eademque nunc etiam mortem ipsam per se essent Christo illatura iisdem cum doloribus maeroribusque coniunctam, quippe singula passionem Domini suo quodam modo renovare censeantur: «Rursus crucifigentes sibimetipsis Filium Dei et ostentili habentes». Quodsi propter peccata quoque nostra, quae futura quidem erant at praevisa, anima Christi tristis facta est usque ad mortem, haud dubium quin solacii nonnihil iam tum ceperit etiam e nostra, item praevisa, reparatione, cum «apparuit illi Angelus de caelo», ut Cor eius taedio et angoribus oppressum consolaretur. Atque ita Cor illud sacratissimum, quod ingratorum hominum peccatis continenter sauciat, etiam nunc mira cuidem sed vera ratione solari possumus ac debemus, quandoquidem – ut in sacra quoque liturgia legitur – ex ore Psaltis Christus ipse se ab amicis suis derelictum conqueritur: «Improperium exspectavit Cor meum et miseriam, et sustinui qui simul contristaretur et non fuit, et qui consolaretur et non inveni».)

Gaudium et Spes – Concilio Vaticano II

38. O Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, fazendo-se homem e vivendo na terra dos homens, entrou como homem perfeito na história do mundo, assumindo-a e recapitulando-a. Ele revela-nos que «Deus é amor» (1Jo 4,8) e ensina-nos ao mesmo tempo que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o novo mandamento do amor. Dá, assim, aos que acreditam no amor de Deus, a certeza de que o caminho do amor está aberto para todos e que o esforço por estabelecer a universal fraternidade não é vão. Adverte, ao mesmo tempo, que este amor não se deve exercitar apenas nas coisas grandes, mas, antes de mais, nas circunstâncias ordinárias da vida. Suportando a morte por todos nós pecadores, ensina-nos com o seu exemplo que também devemos levar a cruz que a carne e o mundo fazem pesar sobre os ombros daqueles que buscam a paz e a justiça. Constituído Senhor pela sua ressurreição, Cristo, a quem foi dado todo o poder no céu e na terra, atua já pela força do Espírito Santo nos corações dos homens; não suscita neles apenas o desejo da vida futura, mas, por isso mesmo, anima, purifica e fortalece também aquelas generosas aspirações que levam a humanidade a tentar tornar a vida mais hu-

mana e a submeter para esse fim toda a terra. Sem dúvida, os dons do Espírito são diversos: enquanto chama alguns a darem claro testemunho do desejo da pátria celeste e a conservarem-no vivo no seio da família humana, chama outros a dedicarem-se ao serviço terreno dos homens, preparando com esta sua atividade como que a matéria do reino dos céus. Liberta, porém, a todos, para que, deixando o amor próprio e empregando em favor da vida humana todas as energias terrenas, se lancem para o futuro, em que a humanidade se tornará oblação agradável a Deus.

O penhor desta esperança e o viático para este caminho deixou-os o Senhor aos seus naquele sacramento da fé, em que os elementos naturais, cultivados pelo homem, se convertem no Corpo e Sangue gloriosos, na ceia da comunhão fraterna e na prelibação do banquete celeste.

43. O Concílio exorta os cristãos, cidadãos de ambas as cidades, a que procurem cumprir fielmente os seus deveres terrenos, guiados pelo espírito do Evangelho. Afastam-se da verdade os que, sabendo que não temos aqui na terra uma cidade permanente, mas que vamos em demanda da futura, pensam que podem por isso descuidar os seus deveres terrenos, sem atenderem a que a própria fé ainda os obriga mais a cumpri-los, segundo a vocação própria de cada um. Mas não menos erram os que, pelo contrário, opinam poder entregar-se às ocupações terrenas, como se estas fossem inteiramente alheias à vida religiosa, a qual pensam consistir apenas no cumprimento dos atos de culto e de certos deveres morais. Este divórcio entre a fé que professam e o comportamento quotidiano de muitos deve ser contado entre os mais graves erros do nosso tempo. Já no Antigo Testamento os profetas denunciavam este escândalo; no Novo, Cristo ameaçou-o ainda mais veementemente com graves castigos. Não se oponham, pois, infundadamente, as atividades profissionais e sociais, por um lado, e a vida religiosa, por outro. O cristão que descuida os seus deveres temporais, falta aos seus deveres para com o próximo e até para com o próprio Deus, e põe em risco a sua salvação eterna. A exemplo de Cristo que exerceu um mister de operário, alegrem-se antes os cristãos por poderem exercer todas as atividades terrenas, unindo numa síntese vital todos os seus esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos com os valores religiosos, sob cuja elevada ordenação, tudo se coordena para glória de Deus.

As tarefas e atividades seculares competem como próprias, embora não exclusivamente, aos leigos. Por esta razão, sempre que, sós ou associados, atuam como cidadãos do mundo, não só devem respeitar as leis próprias de cada domínio, mas procurarão alcançar neles uma real competência. Cooperarão de boa vontade com os



homens que prosseguem os mesmos fins. Reconhecendo quais são as exigências da fé, e por ela robustecidos, não hesitem, quando for oportuno, em idear novas iniciativas e levá-las a realização. Compete à sua consciência previamente bem formada, imprimir a lei divina na vida da cidade terrestre. Dos sacerdotes, esperem os leigos a luz e força espiritual. Mas não pensem que os seus pastores estão sempre de tal modo preparados que tenham uma solução pronta para qualquer questão, mesmo grave, que surja, ou que tal é a sua missão. Antes, esclarecidos pela sabedoria cristã, e atendendo à doutrina do magistério, tomem por si mesmos as próprias responsabilidades.

Mensagem de Fátima 2.^a Aparição do Anjo

Fomos, pois passar as horas da sesta à sombra das árvores que cercavam o poço já várias vezes mencionado. De repente, vimos o mesmo Anjo junto de nós.

- Que fazeis? Oraí! Oraí muito! Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Ofereci constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios.

- Como nos havemos de sacrificar? - perguntei.

- De tudo que puderdes, ofereci um sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí, assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar.

Estas palavras do Anjo gravaram-se em nosso espírito, como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício e como ele Lhe era agradável, como, por atenção a ele, convertia os pecadores. Por isso, desde esse momento, começamos a oferecer ao Senhor tudo que nos mortificava, mas sem discorrermos a procurar outras mortificações ou penitências, exceto a de passarmos horas seguidas prostrados por terra, repetindo a oração que o Anjo nos tinha ensinado. (Ir. Lúcia, *Quarta Memória*)

Aparição de julho

Momentos depois de termos chegado à Cova de Iria, junto da carrasqueira, entre numerosa multidão de povo, estando a rezar o terço, vimos o reflexo da costumada luz e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira.

- Vossemecê que me quer? - perguntei.

- Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do

Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer.

- Queria pedir-Lhe para nos dizer Quem é, para fazer um milagre com que todos acreditem que Vossemecê nos aparece.

- Continuem a vir aqui todos os meses. Em outubro direi Quem sou, o que quero e farei um milagre que todos hão de ver, para acreditar.

Aqui, fiz alguns pedidos que não recordo bem quais foram. O que me lembro é que Nossa Senhora disse que era preciso rezarem o terço para alcançarem as graças durante o ano. E continuou:

- Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

Ao dizer estas últimas palavras, abriu de novo as mãos, como nos dois meses passados. O reflexo pareceu penetrar a terra e vimos como que um mar de fogo. (Ir. Lúcia, *Quarta Memória*)



Reparação

Nesta aparição de julho, Nossa Senhora fez-nos uma recomendação que tem sido a norma do meu viver: Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: “Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.”

No decorrer de toda a Mensagem, a começar pelas aparições do Anjo, encontramos um apelo à oração e ao sacrifício oferecido a Deus por amor e pela conversão dos pecadores.

Para mim, este apelo é como que a norma básica de toda a Mensagem, que começa por introduzir-nos num plano de fé, esperança e amor: “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos.” É aqui que assenta a base fundamental de toda a nossa vida sobrenatural; viver de fé, viver de esperança, viver de amor. É o ideal de viver do nosso dia a dia que nos leva a um verdadeiro encontro com Deus, nosso Salvador, por Quem trabalho, a Quem adoro, N'Ele espero e O amo, certa do Seu amor, da Sua graça, do Seu favor! O sacrifício oferecido a Deus com fé e confiança é a prova do nosso amor.

Em toda a história da Humanidade que conhecemos, na Bíblia, vemos que se ofereciam a Deus orações e sacrifícios, pelos próprios pecados e pelos pecados do povo, a começar por Abel e Cain; Moisés conseguiu sair do Egito com o seu povo dizendo que era para ir ao deserto oferecer a Deus sacrifícios; os antigos Patriarcas imolavam

vítimas inocentes de cordeiros, cabritos, novilhos, etc., para oferecer a Deus sacrifícios de expiação, pelos próprios pecados e pelos pecados do povo. Cristo ofereceu-Se ao Pai, como vítima expiatória pelos pecados da Humanidade; e nós, agora, devemos unir a nossa oração e os nossos sacrifícios à oração e ao sacrifício de Cristo imolado no madeiro da cruz e presente sobre o altar e nos nossos sacrários, renovando o Seu oferecimento ao Pai, em complemento da Sua obra Redentora. (lr. Lúcia, *Como Vejo a Mensagem*, p. 48-49)

Outubro – Arrependei-vos porque Deus está perto. (cf. Mt 3,2)

Textos Bíblicos

Louvido sejas, Senhor, porque te compadeceste de dois filhos únicos. Derrama sobre eles, Senhor, misericórdia e salvação, fazendo com que cheguem ao fim da sua vida em alegria e graça. (Tb 8,17)

Tu, Senhor nosso Deus, agiste para connosco de acordo com a tua grande misericórdia e bondade, conforme tinhas falado pela boca do teu servo Moisés, no dia em que lhe mandaste escrever a tua lei na presença dos filhos de Israel. (Br 2,27)

A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. (Lc 1,50)

Então, Pedro aproximou-se e perguntou-lhe: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?» Jesus respondeu: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete. (Mt 18,21-22)

‘Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.’ (Mt 25,34-36)

Ele salvou-nos, não em virtude de obras de justiça que tivéssemos praticado, mas da sua misericórdia, mediante um novo nascimento e renovação do Espírito Santo, que Ele derramou abundantemente sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que, justificados pela sua graça, nos tornemos, segundo a nossa esperança, herdeiros da vida eterna. (Tt 3,5-6)

Mantende-vos no amor de Deus, esperando que a misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo vos conceda a vida eterna. Tratai com misericórdia aqueles que vacilam; a uns, procurai salvá-los, arrancando-os do fogo; a outros, tratai-os com misericórdia, mas com cautela, detestando até a túnica contaminada pelo seu corpo. (Jd 1,21-23)

Textos do Magistério *Catecismo da Igreja Católica*

210. Depois do pecado de Israel, que se afastou de Deus para adorar o bezerro de ouro, Deus atende a intercessão de Moisés e aceita caminhar no meio dum povo infiel, manifestando deste modo o seu amor. A Moisés, que Lhe pede a graça de ver a sua glória, Deus responde: «Farei passar diante de ti toda a minha bondade (beleza) e proclamarei diante de ti o nome de YHWH» (Ex 33,18-19). E o Senhor passa diante de Moisés e proclama: «O Senhor, o Senhor [YHWH, YHWH] é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade» (Ex 34,6). Moisés confessa, então, que o Senhor é um Deus de perdão».

211. O nome divino «Eu sou» ou «Ele é» exprime a fidelidade de Deus, que, apesar da infidelidade do pecado dos homens e do castigo que merece, «conserva a sua benevolência em favor de milhares de pessoas» (Ex 34,7). Deus revela que é «rico de misericórdia» (Ef 2,4), ao ponto de entregar o seu próprio Filho. Dando a vida para nos libertar do pecado, Jesus revelará que Ele mesmo é portador do nome divino: «Quando elevardes o Filho do Homem, então sabereis que Eu sou» (Jo 8,28).

2447. As obras de misericórdia são as ações caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais. Instruir, aconselhar, consolar, confortar, são obras de misericórdia espirituais, como perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporais consistem nomeadamente em dar de comer a quem tem fome, albergar quem não tem teto, vestir os nus, visitar os doentes e os presos, sepultar os mortos. Entre estes gestos, a esmola dada aos pobres é um dos principais testemunhos da caridade fraterna e também uma prática de justiça que agrada a Deus: «Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos, faça o mesmo» (Lc 3,11). «Dai antes de esmola do que possuis, e tudo para vós ficará limpo» (Lc 11,41). «Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento quotidiano, e um de vós Lhe disser: "Ide em paz; tratai de vos aquecer e de matar a fome", mas não lhes der o que é necessário para o corpo, de que lhes aproveitará?». (Tg 2,15-16)

Dives in Misericórdia, João Paulo II

14. [...] O caminho que Cristo nos indicou no Sermão da Montanha, com a bem-aventurança dos misericordiosos, é muito mais rico do que aquilo que, por vezes, podemos advertir nos habituais juízos humanos sobre o tema da misericórdia. Tais juízos apresentam ordinariamente a misericórdia como ato ou processo unilateral, que pressupõe e mantém as distâncias entre aquele que pratica a misericórdia e aquele que dela é objeto, entre aquele que faz o bem e o que o recebe. Daqui nasce a pretensão de libertar da misericórdia as relações humanas e sociais e de baseá-las somente na justiça. Tais juízos sobre a misericórdia não têm em conta o vínculo fundamental que existe entre a misericórdia e a justiça, de que fala toda a tradição bíblica e, sobretudo, a atividade messiânica de Jesus Cristo. A misericórdia autêntica é, por assim dizer, a fonte mais profunda da justiça. Se esta é, em si mesma, apta para «servir de árbitro» entre os homens na recíproca repartição justa dos bens materiais, o amor, pelo contrário, e somente o amor (e portanto também o amor benevolente que chamamos «misericórdia»), é capaz de restituir o homem a si próprio.

A misericórdia autenticamente cristã é ainda, em certo sentido, a mais perfeita encarnação da «igualdade» entre os homens e, por conseguinte, também a encarnação mais perfeita da justiça, na medida em que esta, no seu campo, tem em vista o mesmo resultado. Enquanto a igualdade introduzida mediante a justiça se limita ao campo dos bens objetivos e extrínsecos, o amor e a misericórdia fazem com que os homens se encontrem uns com os outros naquele valor que é o mesmo homem, com a dignidade que lhe é própria. Ao mesmo tempo, a «igualdade» dos homens mediante o amor «paciente e benigno» não elimina as diferenças. Aquele que dá torna-se mais generoso, quando se sente recompensado por aquele que recebe o seu dom. E, vice-versa, o que sabe receber o dom com a consciência de que também ele faz o bem, ao recebê-lo, está, por seu lado, a servir a grande causa da dignidade da pessoa, e contribui para unir mais profundamente os homens entre si.

A misericórdia torna-se, assim, elemento indispensável para dar forma às relações mútuas entre os homens, em espírito do mais profundo respeito por aquilo que é humano e pela fraternidade recíproca. É impossível conseguir que se estabeleça este vínculo entre os homens se se pretende regular as suas relações mútuas unicamente com a medida da justiça. Esta, em toda a gama das relações entre os homens, deve submeter-se, por assim dizer, a uma «correção» notável, por parte daquele amor que, como proclama S. Paulo, «é paciente» e «benigno», ou por outras palavras, que encerra em si as características do amor misericordioso, tão essenciais para o Evangelho como para o Cristianismo. Tenhamos presente, além disto, que o amor misericor-

dioso implica também ternura, compaixão e sensibilidade do coração, de que tão eloquentemente nos fala a parábola do filho pródigo, ou a da ovelha e a da dracma perdidas. O amor misericordioso, é sobretudo indispensável entre aqueles que estão mais próximos: os cônjuges, os pais e os filhos e os amigos; e é de igual modo indispensável na educação e na pastoral.

O seu campo de ação não se confina, porém, só a isto. Se Paulo VI, por mais de uma vez indicou que a «civilização do amor» é o fim para o qual devem tender todos os esforços tanto no campo social e cultural, como no campo económico e político, é preciso acrescentar que este fim nunca será alcançado se nas nossas concepções e nas nossas atuações, relativas às amplas e complexas esferas da convivência humana, nos detivermos no critério do «olho por olho e dente por dente», e, ao contrário, não tendermos para transformá-lo essencialmente, completando-o com outro espírito. É nesta direção que nos conduz também o Concílio Vaticano II, quando, ao falar repetidamente da necessidade de tornar o mundo mais humano, centraliza a missão da Igreja no mundo contemporâneo precisamente na realização desta tarefa. O mundo dos homens só se tornará mais humano se introduzirmos no quadro multiforme das relações interpessoais e sociais, juntamente com a justiça, o «amor misericordioso» que constitui a mensagem messiânica do Evangelho.

Mensagem de Fátima

A Jacinta tomou tanto a peito os sacrifícios pela conversão dos pecadores, que não deixava escapar ocasião alguma. Havia umas crianças, filhos de duas famílias da Moita, que andavam pelas portas a pedir. Encontrámo-las, um dia, quando íamos com o nosso rebanho. A Jacinta, ao vê-los, disse-nos:

– Damos a nossa merenda àqueles pobrezinhos, pela conversão dos pecadores?

E correu a levar-lha. Pela tarde, disse-me que tinha fome. Havia ali algumas azinheiras e carvalhos. A bolota estava ainda bastante verde, no entanto disse-lhe que podíamos comer dela. O Francisco subiu a uma azinheira para encher os bolsos, mas a Jacinta lembrou-se que podíamos comer da dos carvalhos, para fazer o sacrifício de comer a amarga. E lá saboreámos, aquela tarde, aquele delicioso manjar! A Jacinta tomou este por um dos seus sacrifícios habituais. Colhia as bolotas dos carvalhos ou a azeitona das oliveiras.

Disse-lhe um dia:

– Jacinta, não comas isso, que amarga muito.

– Pois é por amargar que o como, para converter os pecadores.

(Ir. Lúcia, *Primeira Memória*)

Brincávamos, um dia, sobre o poço já mencionado. A mãe da Jacinta tinha ali uma vinha pegada. Cortou alguns cachos e veio trazer--no-los, para que os comêssemos. Mas a Jacinta não esquecia nunca os seus pecadores.

– Não os comemos – dizia ela – e oferecemos este sacrifício pelos pecadores.

Depois, correu a levar as uvas às outras crianças que brincavam na rua. À volta, vinha radiante de alegria; tinha encontrado os nossos antigos pobrezinhos e tinha-lhas dado a eles.

Outra vez, minha tia foi chamar-nos para comermos uns figos que tinha trazido para casa e que na realidade abriam o apetite a qualquer. A Jacinta sentou-se connosco, satisfeita, ao lado da cesta e pega no primeiro para começar a comer; mas, de repente, lembra-se e diz:

– É verdade! Ainda hoje não fizemos nenhum sacrifício pelos pecadores! Temos que fazer este.

Põe o figo na cesta, faz o oferecimento e lá deixámos os figos, para converter os pecadores. A Jacinta repetia com frequência estes sacrifícios, mas não me detenho a contar mais; se não, nunca acabo. (Ir. Lúcia, *Primeira Memória*)

Deus é misericordioso e está sempre pronto a perdoar-nos, desde que veja em nós o arrependimento e a emenda de vida, isto é, veja que, arrependidos, mudamos de vida, deixando o caminho do pecado para seguirmos o caminho da graça. A Santa Maria Madalena disse o Senhor: «Os teus pecados estão perdoados. (...) Salvou-te a tua fé: vai em paz» (Lc 7,47). E ao fariseu, que nutria sérias reservas sobre a qualidade daquela mulher, pondo em dúvida a tolerância e bondade que lhe era manifestada por Jesus, Este afirmou: «São-lhe perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou» (Lc 7,49-50). O Senhor viu nos olhos de Madalena as lágrimas que lhe banhavam as faces; viu nos seus cabelos e no perfume, com que o ungiu, o desprendimento das vaidades da terra e a mudança da sua vida; viu-lhe no coração a dor e o arrependimento com o propósito de emenda... por isso, lhe disse: «Mulher, os teus pecados estão perdoados»

Ao ver Cristo, Madalena acreditou n'Ele e amou-O. Foi esta fé e este amor que a fizeram detestar o pecado, chorar e desprezar as vaidades do mundo, e mudar de vida. E o Senhor, de tudo isso, Se agradou, concluindo: «Muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou. Salvou-te a tua fé: vai em paz». É a fé e o amor que hão de levar-nos a detestar os nossos pecados, a arrependermos-nos deles e a mudar de vida, para que Deus nos diga como a Maria Madalena: «Os teus pecados estão perdoados».

À mulher adúltera, Jesus disse: «Ninguém te condenou?» Ela respondeu: 'Ninguém, Senhor': 'Nem Eu te condeno – voltou-lhe Je-

sus. Vai e doravante não tornes a pecar'» (Jo 8,10-11). O Senhor viu no coração desta mulher o arrependimento e o propósito de mudar de vida; por isso, promete não a condenar e concede-lhe o perdão, com a condição, porém, de não voltar a pecar. (Ir. Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, p. 88)



VI. Programa oficial do Santuário



Programa Oficial

DA PÁSCOA A OUTUBRO

No período da intervenção de reabilitação da Basílica de Nossa Senhora do Rosário, que poderá ocorrer antes ou depois da Páscoa, as missas agendadas para aquele espaço serão transferidas da seguinte forma: a das 11:00, para a Basílica da Santíssima Trindade; as restantes, para a Capela da Morte de Jesus.

07:30	Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário
09:00	Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário Aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade À quinta-feira, missa internacional, na Capelinha
10:00	Rosário, na Capelinha, aos sábados e domingos
11:00	Missa, transmitida pela comunicação social Aos domingos, no Recinto, seguida de procissão do adeus De segunda-feira a sábado, na Basílica da Santíssima Trindade
12:00	Rosário, na Capelinha, de segunda a sexta-feira
12:30	Missa, na Capelinha Aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
14:00	Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha
15:00	Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário Aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade, com interpretação em língua gestual portuguesa Em agosto, de domingo a sexta-feira, na Basílica da Santíssima Trindade
16:00	Rosário, na Capelinha, aos domingos
16:30	Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário Aos domingos, na Capelinha
17:00	Saudação a Nossa Senhora, na Capelinha, aos sábados
17:30	Procissão eucarística, no Recinto, aos domingos Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento, à sexta-feira
17:45	Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento, à quinta-feira
18:30	Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário À quinta-feira, na Capela do Santíssimo Sacramento Rosário, na Capelinha, transmitido pela comunicação social
21:30	Rosário, na Capelinha, e procissão das velas (à quinta-feira, procissão eucarística)



NOTA: Nos dias santos e feriados nacionais de 25 de abril, 1 de maio e 10 de junho segue-se o programa de domingo.

11 a 13 de maio a outubro – Peregrinação Aniversária

Dia 11

18:30 – Missa dos peregrinos a pé, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário. Em maio e agosto, na Basílica da Santíssima Trindade.

Dia 12

07:30 – Via-sacra, aos Valinhos, partindo da Capelinha e terminando na Capela de Santo Estêvão, com a Eucaristia. Pede-se aos grupos que se abstenham de fazer via-sacra própria, entre as 07:30 e as 09:00, para não perturbar a via-sacra oficial.

Missas, em português, de manhã:

07:30 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário

09:00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário

11:00 – Basílica da Santíssima Trindade

12:30 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário

Concelebrações em línguas estrangeiras, na Capelinha:

07:30 – Alemão

08:30 – Inglês

09:30 – Francês

10:30 – Espanhol

11:30 – Neerlandês

12:30 – Italiano

13:30 – Polaco

14:00 – Encontro para guias de peregrinos a pé, na Casa de Nossa Senhora das Dores (maio, agosto e outubro)

16:30 – Missa, com a participação dos doentes: em junho, julho e setembro, na Capelinha; em maio, agosto e outubro, no Recinto de Oração

17:30 – Procissão eucarística, no Recinto

18:30 – Início oficial da peregrinação, na Capelinha

21:30 – Rosário, na Capelinha, e procissão das velas

22:30 – Eucaristia, no Recinto

NOTAS:

1. Em julho, por ser sábado:

– Há rosário às 10:00, na Capelinha

– As concelebrações das 09:30 e 10:30 são na Capela da Morte de Jesus

– Há missa às 15:00, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário

2. Em outubro, por ser domingo:

- De manhã, segue-se o programa de domingo (não há concelebrações em línguas estrangeiras)
- Há missa às 15:00, na Basílica da Santíssima Trindade
- À tarde, segue-se o programa dos dias 12.

Dia 13

Noite de Vigília:

00:00 às 02:00 – Adoração eucarística, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário; em maio, na Basílica da Santíssima Trindade

02:00 às 03:15 – Via-sacra, no Recinto

03:15 às 03:30 – Café (atrás da Capelinha)

03:30 às 04:15 – Celebração Mariana, na Capelinha

04:30 às 05:30 – Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário

05:30 às 07:00 – Adoração com Laudes do Santíssimo Sacramento, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário

07:00 – Procissão eucarística, no Recinto

Celebração final:

09:00 – Rosário, na Capelinha

10:00 – Procissão para o Altar do Recinto, missa, bênção dos doentes e procissão do adeus, no Recinto

NOTA:

A partir das 15:00, é retomado o programa oficial do dia da semana.

A missa das 15:00 é celebrada pelas intenções dos benfeitores do Santuário.

DE NOVEMBRO À PÁSCOA

07:30	Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário
09:00	Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário Aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
10:00	Rosário, na Capelinha, aos domingos
11:00	Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, transmitida pela comunicação social Aos sábados e domingos, na Basílica da Santíssima Trindade No dia 8 de dezembro, no Recinto
12:00	Rosário, na Capelinha, de segunda a sábado
12:30	Missa, na Capelinha Aos domingos, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário
14:00	Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha, aos sábados e domingos (exceto domingos da Quaresma)



	Via-sacra, na Quaresma: aos domingos, no Recinto; às sextas-feiras, na Colunata
15:00	Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário Aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade, com interpretação em língua gestual portuguesa
16:00	Rosário, na Capelinha, aos domingos
16:30	Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário Aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
17:30	Vésperas, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, aos domingos
	Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento, à sexta-feira
17:45	Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento, à quinta-feira
18:30	Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário. À quinta-feira, na Capela do Santíssimo Sacramento
	Rosário, na Capelinha, transmitido pela comunicação social
21:30	Rosário, na Capelinha. A procissão das velas faz-se diariamente até ao início do Advento (à quinta-feira: procissão eucarística) e aos sábados, do Advento à Quaresma

NOTA: Nos dias santos, segue-se o programa de domingo.

12 e 13 de novembro a abril – Peregrinação mensal

Dia 12

21:30 – Rosário, na Capelinha, e procissão das velas

NOTA: Em março e abril, porque é Quaresma, não há procissão das velas.

Dia 13

10:00 – Rosário, na Capelinha

10:45 – Procissão

11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade

NOTAS:

– Não há rosário às 12:00; a missa das 12:30 é celebrada na Basílica de Nossa Senhora do Rosário;

– A missa das 15:00 é celebrada pelos benfeitores do Santuário

OUTROS PROGRAMAS

PRIMEIROS SÁBADOS

Os peregrinos podem aproveitar o programa oficial para esta devoção, pedida por Nossa Senhora, em Fátima, e que consiste no seguinte: confissão e comunhão com intenção reparadora, rosário e meditação dos mistérios durante 15 minutos.

Programa proposto pelo Santuário:

11:00 – Missa internacional, na Basílica da Santíssima Trindade

14:00 – Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha

15:00 – Meditação e adoração eucarística, na Basílica da Santíssima Trindade.

Conclusão às 16:00.

UM DIA COM AS CRIANÇAS

No terceiro sábado de cada mês.

Em abril, por ser Sábado Santo, este programa não se realiza.

10:00 – Acolhimento e preparação para a celebração, na Capela da Ressurreição de Jesus

11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade

12:15 – Catequese sobre a Mensagem de Fátima

13:00 – Almoço (livre)

14:30 – Preparação da adoração, na Capela da Ressurreição de Jesus

14:45 – Adoração eucarística, na Capela da Ressurreição de Jesus

15:30 – Despedida, na Capelinha

– Programa aberto à participação de todas as crianças;

– Os grupos devem inscrever-se no Serviço de Peregrinos.

PEREGRINAÇÃO DE IDOSOS

De março a outubro: datas inscritas no calendário do Santuário

1.º dia (terça-feira)

10:00 – Acolhimento, na Casa de Nossa Senhora das Dores

12:30 – Almoço

15:00 – Filme

16:00 – Reflexão

17:00 – Sacramento da Reconciliação

18:30 – Missa, na Capela dos Santos Anjos

19:30 – Jantar

21:30 – Rosário e procissão das velas



2.º dia (quarta-feira)

07:30 – Levantar

08:00 – Oração da manhã

08:30 – Pequeno-almoço

10:00 – Visita à Basílica da Santíssima Trindade

12:00 – Rosário, na Capelinha

12:30 – Missa, na Capelinha

13:30 – Almoço e despedida

SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO

Capela da Reconciliação:

Sábados e domingos: 07:30 às 19:30

Segunda a sexta-feira: 07:30 às 13:00 e 14:00 às 19:30

De maio a outubro, dias 12: 07:30 às 19:30 e 20:30 às 22:30; dias 13: 07:00 às 19:30

BÊNÇÃO DE VEÍCULOS

No parque junto à livraria do Santuário:

Domingos, dias santos e feriados nacionais, às 12:45 e às 17:00.

Esta celebração não se realiza na Sexta-feira Santa, no dia 10 de junho e no dia 13 de julho.

BATISMOS

Celebração oficial: domingos, às 11:30, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário

CASAMENTOS

Celebração oficial: sábados, às 12:00, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário

BODAS MATRIMONIAIS

No Santuário celebram-se bodas matrimoniais em todas as missas oficiais da semana, de segunda a sábado.

Exceções:

– quinta-feira, 09:00 (da Páscoa a outubro)

– sábados, 11:00 e vespertinas (15:00, 16:30 e 18:30)

– dias santos e celebrações das peregrinações internacionais aniversárias.

Os casais que pretendam fazer a celebração no Santuário devem fazer a sua inscrição na sacristia, 15 minutos antes da celebração.

CASA DO JOVEM

Acolhimento aos jovens na Colunata Sul, aos sábados e domingos dos meses de julho e agosto.

Horário: 09:00 às 12:30 e 14:30 às 19:00.

PEREGRINOS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Programa oficial

Da Páscoa a outubro

08:00 – Missa, em italiano, na Capelinha, de segunda-feira a sábado; domingos e dias santos, na Capela da Ressurreição de Jesus, quando houver grupos inscritos.

09:00 – Missa internacional, na Capelinha, à quinta-feira.

10:00 – Rosário internacional, na Capelinha, aos sábados, domingos e dias santos.

11:00 – Missa internacional, aos sábados, na Basílica da Santíssima Trindade; aos domingos, dias santos e feriados nacionais, no Recinto.

15:30 – Missa, em inglês, na Capelinha, de segunda a sexta-feira.

17:30 – Procissão eucarística, no Recinto, aos domingos, dias santos e feriados nacionais.

19:15 – Missa, em espanhol, na Capelinha.

21:30 – Rosário internacional, na Capelinha, e procissão das velas; à quinta-feira, procissão eucarística.

De Novembro à Páscoa

10:00 – Rosário internacional, na Capelinha, aos domingos e dias santos.

11:00 – Missa internacional, na Basílica da Santíssima Trindade, aos domingos e dias santos.

19:15 – Missa, em espanhol, na Capelinha, aos sábados.

21:30 – Rosário internacional, na Capelinha. A procissão das velas faz-se diariamente até ao início do Advento (à quinta-feira, procissão eucarística) e do Advento à Quaresma, aos sábados e dias 12.

Confissões

O Santuário coloca confessores à disposição dos peregrinos sempre que possível, de vários idiomas, sobretudo desde a Páscoa até outubro. Os horários de confissões são publicados na Capela da Reconciliação.

FILMES

Os filmes a seguir listados são exibidos gratuitamente na sala de projeções situada na Colunata Norte, atrás da Azinheira Grande. A capacidade máxima é de 55 lugares. Para grupos maiores, dependerá da disponibilidade de salas (reservas: info@fatima.pt).



Aparição

História das aparições segundo a descrição da Irmã Lúcia nas suas memórias.

Disponível em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 90 minutos.

Fátima, experiência de fé

Documentário sobre as aparições e a mensagem de Fátima.

Disponível em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, polaco, holandês, russo, húngaro, coreano, chinês e árabe.

Duração: 40 minutos.

Horários oficiais, de 16 de julho a 31 de agosto:

10:00 - Italiano (segunda a sexta-feira)

11:00 - Francês (segunda a sexta-feira)

12:00 - Inglês (segunda a sexta-feira)

14:00 - Alemão

15:00 - Português

16:00 - Polaco

17:00 - Espanhol

Fátima no mundo - episódios I e II

Documentário.

Disponível em português, espanhol, inglês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 51 minutos cada episódio.

O dia em que o sol bailou

História das aparições em desenhos animados; especialmente dirigido a crianças.

Disponível em português.

Duração: 35 minutos.

Santíssima Trindade, adoro-Vos profundamente

Documentário sobre as aparições do Anjo.

Disponível em Português.

Duração: 25 minutos.

Todo teu, todo nosso - João Paulo II, peregrino e apóstolo de Fátima

Documentário sobre o papa João Paulo II e sua relação com Fátima.

Disponível em português.

Duração: 15 minutos.

Quereis oferecer-vos a Deus?

Documentário sobre a primeira aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos.

Disponível em português.

Duração: 25 minutos.

Os Três Pastorinhos de Fátima

Documentário sobre os videntes Lúcia, Francisco e Jacinta.

Disponível em português, espanhol, italiano e inglês.

Duração: 51 minutos.

Fátima e os Papas

Documentário que aborda a ligação dos Papas à Mensagem de Fátima, desde Bento XV até Bento XVI.

Disponível em português, espanhol, italiano e inglês.

Duração: 51 minutos.

VISITAS GUIADAS

A secção de Informações orienta visitas guiadas gratuitas a grupos que não tenham guia, mediante marcação (reservas: info@fatima.pt).

LUGARES A VISITAR:

Casas dos Pastorinhos

1 de maio a 31 de outubro: 09:00 às 13:00 e 14:30 às 18:30;

1 de novembro a 30 de abril: 09:00 às 13:00 e 14:00 às 18:00.

Entrada livre.

Casa-Museu de Aljustrel (encerra à segunda-feira)

1 de maio a 31 de outubro: 09:00 às 13:00 e 14:30 às 18:30;

1 de novembro a 30 de abril: 09:00 às 13:00 e 14:00 às 18:00.

Exposição permanente “Fátima Luz e Paz” (encerra à segunda-feira e dias 13 de manhã, de maio a outubro)

Terça a quinta-feira e sábado: 09:00 às 12:00 e 14:30 às 17:30;

Sexta-feira: 09:00 às 12:00 e 15:00 às 17:00;

Domingos, dias santos e feriados: 09:00 às 12:00 e 14:30 às 16:30.

Exposição temporária evocativa da aparição de julho de 1917 “Segredo e Revelação”

Convivium de Santo Agostinho

30 de novembro de 2013 a 31 de outubro de 2014.

Segunda-feira a domingo: 09:00 às 19:00.

Entrada livre.



VII. Calendário de atividades



Calendário Oficial

Novembro de 2013

30	Sáb	S. André, apóstolo – FESTA Jornada de apresentação do tema do ano pastoral de 2013-2014 Abertura da exposição sobre o tema do ano pastoral
----	-----	--

Dezembro de 2013

01	Dom	I do Advento Início do ano pastoral de 2013-2014 Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima
02	Seg	
03	Ter	
04	Qua	
05	Qui	17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
06	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
07	Sáb	Primeiro sábado (pág. 231) S. Ambrósio, bispo e doutor da Igreja – MO Vigília da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria 21:30 – Rosário, na Capelinha, e procissão das velas para a Basílica da Santíssima Trindade, seguindo-se o canto do Hino <i>Akathistos</i>
08	Dom	II do Advento Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE Padroeira Principal de Portugal 11:00 – Missa, no Recinto 16:00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário: 1.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>Maria, nossa Mãe</i> .

09	Seg	
10	Ter	Reunião do Conselho Nacional para o Santuário de Fátima Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
11	Qua	
12	Qui	17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento 21:30 – Rosário e procissão das velas
13	Sex	Peregrinação mensal (pág. 230) S. Luzia, virgem e mártir - MO 11:00 – Missa votiva da Virgem Maria, filha eleita de Israel Gen 12,1-7; Mt 1,1-17 (Lec VSM, 23 / MVSM, 33) 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Retiro do Movimento Esperança e Vida de Leiria-Fátima
14	Sáb	S. João da Cruz, presbítero e doutor da Igreja – MO Leituras da fêria 21:30 – Rosário e procissão das velas
15	Dom	III do Advento Bênção das imagens do Menino Jesus na Missa das 11:00
16	Seg	
17	Ter	Reunião do Conselho de Finanças do Santuário de Fátima – COFI
18	Qua	
19	Qui	17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Capelães – COCA Encontro do Reitor com as Comunidades Religiosas de Fátima Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima Encontro da CIRP de Leiria-Fátima
20	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
21	Sáb	"Um Dia com as Crianças" (pág. 231) 21:30 – Rosário e procissão das velas
22	Dom	IV do Advento Festa de Natal dos funcionários e voluntários do Santuário de Fátima 15:00 – Concerto de Natal
23	Seg	
24	Ter	Vigília Natalícia, na Basílica da Santíssima Trindade 23:00 – Missa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo Não há rosário às 21:30

25	Qua	Natal do Senhor – SOLENIDADE Programa dos domingos Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus Ofertório para os pobres Durante a oitava do Natal, meditam-se os mistérios gozosos do rosário
26	Qui	2.º dia da oitava do Natal S. Estêvão, primeiro mártir – FESTA 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
27	Sex	3.º dia da oitava do Natal S. João, apóstolo e evangelista – FESTA 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
28	Sáb	4.º dia da oitava do Natal Santos Inocentes, mártires – FESTA 21:30 – Rosário e procissão das velas
29	Dom	5.º dia da oitava do Natal Sagrada Família de Jesus, Maria e José – FESTA Consagração das Famílias
30	Seg	6.º dia da oitava do Natal
31	Ter	7.º dia da oitava do Natal Ação de Graças pelo ano findo 22:00 – Missa com <i>Te Deum</i> de Ação de Graças, na Basílica da Santíssima Trindade. A seguir, procissão para a Capelinha e recitação do rosário 00:00 – Toque do carrilhão, consagração ao Imaculado Coração de Maria e gesto da Paz 00:30 – Chá-convívio Não há rosário às 21:30

Janeiro de 2014

01	Qua	Santa Maria, Mãe de Deus – SOLENIDADE XLVII Dia Mundial da Paz Programa dos domingos Ofertório para os pobres Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus (exceto 15:00) Após a missa das 15:00, procissão eucarística pela Paz no mundo, para o Altar do Recinto, no 54.º aniversário do Lausperene. Far-se-á o ofertório no momento próprio Neste dia não há rosário, às 16:00, nem vésperas
----	-----	--



02	Qui	17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima – COAD
03	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
04	Sáb	Primeiro sábado (pág. 231) Missa votiva da Virgem Maria, Mãe do Salvador Is 9,1-3.5-6; Salmo 95; Lc 2,1-14 (Missal VSM, 50 / Lec VSM, 40) 21:30 – Rosário e procissão das velas <i>Movimento da Mensagem de Fátima – Adoração com crianças</i>
05	Dom	Epifania do Senhor – SOLENIDADE Nas missas deste dia, depois do Evangelho, anunciam-se as festas móveis. Reunião de Pais e Encarregados de Educação dos Acólitos do Santuário de Fátima
06	Seg	<i>Retiro do Movimento Esperança e Vida – Lourinhã (06-08)</i> <i>Curso de Noviços da CIRP (06-10)</i>
07	Ter	
08	Qua	
09	Qui	17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
10	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Curso sobre a Mensagem de Fátima (10-12) / Encontro de Formação para Voluntários dos Postos de Acolhimento e Informações do Santuário de Fátima (10-12) <i>Jornadas Nacionais da Pastoral do Turismo (10-11)</i>
11	Sáb	Missa votiva de Nossa Senhora de Nazaré Gal 4,4-7; Lc 2,22.39-40 (Lec VSM, 49 / MVSM, 59) 21:30 – Rosário e procissão das velas <i>Movimento da Mensagem de Fátima – Encontro de responsáveis dos retiros de doentes</i>
12	Dom	Batismo do Senhor – FESTA 16:00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário: 2.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>E tu? Sofres muito?</i> 21:30 – Rosário e procissão das velas
13	Seg	Peregrinação mensal (pág. 230) Missa votiva de Santa Maria, Mãe do Senhor 1Cor 15,3-4.15-16; 16,1-2; Lc 1,39-47 (Lec VSM, 95 / MVSM, 107) Encontro da Associação de Reitores de Santuários de Portugal (13-14)
14	Ter	<i>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</i>
15	Qua	

16	Qui	17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima Encontro da Association Oeuvres Mariales – AOM (Paris, França) (16-17)
17	Sex	Aniversário da restauração da diocese de Leiria-Fátima 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
18	Sáb	“Um Dia com as Crianças” (pág. 231) Missa votiva pela unidade dos cristãos Col 3,9b-17; Jo 10,11-16 (MR 1204 / Lec VIII, 642, 647) Início do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos 21:30 – Rosário e procissão das velas Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima – Encontro das instituições que dão assistência aos peregrinos a pé Encontro da Comissão Episcopal Laicado e Família
19	Dom	II do Tempo Comum Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos Encontro Movimento Espiritualidade da Sagrada Família
20	Seg	Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos Formação Permanente do Clero da diocese de Leiria-Fátima (1.º turno) (20-24)
21	Ter	Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos Encontro do Coordinamento Nazionale Pellegrinaggi Italiani – CNPI (Itália) (21-22)
22	Qua	Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos
23	Qui	Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
24	Sex	S. Francisco de Sales, bispo e doutor da Igreja - MO Ef 3,8-12; Sl 36; Jo 15,9-17 (Lec VII, 535, 520) Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro dos Mensageiros Reparadores – 1.º turno (24-26) Encontro do Secretariado Nacional da Educação Cristã (24-26) Encontro da Comissão da Pastoral das Vocações – CIRP (24-26)
25	Sáb	Conversão de S. Paulo, apóstolo - FESTA Encerramento do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos 21:30 – Rosário e procissão das velas
26	Dom	III do Tempo Comum Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima



27	Seg	Congresso da Association des Recteurs de Sanctuaires - ARS (Mont-Sainte-Odile, Alsace - França) (27-29) Formação Permanente do Clero da diocese de Leiria-Fátima (2.º turno) (27-31)
28	Ter	
29	Qua	
30	Qui	17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Encontro de Guias-Intérpretes (30-31)
31	Sex	S. João Bosco, presbítero - MO Fil 4,4-9; Mt 18 1-5 (Lec VII, 595, 610) 17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro dos Mensageiros Reparadores - 2.º turno (31-02) Encontro das Antigas Jacistas (31-02)

Fevereiro de 2014

01	Sáb	Primeiro sábado (pág. 231) Missa votiva do Imaculado Coração de Maria Is 61,9-11; Lc 2,41-51 (MR 857; Lec VII, 162) 21:30 - Rosário e procissão das velas Encontro dos Ministros Extraordinários da Comunhão da diocese de Leiria-Fátima
02	Dom	IV do Tempo Comum Apresentação do Senhor - FESTA 10:00 - Rosário, na Capelinha, e procissão das velas para a Basílica da Santíssima Trindade 11:00 - Missa, na Basílica da Santíssima Trindade, com a renovação dos votos dos consagrados Ofertório para a Universidade Católica No rosário meditam-se os mistérios gozosos Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima
03	Seg	Curso de Formadores da CIRP (03-07)
04	Ter	S. João de Brito, presbítero e mártir - MO 2Cor 4,7-15; Mc 6,7-17 (Lec VII, 468, 95)
05	Qua	S. Águeda, virgem e mártir - MO
06	Qui	17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima - CODIS Encontro de Hoteleiros de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro das Mensageiras do Coração Imaculado de Maria - 1.º turno (06-09)

07	Sex	Cinco Chagas do Senhor – FESTA 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
08	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, amparo da Fé Judite 13,14,17-20; Lc 11,27-28 (Pec VSM, 157 /MVSM, 169) 21:30 – Rosário e procissão das velas
09	Dom	V do Tempo Comum 16:00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário: 3.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>Porque está Nosso Senhor assim pregado na cruz? Porque morreu por nós.</i> <i>Peregrinação e bênção dos ciclistas</i>
10	Seg	
11	Ter	Nossa Senhora de Lourdes – MO Is 66,10-14c; Jo 2,1-11 (Lec VII, 104, 448) Dia Mundial do Doente: 14:00 – Rosário, na Capelinha 15:00 – Palestra aos doentes, na Basílica da Santíssima Trindade 15:30 – Preparação da unção dos doentes 16:15 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade 13.º Aniversário da ordenação episcopal de D. António Marto <i>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</i>
12	Qua	21:30 – Rosário e procissão das velas
13	Qui	<i>Peregrinação mensal (pág. 230)</i> Missa votiva da Virgem Maria, Mãe da Consolação Is 61,1-3,10-11; Mt 5,1-12 (Lec VSM, 182 /MVSM, 193) 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento 9.º Aniversário do falecimento da Irmã Lúcia Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima
14	Sex	S. Cirilo, monge, e S. Metódio, bispo, Padroeiros da Europa – FESTA 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião sobre as vigílias noturnas das peregrinações aniversárias de 12-13 de maio a outubro
15	Sáb	“Um Dia com as Crianças” (pág. 231) Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1Sam 3,1,3-10; Mt 18,1-5 21:30 – Rosário e procissão das velas Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima <i>Família da Consolata</i> <i>Movimento da Mensagem de Fátima – Encontro de Guias de peregrinos a pé (15-16)</i>
16	Dom	VI do Tempo Comum
17	Seg	
18	Ter	Conselho Presbiteral da diocese de Leiria-Fátima
19	Qua	Vigília da Festa Litúrgica dos Beatos Francisco e Jacinta Marto

20	Qui	Bb. Francisco e Jacinta Marto – FESTA 1Sam 3,13-10; Mt 18,1-5 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento 94.º aniversário do falecimento da Beata Jacinta Marto
21	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
22	Sáb	Cadeira de S. Pedro, Apóstolo – FESTA 21:30 – Rosário e procissão das velas
23	Dom	VII do Tempo Comum Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima
24	Seg	
25	Ter	Encontro dos padres colaboradores do rosário das 18:30
26	Qua	
27	Qui	17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima – COAD
28	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC



Março de 2014

01	Sáb	Primeiro sábado (pág. 231) Missa votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13,17-20; 15,9; Lc 11,27-28 (Lec VSM, 128; MVSM, 141) 21:30 – Rosário e procissão das velas Movimento da Mensagem de Fátima – Adoração com crianças Apostolado de la Oración – Espanha (01-04) Semana de Estudos da Vida Consagrada (01-04) Encontro Interdiocesano de Catequistas – Zona Centro (01-02)
02	Dom	VIII do Tempo Comum
03	Seg	Atividade de Inverno para os Acólitos do Santuário de Fátima, na Serra da Estrela
04	Ter	Carnaval Passeio dos Capelães do Santuário de Fátima

05	Qua	<p>Cinzas – Início da Quaresma</p> <p>Dia de jejum e abstinência</p> <p>Programa próprio (Basílica de Nossa Senhora do Rosário)</p> <p>09:00 – Missa</p> <p>10:00 – 10:30 – Adoração individual</p> <p>10:30 – 11:00 – Adoração comunitária</p> <p>11:00 – Missa</p> <p>12:00 – 12:30 – Adoração individual</p> <p>12:30 – 13:00 – Adoração comunitária</p> <p>13:00 – 14:00 – Adoração individual</p> <p>14:00 – 15:00 – Adoração comunitária</p> <p>15:00 – Missa</p> <p>16:00 – 16:30 – Adoração individual</p> <p>16:30 – Missa</p> <p>17:30 – 18:00 – Adoração individual</p> <p>18:00 – 18:30 – Adoração comunitária</p> <p>18:30 – Missa</p>
06	Qui	<p>17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento</p> <p>Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS</p>
07	Sex	<p>14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima)</p> <p>17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento</p> <p>Reunião com os padres comentadores das peregrinações aniversárias de 12-13 de maio a outubro</p>
08	Sáb	<p>S. João de Deus, religioso (apenas a coleta)</p> <p>Reunião geral dos Colaboradores Voluntários do Santuário de Fátima</p> <p>Centros de Preparação para o Matrimónio (08-09)</p> <p>Encontro do Grupo da Imaculada</p>
09	Dom	<p>I da Quaresma</p> <p>14:00 – Via-sacra, no Recinto</p> <p>16:00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário: 4.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>Não façam isso, que ofendem a Nosso Senhor, e Ele já está tão ofendido.</i></p> <p>Retiro dos funcionários do Santuário de Fátima (1.º turno) (09-12)</p> <p>Caminhada da Paz</p>
10	Seg	<p>Retiro da Quaresma da CIRP de Leiria-Fátima</p> <p>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</p> <p>Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de doentes e deficientes físicos (10-13)</p> <p>Retiro da Conferência Episcopal Portuguesa (10-14)</p>
11	Ter	104.º aniversário do nascimento da Beata Jacinta Marto
12	Qua	21:30 – Rosário



13	Qui	Peregrinação mensal (pág. 230) 11:00 – Missa votiva da Virgem Maria, mãe da reconciliação 2Cor 5:17-21; Jo 19,25-27 (Missal VSM, 86 / Lec VSM, 74) 1.º aniversário da eleição do Papa Francisco 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento
14	Sex	14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
15	Sáb	“Um Dia com as Crianças” (pág. 231) Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Familia Carmelita (15-16)
16	Dom	II da Quaresma 14:00 – Via-sacra, no Recinto Congregação do Amor de Deus – Jubileu do 150.º aniversário de fundação
17	Seg	Retiro do Clero do Patriarcado (17-21)
18	Ter	À tarde: missa vespertina da solenidade Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (18-19)
19	Qua	S. José, esposo da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE 1.º aniversário da solene inauguração do Pontificado do Papa Francisco
20	Qui	17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima – COCA Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (20-23)
21	Sex	14:00 – Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Evocação das Aparições do Anjo: 21:30 – Rosário e procissão aos locais das Aparições do Anjo
22	Sáb	107.º aniversário do nascimento da Irmã Lúcia Pessoal das Telecomunicações (22-23)
23	Dom	III da Quaresma Ofertório para a Cáritas Portuguesa 14:00 – Via-sacra, no Recinto Retiro dos funcionários do Santuário de Fátima (2.º turno) (23-26)
24	Seg	À tarde: missa vespertina da solenidade Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (24-27)
25	Ter	Anunciação do Senhor – SOLENIDADE No rosário meditam-se os mistérios gozosos 21:30 – Rosário e procissão das velas
26	Qua	
27	Qui	17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário de Fátima – COPA

28	Sex	14:00 - Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) 17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC Curso de Postulantes da CIRP (28-30) Encontro organizado pelos Padres Agostinhos (28-30)
29	Sáb	Movimento da Mensagem de Fátima - Dia de Deserto Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus Arautos do Evangelho
30	Dom	IV da Quaresma 14:00 - Via-sacra, no Recinto
31	Seg	

Abril de 2014

01	Ter	Jornadas Interescolas dos alunos de Educação Moral e Religiosa Católica do 2.º e 3.º ciclos da diocese de Lisboa Movimento da Mensagem de Fátima - Peregrinação de Idosos (01-02)
02	Qua	
03	Qui	17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima - COAD Reunião do Conselho de Finanças do Santuário de Fátima - COFI Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de doentes e deficientes físicos (03-06)
04	Sex	14:00 - Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) 17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento 95.º aniversário do falecimento do Beato Francisco Marto
05	Sáb	Primeiro Sábado (pág. 231) Missa votiva da Virgem Maria junto à cruz do Senhor (I) Rom 8,31b-39; Jo 19,25-27 (Lec VSM, 65 / MVSM, 73)
06	Dom	V da Quaresma 14:00 - Via-sacra, no Recinto Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima
07	Seg	S. João Baptista de La Salle (apenas a coleta)
08	Ter	Movimento da Mensagem de Fátima - Peregrinação de Idosos (08-09)
09	Qua	
10	Qui	17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima - CODIS Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de doentes e deficientes físicos (10-13)

11	Sex	14:00 - Via-sacra, na Colunata (Religiosas de Fátima) 17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC
12	Sáb	21:30 - Rosário <i>Sociedade de S. Vicente de Paulo (12-13)</i>
13	Dom	Peregrinação mensal (pág. 230) Ramos na Paixão do Senhor Semana Santa Dia Mundial da Juventude 10:25 - Bênção dos ramos e procissão 11:00 - Missa, no Recinto 14:00 - Via-sacra, no Recinto 17:30 - Vésperas, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário Não há rosário às 10:00 16:00 - Basílica de Nossa Senhora do Rosário: 5. ^a Conferência sobre o tema do ano: <i>Quereis oferecer-vos a Deus?</i>
14	Seg	
15	Ter	
16	Qua	
17	Qui	Quinta-feira Santa 09:00 - Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário 14:30 - Vídeo, na sala de projeções: <i>Via-sacra do peregrino</i> 18:00 - Missa vespertina da Ceia do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade 23:00 - Oração comunitária, na Capela da Morte de Jesus: Agonia de Jesus Ofertório para os pobres
18	Sex	Sexta-feira da Paixão do Senhor 00:00 - às 03:00 - Via-sacra aos Valinhos, com início na Capelinha 09:00 - Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário 15:00 - Celebração da Paixão do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade 21:00 - Via-sacra, no Recinto Ofertório para os Lugares Santos de Jerusalém
19	Sáb	Sábado Santo 09:00 - Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário 10:30 - Vídeo, na sala de projeções: <i>Via-sacra papal</i> 12:00 - Rosário, na Capelinha 15:00 - Oração a Nossa Senhora da Soledade, na Capelinha 17:30 - Vésperas, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário 22:00 - Vigília Pascal, na Basílica da Santíssima Trindade, seguida de procissão eucarística para a Capela do Santíssimo Sacramento

20	Dom	Páscoa da Ressurreição do Senhor – SOLENIDADE Início do programa de Verão 10:00 – Rosário, na Capelinha 11:00 – Missa, no Recinto 17:30 – Procissão eucarística, no Recinto 21:30 – Rosário e procissão das velas No rosário, durante a oitava da Páscoa, meditam-se os mistérios gloriosos
21	Seg	Oitava da Páscoa Início da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria Reunião com as Religiosas de Fátima sobre a Hora de Reparação Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (21-24)
22	Ter	Oitava da Páscoa
23	Qua	Oitava da Páscoa
24	Qui	Oitava da Páscoa 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima
25	Sex	Oitava da Páscoa Feriado nacional Programa dos domingos VI Encontro de Coros Infantis Curso Sub 10 da CIRP (25-27) Movimento da Mensagem de Fátima/Setor Juvenil – Curso de aprofundamento da Mensagem de Fátima (25-27)
26	Sáb	Oitava da Páscoa Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Movimento Esperança e Vida (26-27) Encontro das Reparadoras Missionárias da Santa Face (26-27)
27	Dom	II da Páscoa e da Divina Misericórdia Canonização dos Papas João Paulo II e João XXIII – Vaticano
28	Seg	S. Luís Maria Grignon de Monfort – MO Leituras da fêria Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (28-01) Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (28-01)
29	Ter	S. Catarina de Sena, virgem e doutora da Igreja, Padroeira da Europa – FESTA
30	Qua	



Maio de 2014

01	Qui	S. José, operário – MO Gen 1,26 – 2,3; Mt 13,54-58 (Lec VII, 134) Feriado nacional Programa dos domingos
02	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
03	Sáb	Primeiro sábado (pág. 231) S. Filipe e S. Tiago, Apóstolos – FESTA Grupo Oração das Mães Fátima Jovem (03-04)
04	Dom	III da Páscoa Dia da Mãe Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima Movimento Apostólico de Schoenstatt – 100.º aniversário
05	Seg	67.º aniversário natalício de D. António Marto Retiro da CIRP de Leiria-Fátima
06	Ter	Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (06-07)
07	Qua	19.º Aniversário da ordenação presbiteral do Reitor do Santuário de Fátima
08	Qui	Missa votiva da Santíssima Eucaristia Leituras da fêria 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
09	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
10	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, fonte da luz e da vida Actos 2,14a,36-40a,41-42; Jo 12,44-50 (Lec VSM, 82; MVSM, 94) Encontro da Congregação das Religiosas Escravas da Santíssima Eucaristia e da Mãe de Deus Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Dom	IV da Páscoa Domingo do Bom Pastor Dia Mundial de Oração pelas Vocações Início da Semana da Vida 18:30 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade – Peregrinos a Pé Diocese de Santarém
12	Seg	Peregrinação Internacional Aniversária Conferência de Imprensa



13	Ter	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA Nossa Senhora de Fátima - SOLENIDADE 1L - Ap 21,15a; 2L - Ef 1,3-6.11-12; Ev - Mt 12,46-50 (Lec VII, 431, 435, 440) 14.º aniversário da beatificação de Francisco e Jacinta Marto Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
14	Qua	S. Matias, Apóstolo - FESTA
15	Qui	09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima - COAD Reunião da Comissão Técnica de Gestão Económico-financeira do Santuário de Fátima - COGEF
16	Sex	17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
17	Sáb	"Um Dia com as Crianças" (pág. 231) Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1Sam 3,1,3-10; Mt 18,1-5 Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima - Dia de Deserto Familia Salesiana (17-18) Adoración Nocturna - Espanha (17-19)
18	Dom	V da Páscoa
19	Seg	
20	Ter	
21	Qua	
22	Qui	09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima - CODIS Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de doentes e deficientes físicos (22-25)
23	Sex	17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC
24	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos Actos 1,12-14; 2,1-4; Jo 19,25-27 (Lec VSM, 89; MVSM, 102) Colégios de Fomento Movimento da Mensagem de Fátima - Adoração com crianças Movimento Encontro Matrimonial (24-25) Encontro dos Colégios Maristas
25	Dom	VI da Páscoa Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima



26	Seg	Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de doentes e deficientes físicos (26-29)
27	Ter	Assembleia do Clero da diocese de Leiria-Fátima Federação das Associações de Feirantes
28	Qua	
29	Qui	Rogações Missa pela santificação do trabalho humano 1Tes 4,1b-2.9-12; Mt 25,14-30 (MR, 1224 / Lec VIII, 788, 791) 09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento
30	Sex	17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Simpósio teológico-pastoral sobre o tema do ano (30-01)
31	Sáb	Visitação de Nossa Senhora - FESTA No rosário meditam-se os mistérios gozosos Movimento da Mensagem de Fátima - Dia de Deserto

Junho de 2014

01	Dom	VII da Páscoa Ascensão do Senhor - SOLENIDADE Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social - Ofertório Dia Nacional do Cigano Associação Amigos da Irmã Wilson Família Dehoniana
02	Seg	
03	Ter	Conselho Presbiteral da diocese de Leiria-Fátima
04	Qua	
05	Qui	S. Bonifácio, bispo e mártir - MO 09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário de Fátima - COPA
06	Sex	17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Curso sobre a Mensagem de Fátima (06-08) Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC
07	Sáb	Primeiro sábado (pág. 231) Is 61,9-11; Lc 2,41-51 (MR, 857; Lec VII, 162)
08	Dom	Pentecostes - SOLENIDADE
09	Seg	X semana do Tempo Comum

10	Ter	S. Anjo da Guarda de Portugal – MO Feriado nacional Peregrinação das Crianças Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Qua	106.º aniversário do nascimento do Beato Francisco Marto
12	Qui	Peregrinação Internacional Aniversária
13	Sex	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA À tarde: S. António de Lisboa, padroeiro secundário de Portugal – FESTA 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
14	Sáb	Missa votiva de Santa Maria, discípula do Senhor Sir 5,18-24.27-30; Lc 2,41-52 (Lec VSM, 61 / MVSM, 69) Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima Missionários da Boa Nova (14-15)
15	Dom	XI do Tempo Comum Santíssima Trindade – SOLENIDADE
16	Seg	Jornadas Pastorais da Conferência Episcopal Portuguesa (16-18)
17	Ter	Reunião com os delegados diocesanos para a Peregrinação Nacional com a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (17-18) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
18	Qua	
19	Qui	Missa votiva do Espírito Santo Leituras da féria 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima Diocese das Forças Armadas e de Segurança (19-20) Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (19-22)
20	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Dia do Município de Ourém Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
21	Sáb	“Um Dia com as Crianças” (pág. 231) S. Luís Gonzaga, religioso – MO 1Jo 5,1-5; Mt 22,34-40 (Lec VII, 602, 614) Jubileu das Vocações da diocese de Leiria-Fátima Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto



22	Dom	XII do Tempo Comum Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo – SOLENIDADE 21:30 – Rosário e procissão eucarística Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima Retiro do Movimento Esperança e Vida (22-23)
23	Seg	À tarde: missa da vigília do nascimento de S. João Baptista
24	Ter	Nascimento de S. João Baptista – SOLENIDADE Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (24-25)
25	Qua	Aniversário da tomada de posse de D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima
26	Qui	Missa votiva de Santa Maria, templo do Senhor 1Reis 8,1,3-7,9-11; Salmo 83; Lc 1,26-38 (Missal VSM, 122 / Lec VSM, 109) À tarde: missa vespertina da solenidade 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima – COCA Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (26-29)
27	Sex	Sagrado Coração de Jesus – SOLENIDADE 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
28	Sáb	Imaculado Coração de Maria – Festa Is 61,9-11; Lc 2,41-51 (Lec VII, 162, 164; MR, 857) Diocese de Coimbra
29	Dom	XIII do Tempo Comum S. Pedro e S. Paulo, apóstolos – SOLENIDADE Ofertório para a Cadeira de S. Pedro – Santa Sé Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima
30	Seg	Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (30-03)

Julho de 2014

01	Ter	
02	Qua	
03	Qui	S. Tomé, apóstolo – FESTA 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima – COAD Reunião do Conselho de Finanças do Santuário de Fátima – COFI

04	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
05	Sáb	Primeiro sábado (pág. 231) Missa votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13,17-20; 15,9; Lc 11,27-28 (Missal VSM, 142 / Lec VSM, 128) Familia Espiritana (05-06)
06	Dom	XIV do Tempo Comum
07	Seg	
08	Ter	Reunião do Conselho Nacional para o Santuário de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (08-09) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
09	Qua	
10	Qui	Missa votiva da Virgem Maria, Mãe do bom conselho Actos 1,12-14; 2,1-4; Sir 14; Jo 2,1-11 (Missal VSM, 163 / Lec VSM, 149) 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Sex	S. Bento, Abade, padroeiro da Europa – FESTA 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
12	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos Actos 1,12-14; 2,1-4; Salmo 86; Jo 19,25-27 (Missal VSM, 103 / Lec VSM, 89) Peregrinação Internacional Aniversária
13	Dom	Domingo XV do Tempo Comum PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA
14	Seg	Retiro do Clero (14-18)
15	Ter	Reunião com os seminaristas maiores colaboradores no 1.º turno de voluntariado
16	Qua	Nossa Senhora do Carmo – Festa Zac 2,14-17; Mt 12,46-50 (Lec VII, 426, 440) Seminaristas maiores: 1.º turno de voluntariado (16-31)
17	Qui	Bb. Inácio de Azevedo, presbítero, e Companheiros, mártires – MO Missa votiva da SS. Trindade Leituras da fêria 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima



18	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
19	Sáb	"Um Dia com as Crianças" (pág. 231) Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1Sam 3,1,3-10; Mt 18,1-5 Reunião geral dos Colaboradores Voluntários do Santuário de Fátima <i>Movimento da Mensagem de Fátima (19-20)</i>
20	Dom	XVI do Tempo Comum
21	Seg	
22	Ter	<i>Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (22-25)</i>
23	Qua	S. Brígida, religiosa, padroeira da Europa – FESTA
24	Qui	Missa votiva de Nossa Senhora, rainha da Paz Is 9,1-3,5-6; Lc 1,26-38 (Missal VSM, 210 / Lec VSM, 200) 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento
25	Sex	S. Tiago, apóstolo – FESTA 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento <i>Assembleia Nacional das Oficinas de Oração e Vida (25-27)</i>
26	Sáb	S. Joaquim e Santa Ana, pais da Virgem Santa Maria – MO Dia dos Avós 11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade, com consagração dos avós a Nossa Senhora 14:00 – Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha 15:00 – Encontro com os avós <i>Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto</i>
27	Dom	XVII do Tempo Comum
28	Seg	Encontro de Pastoral Litúrgica (28-01)
29	Ter	
30	Qua	
31	Qui	S. Inácio de Loyola, presbítero – MO 1Cor 10,31 – 11,1; Lc 14,25-33 (Lec VII, 227; 634) 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião com os seminaristas maiores colaboradores no 2.º turno de voluntariado

Agosto de 2014

01	Sex	S. Afonso Maria de Ligório, bispo e doutor da Igreja – MO Rom 8,1-4; Mt 5,13-19 (Lec VII, 229, 538) 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Seminaristas maiores: 2.º turno de voluntariado (1-15)
02	Sáb	Primeiro sábado (pág. 231) Missas votiva do Imaculado Coração de Maria Is 61,9-11; Lc 2,41-51 (Lec VII, 162, 164; MR 857)
03	Dom	XVIII do Tempo Comum <i>Acolhedores dos Postos de Informações</i>
04	Seg	Passeio dos Colaboradores Voluntários do Santuário de Fátima <i>Retiro das Missionárias de Cristo Sacerdote (04-08)</i>
05	Ter	<i>Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (05-06)</i>
06	Qua	Transfiguração do Senhor – FESTA No rosário meditam-se os mistérios luminosos Encontro de confessores do Santuário de Fátima
07	Qui	Missas votiva da Santíssima Eucaristia Leituras da féria 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
08	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
09	Sáb	S. Teresa Benedita da Cruz, virgem e mártir, Padroeira da Europa – FESTA
10	Dom	Domingo XIX do Tempo Comum Início da Semana Nacional da Mobilidade Humana Movimento da Mensagem de Fátima – <i>Retiro de doentes e deficientes físicos (10-13)</i>
11	Seg	S. Clara, virgem – MO 18:30 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade – Peregrinos a Pé
12	Ter	Peregrinação Internacional Aniversária Conferência de imprensa
13	Qua	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA À tarde: Missa Votiva da Virgem Maria, Mãe da Reconciliação 2Cor 5,17 – 21; Jo 19,25 – 27 (MVSM, 85 / Lec VSM, 74) No final da procissão das velas faz-se a evocação da queda do Muro de Berlim, junto ao monumento



14	Qui	<p>À tarde: missa vespertina da solenidade 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Vigília da Assunção da Virgem Santa Maria 21:30 – Rosário, na Capelinha, e procissão das velas para o Altar do Recinto 22:30 – Canto do Hino Akathistos e da Ladainha de Nossa Senhora Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima</p>
15	Sex	<p>Assunção da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE Programa dos domingos Reunião com os seminaristas maiores colaboradores no 3.º turno de voluntariado</p>
16	Sáb	<p>“Um Dia com as Crianças” (pág. 231) S. Estêvão da Hungria – MO Deut 6,3-9; Mt 25,14-30 (Lec VII, 560, 616) Seminaristas maiores: 3.º turno de voluntariado (16 a 31 de agosto) Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto</p>
17	Dom	<p>XX do Tempo Comum Ofertório para a Pastoral da Mobilidade Humana</p>
18	Seg	<p>Retiro do Renovamento Carismático de Espanha (18-24)</p>
19	Ter	<p>97.º aniversário da 4.ª aparição de Nossa Senhora Missa votiva de Nossa Senhora de Fátima 10:00 – Rosário, na Capelinha 10:45 – Procissão para a Basílica da Santíssima Trindade 11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade 21:30 – Rosário e procissão aos Valinhos, com início na Capelinha (não levar velas) Não há Rosário às 12:00 A missa das 12:30 é celebrada na Basílica de Nossa Senhora do Rosário Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos</p>
20	Qua	
21	Qui	<p>S. Pio X, papa – MO 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS</p>
22	Sex	<p>Virgem Santa Maria, rainha – MO Is 9,1-6; Lc 1,26-38 (Lec VII, 258) 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento No rosário meditam-se os mistérios gloriosos Movimento da Mensagem de Fátima – Assembleia de Mensageiras do Coração Imaculado de Maria (22-24)</p>
23	Sáb	<p>Missa votiva da Virgem Maria, auxílio dos cristãos Ap 12,1-3.7-12ab.17; Judite 16; Jo 2,1-11 (Missal VSM, 198 / Lec VSM, 187)</p>
24	Dom	<p>XXI do Tempo Comum</p>

25	Seg	Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de doentes e deficientes físicos (25-28) Retiro do Clero (25-29)
26	Ter	
27	Qua	
28	Qui	S. Agostinho, bispo e doutor da Igreja - FESTA 1Jo 4,7-16; Mt 23,8-12 (Lec VII, 268) 09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Retiro da União Missionária Franciscana (28-01)
29	Sex	17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC
30	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, Mãe da Consolação 2Cor 1,3-7; Jo 14,15-21.25-27 (Missal VSM, 193 / Lec VSM, 183, 185) Movimento da Mensagem de Fátima - Dia de Deserto
31	Dom	XXII do Tempo Comum Semana de formação dos Acólitos do Santuário de Fátima, na Serra da Estrela (31-06)

Setembro de 2014

01	Seg	
02	Ter	
03	Qua	
04	Qui	Missa votiva da Santíssima Eucaristia Leituras da féria 09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento
05	Sex	Missa votiva do Sagrado Coração de Jesus Os 11,1-9; Mt 11,25-30 (MR, 1259 / Lec VIII, 1041, 1051) 17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Movimento da Mensagem de Fátima - Reunião do Conselho Nacional (05-06)
06	Sáb	Primeiro sábado (pág. 231) Missa votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13,17-20; 15,9; Lc 11,27-28 (Missal VSM, 142 / Lec VSM, 128) Convívios Fraternos (06-07)





07	Dom	XXIII do Tempo Comum
08	Seg	Natividade da Virgem Santa Maria - FESTA
09	Ter	Movimento da Mensagem de Fátima - Peregrinação de Idosos (09-10) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
10	Qua	Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Qui	Missa votiva da Santíssima Trindade Leituras da fêria 09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima - CODIS Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima - COAD
12	Sex	Santíssimo Nome de Maria - MO Gal 4,4-7; Lc 1,39-47 (Lec VII, 434, 442) Peregrinação Internacional Aniversária (vigília com funcionários e colaboradores voluntários do Santuário de Fátima)
13	Sáb	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA
14	Dom	XXIV do Tempo Comum Exaltação da Santa Cruz - FESTA
15	Seg	Nossa Senhora das Dores - FESTA Hebr 5,7-9; Jo 19,25-27 (Lec VII, 284) Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de doentes e deficientes físicos (15-18) Retiro do Clero (15-19) Encontro intercapitular das Irmãs Teresianas (15-28)
16	Ter	S. Cornélio, papa, e S. Cipriano, bispo, mártires - MO
17	Qua	
18	Qui	Missa votiva da Sagrada Família Leituras da fêria 09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima - CODIS Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima
19	Sex	17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC

20	Sáb	"Um Dia com as Crianças" (pág. 231) SS. André Kim Taegon, presbítero, Paulo Chang Hasang e Companheiros, mártires - MO Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima - Dia de Deserto Familia Passionista Movimento da Mensagem de Fátima - Encontro de doentes da diocese de Leiria-Fátima
21	Dom	XXV do Tempo Comum
22	Seg	
23	Ter	S. Pio de Pietrelcina, presbítero - MO Movimento da Mensagem de Fátima - Peregrinação de Idosos (23-24)
24	Qua	
25	Qui	Missa votiva da Virgem Maria, mãe da divina providência Is 66,10-14c; Sl 130; Jo 2,1-11 (Missal da VSM, 191 / Lec VSM, 179) 09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento
26	Sex	17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
27	Sáb	S. Vicente de Paulo, presbítero - MO 1Cor 1,26-31; Mt 9,35-38 (Lec VII, 292, 510) Movimento da Mensagem de Fátima - Dia de Deserto Peregrinação do Rosário (27-28)
28	Dom	XXVI do Tempo Comum Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima
29	Seg	S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael, Arcanjos - FESTA
30	Ter	Movimento da Mensagem de Fátima - Peregrinação de Idosos (30-01)

Outubro de 2014

01	Qua	
02	Qui	Santos Anjos da Guarda - MO Ex 23,20-23a; Mt 18,1-5 (Lec VII, 303) 09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima - CODIS
03	Sex	Missa votiva do Sagrado Coração de Jesus Os 11,1-9; Mt 11,25-30 (MR, 1259 / Lec VIII, 1041, 1051) 17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento

04	Sáb	Primeiro sábado (pág. 231) S. Francisco de Assis – MO Gal 6,14-18; Mt 11,25-30 (Lec VII, 305)
05	Dom	XXVII do Tempo Comum Ofertório para o «Dia anual da diocese de Leiria-Fátima» Curso de Acólitos
06	Seg	
07	Ter	Nossa Senhora do Rosário – FESTA Actos 1,12-14; Lc 1,26-38 (Lec VII, 428, 308) Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (07-08)
08	Qua	
09	Qui	Missa votiva da Santíssima Eucaristia Leituras da fêria 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento
10	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (10-13)
11	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, fonte da salvação Ez 47,1-2.8-9.12; Is 12; Jo 19,25-37 (Missal VSM, 155 / Lec VSM, 139)
12	Dom	XXVIII do Tempo Comum Peregrinação Internacional Aniversária Conferência de imprensa Curso de Acólitos
13	Seg	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA Aniversário da Dedicção da Basílica de Nossa Senhora do Rosário À tarde: Dedicção da Basílica de Nossa Senhora do Rosário – SOLENIDADE 1Reis 8,22-23.27-30; 1Pedro 2,4-9; Mt 16,13-19 (Lec VII, 391, 405, 406)
14	Ter	Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (14-15) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
15	Qua	S. Teresa de Jesus, virgem e doutora da Igreja – MO Rom 8,22-27; Jo 15,1-8 (Lec VII, 310, 635)
16	Qui	Missa votiva da Virgem Maria, sede da Sabedoria Prov 8,22-31; Mt 2,1-12 (Lec VSM, 113; MVSM, 125) 09:00 – Missa internacional, na Capelinha 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima

17	Sex	17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Curso sobre a Mensagem de Fátima (17-19)
18	Sáb	"Um Dia com as Crianças" (pág. 231) S. Lucas, Evangelista - FESTA Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima - Dia de Deserto Encontro do Grupo da Imaculada
19	Dom	XXIX do Tempo Comum 44.º aniversário natalício do Reitor do Santuário de Fátima Dia Mundial das Missões - Ofertório para as Missões Curso de Acolitos
20	Seg	Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de doentes e deficientes físicos (20-23) Retiro do Clero (20-24)
21	Ter	
22	Qua	B. João Paulo II, Papa - MO Leituras da fêria
23	Qui	Missa votiva da Sagrada Família Leituras da fêria 09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima - COAD
24	Sex	S. António Maria Claret, bispo - MO Leituras da fêria 17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC
25	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, imagem e mãe da Igreja (II) Actos 1,12-14; Sl 86; Jo 2,1-II (Missal VSM, 133 / Lec VSM, 122) Movimento da Mensagem de Fátima - Dia de Deserto Legião de Maria (25-26)
26	Dom	XXX do Tempo Comum Curso de Acolitos Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima
27	Seg	Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de doentes e deficientes físicos (27-30)
28	Ter	S. Simão e S. Judas, Apóstolos - FESTA
29	Qua	



30	Qui	Missa votiva da Santíssima Trindade Leituras da fêria 09:00 - Missa internacional, na Capelinha 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima - COCA
31	Sex	17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Encerramento da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria

Novembro de 2014

01	Sáb	Todos os Santos - SOLENIDADE Primeiro sábado (pág. 231) Início do programa de Inverno
02	Dom	Domingo XXXI do Tempo Comum Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos 11:00 - Missa, na Basílica da Santíssima Trindade, em sufrágio pelos funcionários, voluntários, benfeitores e peregrinos que faleceram durante o ano Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima
03	Seg	Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de doentes e deficientes físicos (03-06) Retiro do Clero (03-07)
04	Ter	
05	Qua	
06	Qui	S. Nuno de Santa Maria, religioso - MO Sir 44,1-3ab.4.6-7.10.13-14; Lc 14,25-33 (Lec VII, 344) 17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima - CODIS
07	Sex	43.º aniversário da ordenação presbiteral de D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima 17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Magusto dos funcionários do Santuário de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro das Mensageiras do Coração Imaculado de Maria - 2.º turno (07-09)
08	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, porta do Céu Ap 21,1-5a; Mt 25,1-13 (Lec VSM, 203; MVSM, 212)
09	Dom	XXXII do Tempo Comum Dedicação da Basílica de Latrão - FESTA Início da Semana dos Seminários

10	Seg	Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de doentes e deficientes físicos (10-13) Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (10-13)
11	Ter	S. Martinho de Tours, bispo – MO Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
12	Qua	
13	Qui	Peregrinação mensal (pág. 230) Dedicação da Basílica da Santíssima Trindade – SOLENIDADE 1Reis 8,22-23.27-30; 1Pedro 2,4-9; Ev - Mt 16,13-19 (Lec VII, 391, 405, 406) 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Redação da Voz da Fátima
14	Sex	17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
15	Sáb	“Um Dia com as Crianças” (pág. 231) Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1Sam 3,1,3-10; Mt 18,1-5 Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima – Adoração com crianças
16	Dom	XXXIII do Tempo Comum Ofertório para o Seminário Diocesano de Leiria-Fátima
17	Seg	Congresso da Association Nationale des Directeurs Diocésains de Pèlerinages – ANDDP (Nancy – França) (17-21) Retiro do Clero (17-21)
18	Ter	
19	Qua	
20	Qui	17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
21	Sex	Apresentação de Nossa Senhora – MO Zac 2,14-17; Mt 12,46-50 (Lec VII, 426, 440) 17:30 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Movimento da Mensagem de Fátima – Jornadas de Oração e Reflexão para responsáveis (21-23) Encontro das Equipas de Nossa Senhora (21-22)
22	Sáb	S. Cecília, virgem e mártir – MO
23	Dom	XXXIV do Tempo Comum Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo – SOLENIDADE Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima
24	Seg	



25	Ter	
26	Qua	
27	Qui	17:45 - Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima - COAD Reunião da Comissão Técnica de Gestão Económico-Financeira do Santuário de Fátima - COGEF
28	Sex	17:30 - Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC
29	Sáb	Jornada de apresentação do tema do ano pastoral de 2014-2015 Abertura da exposição sobre o tema do ano pastoral <i>Movimento da Mensagem de Fátima - Dia de Deserto</i>
30	Dom	I do Advento Início do ano pastoral de 2014-2015



Memória descritiva do projeto de comunicação 4.º ano do Centenário das Aparições de Fátima

Anna Kudelska

O tema “Envolvidos no amor de Deus pelo mundo”, proposto pelo Santuário de Fátima para o presente ano pastoral de 2013-2014, tornou-se lema inspirador e vivo, como um grão atirado ao solo a partir do qual cresceu a imagem desta identidade gráfica que ora se apresenta.

A conexão com a linguagem visual é clara: o que se observa é uma reflexão acerca da humanidade e da sua relação com Deus num ato de amor. O esquema básico da comunicação é constituído por um remetente (Deus) e um destinatário (cada um de nós), que utilizam um canal para transmitir uma mensagem de amor com vários significados simbólicos. Assim, o cartaz apropria várias fontes iconográficas que se relacionam e complementam:

Árvore

Um dos símbolos tradicionais da nossa cultura e da cultura de muitas religiões desde a antiguidade. Símbolo da conexão entre o mundo sobrenatural e o mundo material e pilar que une o mundo transcendente ao imanente. Surge na criação como um dom oferecido por Deus à humanidade.

Deus como uma árvore

Deus vive e cresce como uma árvore em nós; com as suas raízes, fonte de vida, que nos unem a Ele; com os seus ramos que nos abraçam e agarram ao mundo, ao mesmo tempo que o seu amor pelo mundo está diante de nós com os braços abertos e o seu tronco como apoio da nossa Fé. Deus na sua grandeza consegue abraçar o mundo inteiro, através de seu filho que se ofereceu e se oferece pelo mundo.

Globo

O círculo revela-se a forma perfeita (acabada). Deus cria o mundo e coloca o ser humano no centro desse mundo e do seu coração. Deus não está centrado na sua grandeza, mas empenhado na felicidade e na salvação da humanidade.

A árvore da cruz

A cruz pela qual Jesus Cristo nos salva transforma-se na árvore da vida, símbolo da salvação. Nela quis morrer o criador da vida e de todas as coisas, por amor ao mundo, para dela brotar a prometida fonte da vida. A cruz-árvore faz-se ponte direta de comunicação entre o céu e a terra; institui-se caminho entre a morte e a vida.

Pastorinhos

Situam-se ao pé da árvore, na base, ao centro, pois as suas vidas contribuem para a paz e o equilíbrio no mundo. Deus conta com os Pastorinhos, como conta, todos os dias, com a nossa colaboração no plano da salvação.

Transparência

Deus é verdade e transparência, clareza e lucidez; é um Deus que se revela mas que permanece escondido no silêncio até à sua Epifania.

Relógio/Catequese mural no recinto de oração

É Deus que marca o tempo certo de cada coisa. Deus permanece paciente à espera de cada um de nós, *“não querendo que ninguém se perca”* (2Pe 3,9).

Devemos viver abertos e disponíveis aos sinais de Deus e às interpelações de Maria aparecida na Cova da Iria, cujo centenário das suas aparições comemoramos.

Simbolismo das cores

Transição entre o verde e o amarelo.

Verde – cor de esperança, de crença e de crescimento; fonte de calma e de paz interior que cria equilíbrio e que nos conecta com Deus.

Amarelo – cor do sol que nos aquece e ilumina; cor de brilho, de energia e de alegria.

Azul – cor do mar que nos recorda a profundidade e a imensidão de Deus.

Branco – cor da santidade, da luz e da pureza de Deus.



